



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS

**Elisa Sardão Colares**

**Entre ir, (não) chegar e (não) voltar: as dinâmicas dos deslocamentos forçados  
de crianças centro-americanas e mexicanas para os Estados Unidos**

Brasília – DF

2019

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Entre ir, (não) chegar e (não) voltar: as dinâmicas dos deslocamentos forçados  
de crianças centro-americanas e mexicanas para os Estados Unidos**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais com ênfase em Estudos Comparados sobre as Américas.

Orientadora: Rebecca F. A. M. Lemos Igreja

BRASÍLIA

2019

## **ELISA SARDÃO COLARES**

### **Entre ir, (não) chegar e (não) voltar: as dinâmicas dos deslocamentos forçados de crianças centro-americanas e mexicanas para os Estados Unidos**

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Aprovada em, .

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rebecca Lemos Igreja  
Departamento de Estudos Latino Americanos - UnB  
Orientadora

---

Profa. Dra. Elissa Loraine Lister Brugal  
Departamento de Estudos Latino Americanos – UnB

---

Profa. Dra. Fernanda Müller  
Faculdade de Educação – UnB

---

Profa. Dra. Valentina Glockner Fagetti  
El Colegio de Sonora (Méx.)

---

Profa. Dra. Simone Rodrigues Pinto (Suplente )  
Departamento de Estudos Latino Americanos – UnB

## **AGRADECIMENTOS**

Chegar até aqui só foi possível porque pude contar e encontrar com seres humanos grandiosos. Grandiosos pela generosidade em abrir parte de suas vidas. Grandiosos pelo apoio a uma completa estranha e estrangeira. Grandiosos pelo acolhimento em horas que parecia ser impossível dar conta da distância, do medo e do sentimento de impotência. Grandiosos por acreditar que, do meu impulso em fazer esta pesquisa, havia mais do que uma aparente inconsequência. Grandiosos por aceitarem a renúncia da minha presença não só quando estive distante fisicamente, mas ainda mais quando estive ausente em mente e coração. Agradecer a cada um de vocês será sempre muito pouco.

Em primeiro lugar, agradeço profundamente o carinho e a sinceridade de todas as crianças e adolescentes que por alguns minutos, horas, dias ou até meses, tornaram o tempo em campo gratificantes mesmo em meio a tantas dificuldades encaradas. Em nome de todas elas, agradeço aqui as que chamarei neste trabalho de Kevin, Natalie, Ashley, Alicia, Dulce, Joanael, Ever, Juana, Mari, Juan Carlos, Andrew, Juan Miguel, David, Brighth, Sofia, Elsa, Camila e Cristal. Guardarei cada um de vocês comigo e, se existe algum sentimento em ter passado os últimos meses escrevendo (in)cansavelmente cada uma das seguintes linhas, foi por tentar ressignificar suas dores em algo que possa mobilizar e alterar, mesmo que minimamente, alguns de seus destinos.

Descobrir esse caminho a pesquisar só foi possível pelos momentos de conversas e trocas de angústias com minha orientadora, Rebecca Igreja, a quem agradeço em meio a tantas turbulências de nossas vidas, seguir buscando contribuir com esta longa, extraordinária e também dolorosa jornada de investigar este colorido e complexo campo que é nosso México, querido.

A solidão que costuma existir aos pesquisadores em um trabalho de campo não chegou sequer a ser uma preocupação, mesmo estando à mais de 8 mil quilômetros de casa e da família. Pude contar com generosidade imensa e inestimável de pessoas que me acolheram de alma e coração e me ensinaram por toda uma vida. Agradeço à Erika, que em um voto de confiança gratuito e espontâneo, passou a ser

a guardiã de um pouquinho da minha vida que ficava na Cidade do México a cada partida e um porto seguro a cada retorno. Agradeço à Valentina, ao Daniel e à Áruna pela total confiança, carinho e por compartilharem um pouco de suas vidas, de seu lar e de seus dias de descanso, mas mais ainda, por ensinarem o quanto estar nesta família é viver em parceria e sintonia.

Agradeço profundamente à família Ollinkikai, especialmente ao Sensei Manuel Hernandez, à Maestra Eva, à mi hermanita Meyal e ao querido Teoh por me acolherem tão sincera e amorosamente. Os ensinamentos e o carinho superaram a vida no tatame e me fazem sempre sentir que tenho uma nova família no México.

À Valentina agradeço mais uma vez por me incluir na concretização de seu sonho de trabalhar em coletivo juntando corações e mentes simplesmente incríveis, onde a generosidade e a cooperação existem em um meio de tanta vaidade quanto o acadêmico. Soledad, Gabrielle, Sarah, Cinthya, Ana Luz e Tamara agradeço imensamente pelas trocas e ensinamentos compartilhados nesta bonita iniciativa que é o Colectiva Infancias.

As experiências nas fronteiras não seriam possíveis sem o apoio institucional do “El Colégio de la Frontera Norte” de Matamoros, por meio do professor Óscar Misael Hernández-Hernández e pela receptividade dos demais investigadores: Xavier Oliveras, Jesús Pérez e Cirila Quintero. Assim como do Colegio de Sonora, que por meio do Observatorio de Investigación con las Infancias, deram-me apoio e confiaram que participasse ativamente de suas atividades. Em especial, agradeço pelo apoio e pela amizade de Gabriela García, Marisol Calzada e Mônica Olmedo.

Para conseguir chegar ao México e aos Estados Unidos e realizar essa pesquisa, uma longa novela burocrática para minha liberação no trabalho foi se estendendo de modo a desafiar meu equilíbrio emocional. Às minhas amigas e colegas da SPM que vivenciaram e me apoiaram na luta em conciliar o doutorado com as instabilidades institucionais, meu sincero agradecimento em nome de Taís Cerqueira, Cecília Escobar, Gabriela Andrade, Eliana Graça, Danilo Melo e Katia Bomfim.

Todo o processo de realização desta tese implicou em um envolvimento emocional que talvez tenha sido o maior empreendido até hoje em algum trabalho que eu tenha realizado. Se consigo chegar às últimas linhas desta tese é porque contei com o carinho e o afago de mulheres incríveis e de minhas amigas Eliana, Gabriela, Liliam, Aline, Eliete e Nina Lima que me apoiaram em momentos que simplesmente “travei” na escrita.

À minha família de amigos que entendendo ou mesmo sem entender, torceram por mim e me trouxeram afeto e momentos de escape quando mais precisei: Lincoln Lee, Diego, Lydia, Susie, Nina Caetano, Léo Spiegel, Serginho, Ana (Grama), Luli's, Nina Lima, Lari Creamy, Arine-chan, Ririam-chan, Wania, Anne, Dado e Nicolas.

À minha família de sangue e de afeto por apostarem e cuidarem de mim e das pessoas que eu amo (e que deixei sem guarida em dias importantes): Verônica, Vinícius, Helena, Daize, Castilho, Guga, Meiry, tio Zezinho, tia Therezinha, tia Simone, Cris, Pedro, tia Rosi e Brennda. E em especial minhas irmãs de coração pelas horas de consolo e apoio: Keka e Mamá.

Às crianças da minha vida por me ensinarem diariamente a buscar descobrir um mundo de maior compreensão e que fizeram ainda maior a saudade de estar longe e de estar ausente escrevendo: Dudu, Teus, Mateus, Vitor, Anabela e Clara. Dinda (tia Elisa) ama muito vocês!

A meus pais, Luiz e Irene, pela vida, pela paciência, pela perseverança, pelas dificuldades enfrentadas e por, a essa altura da vida, viverem a apreensão e o receio de me ver explorar terrenos tão distantes e desconhecidos. Obrigada pelo apoio, pelas palavras de carinho, pelas inúmeras tentativas em ajudar e pela eterna preocupação (que pelo visto estão longe de terminar)!

Ao meu companheiro de vida, de crescimento e de tantas jornadas, Rafael. Nesses 15 anos, tenho certeza que nada foi mais desafiador e difícil em nossas vidas do que o que passamos nos últimos anos. Mas tive seu apoio, seu incentivo e seu carinho para cada passo que foi sendo dado e para cada tropeço que dei. Obrigada por estar ao meu lado, ajudando-me a reencontrar-me e a reerguer-me!

## **Aos que irão ler este trabalho...**

Quantos de nós, em algum momento tivemos que tomar decisões que mudariam completamente o rumo de nossas vidas? Quantos de nós tomamos essas decisões como as únicas possíveis diante de uma ameaça iminente sobre as nossas vidas? Seja essa ameaça fruto de uma violência direta perpetrada por alguém ou pela violência não personificada, mas palpável como a fome, o desemprego ou a falta de perspectivas.

A todos aqueles que não estiveram em situações semelhantes, faço o convite para nas próximas páginas, buscar ler com os olhos de quem procura entender de quantos sentimentos e incertezas são feitas algumas das decisões tomadas por essas pessoas. De quão difícil é encontrar explicações e soluções imediatas para problemas tão complexos como os que estamos vivendo em tantas partes do mundo, mas aqui, com foco especial, na América Latina.

A todos aqueles que se viram ou se encontram em situações similares, quero agradecer por diante de tudo o que tenham enfrentado, ainda assim, estão se debruçando a ler o que tenho a dizer e, ao mesmo tempo, peço para que sigamos construindo, juntos e em colaboração, caminhos que permitam amenizar a dor e o sofrimento vividos pelos que decidem permanecer e pelos que decidem partir de suas casas e de suas famílias.

## RESUMO

COLARES, Elisa Sardão. **Entre ir, (não) chegar e (não) voltar: as dinâmicas dos deslocamentos forçados de crianças centro-americanas e mexicanas aos Estados Unidos.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Orientadora: Rebecca A. F. M. Lemos Igreja. Brasília, DF: UnB, 2019.

Todos os dias centenas de pessoas se propõem a cruzar uma das maiores cicatrizes da desigualdade entre o centro do capitalismo e sua periferia: a fronteira México-Estados Unidos. Munidas das razões mais complexas, de distintas perspectivas e de um sentimento de profunda coragem, pessoas de variadas etnias, gêneros, idades, nacionalidades e histórias, encontram-se, chocam-se e entrelaçam-se gerando dinâmicas entre aqueles que passam, os que ajudam a passar, os que buscam impedir a passagem e os que apenas observam esta cruzada. Neste contexto, a migração de crianças passa a ser visibilizada a partir de “crises” midiáticas em torno de seu deslocamento considerado “não acompanhado”. Com base nos Estudos Sociais sobre as Infâncias e partindo de uma perspectiva de impensar as Ciências Sociais, pretende-se com este trabalho apresentar como se dão as dinâmicas de migração forçada de crianças da América Central e do México rumo aos Estados Unidos, ultrapassando os conceitos legais de “acompanhadas” e “não acompanhadas”. Para isso foi realizada pesquisa de campo com 45 crianças e adolescentes nas fronteiras de Tamaulipas-Texas e Sonora-Arizona entre janeiro e julho de 2018. A pesquisa foi centrada nas crianças e as considerou sujeitos ativos na própria definição das atividades realizadas. O campo multissituado permitiu a realização de atividades com as crianças albergadas nos Centros de Atenção ao Menor Fronteiriço de Matamoros e Reynosa, na Casa del Migrante de Matamoros e o centro “Camino a Casa” em Nogales, além de conviver por alguns meses junto ao acampamento da Caravana “Pueblo Sin Fronteras” em Hermosillo. A análise realizada no níveis macro, meso e micro permitiu entender os diversos cenários compostos e recriados pelos múltiplos atores que, a partir de seus movimentos, geram na migração forçada dinâmicas que engendram sofrimentos e emoções muito particulares de acordo com as interações (evitadas ou provocadas), os objetivos, além das partidas e permanências das crianças, que se encontram no centro da análise.

Palavras-chave: Crianças; deslocamento forçado; dinâmicas migratórias; Tamaulipas-Texas; Sonora-Arizona.

## RESUMEN

COLARES, Elisa Sardão. **Entre ir, (no) llegar y (no) volver: las dinámicas de los desplazamientos forzados de niñas y niños centroamericanos y mexicanos para los Estados Unidos.** Tesis de Doctorado en Ciencias Sociales. Directora: Rebecca A. F. M. Lemos Igreja. Brasília, DF: UnB, 2019.

Todos los días cientos de personas se proponen cruzar una de las más grandes cicatrices de la desigualdad entre el centro del capitalismo y su periferia: la frontera México-Estados Unidos. A partir de múltiples y complejas razones, con distintas perspectivas y con gran valentía, personas de varias etnias, géneros, edades, nacionalidades e historias, se encuentran, se chocan y se entrelazan generando dinámicas entre aquellos que pasan, los que ayudan a pasar, los que buscan impedir el paso y los que sólo observan esa cruzada. En este contexto, la migración de niños pasa a ser visibilizada a partir de "crisis" mediáticas cerca su desplazamiento considerado "no acompañado". Con base en los Estudios Sociales sobre las Infancias y partiendo de una perspectiva de impensar las Ciencias Sociales, se pretende con este trabajo presentar como se dan las dinámicas de migración forzada de niños y niñas de Centroamérica y México hacia Estados Unidos, superando los conceptos legales de "acompañadas" y "no acompañadas". Con ese fin, se realizó una investigación con 45 niñas, niños y adolescentes en las fronteras de Tamaulipas-Tejas y Sonora-Arizona entre enero y julio de 2018. La investigación se centró en las niñas y niños de manera a considerarlos sujetos activos en la propia definición de las actividades realizadas. El campo multisituado permitió la realización de actividades con niñas y niños albergados en los Centros de Atención al Menor Fronterizo de Matamoros y Reynosa, en la Casa del Migrante de Matamoros y el centro "Camino a Casa" en Nogales, además de convivir por algunos meses junto al campamento de la Caravana "Pueblo Sin Fronteras" en Hermosillo. El análisis realizado en los niveles macro, meso y micro permitió entender los diversos escenarios compuestos y recreados por los múltiples actores que, a partir de sus movimientos, generan en la migración forzada dinámicas que generan sufrimientos y emociones muy particulares de acuerdo con las interacciones (evitadas o provocadas), los objetivos, además de las partidas y permanencias de los niños, que se encuentran al centro del análisis.

**Palabras clave:** Niños; desplazamiento forzado; dinámicas migratorias; Tamaulipas-Texas; Sonora-Arizona.

## ABSTRACT

COLARES, Elisa Sardão. **Between going, (not) arriving and (not) returning: the dynamics of forced displacement of Centro American and Mexican children in to United States.** PhD Thesis in Social Science. Tutor: Rebecca A. F. M. Lemos Igreja. Brasilia University. Brasília, DF: UnB, 2019.

Every day hundreds of people intend to cross one of the greatest scars of inequality between the center of capitalism and its periphery: the US-Mexico border. Aimed with multiple and complex reasons, different perspectives and great courage, people of various ethnic groups, genders, ages, nationalities and histories, meet, collide and intertwine, generating dynamics among those who pass, those who help to pass, those who seek to prevent passage and those who only observe this crusade. In this context, the children migration becomes visible from media "crises" around their displacement considered "unaccompanied". Based on the Childhood Social Studies and starting from a perspective of "*unthinking*" Social Sciences, this thesis aims to present how the dynamics of children forced migration from Central America and Mexico to the United States, overcome the legal concepts of "accompanied" and "unaccompanied". For that, a field research was conducted with 45 children and adolescents in Tamaulipas-Texas and Sonora-Arizona borders between January and July 2018. The research focused on children and considered them as active subjects in the own definition of the activities they performed. The multi located field of research allowed activities with children at government and non-government shelters in Matamoros, Reynosa and Nogales, and also live for a few months at the caravan's camp named "Pueblo Sin Fronteras", in Hermosillo. The analysis look at the macro, meso and micro levels allow to understand the different scenarios composed and recreated by the multiple actors who, from their movements, generate the forced migration dynamics which generate sufferings, and a very particular pains and emotions according to the interactions (avoided or provoked), the objectives, besides the departures and children's permanence, which are at the center of the analysis.

**Keywords:** Children; forced displacement; migration dynamics; Tamaulipas-Texas; Sonora-Arizona.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Lista de Fotografias

Fotografia 1 – “La crisis silenciosa de los niños migrantes no acompañados de Centroamérica” .....	5
Fotografia 2 - "Cuando conosí a Eliza" .....	21
Fotografia 3 - Espaço para atividades no Centro da Atenção ao Menor Fronteiriço – Reynosa.....	54
Fotografia 4 - Espaço para atividades no acampamento temporário da Caravana Povo sem Fronteiras em frente ao Instituto Nacional de Migração.....	55
Fotografia 5 – Intervenções no Muro em Nogales: “Nuestros sueños de justicia no los detiene ningún muro” .....	63
Fotografia 6 – O lazer e o colorido possível em Matamoros .....	95
Fotografia 7 – “Mini del CDG” inscrito em jogo do CAMEF .....	98
Fotografia 8 – Pátio para atividades ao ar livre no DIF de Nogales, “Camino a Casa” .....	102
Fotografia 9 – Albergue do DIF “Tin Otoch” em construção na cidade de Hermosillo.....	103
Fotografia 10 – Pátio central do Albergue “Tin Otoch” em construção e ao fundo passa “La Bestia” .....	104
Fotografia 11 – Vias do trem em Hermosillo no dia em que chegava a Caravana.....	110
Fotografia 12 – Refeitório "Mateo 25:35" na chegada da Caravana.....	111
Fotografia 13 – Centro Hábitat: pausa para o alimento, o sono e as roupas.....	113
Fotografia 14 – Centro Hábitat: entre brinquedos e roupas .....	114
Fotografia 15 – Centro de Atenção ao Menor Fronteiriço de Matamoros .....	118
Fotografia 16 – Posto de Controle Militar fechado na estrada de Tamaulipas .....	122
Fotografia 17 – Río Bravo visto del Puente Matamoros-Brownsville.....	124
Fotografia 18 – Río Bravo e seus pontos de travessia .....	134
Fotografia 19 – Posto do INM para Repatriação Humana na Ponte Matamoros-Brownsville .....	137

Fotografia 20 – Centro de Atenção ao Menor Fronteiriço de Reynosa.....	143
Fotografia 21 – Dentro da “ala de niños”: “Cumple tus sueños...” .....	144
Fotografia 22 – Pontos marcados para cruzar o Río Bravo .....	158
Fotografia 23 – Casa del Migrante de Matamoros.....	159
Fotografia 24 – Brincando com os amigos no Centro Hábitat .....	182
Fotografia 25 – Crianças e adultos jogando “loteria” enquanto esperam o visto humanitário.....	182
Fotografia 26 – Camila e Cristal, brincando de construir sua casa .....	183
Fotografia 27 – Bonecas tomam chá, enquanto Cristal e Camila brincam .....	184
Fotografia 28 – Natalie tenta estourar a piñata que levaram à Igreja Católica.....	185
Fotografia 29 – Dulce tenta estourar a piñata que levaram à Igreja Evangélica.....	185
Fotografia 30 – Crianças caminham para a Igreja San Luís Gonzaga depois de brincarem em frente a Igreja Vida Plena .....	186
Fotografia 31 – Voluntária faz show de mágica para as crianças na Igreja Católica .....	187
Fotografia 32 - A pequena Ashley com seu doce .....	187
Fotografia 33 – Alicia também segura seu doce .....	187
Fotografia 34 – O que levavam na mochila assim que chegaram a Hermosillo.....	188
Fotografia 35 – Brinquedos de Joanael um dia antes do “Dia da Criança” .....	189
Fotografia 36 – Brinquedos de Ashley, Natalie e Kevin depois do Dia da Criança.....	189
Fotografia 37 – Sol e muito calor em frente ao INM em Hermosillo.....	192
Fotografia 38 – Membros da Caravana aguardam atendimento no INM enquanto crianças brincam com balões e peças de montar .....	194
Fotografia 39 – Ester chega depois de 04 dias no hospital com seu filho Adrian .....	197
Fotografia 40 – Fila na guarita de Nogales (solicitantes de asilo de um lado, turistas do outro) .....	202

## **Lista de Mapas**

Mapa 1 – Corredor migratório da Região Andina, América Central e México até Estados Unidos	46
Mapa 2 – América Central e suas fronteiras nacionais na atualidade	67
Mapa 3 – Número de mortes de migrantes cruzando a fronteira México-Estados Unidos entre 2014 e 2017	93
Mapa 4 – Estado de Tamaulipas, México	94
Mapa 5 – Estado de Sonora, México	101
Mapa 6 – Trajeto da Caravana pelo “Diario de la Caravana”	109

## **Lista de Figuras**

Figura 1 – Postagem de Donald Trump no Twitter no início da Caravana	107
Figura 2 – Postagem de Donald Trump no dia seguinte	108
Figura 3 - Postagem de Donald Trump com o avançar da Caravana ao sul do México	108
Figura 4 – Postagem de Twitter de jornalista local	152
Figura 5 – Postagem de Twitter de jornalista local	153
Figura 6 – Jornal local: “Secuestro de migrantes fue em Tabasco”	156

## **Lista de Desenhos**

Desenho 1 – Brigith, uma casa e uma carta de longe	147
Desenho 2 – Sofía, seus pais e sua casa (que está pequena, mas é grande)	149
Desenho 3 – Andrew, seus pais e sua casa em Honduras	162
Desenho 4 – Juan Miguel, família, amigos, futebol, rio e o trabalho no campo em um pequeno povoado da Guatemala	164
Desenho 5 – Juan Miguel em “Mi Hermanito”	165

Desenho 6 – David, seus irmãos, primos, a pulpería e sua idade.....	167
Desenho 7 – “Yo soy Kevin” .....	177
Desenho 8 – A vida que Kevin gostaria de ter nos Estados Unidos .....	203
Desenho 9 – “Perrera de migración” (detalhe de desenho).....	204
Desenho 10 – “El malo de la patrulla” .....	204
Desenho 11 – À espera por días ensolarados em alguma praia dos Estados Unidos .....	205
Desenho 12 – As lembranças boas e más por Dulce durante a Caravana .....	210

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Distribuição das crianças participantes por cidade e gênero.....	50
Tabela 2 - Distribuição de crianças participantes por cidade e idade.....	51
Tabela 3 - Distribuição de crianças participantes por cidade e país de origem.....	51
Tabela 4 - Distribuição de crianças participantes por cidade e status legal de acompanhamento.....	53

## **LISTA DE MATRIZES**

Matriz 1 – Matriz como ferramenta metodológica de representação gráfica de narrativas .....	13
Matriz 2 – Juana: dinâmica de angústia e responsabilidade.....	131
Matriz 3 – Mari: dinâmica de aventura e medo.....	141
Matriz 4 – Brigith, Sofia e Elsa: dinâmica de preocupações, sonho e cansaço.....	150
Matriz 5 – Andrew, Juan Miguel e David: dinâmica de traumas, ansiedade e silêncio .....	167
Matriz 6 – Juan Carlos: dinâmica de traumas, ansiedade e silêncio.....	173
Matriz 7 – Kevin e Natalie: dinâmica de engajamento, esperanças e cansaço.....	206

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	American Baptist Churches
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CAM	Central American Minors Program
CAMEF	Centros de Atención a Menores Fronterizos
CBP	Customs and Border Protection
CdG	Cártel del Golfo
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
Colef	El Colegio de la Frontera Norte
Colson	El Colegio de Sonora
CONAPO	Consejo Nacional de Población
CNDH	Comissão Nacional de Direitos Humanos
DACA	Deferred Action for Childhood Arrivals
DHS	Department of Homeland Security
DIF	Sistema Nacional para el Desarrollo Integral de la Familia
DOJ	Department of Justice
DREAM	Development, Relief, and Education for Alien Minors Act
EGP	Ejército Guerrillero de los Pobres
ELA	Departamento de Estudos Latino Americanos
ENAPEA	Estratégia Nacional para Prevenção à Gravidez entre Adolescentes
EOIR	Executive Office for Immigration Review
ERP	Ejército Revolucionario del Pueblo
EUA	Estados Unidos da América
FAR	Fuerzas Armadas Rebeldes

FPL	Fuerzas Populares de Liberación
FSA	Flores Settlement Agreement
FSLN	Frente Sandinista de Liberación Nacional
HHS	Department of Health and Human Services
ICE	Immigration and Customs Enforcement
INM	Instituto Nacional de Migração
ITM	Instituto Tamaulipeco del Migrante
LGDNNA	Ley General de los Derechos de Niñas, Niños y Adolescentes
MeCACB	Grupo de Estudios Comparados sobre México, América Central, Caribe e Brasil
NACARA	Nicaraguan Adjustment and Central American Relief Act
NNA	Niños, Niñas y Adolescentes
odiin	Observatorio de Investigación con las Infancias
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OPI	Oficiales de Protección a la Infancia
ORPA	Organización del Pueblo em Armas
ORR	Office of Refugee Resettlement
SEDENA	Secretaría de la Defensa Nacional
SEGOB	Secretaría de Gobernación
SEMAR	Secretaría de Marina
SIJ	Special Immigrant Juveniles
SIPINNA	Sistema Nacional de Protección Integral de Niñas, Niños y Adolescentes
TLCAN/NAFTA	Tratado de Libre Comercio de América del Norte/ North American Free Trade Agreement

TNCA	Triângulo Norte Centro-Americano
TPS	Temporary Protected Status
UAC	Unaccompanied Alien Children
US	United States of America
USAID	United States Agency for International Development
USCIS	United States Citizenship and Immigration Services

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO   PONTOS DE PARTIDA</b> .....	<b>3</b>
A. Da “crise” para o campo de pesquisa  problemas invisíveis na migração de crianças .....	5
B. Guiando a narrativa  estrutura da tese e seus objetivos.....	11
C. Partindo com bagagem  marcos teórico-metodológicos de uma pesquisa com e para as crianças em migração .....	14
Estudos Sociais sobre as Crianças.....	15
Perspectivas latino-americanas sobre desigualdades e infâncias .....	21
Estudos Sociais sobre as Infâncias em contextos de migração e de vulnerabilidade.....	30
A não territorialização dos estudos de migração com crianças e a pesquisa multi-local multissituada.....	38
D. Entrando em “campo”  os desafios postos à mesa .....	47
Participantes e protagonistas  quem são e de onde surgem suas histórias .....	49
Vivências e as diferentes formas de contá-las  atividades realizadas em campo.....	53
<b>CAPÍTULO 1   MACRO CENÁRIO DA DESIGUALDADE   Entre fronteiras em movimento e cruzar muros</b> .....	<b>59</b>
A. Cicatriz da desigualdade  a formação da “fronteira latina” em movimento .....	61
B. Cruzar muros e frestas  a arquitetura legal e política de punir e (mais que) conceder.....	74
C. Coyotagem, cartéis, albergues, deserto e ação coletiva nas fronteiras: uma aproximação dos pontos de encontro em Tamaulipas-Texas e Sonora-Arizona .....	93
<b>CAPÍTULO 2   PROTAGONISTAS DE UMA CAMINHADA TIDA COMO SOLITÁRIA   O encontro com as crianças nas dependências do DIF</b> .....	<b>118</b>
A. Ser mãe e adolescente no México: escolhas e medos de Juana até a chegada ao CAMEF de Matamoros.....	118
B. Ser adolescente e estar sempre longe no México: as investidas de Mari até chegar ao CAMEF de Matamoros.....	132
C. Ser criança e ter famílias repartidas em Honduras: o encontro de Brigith, Sofia e Elsa no CAMEF de Reynosa.....	142
<b>CAPÍTULO 3   PROTAGONISTAS ENTRE O NARCOTRÁFICO E A DEPORTAÇÃO   Separação e a busca pela “ajuda de Deus”</b> .....	<b>152</b>
A. Ser criança, viajar com o pai e ser sequestrado: o encontro de Andrew, Juan Miguel e David na Casa del Migrante em Matamoros .....	157
B. Ser criança, viajar com o pai, ser sequestrado e depois separado: Juan Carlos e o conceito perverso de “não acompanhado” .....	168
<b>CAPÍTULO 4   PROTAGONISTAS EM UMA CAMINHADA EM CARAVANA   O encontro com as crianças na Caravana do Povo Sem Fronteiras</b> .....	<b>174</b>
A. Ser criança em El Salvador: uma narrativa a partir de Kevin e Natalie.....	176
B. Ser criança na Caravana: doses de brincadeira e diversão .....	181

C. Ser criança migrante na Caravana: sobre protestos e vistos .....	190
D. Ser mãe na Caravana: sobre medos e riscos em torno de seus bebês .....	195
E. Ser uma família que pede asilo aos EUA: decidir separar-se para chegarem juntos.....	199

**CAPÍTULO 5 | ATERRISANDO A ANÁLISE | Conexões entre as dinâmicas de deslocamento forçado de crianças .....** **207**

A. As múltiplas facetas do Estado, da clandestinidade e da ajuda humanitária.....	208
B. Ser criança e deixar de sê-lo a partir de quem sofre e quem causa o sofrimento.....	212
C. Quem é minha família? Quem nos acompanha? Quem nos cuida? .....	216

**CONSIDERAÇÕES FINAIS | PRÓXIMOS PONTOS DE PARTIDA .....** **218**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....** **228**

**ANEXOS .....** **242**

A. Anexo I   Mapas dos Pontos de Encontro .....	242
B. Anexo II   Rotas de trânsito de Centro-americanos pelo México.....	243
A. Anexo III   Cartas de Apresentação .....	245

Todos os dias centenas, senão milhares, de pessoas se propõem a cruzar uma das maiores cicatrizes da desigualdade entre o centro do capitalismo e sua periferia: a fronteira México-Estados Unidos<sup>1</sup>. Munidas das razões mais complexas, de distintas perspectivas e de um sentimento de profunda coragem, pessoas de variadas etnias, gêneros, idades, nacionalidades e histórias encontram-se, chocam-se e entrelaçam-se gerando dinâmicas entre aqueles que passam, os que ajudam a passar, os que buscam impedir a passagem e os que apenas observam esta cruzada.

Neste grande retrato da migração e do deslocamento forçado de latinos aos Estados Unidos, as crianças, quando muito, apareciam como cenário. Amorfas, invisíveis e silenciadas. É quando, em 2014, irrompe na mídia a grande “crise” de crianças e adolescentes vindos da América Central não acompanhados chegando aos Estados Unidos. O estarcimento de descobrir que mais de 68 mil crianças<sup>2</sup> estavam detidas nas instalações migratórias estadunidenses, aparentemente, sem a companhia de seus pais ou responsáveis, revelava que pouco ou quase nada se sabia sobre as crianças nas dinâmicas migratórias.

Descortinava-se a existência desses atores que já se viam entremeados às dinâmicas de migração irregular e de deslocamento forçado há tantas décadas na região. Seja porque já migravam com seus pais ou outros familiares, seja porque já se viam separados por uma migração anterior de seus pais, seja porque nasceram no país escolhido como destino por seus pais migrantes, seja porque se viram voluntária ou forçadamente retornadas ao seu país de origem.

---

<sup>1</sup> Segundo dados da agência estadunidense responsável pela fiscalização na fronteira (CBP, por sua sigla em inglês), em 2017, foram apreendidas 303.916 pessoas tentando cruzar a fronteira sul dos Estados Unidos de maneira indocumentada. Esse número é bastante inferior do que encontrado em anos anteriores – em 2006, por exemplo, este número ultrapassava um milhão de pessoas (U.S. Border Patrol, 2018a).

<sup>2</sup> Segundo os dados da CBP, em 2014, foram apreendidas 68.631 crianças não acompanhadas, dessas, 16.404 vinham de El Salvador, 17.057 da Guatemala, 18.244 de Honduras e 15.634 do México (U.S. Border Patrol, 2018b).

Mas por que agora apareciam sozinhas na tentativa de cruzar? Onde estavam seus pais e suas famílias? Como conseguiam percorrer tão longas distâncias sem serem notadas? Essas e outras perguntas eram feitas pela grande mídia e a opinião pública que a assistia. Muito mais por uma falta de conhecimento do fenômeno em sua complexidade do que pela novidade do fato em si.

Para ir além das primeiras perguntas – que costumam estar carregadas de uma série de preconceções sobre uma infância idealizada – é que me propus realizar essa pesquisa que ora se converte em tese. Uma pesquisa que busca encontrar junto às crianças – a partir de suas vidas e experiências – respostas e também novas perguntas sobre esse histórico, complexo e plural cenário onde tantas dinâmicas migratórias se cruzam.

A opção por escrever em primeira pessoa, por procurar me distanciar de termos rebuscados, por dar foco e voz às crianças (e aos outros sujeitos) que contribuíram com esta pesquisa, foi um desafio<sup>3</sup> que me propus com a intenção de alcançar àquelas pessoas que, por uma tradicional arrogância acadêmica, não se veem como possíveis leitores de uma tese.<sup>4</sup>

A narrativa procura seguir uma linha condutora que não está presa a uma possível linearidade do tempo e do espaço, em primeiro lugar, por não ter sido encontrada tal linearidade nas experiências vividas pelas crianças e, em segundo, por buscar encontrar uma correspondência na própria maneira com que as crianças me contam suas histórias. Sem um começo, um meio ou um final determinado.

Fazer justiça às histórias compartilhadas, narrando com suas dores, afetos e perspectivas não é algo simples. Foram (e ainda são) muitas as dúvidas e as escolhas tomadas até aqui sobre como fazer, como abordar, como refletir e como expor toda a complexidade experienciada nos meses de imersão, no que chamamos de “campo”, e depois no período de transpiração, aparentemente solitário,

---

<sup>3</sup> Que mesmo não sendo novidade, ainda sim, costuma ainda trazer certo incômodo e, às vezes, constrangimento à comunidade acadêmica.

<sup>4</sup> Entendi que escrever assim seria um ato de coragem, já que em minha experiência acadêmica fui “treinada” e “moldada” a pensar e a escrever de uma maneira quase incompreensível. E aqui agradeço as cuidadosas revisões e sugestões de Aline Yamamoto e Rafael Castelo. Além disso, recomendo a leitura de “Truques da Escrita” de Howard Becker (2015).

da escrita desta tese. Mas o resultado que alcanço ao finalizá-la, sem dúvida é um grande passo que espera colaborar para um olhar cuidadoso, humano e responsivo frente aos problemas do deslocamento forçado de crianças pelo continente americano.

#### A. DA “CRISE” PARA O CAMPO DE PESQUISA| PROBLEMAS INVISÍVEIS NA MIGRAÇÃO DE CRIANÇAS

Com esta fotografia e a manchete: “*La crisis silenciosa de los niños migrantes no acompañados de Centroamérica*”<sup>5</sup>(González, 2016) é que pela primeira vez tive contato com a questão das crianças migrantes não acompanhadas e que partiam, principalmente, de países da América Central (especialmente, Guatemala, El Salvador e Honduras) rumo aos Estados Unidos, passando pelo México. Passados dois anos dessa

*Fotografia 1 – “La crisis silenciosa de los niños migrantes no acompañados de Centroamérica”*



*Crédito: EuropaPress (10/01/2016)*

crise migratória tomar conta das manchetes de jornais, a reportagem mostrava como essa questão seguia sendo um grande desafio para governos e organismos internacionais.

Até então minha experiência profissional e de pesquisa não tinham qualquer familiaridade com a temática da migração<sup>6</sup>, mas sim com temáticas envolvendo as crianças enquanto sujeitos e atores relevantes nas relações sociais. A busca por entender como vão sendo construídas e silenciadas

<sup>5</sup> Tradução livre: “A crise silenciosa das crianças migrantes não acompanhadas da América Central”.

<sup>6</sup> Nem mesmo minha experiência pessoal, já que a primeira vez que me vi alguns meses longe da minha cidade natal foi justamente no momento de realizar esta pesquisa.

a autonomia e a agência nas crianças esteve sempre no âmago das minhas inquietações teóricas. Ao me deparar, então, com crianças cruzando fronteiras sem a esperada companhia de seus pais, senti-me instigada a compreender os limites desses conceitos teóricos.

A entrada no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Estudos Latino Americanos (ELA)<sup>7</sup> proporcionou-me um importante deslocamento epistemológico às temáticas relevantes à América Latina. Sob outras circunstâncias, possivelmente esta notícia não chegaria até meu conhecimento, já que, em geral, os temas relacionados à América Latina não costumam ocupar as manchetes da mídia brasileira. Foi com a criação do Grupo de Estudos Comparados México, Caribe, América Central e Brasil (MeCACB) e suas frutíferas discussões que voltei meu olhar a temas como a migração e a mobilidade humana histórica no México e na América Central<sup>8</sup>.

Saltava-me aos olhos a problemática sobre as crianças centro-americanas migrando não acompanhadas até os Estados Unidos, por ver que ali se consolidavam três problemáticas: as crianças enquanto sujeitos, o (des)acesso à justiça e aos direitos humanos e a desigualdade como elemento estruturante no continente americano. Em torno desta problemática, tem-se conjugados os contextos de vulnerabilidade social advinda desta desigualdade histórica e estruturante no continente, refletindo diretamente no “interesse superior da criança”<sup>9</sup> e seus desdobramentos sobre o poder de agência das crianças e a necessidade de tutela do(s) Estado(s).

Apesar de compreender a relevância do papel da mídia em denunciar o problema, encarar a questão como uma “crise”<sup>10</sup>, que pressupõe um caráter pontual e inédito às circunstâncias dessa migração, aparentemente, não acompanhada, não condizia com a realidade do fenômeno.

---

<sup>7</sup> Antes denominado Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC).

<sup>8</sup> Em especial, sou agradecida pela discussão gerada a partir da conferência ministrada pela professora Cristina Ohemichen em junho de 2016 a convite do MeCACB.

<sup>9</sup> Conforme definido pelo art. 3 da Convenção sobre os Direitos das Crianças de 1989.

<sup>10</sup> Optou-se neste trabalho por mencionar tais momentos tidos como “crises” sempre entre aspas. Por não entender que o problema da migração infantil (seja ela acompanhada ou não) nesta faixa da fronteira México-Estados Unidos não se

Crianças mexicanas cruzando a fronteira de maneira considerada não acompanhada<sup>11</sup> já ocorria em números estupefacentes<sup>12</sup> na década anterior. Tantas outras crianças de diferentes nacionalidades, mas em especial latino-americanas já chegavam não acompanhadas aos Estados Unidos. O elemento novo nesse cenário era a elevada quantidade de crianças guatemaltecas, salvadoreñas e hondureñas<sup>13</sup> e o aumento na gravidade de violações de direitos humanos.

Relatórios governamentais, de organismos internacionais e de instituições da sociedade civil buscaram dar algumas das primeiras respostas ao fenômeno (Camargo *et al.*, 2014; CDH UnLA e Córdova, 2012; CRS, 2010; HRW, 2016; Kandel *et al.*, 2014; Kennedy, 2014; UNHCR, 2014; WRC, 2012). Porém, sua complexidade exige ir além de explicações sobre “como”, “quando” e “por quê” essas crianças saem de seus países. Faz-se necessário aprofundar conceitos e dinâmicas sociais que estão vitalmente conectados a esse fenômeno migratório.

Estudos acadêmicos importantes vêm sendo feitos e abarcam desde visões gerais sobre o problema até aprofundamentos de situações particulares de determinadas regiões ou de parte do fenômeno (Chavez e Menjivar, 2010; Gallo Campos, 2004; Huerta, 2015; Mancera Cota, 2016; Terrio, 2015; Valdez-Gardea, 2012). Estes estudos vêm alertando a comunidade internacional sobre um problema social que têm raízes em décadas de domínio estadunidense no continente e que culmina em um grande corredor migratório (de irregulares, de indocumentados, de explorados e de traficados) da Região Andina, passando por América Central e México (Álvarez Velasco e Glockner Fagetti, 2018).

---

constitui em um problema pontual ahistórico, mas sim um problema de caráter complexo, plural e reflexo de uma estrutura de desigualdade.

<sup>11</sup> No próximo capítulo serão apresentados os conceitos legais relacionados aos termos de “acompanhadas” e “não acompanhadas”.

<sup>12</sup> Em 2009, por exemplo, foram 16.114 crianças e adolescentes mexicanas apreendidas pelo governo estadunidense (U.S. Border Patrol, 2018b).

<sup>13</sup> Em 2014, a quantidade de crianças não acompanhadas desses países correspondeu a um total de 51.705, um crescimento de 249% frente ao ano anterior (U.S. Border Patrol, 2018b).

Mesmo com isso, o alerta de crise humanitária só ganha luz de maneira cíclica e pontual, tanto pela mídia quanto pela opinião pública. A cada nova Caravana, a cada nova foto das instalações de detenção etc. se tem um novo alarde midiático, que comove a opinião pública, mas que cessa imediatamente diante de outro episódio mais catastrófico em torno do globo, ou alguma declaração que aponte uma solução imediatista. Tais alardes geram, ainda, inúmeras consequências a essas crianças, desde a inapropriada divulgação de seus rostos (levando a uma exposição muitas vezes não consentida, expondo-as àqueles de quem estão fugindo) até a reprodução de preconceitos e estereótipos que servem para justificar maior repressão por parte do poder público (estratégia essa bastante presente no atual governo dos EUA).

No momento em que o projeto de pesquisa começou a ser desenhado, a já citada “crise” das crianças centro-americanas desacompanhadas de 2014 já havia arrefecido e já não encontrava espaço na mídia internacional. Porém, com o apontar da candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos era possível perceber que a temática ganharia contornos ainda mais delicados.

Assim que iniciei a pesquisa, surgia uma nova “crise” migratória. Em princípios de 2018, a administração Trump provocou alterações à dinâmica de migrar até os Estados Unidos – por meio da política de “tolerância zero”<sup>14</sup> e a insistente busca por financiamento de ampliação do muro físico na fronteira. Tais iniciativas se acomodaram a dinâmicas de governos anteriores, que já contavam com instalações inadequadas para abrigar as crianças e com a própria separação de seus acompanhantes, ainda que isso se desse sobre outros termos.

Com o intuito de ir além das “crises” noticiadas e a fim de buscar informações que a distância geopolítica não permite obter, entre julho de 2017 e agosto de 2018, fui à campo no México. As inquietações que inicialmente motivaram a pesquisa foram se depurando a cada novo encontro com a realidade. A saída a campo esperava encontrar apenas na pesquisa com crianças centro-americanas

---

<sup>14</sup> Para entender melhor sobre esta política anti-imigrantes adotada, ver capítulo 01.

não acompanhadas, respostas sobre como se dão essas dinâmicas. A própria realização da pesquisa deu conta de que a delimitação dessas crianças seja por origem, por idade ou por status legal atribuído era uma estratégia muito artificial e, inclusive, pouco factível, já que essas crianças transitam e interagem em espaços (físicos e simbólicos) compartilhados. Assim, em um primeiro momento, ainda mergulhada na questão em torno do status denominado pelo Estado, cheguei a formular como problema central da tese a seguinte pergunta: os conceitos de “acompanhadas” ou “não acompanhadas” dão conta de abarcar as diversas dinâmicas de migração forçada de crianças de América Central e México rumo aos Estados Unidos?

Foi necessária a importante intervenção das professoras componentes da banca examinadora para que fosse possível identificar que tal pergunta tornou-se menor do que o que de fato foi possível encontrar em campo e nas reflexões teóricas que me foram possíveis alcançar. Além do binômio “acompanhada” e “não acompanhada”, foram encontradas crianças “sequestradas”, separadas pelo Estado, deslocando-se em meio a uma mobilização social, buscando refúgio, levadas por coyotes, buscando sua autonomia e emancipação, enfrentando ou sendo protegidas pelo Estado.

Assim, de um primeiro ponto de partida mais restrito, foi possível alcançar uma pergunta ainda maior que permitiu dar conta da diversidade de complexidades e de experiências encontradas em campo. A pergunta, portanto, que passou definir o problema investigado passou a ser: como se dão as dinâmicas de migração forçada<sup>15</sup> protagonizadas por crianças da América Central e México rumo aos Estados Unidos?

Esta pergunta permite entender, portanto, que a centralidade das crianças no processo desafia conceituações estipuladas pela teoria e pela legislação sobre um problema social real encontrado em campo. A teoria existente, apesar de imensamente útil, ainda tem como desafio encontrar respostas

---

<sup>15</sup> Adiante problematizarei os diversos termos que vêm sendo aplicados. Considerando que migração é o mais comum e mais próximo do público em geral, aqui vou utilizá-lo como sinônimo do que passarei a chamar com maior recorrência na tese de “deslocamento forçado”.

para dinâmicas de migração infantil tão complexas e heterogêneas e a legislação conceitua e, com isso, interfere diretamente nas experiências vividas pelas crianças ao defini-las em torno do binômio: “acompanhadas” e “não acompanhadas”.

Parto, então, da hipótese central de que, as dinâmicas encontradas, devem ser antes enxergadas a partir da narrativa das crianças, a fim de conseguir identificar suas semelhanças e distinções no deslocamento forçado em que se encontram no contexto latinoamericano. Com isso, entender como ocorrem as dinâmicas encontradas na experiência etnográfica vivida buscará trazer contribuições sobre a diversidade de elementos que compõem a experiência migratória das crianças centro-americanas e mexicanas com quem pude me encontrar durante a pesquisa.

Tais dinâmicas visam estabelecer – em níveis macro, meso e micro - diante de *cenários*, composto e recriado por *atores* que a partir de seus *movimentos* dão à migração forçada *dinâmicas* que engendram sofrimentos e emoções muito particulares de acordo com as interações (evitadas ou provocadas), os objetivos, além das partidas e permanências das crianças. Quando as crianças centro-americanas e mexicanas são colocadas ao centro da análise diversos elementos já constitutivos das dinâmicas migratórias compartilhadas com os adultos e outras específicas da infância recebem novos delineamentos.

Para desenredar esta diversidade de tramas possíveis, são as próprias crianças que estarão ao centro. Cada uma a sua maneira, contando as histórias – imaginadas e experienciadas – que as levaram até a fronteira norte do México – mais especificamente, as fronteiras Tamaulipas-Texas e Sonora-Arizona. Acredito que somente assim, se poderia alcançar o que mais rico se pode encontrar na análise dessas dinâmicas migratórias, isto é, os afetos e sofrimentos vividos ou, como denomina Besserer (2012), o regime de sentimentos.

## B. GUIANDO A NARRATIVA | ESTRUTURA DA TESE E SEUS OBJETIVOS

Para alcançar, portanto, o objetivo central de definir as dinâmicas na migração forçada de crianças da América Central e México rumo aos Estados Unidos identificadas na pesquisa, esta tese está estruturada de modo a apresentar estes elementos centrais na composição dessas dinâmicas: os cenários, seus atores, seus movimentos e interações.

Assim, ainda nesta sessão introdutória, serão apresentados os pontos de partida teórico-metodológicos que levo como bagagem para a realização da pesquisa para e com as crianças, são eles: os estudos sociais sobre as infâncias, as perspectivas latino-americanas sobre as desigualdades e, por fim, os estudos sobre migrações que se adequam aos dois marcos anteriores (com ênfase nos estudos transnacionais e os estudos sobre as novas mobilidades humanas). Em seguida, trago debate importante na definição do campo de pesquisa sobre a importância da não territorialização dos estudos sobre a migração e, em contrapartida, a necessidade de realização de uma pesquisa multi-local e multissituada. Ao fim desta sessão, são apresentados os desafios iniciais do campo e as informações mais gerais das 45 crianças que participaram desta pesquisa.

Visando realizar a primeira aterrissagem e, com isso, discutir como estão constituídas as fronteiras e muros que obstaculizam as dinâmicas da migração forçada (punindo e matando) o primeiro capítulo apresentará o macro-cenário da grande fronteira entre Estados Unidos e a América Latina. Entendendo esta como uma cicatriz da desigualdade no continente que conforma sua própria configuração territorial, constrói identidades nacionais e define movimentos e impedimentos na América Central e no México. Entendendo que a formação desta fronteira é também composta por um arquitetura legal e política que se estende no espaço-tempo e amplia vulnerabilidades. Por fim, este primeiro capítulo traz uma primeira aproximação do enfoque de análise, partindo para uma apresentação inicial do meso-cenário da pesquisa, isto é, as regiões fronteiriças de Sonora-Arizona e de Tamaulipas-Texas.

Com o objetivo de seguir ampliando o foco de análise para, então, identificar as diferentes dinâmicas de migração forçada que encontrei em campo, os capítulos 2, 3 e 4 apresentarão diferentes protagonistas que, ao contarem um pouco de suas histórias, trarão os elementos necessários para o nível micro da análise.

Assim, no capítulo 2, Juana, Mari, Brigith, Sofía e Elsa trarão retratos distintos de uma migração forçada que encontrada nos Centros de Atenção ao Menor Fronteiriço de Matamoros e de Reynosa. Todas elas foram consideradas pelas autoridades legais crianças e adolescentes não acompanhadas. Porém, serão demonstradas como essas protagonistas compõem dinâmicas distintas que variam desde uma maternidade na adolescência até uma infância marcada pela separação familiar, fruto do transnacionalismo na região.

No capítulo 3, a dura e comum realidade da migração forçada em meio ao cenário em que a coyotagem, o narcotráfico e o uso da força do Estado se encontram no estado de Tamaulipas. Levando a Andrew, Juan Miguel, David e Juan Carlos ao limite da vulnerabilidade que acarreta em traumas e sofrimentos. O Estado, neste cenário, passa a ter papel ainda mais crucial na vida de Juan Carlos, que protagoniza a difícil consequência da determinação legal de não acompanhado: a separação.

No capítulo 4, Kevin, Natalie e seus amigos Joanael, Ever, Michael, Dulce, Camila e Cristal e as pequenas Ashley e Alicia apresentam a migração forçada a partir de uma dinâmica de ação coletiva, com todos seus benefícios e contradições encontrados nos meses em que a Caravana “Pueblo Sin Fronteras” esteve acampada em Hermosillo.

Como proposta de sintetização de cada uma das dinâmicas que apresentarei, ao final de cada uma delas será aplicada ferramenta metodológica que utilizei como base na identificação dos elementos constitutivos (cenário, atores e movimentos) das dinâmicas de deslocamento forçado das crianças que participaram da pesquisa, considerando os níveis de análise (macro, meso e micro). A ferramenta deverá auxiliar a compreender as dinâmicas de maneira esquemática, como uma

representação gráfica, de uma extensa e complexa narrativa em que não se pode perder a profundidade dos sentimentos e as particularidades vivenciadas por cada uma dessas crianças.

*Matriz 1 – Matriz como ferramenta metodológica de representação gráfica de narrativas*

	<b>MACRO</b>	<b>MESO</b>	<b>MICRO</b>
<b>CENÁRIO</b>	<i>Contexto social, cultural, econômico, histórico e político nacional e transnacional tangente diretamente àquela criança</i>	<i>Contexto social, cultural, econômico, histórico e político da rota e/ou ponto de encontro Marco(s) sociais, culturais e ou econômicos presentes na experiência de vida anterior ao movimento migratório</i>	<i>Espaços e pontos de apoio de onde vem, por onde passaram e por onde se encontram no momento da pesquisa/análise</i>
<b>ATORES</b>	<i>Atores que contribuem ou dificultam o contexto social, cultural, econômico, histórico e político nacional e transnacional</i>	<i>Instituições, organizações e associações que representam os atores responsáveis por contribuir ou dificultar o contexto social, cultural, econômico, histórico e político da rota ou ponto de encontro</i>	<i>Pessoas com quem o contato direto foi realizado antes e durante do momento da pesquisa/análise</i>
<b>MOVIMENTOS</b>	<i>Modo com que o deslocamento pode ser visto neste macro cenário</i>	<i>Modo com que as instituições veem o deslocamento</i>	<i>Modo em que efetivamente foi realizada a travessia até ali</i>

Por fim, no capítulo 05 serão conjugados os três níveis de análises: macro, meso e micro, junto aos três principais elementos das dinâmicas do deslocamento forçado dessas crianças: o cenário, os atores e seus movimentos. Entendendo que o conceito de ser criança e o reconhecimento ou não de quem as acompanha são elementos transversais que compõem especialmente cada dinâmica e a transformam em um regime de sentimentos e de sofrimentos. Para isso, antes serão sublinhadas algumas das multifacetadas dos principais atores que interagem com as crianças, para depois apresentar os principais conceitos e contornos encontrados em campo sobre o que é ser criança, e como estes delineamentos implicam diretamente nas contradições em torno do conceito de “acompanhado” e

“não acompanhado”. Assim, ao fim serão apresentadas cada uma das dinâmicas a partir de matrizes que tentam resumir as convergências e particularidades de cada uma delas.

### C. PARTINDO COM BAGAGEM | MARCOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA COM E PARA AS CRIANÇAS EM MIGRAÇÃO

Conforme a pesquisa foi sendo pensada e desenvolvida e a tese foi tomando forma, algumas opções teórico-metodológicas foram incorporadas. Algumas delas, é bem verdade, já faziam parte do próprio impulso inicial em voltar aos bancos da Universidade, como é o caso dos “Novos Estudos Sociais sobre as Infâncias”.

Um primeiro e importante passo a ser considerado sobre cada um desses caminhos diz respeito à necessidade de buscar novas alternativas epistemológicas diante do próprio caráter da pesquisa com crianças em situação de deslocamento forçado em um cenário de desigualdades. Isso me desafiou a ter um ponto de vista crítico frente ao que chamarei de “perspectiva tradicional das ciências sociais”.

A perspectiva a que aqui me refiro como tradicional é toda aquela em que o arcabouço teórico-metodológico se baseia nas seguintes dimensões de origem das ciências sociais, conforme enumera Edgardo Lander:

*“1) a visão universal da história associada à ideia de progresso (a partir da qual se constrói a classificação e hierarquização de todos os povos, continentes e experiências históricas); 2) a “naturalização” tanto das relações sociais como da “natureza humana” da sociedade liberal-capitalista; 3) a naturalização ou ontologização das múltiplas separações próprias dessa sociedade; e 4) a necessária superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (“ciência”) em relação a todos os outros conhecimentos.” (Lander, 2005, p. 13)*

Cada um desses pontos traz consigo elementos de fricção, algumas vezes inconciliáveis, com o que se encontrou em campo e, assim, com as opções teórico-metodológicas que precisei fazer. Ao negar a racionalidade científica advinda desta noção tradicional modernizante, de aparente neutralidade, não significa negar toda forma de razão e de ciência (Dussel, 2005). Pelo contrário, os

estudos sociais sobre as infâncias, os estudos latino americanos e os estudos que nos ajudarão a explicar o contexto do deslocamento forçado são importantes contribuições científicas, que possuem sua própria racionalidade e serão aqui adotados com o intuito de *impensar*<sup>16</sup> as ciências sociais. É sob esta perspectiva que se pode apresentar de forma mais coerente as dinâmicas vividas por crianças latino-americanas em processo de deslocamento forçado até os Estados Unidos.

### ESTUDOS SOCIAIS SOBRE AS CRIANÇAS

O mergulho sobre os denominados “Novos Estudos Sociais sobre as Infâncias”<sup>17</sup> foi fundamental para minha trajetória acadêmica desde o mestrado. Àquela altura esta abordagem estava longe de ganhar a grade horária dos cursos que frequentei na Universidade de Brasília<sup>18</sup>, mas mesmo assim, foi possível o encontro com essa abordagem por meio da Sociologia da Infância pensada desde a academia do hemisfério norte<sup>19</sup> (Corsaro, 2005; Prout e Jamès, 1997; Qvortrup e Nascimento (trad.), 2011; Sarmiento, 2005; Sirota, 2001). É a partir daí que se dá o primeiro deslocamento epistemológico desta pesquisa: a criança pode estar no centro das investigações e, ainda, de modo ativo.

Até então, mesmo que rondando a temática das crianças enquanto sujeitos políticos, as bases teóricas disponíveis diziam respeito às crianças como sujeitos “natural” e “universalmente” “inferiores” e “incompletos” frente a um processo cognitivo evolutivo em que os estudos sob o ponto de vista biológico, pedagógico e psicológico seriam suficientes para entender seus problemas e propor soluções (Andrade, 1998; Plaisance, 2005; Sosenski e Albarrán, 2012).

Nas leituras como as de Allan Prout e Allison Jamès (1997), a desnaturalização, desuniversalização e desbiologização da infância ganham importância e centralidade na discussão.

---

<sup>16</sup> Conforme conceituado por Segrera: “Consideramos que impensar as ciências sociais significa reconciliar o estático e o dinâmico, o sincrônico e o diacrônico, analisando os sistemas históricos como sistemas complexos com autonomia, e limites temporais e espaciais.” (SEGRERA, 2005, 95)

<sup>17</sup> Em língua inglesa “New Social Studies of Childhood” e em espanhola “Nuevos Estudios Sociales de la Infancia”.

<sup>18</sup> Por ocasião do doutorado, foi possível contar com a significativa contribuição da professora e investigadora Fernanda Müller no aprofundamento e atualização no Estudos Sociais sobre as Infâncias, por meio de uma disciplina dedicada a esta abordagem teórica tendo ainda uma perspectiva comparada como horizonte.

<sup>19</sup> Ou como o outro aporte teórico que vou utilizar, desde a academia do centro do sistema.

As novas pesquisas realizadas sobre as infâncias conciliadas ao construtivismo social permitiram a Prout e Jamès apontarem os princípios básicos assumidos pelos “Novos Estudos Sociais sobre as Infâncias”. O primeiro deles é de que a infância deve ser encarada como um fenômeno social construído e uma variável social explicativa, que, como tal, não pode estar apartada das demais variáveis sociais tais como gênero, classe ou raça e etnia.

Nos encontros e fissuras existentes entre essas variáveis junto à infância é que se coloca em debate a pluralidade de infâncias<sup>20</sup>, ou seja, que o ser criança ganha múltiplos contornos de acordo com o contexto e os elementos sociais, históricos e culturais a que se relaciona. Para isso, os estudos comparativos e interculturais (Frønes, 1997; Levine *et al.*, 1994; Pelka, 2010; Qvortrup e Nascimento (trad.), 2011)<sup>21</sup> têm apresentado caminhos metodológicos e analíticos que contrapõem-se à literatura que resvala na opacidade do tratamento da infância enquanto singular e, portanto, universalizável .

Sirota (2001) aponta como na França a importância da infância nos estudos sociais foi sendo inicialmente abraçada de maneira paralela e sem qualquer comunicação entre os estudos da sociologia da família, a sociologia da educação e também pela demografia. Após o conhecimento e comunicação recíprocos estabelecidos a partir da Associação Internacional dos Sociólogos de Língua Francesa e da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, o que se pôde perceber foi a preocupação em entender os modos de construção social da infância em diversos países, nos quais a criança é vista como um ator ativo e interativo neste processo de construção.

Em contrapartida, em um levantamento realizado por Montandon (2001) sobre os estudos de língua inglesa, os estudos ocorreram de maneira mais estruturada baseados em pesquisas empíricas categorizáveis nas seguintes temáticas: “os trabalhos que tratam das relações entre gerações; aqueles

---

<sup>20</sup> Bastante anterior a este período Margaret Mead (Mead, 1969, p. 23) já afirmava: “‘The Child’ doesn’t exist. Only *children* exist; children in a particular context; children who are different from each other; children with different senses.” (grifo da autora)

<sup>21</sup> A abordagem sobre a pluralidade das infâncias sofre variações entre estruturalistas e não-estruturalistas. Sobre este debate, interessante ver: Prout, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010b.

que estudam as relações entre crianças; que abordam as crianças como um grupo de idade e, finalmente, que examinam os diferentes dispositivos institucionais dirigidos às crianças.” (Montadon, 2001, p. 36). E, ao contrário do que fora verificado nos países de língua francesa, os estudos em língua inglesa ocorreram de maneira autônoma à sociologia da educação, inclusive com relação à origem dos pesquisadores.

Os “Novos Estudos Sociais sobre as Infâncias”, ao centralizarem as crianças em seus estudos, precisaram se posicionar de forma antagônica às visões tradicionalmente estruturalistas e institucionalistas centradas tão somente na família e na escola em que, frequentemente, apresentavam o conceito de uma criança idealizada em contraposição à criança “delinquente”. Ou ainda, como nota Régine Sirota, este “pequeno objeto” seguia sendo:

*(...) frequentemente qualificado pelos sociólogos como “fantasma onipresente”, “terra incógnita”, “refugio”, “mudo”, ou como “quimera”, na literatura de língua francesa; “marginalizado”, “excluído”, “invisível”, ou como “categoria minoritária” na literatura de língua inglesa.*(Sirota, 2001, p. 08)

A marginalização das infâncias (e das crianças) nas Ciências Sociais passa a ser reconhecida em conjunto com o próprio crescimento do campo da História das Infâncias (Anjos, 2015; Ariès, 1986; Schultz e Barros, 2011; Sosenski, 2016). Conforme as análises históricas vão revelando o próprio papel marginalizado da infância em nossa sociedade, vai se tornando evidente a correspondência entre a própria marginação das infâncias (e das crianças como sujeitos) nas ciências.

Prout e Jamès (1997) explicariam tal correspondência ao conceito de dupla hermenêutica das Ciências Sociais – conforme definido por Giddens (1978). O conceito de dupla hermenêutica considera que, ao construirmos um novo paradigma sociológico sobre a infância, estamos também, de maneira ativa e engajada, reconstruindo o próprio significado de infância em nossa sociedade.

E se consideramos que neste mesmo engajamento estão sendo produzidas pesquisas em que as crianças possuem papel ativo na própria produção de dados e de contornos da investigação, passa-se também a entender que, diante de tal dupla hermenêutica das Ciências Sociais, elas são sujeitos

ativos na elaboração e na determinação dos significados dados às suas vidas sociais, às vidas dos demais ao seu redor e à sociedade em que vivem.

Porém, a participação das crianças frente ao que é produzido possui gradações que, conforme Roger Hart (1992), poderá variar: i) desde manipuladores, decorativos ou ainda tokenistas<sup>22</sup> – em que as crianças constam como sujeitos sem opinião e que suas “incapacidades” e “ingenuidades” são destacadas para legitimar o seu “não lugar” no mundo adultocentrado; ii) até estudos que promovem a participação ativa das crianças – e que podem variar de estágios de acordo com o grau de participação das crianças no estudo<sup>23</sup>.

O grau de participação das crianças está diretamente relacionado ao quão informadas e empoderadas se encontram durante o processo. Hart define quatro fatores a serem assegurados em uma pesquisa verdadeiramente participativa: que as crianças compreendam as intenções do projeto, que saibam quem tomou as decisões relativas ao seu envolvimento no projeto e por que; que elas tenham papel significativo e não apenas “decorativo”; e que participem voluntariamente do projeto depois que este foi esclarecido a elas (Hart, 1992, p. 11).

A pesquisa quando centrada nas crianças necessita, portanto, extrapolar a mera “observação” sobre esses sujeitos e trabalhar para o envolvimento delas na pesquisa, pois as considera sujeitos ativos do conhecimento e da investigação. Diante disso, a perspectiva centrada nas crianças é considerada um projeto de cidadania, ou seja, acredita que, enquanto sujeitos de ação, as crianças podem transformar a maneira em que se interpreta a realidade em que vivem e, com isso, a transformam.

---

<sup>22</sup> “Tokenism is used here to describe those instances in which children are apparently given a voice, but in fact have little or no choice about the subject or the style of communicating it, and little or no opportunity to formulate their own opinions” (Hart, 1992, p. 09).

<sup>23</sup> Hart (1992) categoriza oito estágios de participação de crianças e adolescentes em projetos, assim divididos: os não-participativos, que são (a) de manipulação, (b) de decoração e (c) de tokenismo; e os participativos, que são (d) designado, porém informado, (e) o consultado, porém informado, (f) iniciado por adultos, porém com processo decisório compartilhado com as crianças, (g) iniciado e dirigido por crianças e (h) iniciado por crianças, porém com processo decisório compartilhado com os adultos.

Ao realizar minha pesquisa com as crianças em trânsito no México, dois pontos foram limitantes para uma participação mais ampliada. Em primeiro lugar, a demanda e o desenho inicial da pesquisa foi motivado por mim para a obtenção do meu diploma de doutorado. Isto significa que o projeto não nasce e é definido pelas crianças. Em segundo lugar, boa parte das crianças participantes desta pesquisa encontravam-se sob tutela de instituições governamentais. Sob este ambiente, a decisão em participar ou não de atividades, mesmo que supostamente colocadas de maneira livre, guarda certos limites.

Por isso, sempre que possível presei ao máximo por esclarecer às crianças acerca dos objetivos da pesquisa, e utilizei analogias sempre que possível, para que entendessem os propósitos e os usos das informações que produzíamos juntos. E, com as crianças em que se pode estar em contato por tempo mais prolongado, privilegiei os processos criativos e suas escolhas sobre as atividades que íamos realizar.

Assim, busquei sempre que os métodos e as atividades realizadas considerassem o protagonismo das crianças enquanto sujeitos ativos, entendendo ser esse um meio condicionante para o ato de impensar as ciências sociais. Somente assim, os re-desenhos metodológicos, analíticos e conceituais são capazes de refletir as falas, entendimentos e ações das crianças. Fazendo com que os métodos utilizados estivessem condizentes com o deslocamento epistemológico proposto. Assim, as formas mais tradicionais de investigação sociológica limitariam os próprios objetivos da pesquisa. Como bem aponta Claude Javeau:

*A sociologia clássica, sobretudo quando ela privilegia técnicas quantitativas, está mal instrumentada para abordar os territórios das crianças. Não somente estas são pouco aptas (e dispostas) a responder a questionários standardizados, mas os aspectos estudados, fora a frequência com a qual aparecem (popularidade de um brinquedo, por exemplo, ou difusão de um traço lingüístico), acham-se dificilmente nos cálculos estatísticos. (Javeau, 2005, p. 385)*

Por isso, o mergulho na área denominada Antropologia da Criança foi de fundamental importância para as escolhas estruturantes da metodologia empregada na minha pesquisa. E também

nas escolhas mais cotidianas resultantes dos deliciosos e inevitáveis imprevistos encontrados em campo. A Antropologia da Criança<sup>24</sup> vem frutificando trabalhos importantes, que ao mesmo tempo contribuem para um aprofundamento metodológico da etnografia (e algumas implicações éticas importantes) e, também, revelam a multiplicidade de infâncias a serem estudadas (Cohn, 2000; Hardman, 2001; Montgomery, 2007; Müller e Hassen, 2009; Valentine, 1999).

Conforme apresentado na sessão “entrando em campo”, durante a pesquisa foi importante combinar estratégias diversas de aproximação com as crianças já que as condições eram também bastante diversas. A umas foi possível o contato estendido por um período de quase dois meses, com convivência quase que diária, e a outras apenas algumas horas em um único dia. Em comum, sempre se buscou priorizar no método qualitativo de abordagem a ideia de “*philia*”<sup>25</sup> apresentada por Rayou (2005). Isto é, sempre que possível, priorizei o vínculo de amizade entre as crianças para a formação de grupos, permitindo um ambiente mais acolhedor e menos hierarquizado no momento de exporem seus sentimentos e entendimentos<sup>26</sup>.

*Já era fim de tarde e eu já estava me recolhendo para tomar meu transporte antes de escurecer, quando pela primeira vez os dois irmãos se aproximaram. Sem dizer nenhuma palavra, apenas me olhando desconfiados. Então eu sorri e ofereci, a cada um, um balão*

---

<sup>24</sup> Não caberá neste trabalho aprofundar, mas é importante apontar que a antropologia como disciplina foi de fundamental importância para os estudos sobre as infâncias antes mesmo de isso ser considerado uma abordagem específica, tal qual a Antropologia da Criança. Margareth Mead (1969), por exemplo, uma das fundadoras da Escola de Cultura e Personalidade, buscou identificar determinados padrões de transmissão de valores bem como de desenvolvimento psicológico das crianças a partir de estudos comparativos. Conforme Robert LeVine (2007), outros autores da antropologia, como Malinowski e Geertz, também trouxeram importantes contribuições para esta abordagem voltada às crianças. Entretanto, deve-se destacar que a antropologia à época valia-se principalmente de estudos comparativos entre as populações de países colonizados, principalmente africanos, e as populações europeias e estadunidenses. Gerando, muitas das vezes, análises que remetiam, mesmo que indiretamente, a uma dualidade entre as infâncias “ideais” ou “normais” e às “marginais”. (LeVine *et al.*, 1994; Porter, 1996; Whiting, 1996).

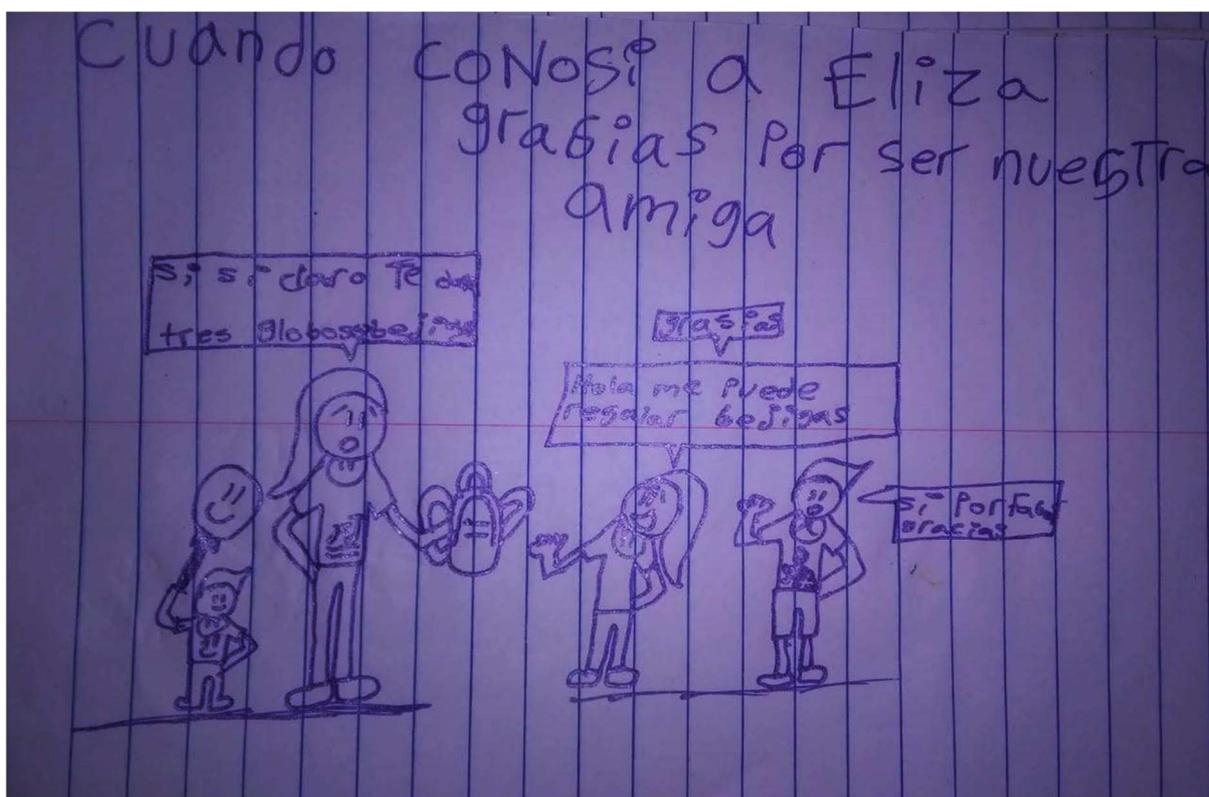
<sup>25</sup> Em sua experiência Rayou diz que: “Tendo observado que os alunos “produziam” muito mais informações quando se juntavam dois ou três, deixei-os formar pequenos grupos que aceitavam ser gravados. Metodologia e problemática ajudavam-se mutuamente, pois me dava conta de que os alunos se abriam mais desde que confortados pelo número e pela relação eletiva que os unia, e que pensavam não ter muito o que temer de alguém, o qual, no entanto, pelo seu estatuto, era próximo da instituição sobre a qual se lhes pedia para falarem”. (Rayou, 2005, p. 469–470)

<sup>26</sup> Mais uma vez, cabe reforçar que sempre se preponderou as condições dos estados emocional e psicológico das crianças, de modo a nunca as expor a uma interação contrária à sua vontade e seu bem-estar. Tendo por repetidas vezes, lançado mão da pesquisa para priorizar o acolhimento direto como indireto (providenciando itens de necessidade imediata como o afeto, o alimento, o atendimento médico etc.)

*ainda sem encher. Os dois sorriram, se apresentaram e Natalie me deu um forte abraço. A partir deste dia começamos uma bonita amizade.*<sup>27</sup>

A intensa experiência vivida por elas e compartilhada comigo levou à construção de laços de confiança e de amizade. A partir desta profunda troca de expectativas e frustrações é que foi possível compreender mais honestamente o regime de sentimentos presentes nessa jornada. Assim, mesmo após encerrada a convivência física, permanecemos com a convivência virtual, que permitiu seguirmos compartilhando afetos e notícias.

Fotografia 2 - "Cuando conocí a Eliza"<sup>28</sup>



Crédito: Kevin, 10 anos, de El Salvador (via WhatsApp desde Virginia, EUA, em 10/09/2018)

#### PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS SOBRE DESIGUALDADES E INFÂNCIAS

Estudar sobre os contornos e reflexos da estrutural e histórica desigualdade na América Latina foi o segundo fator impulsionador da realização dessa pesquisa. A partir de abordagens teóricas como

<sup>27</sup> Notas de meu diário de campo.

<sup>28</sup> Tradução livre: Quando conheci Elisa. Obrigada por ser nossa amiga." Natalie: "Oi! Pode me presentear com umas bexigas?". Elisa: "Sim, sim, claro! Te dou 3 balões... bexigas". Natalie e Kevin: "Obrigado!"

as de Wallerstein (2005, 2006), Quijano (2013, 2014), Mignolo (2001, 1993; 2008) e Escobar (2013), tornava-se evidente que a perspectiva sobre as crianças não poderia ser tomada apenas sob o ponto de vista da academia do hemisfério do norte. Seja por esta não dar conta da própria pluralidade das infâncias da América Latina – que está intrinsecamente relacionada a elementos da colonialidade, tais como o racismo e o patriarcado –, seja pelo papel da dupla hermenêutica de construir teoricamente as infâncias na América Latina para reconstruir o próprio papel das crianças em seu entorno.

Como era de se esperar, o cenário dos estudos e pesquisas sobre as crianças até meados do século XX na América Latina, carrega em si seus sinais de colonialidade e de periferia do sistema (Quijano, 2013; Wallerstein, 2005) de modo que estão circunscritos em torno de vulnerabilidades entendidas como próprias da infância, isto é, entendendo-as como pertencentes a uma etapa que traz consigo intrínseca dependência a partir de sua condição de menoridade e de não-desenvolvimento, agravadas pelo contexto social de marginalidade e subdesenvolvimento atribuído aos países latino-americanos.

Diante disso, as crianças se viam circunscritas a sua “intrínseca dependência” de um eterno *vir-a-ser* cognitivo e psicológico (Andrade, 1998) e, junto a isso, sob um contexto sempre e tão somente focado nas vulnerabilidades, tais como, as crianças “de rua”, órfãs, “abandonadas”, em contraponto às concepções idealizadas e pré-determinadas de família, bem como das perspectivas dos projetos educacionais (Adorno, 1994; Londoño, 1991; Marre *et al.*, 2013).

Esta perspectiva reflete-se nas políticas públicas voltadas ao cuidado e ao acolhimento de crianças em situações vulneráveis, porém sem a devida reflexão sobre como tais vulnerabilidades se relacionam com um projeto político hegemônico excludente, colonizador e bélico. Sob este paradigma, alguns dos primeiros impulsos em analisar mais atentamente as crianças voltaram-se a abordagens e perspectivas que sobressaltavam as questões da criminalidade e da “anormalidade” em que se cunhou de maneira pejorativa o conceito do “menor”, refletida em instituições tais como os

tribunais de menores e os manicômios infantis (Marre *et al.*, 2013; Silveira e Nunes, 2012; Sosenski, 2010).

O foco das políticas públicas sobre as des-capacidades das crianças fez florescer estudos sobre esses sujeitos quase que exclusivamente nas áreas do direito e do serviço social, dedicados a entender apenas os problemas voltados ao “menor”, à vulnerabilidade infantil e, portanto, as soluções em torno da tutela e da proteção assistencial estatal. Com isso, neste período, na América Latina, ao serem apontadas pluralidades de infâncias “não ideais”, por repetidas vezes se contrapunham argumentos produtivistas que levavam políticas públicas segregadoras às crianças negras, indígenas, refugiadas, órfãs ou nascidas em área de conflito<sup>29</sup>.

Autoras como Oliveira (2014), Llobet (2013), Glockner (2008) e Rizzini (2006) demonstram em seus estudos que a infância tende a ser abordada nesta parcela do continente primordialmente sob o viés da marginalização social em decorrência de um ponto de vista desenvolvimentista e de centro do sistema. Diante de tal abordagem as crianças encontram-se na periferia e no subdesenvolvimento, tanto porque assim é considerada condição “natural” de seu estágio de desenvolvimento, quanto porque esses sujeitos não têm, aparentemente, contribuições imediatas para promover ao desenvolvimento de suas comunidades, países e ou regiões. Deste modo, os projetos de desenvolvimento econômico são entendidos como etapas anteriores e preventivas para aspectos tais como o “desamparo” e a “marginalização” da infância. E como alerta Maria Cecília Oliveira:

*Foi preciso nascer a criança delinquente para se iniciar o processo de governamentalização imbricado em políticas de desenvolvimento e segurança. Se houve a judicialização da criança e do jovem para humanizar seu cuidado aprimorando as táticas de encarceramento, houve também sua securitização em nome dos avanços do milênio para um futuro pautado no desenvolvimento sustentável (Oliveira, 2014, p. 123).*

---

<sup>29</sup> Importante fazer também uma análise de gênero sobre as vulnerabilidades advindas das condições sociais, econômicas e psicológicas das mães dessas crianças que em decorrência das desigualdades de poder tornam-se as únicas responsáveis por suprir as condições mínimas de seus filhos. Isto é, mulheres que tiveram suas próprias vidas vilipendiadas e reduzidas ao seu próprio ventre e sua função reprodutora – culminando no exorbitante indicador de mortalidade materna nos países colonizados – ou às que sobreviviam a este processo traumático da falta de atenção integral à saúde na gestação, no parto e no puerpério, que muitas vezes tornavam-se “mães solteiras” dado que seu(s) filho(s) era(m) fruto de violência sexual.

No Brasil, assim como em demais países considerados em desenvolvimento, a preocupação com a infância deu-se primeiramente e colheu muito mais frutos sob a ótica do “menor”, que deu base às posteriores análises em defesa dos direitos das crianças. (Freitas, 1997; Rizzini, 1994). Isso se deve a uma justificada atração de nosso legado científico ao aspecto jurídico de nossas problemáticas sociais.

Quando Freitas (1997) organiza uma série de artigos a fim de compor *História Social da Infância no Brasil*, traz à discussão temas como: a assistência à infância pela tutela do Estado; histórias das políticas sociais e reprodutivas; normalidades e anormalidades; e práticas discursivas educacionais. E destaca que:

*Não é arriscado dizer que a história social da infância no Brasil é também a história da retirada gradual da questão social infantil (com seus corolários educacionais sanitaristas, etc.) do universo de abrangência das questões de Estado.* (Freitas, 1997, p. 11)

Adorno (1994) aponta ainda que a normatização repressiva e discriminatória conjugada às posteriores políticas assistencialistas do Estado brasileiro trouxeram consigo a conceituação de “menor”, definida por Londoño (1991), que passou a ser incorporada ao vocabulário jurídico brasileiro e, posteriormente, também no científico e no leigo.

*A partir de 1920, até hoje em dia, a palavra passou a referir e indicar a criança em relação à situação de abandono e marginalidade, além de definir sua condição civil e jurídica e os direitos que lhe correspondem* (Londoño, 1991, p. 129).

A “delinquência”, o “abandono” e o “menor de rua” implicam na ação do Estado<sup>30</sup> voltada, primeiramente, à atuação de profissionais da saúde (ressaltando uma apropriação do tema pela classe médica), e de instituições religiosas (em especial da Igreja Católica no começo do século passado e, atualmente compartilhado com as Igrejas de denominação neopentecostais). Nunes (2011), Oliveira (2014) e Sosenski (2010) ao abordarem a importância dos Congressos Pan-americanos sobre a

---

<sup>30</sup> Conforme Oliveira (p. 131, 2014) aponta que: “Reformas jurídicas foram apresentadas como a principal iniciativa para atacar o problema de crianças nas ruas, a delinquência juvenil e os desajustes familiares. Além disso, a higiene e a saúde foram consideradas elementos que também influenciavam nas taxas de mortalidade infantil e no bom ajustamento de crianças”.

Criança, realizados no início do século XX, demonstram que houve grande influência estadunidense nos demais países participantes desses Congressos quando na elaboração e realização de políticas voltadas às crianças, bem como nas primeiras definições legais sobre o que são os “menores”.

Quinteiro (2002) aponta ainda que, após esta primeira preocupação com a infância a partir do “menor” – “categoria classificatória da infância pobre” (Quinteiro, 2002, p. 149) –, surge a marca da visão sociológica de Florestan Fernandes (1979) sobre o folclore infantil e, posteriormente, ganha maiores contribuições de José de Souza Martins que organizou uma série de textos em “*O massacre dos inocentes*” (1993), elegendo “a criança como testemunha da história por reconhecer que são elas, nos dias atuais, os principais portadores da crítica social” (Quinteiro, 2002, p. 152).

Ainda sobre o levantamento bibliográfico no Brasil, Delgado e Müller (2005) apontam lacunas metodológicas ainda existentes na produção brasileira, além de uma necessidade de esforçar-se para entender quais são as similitudes, discrepâncias e traços de pertencimento existentes ou não entre as crianças brasileiras. E por fim, acrescentam: “No Brasil temos um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre as crianças, suas experiências e culturas” (Delgado e Muller, 2005, p. 177).

A alteração desse ponto de vista dá-se nas últimas décadas do século XX, em que os esforços concentrados em torno da preocupação com a governabilidade das questões sociais da infância culminaram na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças (1989). Este reconhecimento internacional de direitos entende que a infância e a adolescência possuem características, necessidades e demandas específicas e, assim, exigem a garantia de direitos também bastante específicos (Marre *et al.*, 2013). Junto a isso, a perspectiva de subdesenvolvimento da América Latina e a exploração de seus recursos naturais compunham a agenda internacional no período pós-Guerra Fria (Escobar, 2013).

O discurso econômico-desenvolvimentista que emerge daí entende que o investimento voltado às infâncias tem como horizonte a ampliação futura de recursos com base na produtividade desses indivíduos ao adentrarem ao mercado de trabalho. Sem, contudo, apresentar diretamente os reflexos mais imediatos sobre a vida dessas crianças, por exemplo ao adotar uma ou outra política educacional. À época, nos países de periferia, além das políticas educacionais, com frequência, focarem na construção de um ideário de desenvolvimento a ser atingido pelas crianças enquanto indivíduos, pressupunham também uma função “moralizadora”, “influenciadora” e “catalizadora” das crianças em suas famílias (Camfield e Tafere, 2009; Glockner-Fagetti, 2014).

Junto a tal concepção, viu-se a promoção das crianças enquanto sujeitos econômicos de modo que suas habilidades e competências voltassem-se para a construção de um sujeito produtivo e consumidor (Sosenski, Anjos e Souza, 2014)<sup>31</sup>. Estavam, portanto, embasadas nas noções de desenvolvimento das capacidades individuais e de bem-estar na infância que, além de atingirem desigualmente às crianças, não resolvem questões estruturais que permitam a promoção de práticas participativas e voltadas para a coletividade. Como bem explica Laura Camfield e Yasak Tafere (2009, p. 119–120):

*“The logic of individual measurement therefore creates a false impression that well-being can be created individually, for example, through economic strategies that involve separation and even alienation from family and/or community. This is despite structural constraints on individual agency and opportunities, and patterned differences in the possibility of experiencing well-being”<sup>32</sup>.*

---

<sup>31</sup> E como resalta Susana Sosenski: “Debemos entender a este niño consumidor más como una construcción discursiva que como una experiencia o identidad infantil generalizada, la cultura del consumo infantil no llegó a todos de forma homogénea.” (Sosenski, Anjos e Souza, 2014, p. 26)

<sup>32</sup> Tradução livre: “A lógica da avaliação individual, portanto, cria uma falsa impressão de que o bem-estar pode ser criado individualmente, por exemplo, por meio de estratégias econômicas que separam e até mesmo tornam alheios o papel da família e/ou da comunidade. Isso ocorre a despeito das restrições estruturais ao poder de agência e às oportunidades individuais, e torna padrão as diferenças de possibilidades em experimentar bem-estar”.

Diante disso, deve-se ter como ponto de crítica as consequências do Estado desenvolvimentista na elaboração de definições tais como o “desenvolvimento das capacidades humanas” que possui em si um objetivo de que a capacidade de autorregulação e de *autogoverno* dos indivíduos, aqui as crianças, sejam os únicos disponíveis para galgar determinados patamares socioeconômicos. Extirpando qualquer responsabilidade do Estado em combater as desigualdades estruturantes que não permitirão a certas crianças determinadas oportunidades<sup>33</sup>.

*“Convertido el desarrollo de las capacidades individuales y el fomento de nuevas subjetividades en parte fundamental del proyecto de salvación-protección de la infancia trabajadora y para la erradicación del trabajo infantil, la transformación de las culturas y los valores de los que provienen los niños/as se vuelve un factor elemental.”* (Glockner-Fagetti, 2014, p. 21)<sup>34</sup>

E é justo neste encontro – do desenvolvimento de capacidades individuais e produtivos e a alteração de valores da comunidade de onde vêm essas crianças – onde encontramos constantes contradições entre o discurso da promoção do desenvolvimento e do investimento na infância de um lado e a divisão social do trabalho que invisibiliza a exploração da mão-de-obra infantil do outro lado.

O trabalho infantil é justamente o tema de tensão que revela as contradições entre o discurso e a lógica desenvolvimentista capitalista. Sob a perspectiva do utilitarismo social do Estado, a possibilidade e a necessidade do trabalho infantil já foi defendida a partir de uma perspectiva (ilusória ou não) de mobilidade social imediata mais efetiva do que a advinda do projeto educacional disponível para as camadas mais pobres da população (Sosenski, Anjos e Souza, 2014).

O discurso estatal de proteção da infância e de combate ao trabalho infantil parte, muitas das vezes, a uma seletividade na criminalização de determinadas atividades, e, ao mesmo tempo, leva, em alguns casos, a irrefletidas condenações ao trabalho infantil em circunstâncias em que a realização de

---

<sup>33</sup> Este debate será novamente abordado na sessão a seguir.

<sup>34</sup> Tradução livre: “Converter o desenvolvimento das capacidades individuais e a promoção de novas subjetividades em parte fundamental do projeto de salvação/proteção da infância trabalhadora e da erradicação do trabalho infantil, fazem com que a transformação das culturas e dos valores daqueles que provisionam as crianças seja fator elementar.”

determinados ofícios faz parte de práticas e trocas sociais específicas de uma comunidade (Cardoso e Souza, 2011; Castro, 2009). Em outros casos, também se ignora o fato de que o trabalho durante a infância pode constar como uma das únicas alternativas viáveis de sobrevivência frente a uma estrutura desigual, alimentada por este próprio Estado. E ainda, como bem aponta Irene Rizzini (2006), não raras vezes o enfrentamento ao trabalho infantil em determinados setores da economia leva a essas crianças a assumirem trabalhos em condições ainda mais hostis e perigosas em outros onde a fiscalização do Estado abre brechas.

A intenção de trazer um ponto de vista crítico aos discursos em torno do trabalho infantil não é de condenar as estratégias de combate a esta prática. Mas sim de apontar que as resoluções de tal problema social são apontadas a partir de um horizonte muito claro de qual modelo de sociedade está se buscando, ao mesmo tempo, em que se encontram em constante diálogo tanto a concepção de trabalho infantil – por parte do ocidente e assim refletida nas ações dos organismos internacionais –, quanto as concepções de participação e de pertencimento à sociedade em que vivem as crianças – sendo estas provenientes imersas em diversidade étnica, racial, cultural e de classe.

Até mesmo por uma questão de coerência argumentativa, deve-se reconhecer a importância das estratégias de combate ao trabalho infantil, já que considero ser o centro do sistema aquele em que, em última instância, segue se beneficiando da exploração da mão-de-obra de crianças. Mas ao aproximar-me deste debate, aos poucos também me aproximo de paradoxos que também estarão presentes na migração de crianças não acompanhadas por seus familiares ou responsáveis. Como se poderá ver no desenvolvimento da tese, a relação entre o Estado protetor e o Estado vigilante e a visão de um “sonho americano” frente a uma vida marcada pela “violência por aceleração” (Alvares Velasco e Guillot Cuéllar, 2012) serão tensões constantes no ideário de criança a ser construído.

Historicamente, a partir da década de 80 do século passado, os organismos internacionais, ou ainda a sociedade civil internacional (Rizzini, 2006), passam a desempenhar papel fundamental na

transformação de proposições de políticas públicas e de alterações legislativas que tenham como foco a infância. A necessidade de qualificação educacional das crianças, a diminuição dos índices de mortalidade e desnutrição infantil, por exemplo, tornaram-se saídas preventivas apontadas pelas Organizações das Nações Unidas, para a solução dos problemas de países periféricos, tais como os da América Latina. Entretanto, deve-se saber que àquela altura encontravam-se sob o horizonte tanto da ONU<sup>35</sup>, quanto das demais agências internacionais, que tais investimentos em saúde e educação para as crianças tinham como objetivo, em um curto prazo, maiores índices de produtividade econômica.

Revelando, assim, uma necessidade em problematizar a concepção em torno do direito “interesse superior da criança”. O ideal em torno deste direito foi normatizado e é geralmente aplicado sob os aspectos da convivência familiar e da vivência escolar em que há um “modelo” de família e de projeto educacional demarcados espacial e temporalmente e que pertence a um sistema social e econômico muito específico (Marre *et al.*, 2013, p. 17). E, voltando-se à família e à escola, os direitos e suas posteriores recomendações chegam a, no limite, ser definidos como o direito dos adultos em relação às crianças (Marre *et al.*, 2013, p. 18).

É neste contexto que, a partir da década de noventa do século XX, pode-se encontrar o aumento considerável da produção na América Latina de estudos sociais voltados à infância. Neste período, as abordagens teórico-metodológicas utilizadas na região diziam respeito aos desdobramentos e as explicações sobre as várias infâncias e sob um ponto de vista crítico. Os estudos então se voltaram à demonstração dos impactos das desigualdades de classe, gênero e étnico-raciais como elementos igualmente importantes e influenciadores nas construções dos ideários de infância (Pavez e Soto, 2012; Rizzini, 1994; Sánchez Parga, 2004; Unda Lara, 2003). E assim, os contextos

---

<sup>35</sup> Lembrando que é apenas a partir dos anos 2000 que vem sendo reformulado o conceito de desenvolvimento a que a ONU vem estipulando metas e objetivos para seus países partícipes. E ainda sim, a ideia de crescimento econômico aparece, por diversas vezes como fator suficiente para garantir o combate contra a pobreza.

sociais, políticos e econômicos precisam ser entendidos de maneira mais ampla que as próprias fronteiras nacionais, alcançando, portanto, ora limites locais, ora amplitudes regionais e até mesmo globais (Franco Rodríguez, 2015; Miguel, 2014).

#### ESTUDOS SOCIAIS SOBRE AS INFÂNCIAS EM CONTEXTOS DE MIGRAÇÃO E DE VULNERABILIDADE

O *não-lugar* ou o lugar de *vir-a-ser* é um espaço social muito comum às crianças, principalmente quando estão em jogo questões da esfera pública. Este não-lugar não é demarcado apenas espacial e fisicamente, mas sim é definido por fatores geopolíticos, históricos, econômicos, sociais e culturais. Os fatores geopolíticos, em especial, demonstram que a pobreza e a periferia têm raça, etnia, gênero e idade. Indígenas e negras(os), mulheres e crianças são a “cara” e a alma desses espaços<sup>36</sup>.

O histórico e cada vez mais avassalador processo de migração de centro-americanos aos Estados Unidos é uma constatação contundente sobre o processo de periferização da região e sobre sua característica de causalidade mútua, onde a migração infantil ao mesmo tempo em que é uma agudização das desigualdades, das violações de direitos e das consequências normativo-institucionais, também acaba por ser uma resposta destes mesmos elementos.

Todo este complexo contexto migratório entre México e Estados Unidos tem sido palco de ensaios e estudos fundamentais para diversas teorias que buscam entender os fatores geradores e perpetuadores da migração. Grande parte delas revela com maior carga os fatores econômicos como elementos necessários e suficientes para explicar os fenômenos migratórios na região<sup>37</sup>. Outras, buscando uma análise também social do problema, consideram o retorno econômico do trabalho como fator impulsionador da migração, mas revelam também os possíveis impactos sociais das

---

<sup>36</sup> Conforme se pode constatar por meio dos frequentes relatórios sobre pobreza no continente (CEPAL-UNICEF, 2010; CEPAL, 2016).

<sup>37</sup> Linha teórica conhecida como “Nova Economia das Migrações Laborais”.

remessas de seus migrantes em sua comunidade de origem<sup>38</sup> (para uns o agravamento da pobreza, para outros alteração na destinação territorial e para tantos outros, fonte fundamental para as melhorias das condições sociais etc.) (Dutra, 2012; Kurekova, 2011; Sasaki e Assis, 2000).

A procura por ganhos materiais (ou ainda, a procura por diminuir as perdas materiais) não consegue ser a explicação em si mesma para o exponencial crescimento de centro-americanos e mexicanos rumo aos Estados Unidos todos os anos. Os altos valores pagos para realizar a travessia<sup>39</sup>, os riscos de extorsões e violências, a incerteza em conseguir um emprego, entre tantos outros fatores, demonstram que apenas a expectativa de ganhos materiais não é suficiente para decidir por migrar (Santos Ramírez, 2010). Essas teorias – sejam por se basearem na racionalidade das decisões individuais, sejam por se justificarem em um possível equilíbrio entre força de trabalho e mercado –, além de retirarem da análise a desigualdade social como um produto compulsório da lógica neoliberal capitalista, trazem poucas chaves explicativas também para a migração infantil.

Assim, acredita-se ser mais útil o ferramental que permite entender outros elementos muito mais subjetivos, tanto como motivadores quanto como perpetuadores da migração neste contexto. Sejam elas relacionados à reciprocidade, à interação social, à formação de novos vínculos ou ainda à manutenção daqueles já existentes. Cada um deles, à sua intensidade, passa a ser fator relevante na decisão de migrar e seguir migrando. Dando contornos diferentes a cada dinâmica (nada linear) da migração nesta parte do globo.

O que se percebe, então, é que o uso de outras teorias como ferramental explicativo (mesmo que resguardados limites) nos ajuda a entender a perpetuação do fenômeno migratório, seja em termos acumulativos da causa da migração<sup>40</sup> (o membro de uma família ou comunidade, ao migrar diminui

---

<sup>38</sup> Linha teórica mais conhecida e que defende esta chave explicativa é conhecida como “Teoria do Mercado Dual de Trabalho”.

<sup>39</sup> Como poderá ser visto nos capítulos 2 e 3, o investimento feito pelos migrantes da América Latina para tentar cruzar pode variar entre 2 e até 20 mil dólares, a depender do trajeto, e da “categoria” de viagem escolhida.

<sup>40</sup> Estudados pela linha da “Teoria da Causalidade Acumulativa”.

as distâncias entre o destino e a origem, além de acabar por aumentar os fatores de expulsão – diminuição do crescimento econômico no país de origem – e os fatores de atração – criação de nichos de mercado de trabalho a partir da estigmatização de certos postos de trabalho); seja em termos institucionais<sup>41</sup> (em que a própria migração passa a criar um complexo institucional – governamental e não-governamental – responsável tanto pelo controle punitivista quanto pela proteção dos migrantes); seja pela criação de uma rede de contatos<sup>42</sup> (que torna atrativa a migração, dá suporte no momento do trajeto e cria meios de se estabelecer no destino); seja, ainda, pela ideia de um sistema de migração (que reestrutura o contexto social e geopolítico de maneira muito concreta) (Haas, De, 2010; Kurekova, 2011; Sasaki e Assis, 2000) .

Há ainda outros ferramentais que visam trazer explicações em termos culturais. Alguns difundindo e defendendo aspectos incompatíveis com as perspectivas epistemológicas aqui adotadas. Mas resta saber que possuem certa reverberação nos meios acadêmicos. As escolas, portanto, que centram a análise da migração em termos culturais variam entre aqueles que adotam o prisma da assimilação (seja pelo enfoque da “desnacionalização” dos migrantes, seja pelo ponto de vista oposto relacionado à integração social), o da interculturalidade (da inclusão cultural como direito e da convivência de perspectivas culturais como elemento constitutivo das sociedades), ou o do multiculturalismo (desde o ponto de vista da preservação das identidades étnicas até o uso político neoliberal de essencialismos culturais) (Dutra, 2012; Sasaki e Assis, 2000; Zanforlin, 2013).

Entre todas essas teorias existe um outro ponto de diferenciação sobre seu enfoque que não é apenas sobre o destaque a uma ou outra dimensão (social, econômica, cultural), mas também sobre o nível de análise, isto é, se a análise se dá no nível micro, meso ou macro. Em meio a essas diferenças, o transnacionalismo trouxe uma importante contribuição ao enxergar os espaços (geográficos, virtuais

---

<sup>41</sup> Conforme defende a “Teoria Institucionalista”.

<sup>42</sup> Estudada pela “Teoria das Redes de Contatos”.

e sociais) extrapolando os limites das fronteiras nacionais. (Besserer, 1999, 2014; RESSTEL, 2015; Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992; Solé, Parella e Cavalcanti, 2008). E também se apresenta como um bom caminho teórico para o problema social tratado nesta pesquisa pois entende que entre essas dimensões de análise existem elementos – como a família, a comunicação e até mesmo espaços físicos – que interconectam de maneira transversal os elementos presentes nos micro, meso e macro cenários da migração.

A chamada “transnacionalização” (Besserer, 2014; Fraser, 2003) está enredada no contexto posterior à queda do Muro de Berlim (1989), denominada como pós-fordista, em que as interações sociais e culturais desafiam os limites dos Estados nacionais. A acomodação diante desta nova ordem social funda-se na ideia de que a responsabilização sobre bem-estar se dá em nível individual (seja por meio da ascensão socioeconômica via emprego, seja por meio da manutenção dos laços familiares por meio da reunificação familiar etc.). Isto é, a regulação que antes resultava na sociedade disciplinária, conforme a concepção foucaultiana (Foucault, 2008), é substituída pela ideia de *autogoverno* e do “cuidado de si mesmo”. Dentro desta lógica, as comunidades transnacionais constroem laços e responsabilidades que permitam o fomento da autoajuda e do bem-estar dos membros desta comunidade (Besserer, 2014). Fazendo com que as barreiras nacionais, ainda que existentes, não sejam suficientes para a construção do sentimento de pertencimento e de solidariedade.

Parte desta questão chega a ser abordada pelas teorias da “nova mobilidade”, que tratam o tema do fluxo de pessoas relacionando-os aos fluxos de informações, dados, mercadorias, riquezas etc. (Sheller, 2017; Sheller e Urry, 2006). Sob este ponto de vista, o projeto modernizador<sup>43</sup> provocou às ciências sociais a necessidade de deslocar-se do habitual sedentarismo, no sentido de torna-la o mais territorial possível. Este sedentarismo tem colaborado com a ideia de que em certos espaços

---

<sup>43</sup> Aqui fazendo referência ao termo utilizado por Dussel (1994), e não necessariamente conforme adotam os autores da abordagem teórica sobre mobilidades.

físicos (cidades, regiões ou nações) é onde se pode construir, de forma autêntica, a base fundamental das identidades e das experiências humanas e, assim, esses mesmos espaços físicos devem servir de unidade básica da pesquisa social.

A mobilidade inclusive teórica não os leva, por outro lado, à visão pós-moderna de desterritorialização de não reconhecimento das fronteiras dos Estados conforme nos apresenta Bauman (2015) com seu conceito de modernidade líquida. Por entenderem que este *nomadismo* teórico pressupõe certa liberdade e emancipação espacial e social que não se verifica nos estudos realizados (Sheller e Urry, 2006).

Em realidade, consideram a mobilidade como um recurso desigualmente distribuído como estratégia de refletir e reforçar o poder daqueles que detém seu controle. E isso, segundo Sheller e Urry (2006), só é possível de verificar ao investigar uma complexa gama de elementos que colaboram ou dificultam a viabilidade da mobilidade ao longo do globo: desde a própria infraestrutura e tecnologia que permitem a criação de complexos sistemas de comunicações até a complexa rede social, familiar e subjetiva que se estabelece a partir da mobilidade automobilística.

Muitas dessas abordagens teóricas trazem contribuições – ainda que algumas com maior limitação a partir do ponto de vista que adoto – para o estudo do fenômeno migratório e, com isso, servirão de ferramental para entender as diversas dimensões que apresentarei ao longo dos próximos capítulos. Existem dois pontos que precisarão ser considerados como cruciais para perceber a verdadeira adequação de cada uma dessas ferramentas teóricas às dinâmicas que encontrei em campo.

O primeiro deles diz respeito ao termo que passarei a utilizar com mais frequência para definir o fluxo porque estão passando essas crianças. Não se questiona aqui que essas crianças e suas famílias encontram-se em migração<sup>44</sup>, considerando o significado etimológico de “ir de um lugar a outro”. Entretanto, tanto pelas teorias que se consolidaram como pela própria concepção do senso comum,

---

<sup>44</sup> Aqui entendendo que os casos de solicitação e refúgio são parte da migração.

definir essas pessoas como migrantes, a partir deste contexto, traz algumas cargas conceituais que precisam ser melhor trabalhadas.

A primeira delas diz respeito à carga, especialmente, pejorativa a que a comunidade por onde passavam se referiam aos “migrantes” na fronteira. Muitas das vezes se conseguia perceber uma conotação quase semelhante com as cargas semânticas atribuídas a “delinquentes”, “pedintes” etc. E que ao serem aplicados a essas crianças se aproxima ao sentido encontrado no conceito de migrantes de “segunda geração”, que conforme bem aponta Pavez-Soto (2017), traz consigo a possibilidade da crítica à carga classista, étnico e adulto centrada do conceito.

Por outro lado, e a partir de um ponto de vista completamente distinto ao ponto anterior, o contexto que apresento revela tantas violações de direitos e condições de vulnerabilidade tão extremas que parece ser quase um eufemismo tratar o deslocamento forçado dessas crianças e de seus familiares como “apenas” uma questão migratória. Isto é, não se trata apenas de uma escolha a ser contemplada pelas instituições responsáveis por receber estrangeiros em seus países, mas sim uma situação limite que desafia instituições e legislações. Poderia se dizer, inclusive que, como afirma Susan Terrio, a migração nesses termos é, na verdade, aposta calculada contra a certeza de uma morte social ou física, se permanecerem em casa (Terrio, 2015, p. 22).

Sob o aspecto identitário e até mesmo temporal, adjetivar essas crianças como migrantes também representa um vazio. Para muitas delas migrar é um fato recente em sua trajetória de vida e tanto não as identifica por estarem ainda em trânsito, como no país considerado de destino acabam por serem assim denominadas muito mais sob um aspecto muitas vezes xenófobo – conforme apresentado no primeiro ponto.

Por último, na dinâmica relacionada à Caravana, o conceito de “migrante” toma um significado político significativamente diferente que mais adiante será resgatado. Assim, no geral,

buscarei ao máximo me referir às crianças e a seus familiares como em deslocamento forçado, fazendo as distinções específicas, quando necessário.

O segundo ponto crucial para a adequada utilização de cada uma dessas ferramentas teóricas está relacionado às peculiaridades dos sujeitos dessa pesquisa. Em muitas das leituras realizadas sobre os estudos da migração, as crianças não possuem espaço na análise, ao contrário da questão de gênero, por exemplo, que ganhou força na literatura das últimas décadas – com a emancipação social e econômica das mulheres –, ou ainda da juventude que também passou a ter cada vez mais espaço – inclusive dada sua maior concentração nesta faixa da fronteira. Contudo, as crianças, quando aparecem, acabam por se encontrarem encapsuladas no conceito de família (mesmo que este conceito abarque várias configurações familiares, as crianças ficam ali delimitadas como um dos membros daquele conceito maior).

Diante deste panorama acadêmico, uma relevante contribuição de autoras e autores alinhados aos pressupostos dos Estudos Sociais sobre as Infâncias passaram a abordar as diversas dinâmicas e problemáticas envolvendo a migração (em deslocamento forçado ou não) de crianças ao longo do globo e, assim, atribuíram a visibilidade necessária sob o protagonismo das crianças em meio a este cenário.

Uma variedade de enfoques e de embasamentos teóricos apresentam a complexidade em que se veem enredadas as crianças no processo de migração e a diversidade de cenários em que seu protagonismo passa a ser evidente. Sem a grande pretensão de trazer um grande levantamento de literatura<sup>45</sup>, ressalto alguns dos trabalhos que foram fundamentais para reunir essas grandes fronteiras acadêmicas: a migração como e em meio à vulnerabilidade, a desigualdade estrutural e as crianças como protagonistas desse emaranhado.

---

<sup>45</sup> Para isso, ver Lilian Chavez e Cecilia Menjívar (2010) e sua importante contribuição em levantar estudos e pesquisas em torno das crianças – principalmente centro-americanas, mas também mexicanas –, deslocando-se sem a companhia de seus familiares rumo aos Estados Unidos.

O processo de subjetivação das experiências das crianças, a importância de seu protagonismo – tanto na migração junto a seus familiares como em processos tidos como autônomos – e as marcas de preconceito de classe, do racismo e da subalternação aparecem com grande relevância nos estudos voltados para a migração de crianças para países europeus (Gaitán *et al.*, 2010; Pavez-Soto, 2017; Pavez Soto, 2012; Quiroga, Alonso e Sòria, 2010; Suárez-Navaz, 2004; Suárez-Navaz e Jiménez-Álvarez, 2011).

Mas também ressoa e encontra distintos contornos no contexto do continente americano com os estudos que enfocam desde os entraves nas fronteiras (Ceriani, 2012; Gallo Campos, 2004; Mancera Cota, 2016; Romero, 2006; Romero *et al.*, 2009). Passam pelo processo de trânsito onde se vê a sistemática violação de direitos que compõe a “zona gris”<sup>46</sup> e levam essas crianças às “estratégias de desobediência ao regime global das fronteiras” (Guillot Cuéllar, 2012; Huerta, 2015; Solalinde e Minera, 2017; Terrio, 2015). Chegam ao complexo quadro geral de necessidade de proteção e garantia dos direitos humanos das crianças que migram (Bhabha, 2014; Cernadas, García e Salas, 2014; Moscoso, 2008; Roth e Hartnett, 2018). E ainda apontam para os grandes desafios das crianças filhas de migrantes indocumentados no seu processo de integração e rechaço nos Estados Unidos (Gallo, 2014; Heinze, 2018; Oliveira, 2018).

Estes estudos vão colaborar a compreender que, neste quadro geral do deslocamento forçado de crianças no continente americano, existem diversas perspectivas a serem consideradas a fim de entender as experiências encontradas em diferentes pontos dos trajetos adotados. Entretanto, todas elas possuem em comum o grande desafio de entender essas crianças – migrantes, estrangeiras, acompanhadas ou não, mas acima de tudo, crianças – como um sujeito, com direitos e sentimentos.

---

<sup>46</sup> A violência na “zona gris” (ou zona cinza, se traduzirmos) foi o termo utilizado por Sandra Guillot para denominar a situação de suspensão de direitos dos migrantes em trânsito no México, que os leva a decidir em transitar pela clandestinidade, em que não só estão presentes o crime organizado e o narcotráfico, mas também a corrupção de representantes do Estado mexicano.

Desafiando, portanto, aqueles conceitos e impressões a que Antônio Miguel se refere quando pergunta:

*Estaríamos nós constituindo a criança como o Outro Estrangeiro e Estranho – o mau selvagem, ateu, inferior, naturalmente corrupto, deficiente e deficitário, ou então, o bom selvagem rousseauniano, puro, naturalmente dotado e bem dotado, indefeso e corruptível, mas igualmente colonizáveis, cristianizáveis, aculturáveis, civilizáveis, escolarizáveis, liberalizáveis e ocidentalizáveis, e, em ambos os casos, escravizáveis e exploráveis pelo brilho sedutor do poder da mais valia do ouro estrangeiro proveniente dos estranhos territórios do Outro? (Miguel, 2014, p. 865)*

#### A NÃO TERRITORIALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE MIGRAÇÃO COM CRIANÇAS E A PESQUISA MULTI-LOCAL MULTISSITUADA<sup>47</sup>

Outra opção metodológica que adoto neste estudo parte da necessidade de revelar as contradições conceituais, espaciais e institucionais em que essas crianças se encontravam no decorrer de sua trajetória em busca da chegada ao norte (para algumas delas o México, para muitas outras, os Estados Unidos). Neste sentido, as barreiras nacionais encontradas por elas ao longo do caminho, também não poderiam servir de barreiras de análise. A abordagem transnacional, como aponta Besserer (1999, p. 216):

*“(...) propone que si incluimos los objetos, personas y símbolos que van más allá de las fronteras locales, regionales y nacionales, tendremos una perspectiva empíricamente más cercana a la realidad social que estudiamos.”<sup>48</sup>*

Romper essas barreiras com vistas a colocar em perspectiva crítica as práticas de desigualdade do capitalismo, foi fundamental para a análise posterior sobre as fissuras e contradições no processo de migrar.

Conforme descrevem Wimmer e Schiller (2002), a noção moderna de Estado foi criada em torno dos conceitos de *democracia, cidadania, segurança e auto-determinação nacional*, somada à distinção e qualificação do *povo* que pertence a este determinado Estado-nação. Esse povo é definido

---

<sup>47</sup> Ao longo do texto os dois termos – multi-local e multissituado – serão tomados como sinônimos.

<sup>48</sup> Tradução livre: “propõe que se incluimos os objetos, pessoas e símbolos que vão além das fronteiras locais, regionais e nacionais, teremos uma perspectiva empíricamente mais próxima da realidade social que estudamos.”

como *soberano, cidadão*, obrigatoriamente *solidário entre si* e pertencente a uma *comunidade étnica* (com suas diferenciações hierárquicas, porém com um senso de destino comum e de cultura compartilhada). Esses elementos, na noção moderna de Estado, têm sido, portanto, fundamentais para a definição de *pertencimento e não pertencimento* a este Estado-nação.

Deste modo, deve-se entender que a construção de Otridade (e não de alteridade)<sup>49</sup> é basilar na construção do Estado moderno (Dussel, 1997). Formas contemporâneas de reinscrever o nacionalismo não abriram mão deste ponto básico de distinção entre “seus nacionais” e os estrangeiros (*aliens*<sup>50</sup>) e, para isso, usa de recursos racistas, classistas e xenófobos conforme muito se viu na construção dos Estados-nacionais modernos.

O problema social em que esta tese se debruça está vitalmente conectado a tais práticas e elementos nacionalistas que reproduzem todos os mecanismos necessários para o “perfeito” funcionamento do capitalismo e a perpetuação da desigualdade estruturante no continente americano. Além disso, vem na construção de um Outro que além de sua nacionalidade, sua etnia e sua classe não serem merecedoras da atenção dos Estados por onde passam, sofre também pela questão geracional a que correspondem.

Guiar-se, portanto, por uma metodologia baseada nas fronteiras nacionais seria um enorme tropeço já nos primeiros passos no longo percurso da pesquisa. O nacionalismo metodológico me levaria a ignorar elementos substanciais dos percursos migratórios das crianças a partir de uma naturalização das fronteiras por onde passam e, ainda, impediria a problematização de determinadas categorias atribuídas a essas crianças e suas famílias.

Muitos dos estudos que não rompem com o nacionalismo metodológico, mas que possuem

---

<sup>49</sup> Reconhecer o Outro seria o primeiro passo da razão quando se reconhece fora de sua própria totalidade, um outro, por isso, distinto. A experiência colonizadora mostra que este Outro não é neutro, mas sim subalternizado, colonizável, saqueável. Somente por meio da construção da alteridade é que se torna possível reconhecer a diversidade daquele distinto, mas merecedor da inclusão na totalidade, merecedor de uma verdadeira igualdade.

<sup>50</sup> Termo usado pelas autoridades migratórias dos Estados Unidos.

uma perspectiva de análise crítica, tentam ultrapassar as barreiras do racismo e da xenofobia presentes na cultura e na legislação de determinados Estado-nação. Para isso, esses estudos objetivam comprovar que, apesar dos migrantes destruírem certos isomorfismos (Wimmer e Schiller, 2002) considerados importantes para a construção de um povo, eles podem contribuir de outras maneiras para o novo Estado nacional em que vivem. Isso quer dizer, apesar de desafiarem os conceitos de cidadania, de solidariedade comunitária, de pertencimento étnico, e da própria soberania, eles podem contribuir, na maioria das vezes, econômica e culturalmente ao novo país em que vivem.

Essa estratégia analítica tem certa validade, no sentido de criticar a repulsa prévia ao migrante, mas tropeça ao seguir alimentando, a partir do nacionalismo metodológico, a diferenciação entre o “nacional” e o “Outro”. Ou seja, define que dentre os vários “Outros” que podem chegar àquele território nacional pode-se definir uma hierarquia entre aqueles que são merecedores ou não de pontes de solidariedade.

Alguns exemplos se dariam sobre aqueles que renunciam à sua lealdade ao Estado-nação de origem, em contraponto àqueles em que seus laços seguem fortes e conectados – caso explícito das políticas antiterror do pós-11 de setembro. Ou ainda, àqueles em que o possível retorno socioeconômico seja evidente, frente àqueles em que se alega com facilidade os prejuízos do financiamento estatal – caso em que se encontram as crianças centro-americanas.

Quando as políticas de segurança nacional estão no centro da agenda política torna-se ainda mais grave seguir por essa estratégia de persistir no nacionalismo e flexibilizá-lo na recepção dos estrangeiros “interessantes”, pois acaba por reforçar o classismo e o racismo nas definições de atenção e proteção legal de um outro Estado.

Romper com isso consiste sim em um grande desafio analítico, já que muitas das barreiras migratórias porque passam essas crianças têm como origem o caráter nacionalista dos Estados. Contudo, encontrar e revelar esses elementos em uma pesquisa que ultrapassa o nacionalismo

metodológico não é uma contradição. Permite revelar de fato o grau de importância de determinadas barreiras, tais como as de caráter nacionalista, como também revelar suas conexões e relações com os demais aspectos transnacionais.

*(...) el rechazo del estado como contenedor socio-geográfico indicado para el análisis social de ningún modo significa que el estado ya no sea visto como una institución clave en el mundo moderno que tiene influencias profundas en procesos económicos, culturales y sociales. (Wallerstein, 2006, p. 92)<sup>51</sup>*

O nacionalismo metodológico quando aplicado a estudos sobre migração acaba por trazer apenas o enfoque da dinâmica de movimentação de pessoas entre Estados, deixando para trás movimentos “internos” que muitas vezes ajudam a explicar ou, simplesmente, são parte componente deste movimento “externo”. Além de desconsiderar os movimentos e experiências que são concebidos em meio e a partir do transnacionalismo.

Um exemplo de como o ponto de partida “nacional” influencia a análise e as categorias a serem utilizadas em um estudo centrado em “fluxos migratórios” e diz respeito à comum categorização dos países como: de origem, de trânsito e de destino. Colocados assim, os países – ou seja, as fronteiras nacionais – podem ser compartimentados dentro de “fases” de uma movimentação bastante linear, incapaz de representar a complexidade de decisões e de rumos que podem tomar as pessoas que decidem fazer tal percurso.

A solução metodológico-analítica encontrada para este trabalho possui correspondência nas ideias de Wallenstein sobre sistema-mundo. A partir deste ponto de vista, entender o Estado enquanto ator e seus mecanismos e estratégias é fundamental, mas isso não implica em considerar naturalizáveis suas fronteiras e as categorias construídas que garantem sua própria existência.

Apesar de considerar importantes e se fazer uso das críticas trazidas por Ulrich Beck (2000, 2003) a respeito do nacionalismo metodológico, este trabalho não optará pela solução metodológica

---

<sup>51</sup> Tradução livre: “a rejeição do estado como recipiente sócio geográfico mais indicado para a análise social não significa, de modo algum, que o estado não seja mais visto como uma instituição-chave no mundo moderno, com profundas influências nos processos econômicos, culturais e sociais.”

trazida por ele, denominada de cosmopolitismo metodológico. Tal proposta parte de um diagnóstico muito acertado sobre os problemas do encapsulamento metodológico em fronteiras nacionais, mas chega a conclusões não condizentes com a proposta e os resultados encontrados em campo. A ideia do cosmopolitismo metodológico tem como uma das premissas a de que há certo grau de distribuição democrática de determinados fenômenos entendidos como globais e, por isso, as fronteiras nacionais não ajudam na análise de seus efeitos. Entre os exemplos utilizados por Beck (2000), tem-se o dos efeitos socioambientais negativos que, segundo ele, atingem democraticamente a todos, não sendo útil, inclusive as diferenciações por classe social.

Este trabalho parte de perspectiva distinta, a de que se deve partir de uma análise crítica sobre as desigualdades<sup>52</sup>. Entendendo que, na lógica do capitalismo, a estrutura geopolítica se dá em torno de fronteiras nacionais definidas e justificadas em torno de efeitos – econômicos, políticos, culturais sociais – positivos e negativos distribuídos desigualmente. Desta maneira, problemas como os socioambientais ou os desastres naturais na atualidade não têm efeitos igualmente negativos para, por exemplo, os moradores de El Rodeo de Escuintla aos pés do Vulcão de Fogo na Guatemala ou ainda para os moradores de Miami após a passagem do Furacão Irma.

O contexto de migração de crianças nos desafia, já como ponto de partida, a escolhas metodológicas que permitam dar relevância aos tempos-espacos em que circulam os sujeitos e, assim, também possam evidenciar a conseqüente circulação de significados, objetos e identidades que vão sendo construídas e negociadas neste processo.

---

<sup>52</sup> Que não se percebeu encontrar nos textos de Ulrick (2000, 2003) lidos até aqui. As respostas apontadas pelo autor equivocam-se ao partirem do princípio que o nacionalismo metodológico não caberia num sistema global em que não estão contemplados os reais desequilíbrios deste sistema, pois baseia-se em argumentações teórico-econômicas já há muito derrubadas como o princípio da eficiência econômica e do equilíbrio entre produção e consumo. Por outro lado, o conceito de sistema-mundo nos ajuda a entender que não existem efeitos positivos e negativos que sejam democráticos, ou seja, que atinjam a todos de igual maneira. O sistema-mundo funciona a partir das desigualdades de distribuição de recursos (econômicos, sociais, políticos e culturais) e, em conseqüência, com a distribuição desigual de efeitos negativos, inclusive quando se trata de desastres naturais.

*Si consideramos que los conceptos de tiempo y espacio son variables socialmente construidas que el mundo (y el científico) utiliza para afectar e interpretar la realidad social, nos vemos frente a la necesidad de desarrollar una metodología con la cual coloquemos esas construcciones sociales en el centro de nuestro análisis pero en tal forma que no sean vistas ni utilizadas como fenómenos arbitrarios. (Wallerstein, 2006, p. 82)<sup>53</sup>*

Soma-se a isso a necessidade de um ponto de vista crítico sobre o sistema-mundo e as desigualdades imbricadas na migração centro-americana e mexicana rumo aos Estados Unidos. Diante disso, o debate sobre as formas de investigação etnográfica após o marco das críticas dos denominados pós-modernos<sup>54</sup> é fundamental para a definição, portanto, da investigação multi-local e multissituada em que se inseriu esta pesquisa.

*Esta clase de investigación define para sí un objeto de estudio que no puede ser abordado etnográficamente si permanece centrado en una sola localidad intensamente investigada. En cambio, desarrolla una estrategia de investigación que reconoce los conceptos teóricos sobre lo macro y las narrativas sobre el sistema mundo, pero no depende de ellos para delinear la arquitectura contextual en la que están enmarcados los sujetos. (Marcus, 111, 2001)<sup>55</sup>*

E assim se apresentou a problemática das crianças em processo de migração pelo espaço mexicano, passando pelas barreiras nacionais entre estes países e os Estados Unidos. A complexidade de rotas, fluxos e objetivos não permitiria que apenas um recorte no espaço-tempo fosse suficiente para captar a circularidade dessas crianças em migração ou trânsito. Porém, ao invés de entender isso como um grande problema, em realidade permitiu que, ao definir determinados “pontos de encontro” (entre pesquisadora e crianças), eu pudesse captar a circulação de significados, objetos e identidades muito importantes para as perguntas centrais da pesquisa.

---

<sup>53</sup> Tradução livre: “Se considerarmos que os conceitos de tempo e espaço são variáveis socialmente construídas que o mundo (e a ciência) utiliza para afetar e interpretar a realidade social, somos confrontados com a necessidade de desenvolver uma metodologia com a qual colocamos essas construções sociais no centro de nossa análise, mas, de tal forma, que não são vistas ou usadas como fenômenos arbitrários”.

<sup>54</sup> Este trabalho não se coloca diante do marco metodológico e teórico da pós-modernidade, seja por críticas a algumas de suas propostas de resolução seja por identificar em outros marcos metodológicos e teóricos uma maior identificação e adequação para o problema investigado. Porém, com isso, não vê prejuízo nenhum em salientar a importância que algumas das críticas pós-modernistas aportam e que geram positivas mudanças às ciências sociais.

<sup>55</sup> Tradução livre: “Esse tipo de pesquisa define para si um objeto de estudo que não pode ser abordado etnograficamente se permanecer centrado em uma única localidade intensamente pesquisada. Em vez disso, ela desenvolve uma estratégia de pesquisa que reconhece os conceitos teóricos sobre o macro e as narrativas sobre o sistema-mundo, mas que não depende deles para delinear a arquitetura contextual em que os sujeitos são enquadrados.”

Outro ponto importante sobre a investigação multi-local, é a capacidade de se centralizar no sujeito subalterno que, muitas vezes, na investigação etnográfica tradicional (portanto, uni-situada no espaço e uni-linear no tempo) acaba por ser estudado como paisagem, ou simplesmente de maneira incompleta, já que está multi-posicionado no sistema mundo.

Marcus (1995) aponta que a investigação multissituada permite uma transformação importante frente à antropologia comparativa. Essa opera sob uma perspectiva linear do espaço-tempo e tenta acomodar como homogêneas certas unidades de comparação que, em realidade, possui peculiaridades e heterogeneidades. Com isso, a investigação multi-local permite compreender o movimento e a não-linearidade do espaço-tempo.

*Así, en la etnografía multilocal, la comparación se efectúa a partir de plantear preguntas a un objeto de estudio emergente, cuyos contornos, sitios y relaciones no son conocidos de antemano, pero que son en sí mismos una contribución para realizar una descripción y análisis que tiene, en el mundo real, sitios de investigación diferentes y conectados de manera compleja. (Marcus, 2001, p. 115)<sup>56</sup>*

Além de compreender a mobilidade dos sujeitos, esta perspectiva permite entender que entre circularidades e rupturas, estes sujeitos não se encontram em “mundos aparte” a serem comparados, mas sim em conexões e justaposições que necessitam ser reveladas:

*La comparación se reintegra al mismo acto de especificación etnográfica a través de un diseño de investigación basado en yuxtaposiciones, en el cual lo global se colapsa en, y es vuelto parte integral de, situaciones locales paralelas y vinculadas entre sí, más que como algo monolítico o externo a ellas. Este movimiento hacia la comparación incorporada en la etnografía multilocal estimula los análisis de culturas ubicadas en un paisaje para el cual no hay hasta el momento una concepción teórica desarrollada o un modelo descriptivo. (Marcus, 2001, p. 115)<sup>57</sup>*

---

<sup>56</sup> Tradução livre: “Assim, na etnografia multilocal, a comparação é feita a partir de perguntas levantadas sobre um objeto de estudo emergente, cujos contornos, lugares e relações não são conhecidos de antemão, mas são em si uma contribuição para realizar uma descrição e uma análise que tem, no mundo real, campos de pesquisa diferentes e conectados de maneira complexa.”

<sup>57</sup> Tradução livre: “A comparação é reintegrada no mesmo ato de especificação etnográfica por meio de um projeto de pesquisa baseado em justaposição, no qual o global entra em colapso e se torna parte integrante de situações locais paralelas interligadas, e não como algo monolítico. ou externo a eles. Esse movimento em direção à comparação incorporada à etnografia multilocal estimula a análise de culturas localizadas em uma paisagem para a qual ainda não há concepção teórica desenvolvida ou modelo descritivo.”

A comparação a partir de uma investigação multissituada implica saber e revelar que os contextos e relações em que se encontram alguns sujeitos em um determinado espaço-tempo são resultado de ações e comportamentos de outros sujeitos situados em outros espaços-tempo. Assim, a investigação consegue alcançar as conexões entre esses sujeitos, suas ações, suas relações e seus contextos.

Diante deste paradigma metodológico, optou-se pela utilização mista de dois critérios de definição dos multi-locais pesquisados que permitiram tanto “seguir o sujeito” como estabelecer uma “etnografia estrategicamente situada” (Marcus, 1995). Isto significa que se optou por encontrar as crianças a partir de dois fluxos já revelados pela literatura e pelos relatórios das instituições governamentais e da sociedade civil: o golfo do México (fronteira Tamaulipas-Texas) e o golfo da Califórnia (Sonora-Arizona). E, devido a impossibilidade de acompanhar toda ou parte do trajeto que realizaram, conjugá-la com a estratégia de encontrá-los em um determinado ponto de seu trajeto. A que passei a chamar de “ponto(s) de encontro” – correspondentes aos fluxos 6 e 7, respectivamente, no mapa abaixo.

Mapa 1 – Corredor migratório da Região Andina, América Central e México até Estados Unidos



Fonte: Elvira Morán y Colectiva Infancias, 2017, para la exposición *Dreaming Up North*. Colectiva Infancias, 2017, El Museo del Barrio, NYC  
Disponível em: Álvarez Velsaco e Glockner Fagetti (2018)

Por último, a investigação multissituada considera ainda a importância do etnógrafo como “ativista circunstancial” (Marcus, 1995) ponto fundamental para a resolução de algumas das indagações epistemológicas que os estudos sociais sobre as infâncias também buscam solucionar, tal como a interferência ou não em situações de violência extrema (Araújo, 2013; Montgomery, 2007).

#### **D. ENTRANDO EM “CAMPO”<sup>58</sup> | OS DESAFIOS POSTOS À MESA**

As pesquisas de campo sofrem sempre com o problema da escassez de três importantes fontes de recurso: material, temporal e emocional. O esgotamento de qualquer um desses recursos pode ser determinante para os resultados encontrados por uma pesquisa. Normalmente, cada um deles se esgota ainda mais rápido conforme o outro também se finda. No caso específico deste projeto, não foi nada diferente.

E sobre isso, de maneira muito simbólica, sobre o que é considerado legítimo e desejável a ser pesquisado, o início de minha entrada em campo ocorreu junto a uma quase infundável luta administrativa para garantir que eu, enquanto servidora pública federal (Analista de Políticas Sociais), pudesse afastar-me pelo tempo necessário para realização da pesquisa. Entre outros pontos se indagava qual era o grau de relevância do tema (migração de crianças) para as políticas sociais e, ainda, o interesse que um país como o Brasil pode ter em uma agenda que é “apenas” da América Latina (em um entendimento que o Brasil está fora dela).

Paralelo a isso, tentava minha primeira entrada em campo com as instituições, tanto de governo como de sociedade civil, que trabalham com a temática na Cidade do México. A estratégia de aproximação foi feita tanto por levantamento dos contatos por meio de internet como a partir do auxílio de outras/os investigadoras/os familiarizados com o tema. Mesmo seguindo as formalidades necessárias, de protocolar pedido – no caso das instituições de governo – e de e-mails com as devidas

---

<sup>58</sup> Utilizarei o termo “campo” amplamente conhecido e utilizado pela academia, porém tendo como ressalva não se tratar este de uma delimitação espacial, física, territorializável. Neste “campo” estão intangibilidades físicas como os afetos e emoções e temporais como as experiências e os convívios.

cartas de recomendação da Universidade de Brasília e da Universidad Nacional Autónoma de México<sup>59</sup> ou ainda presencialmente, não foi possível ter abertura suficiente para garantir a realização da pesquisa no pouco tempo que ainda me restava sem o afastamento do trabalho<sup>60</sup>.

De volta ao Brasil, segui estabelecendo contatos com as/os demais investigadoras/os da área e, assim, pude estabelecer uma segunda estratégia: realizar a pesquisa a partir da fronteira norte do México. Para isso, o apoio de El Colegio de la Frontera Norte em Matamoros (Colef – Matamoros) foi fundamental para iniciar a aproximação junto às instituições de governo e da sociedade civil nesta região do estado de Tamaulipas.

O período de campo em Tamaulipas se iniciou formalmente em 15 de janeiro se estendendo até 30 de março de 2018. Neste período pude realizar atividades com 26 crianças e adolescentes que se encontravam albergados em três instituições: *Casa del Migrante* de Matamoros, *Centro de Atención al Menor Fronterizo* (CAMEF) de Matamoros e CAMEF de Reynosa.

Encerrando as atividades nestes dois pontos da fronteira norte do México, surgiu a oportunidade de receber o apoio do Observatorio de Investigación con las Infancias de El Colegio de Sonora (odiin/Colson) para realização de atividades naquele estado, que se configura como relevante no cenário migratório e com dinâmica muito distinta da encontrada em Tamaulipas. Com isso, de 10 de abril até 15 de julho de 2018 foi possível realizar conversas e atividades com mais 20 crianças e adolescentes no estado de Sonora que se encontravam em Hermosillo por ocasião da *Caravana Viacrucis – Migrantes y refugiados 2018* e em Nogales, atendidas pelo programa *Camino a Casa*.

Em todas essas inserções em campo (tanto em Matamoros, Reynosa como em Hermosillo) ficou bastante evidente a força e a importância de se trabalhar de maneira colaborativa e em coletivo

---

<sup>59</sup> Vide Anexo III.

<sup>60</sup> Neste período foi possível realizar entrevistas exploratórias às quais agradeço à Ignez Tristão, do Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BID), a Jesús García Roldán, médico do sistema DIF, e Sara Rentarías, antropóloga da UAM e ex-estagiária do sistema DIF.

quando as circunstâncias de trabalho do pesquisador trazem riscos à sua integridade física e emocional. Assim, muitas das histórias aqui contadas foram vivenciadas junto às pesquisadoras Tamara Segura e Valentina Glockner (ambas pertencente ao mesmo coletivo que faço parte), sendo possível trocar impressões, angústias e conclusões sobre o experienciado.

#### PARTICIPANTES E PROTAGONISTAS | QUEM SÃO E DE ONDE SURGEM SUAS HISTÓRIAS

As crianças que participaram da pesquisa foram selecionadas de diferentes maneiras de acordo com a instituição e as condições legal, emocional e de saúde em que se encontravam. Em geral, as crianças com quem se estabeleceu contato em Matamoros foram as que se encontravam no albergue no dia da visita, com raras exceções nos casos de adolescentes que permanecem muito pouco tempo nas instalações do albergue. Já na cidade de Reynosa, o número de crianças e adolescentes é especialmente grande – nos dias das visitas havia entre 30 a 40 crianças e adolescentes. Diante disso, contou-se com o apoio de servidor responsável pelas atividades educativas para convidar algumas dessas crianças e assim criar grupos menores. Apenas pedi para que fossem preferencialmente crianças da América Central e as de menor idade. Com isso, foram formados entre dois e três grupos de seis meninos e seis meninas (separadamente) em cada dia que se realizou visita.

As crianças participantes que se encontravam em Hermosillo estavam acompanhadas por pais e/ou familiares integrantes da Caravana de Migrantes e estiveram acampadas e albergadas nas seguintes instituições e/ou condições: Refeitório “Mateo 25:35”, Refeitório e Albergue “Vida Plena, Corazón Contento”, “Centro Hábitat Café Combate”, Igreja “San Luis Gonzaga” e acampamento temporário em frente ao Instituto Nacional de Migração (INM). As crianças que se encontravam em Nogales estavam sendo atendidas no albergue do Sistema de Desenvolvimento Integral para a Família (DIF). Em ambas cidades a estratégia adotada foi de aproximação espontânea por parte das crianças.

A desigual distribuição entre meninas e meninos na pesquisa se relaciona também com a diferente distribuição de meninas migrantes frente a quantidade de meninos, conforme registros oficiais. Nas cidades Matamoros, Reynosa e Nogales, onde a pesquisa foi

*Tabela 1 - Distribuição das crianças participantes por cidade e gênero*

Cidade	Gênero	
	Menina	Menino
Reynosa	4	15
Matamoros	2	5
Hermosillo	5	9
Nogales	1	4
<b>Total</b>	12	33

*Fonte: Elaboração própria*

realizada dentro das instalações do serviço de atenção do governo mexicano, foi priorizado e solicitado – sempre que possível – maior tempo com as meninas que aí se encontravam. Por entender que seriam raras as possibilidades de encontra-las. Portanto, no momento das visitas todas as meninas que aí se encontravam participaram da pesquisa.

Não havia, no caso dos meninos possibilidade de realizar atividades com todos. Sendo assim, nos casos de Matamoros e Reynosa, os participantes foram indicados pelos próprios profissionais responsáveis pelos serviços, e em Nogales, participaram aqueles que, no momento das atividades livres, quiseram se aproximar de onde estavam realizando as atividades. Já que a dinâmica neste centro era bastante distinta.

Em Hermosillo a dinâmica estabeleceu-se de maneira muito distinta, já que não se tratavam de crianças abrigadas em instalações do governo, mas sim como participantes de uma importante mobilização como a Caravana. O contato e aproximação com elas, por tanto, se estendeu por semanas, era mais livre e os fatores que facilitavam ou dificultavam a relação com elas relacionava-se a própria disposição das crianças em participar das atividades e da autorização dos pais expressa diretamente a eles ou a mim. Assim, não houve muita decisão entre se aproximar mais das meninas ou dos meninos.

*Tabela 2 - Distribuição de crianças participantes por cidade e idade*

Cidade	Idade	
	4  --- 13	13  --- 18
<b>Reynosa</b>	5	14
<b>Matamoros</b>	5	2
<b>Hermosillo<sup>1</sup></b>	12	2
<b>Nogales</b>	0	5
<b>Total</b>	22	23

*Fonte: Elaboração própria*

A princípio, a pesquisa tinha a pretensão inicial de realizar atividades de investigação apenas com crianças de oito até 12 anos, e assim foi dito e solicitado às instituições responsáveis pelas crianças. Porém, ao longo da pesquisa as contribuições das crianças e adolescentes

maiores de 12 anos além de recorrente, demonstrou ser mais do que pertinente.

Não se encontram como diretamente participantes da amostra três meninas e um menino que tinham entre oito meses a três anos no momento da pesquisa. Esta opção foi feita considerando que, nesses casos, os dados obtidos se deram a partir da relação estabelecida com as mães dessas crianças. Deste modo, suas informações não serão descartadas, mas sim abordadas em sessão específica no capítulo 04 (sobre “ser mãe na Caravana”) onde se tratará sobre os desafios da maternidade na migração de crianças. Todas as demais crianças, inclusive a de quatro anos, colaboraram ativamente realizando atividades que servirão como informações para a pesquisa.

*Tabela 3 - Distribuição de crianças participantes por cidade e país de origem*

Cidade	Nacionalidade			
	Honduras	El Salvador	Guatemala	México
<b>Reynosa</b>	14	1	4	0
<b>Matamoros</b>	3	0	1	3
<b>Hermosillo</b>	10	4	0	0
<b>Nogales</b>	0	0	0	5
<b>Total</b>	27	5	5	8

*Fonte: Elaboração própria.*

Dadas as explicações já realizadas sobre a maneira com que foi sendo composta esta amostra, a distribuição de países também corresponde, mesmo que de maneira mais acentuada, a distribuição

de crianças centro-americanas migrantes no cenário encontrado<sup>61</sup>. De todo modo, como não se trata de uma pesquisa quantitativa, mas sim qualitativa, estas possíveis sub-representações ou sobre representações são muito mais sentidas não pela quantidade de “entrevistados” alcançados, mas pela possibilidade de construir junto a eles, através de seus relatos e impressões, as diversas dinâmicas que compõem esse grande emaranhado migratório na região.

Sendo assim, aqui cabe mencionar que no caso das crianças participantes que vinham da Guatemala a aproximação e a possibilidade de aprofundamento em seus depoimentos (sejam por desenhos, redações ou conversas) foi marcado por maior dificuldade. Além do idioma – todas as crianças guatemaltecas falavam outra língua, predominantemente q’eqchi’<sup>62</sup> – também havia uma maior timidez e, até mesmo, receio de participar de algumas das atividades.

O que contrasta com a ativa e constante participação de algumas das crianças salvadorenhas (que quantitativamente comporiam o mesmo “peso” para a amostra). Com algumas delas, inclusive, foi possível estabelecer um contato que se estendeu mais que as semanas em que convivemos presencialmente e seguiu virtualmente sendo fonte de informação e de uma relação mais duradoura.

Por fim, as crianças de nacionalidade mexicana também não faziam parte do impulso inicial desta investigação. Porém, identificou-se que suas histórias e depoimentos constroem parte importante deste grande quebra-cabeças da migração infantil no México, mesmo que para isso seja necessário demarcar as complexas diferenças que se estabelecem entre elas e as demais crianças centro-americanas.

---

<sup>61</sup> Aqui vale adiantar que uma das maiores insistências que fiz e resistências que tive deram-se por conta do INM. Em Matamoros não foi possível realizar qualquer entrevista com seus funcionários responsáveis pelos NNA. Em Hermosillo, onde todas as crianças centro-americanas se encontravam sob tutela e nas dependências do INM, foram várias as tentativas. Todas elas frustradas. A exceção foi a entrevista dada por uma funcionária que não será identificada, mas que trouxe importantes informações sobre o cenário dos NNA “não nacionais” e não acompanhados.

<sup>62</sup> Idioma de origem Maia e um dos mais falados na Guatemala. A população da etnia que leva o mesmo nome está presente também em Belize e El Salvador. Mais informações serão apresentadas no capítulo 02.

No capítulo 01, entre os macro cenários apresentados, será possível trazer as definições legais e suas diversas implicações na interpretação sobre o status da criança migrante como acompanhada ou não acompanhada. Então, a definição aqui

*Tabela 4 - Distribuição de crianças participantes por cidade e status legal de acompanhamento*

Cidade	Status legal	
	Acompanhada/o	Não acompanhada/a
<b>Reynosa</b>	1	18
<b>Matamoros</b>	3	4
<b>Hermosillo</b>	14	0
<b>Nogales</b>	0	5
<b>Total</b>	18	27

*Fonte: Elaboração própria*

utilizada foi a mesma considerada pelas autoridades governamentais no momento da pesquisa.

Vale aqui mencionar outra vez que, a princípio, a pesquisa trataria, exclusivamente, de crianças consideradas não acompanhadas. Porém, assim como os fatores idade e nacionalidade, o status de “não acompanhado” necessitava ser analisado à luz da complexidade das dinâmicas de migração. Para isso, foi importante abrir mão deste filtro inicial para que, inclusive, fosse possível problematizar o uso desta categoria pelos atores e instituições relacionadas à migração de crianças. O que permitiu, ao final, questionar, inclusive quão acompanhadas verdadeiramente aquelas assim consideradas e quão não acompanhadas estão aquelas outras.

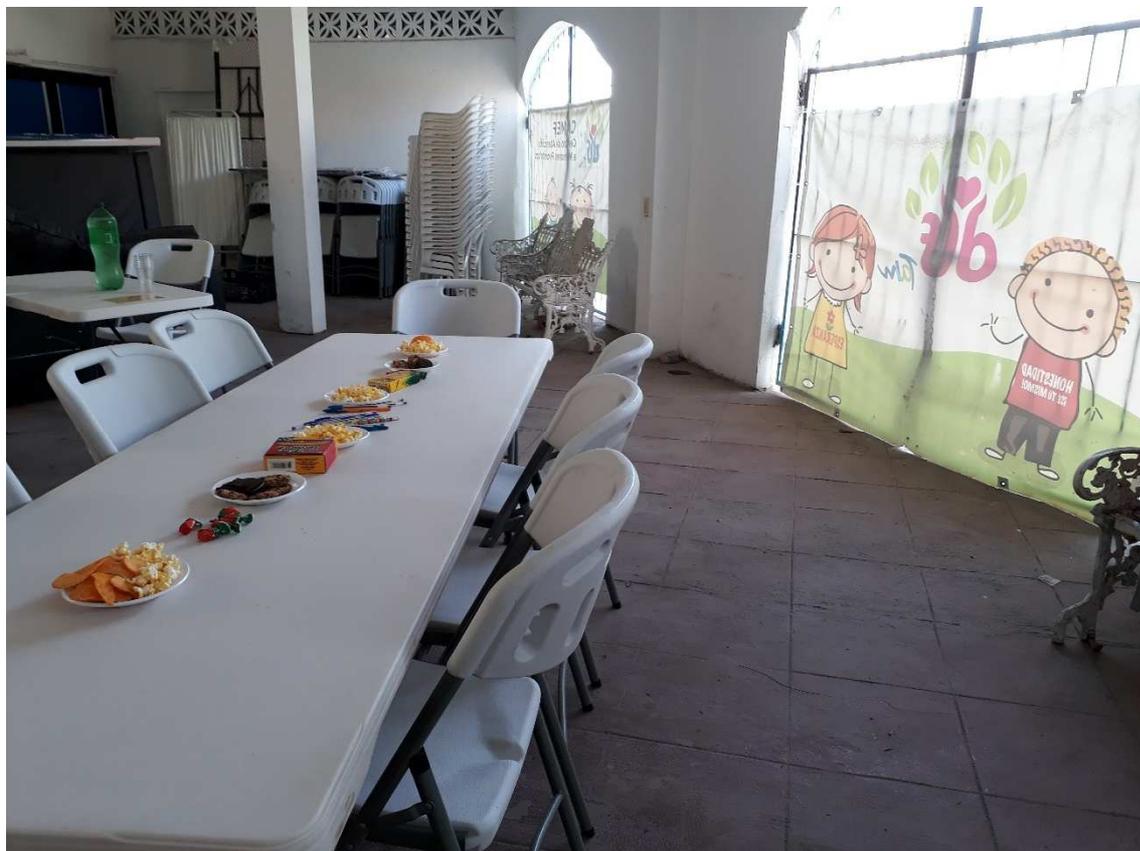
#### VIVÊNCIAS E AS DIFERENTES FORMAS DE CONTÁ-LAS | ATIVIDADES REALIZADAS EM CAMPO

Em uma pesquisa com crianças, de maneira geral, deve-se ter em mente a necessidade da adaptação e da flexibilidade em campo, seja pela personalidade, seja pela idade, seja por demais fatores que tornam a relação com as crianças muito mais imprevisível do que costumamos estar preparados. No caso específico das crianças que participaram dessa pesquisa foi necessário a todo tempo valer-me de técnicas diferentes para me adequar às limitações institucionais e às condições do ambiente e, acima de tudo, respeitar seu estado emocional, psicológico e suas vontades.

Diante disso, em alguns momentos as atividades foram realizadas: individualmente, outras vezes em grupo; de maneira dirigida, outras o mais livre possível; utilizando-se de materiais levados,

ou apenas os disponibilizados pela instituição, ou, ainda, nenhum tipo de material; em uma única intervenção e com tempo limitado, ou de maneira muito contínua e cotidiana.

*Fotografia 3 - Espaço para atividades no Centro da Atenção ao Menor Fronteiriço – Reynosa*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Reynosa, Tamaulipas, México 2018).*

Diante de tal diversidade de condições, ao final pude contar também com uma diversidade de tipos de materiais e informações. Entre eles estão:

1. **Desenhos** – no caso de desenhos dirigidos: quem eles são, onde vivem, o que fazem/faziam onde vivem/viviam, quem são as pessoas de sua família, o que imaginam que crianças e adultos fazem.
2. **Redações** – algumas crianças não queriam naquele momento ou simplesmente não gostavam de desenhar, mas estavam dispostas a escrever, assim se pediu também de forma dirigida que dissessem: quem são, onde vivem, que fazem onde vivem, quem são as pessoas de sua família e as diferenças entre crianças e adultos.

Fotografia 4 - Espaço para atividades no acampamento temporário da Caravana Povo sem Fronteiras em frente ao Instituto Nacional de Migração



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México 2018)

**Jogo de palavras** – primeiro apresentávamos uma palavra (que chamarei de “palavra incentivo”) e muito rapidamente as crianças tinham de responder com outra palavra em sua folha (as “palavras de reação”). A ideia era que escrevessem a primeira coisa que lhes passava pela mente. Algumas das palavras incentivo usadas foram: *fiesta, México, comida, tren, camión, trailer, país, Estados Unidos, trabajo, escuela, niño, frontera, abuelo, mamá, colores, dulces*<sup>63</sup>.

3. **Vídeos e fotografias** – com as crianças em que pude desenvolver confiança a partir do convívio – delas e de seus pais, suas mães e/ou responsáveis – pudemos desenvolver atividades em que o

---

<sup>63</sup> Tradução: festa, México, comida, trem, ônibus, caminhão, país, Estados Unidos, trabalho, escola, criança, fronteira, avô, mamãe, cores, doces.

registro por vídeo e/ou foto era tanto realizado por elas quanto por mim e assim pudemos contar um pouco de suas histórias<sup>64</sup>.

4. **Convivência e conversas** – realizadas durante a realização dessas atividades ou a partir de um convívio mais prolongado, mesmo que algumas "conversas" tenham sido feitas em silêncio por mímica e gestual com o corpo e as mãos. Algumas dessas conversas puderam ser registradas por áudio, muitas outras não.
5. **Diário** – também se adotou a estratégia em apenas quatro casos de, ao final, entregar um caderno para que realizassem anotações ou seguissem desenhando ao longo de seu trajeto. Apenas em um dos casos foi possível obter retorno parcial dos registros realizados.
6. **Contato telefônico e por redes sociais** – com algumas crianças foi possível seguir acompanhando sua jornada pela fronteira. Algumas o contato seguiu por telefone e WhatsApp, com mediação de suas famílias, e outras por meio do Facebook<sup>65</sup>, às vezes pelo perfil de seus pais às vezes por seus próprios perfis.

É tão somente por meio desta multiplicidade de estratégias que se torna possível a aproximação socio-antropológica que privilegia o regime de emoções em que estão inseridas essas crianças em cenários tão diversos quanto aqueles em que pudemos estar em contato. Ainda que tal diversidade de material tenha sido essencial para a construção das dinâmicas que serão apresentadas, fiz escolhas de recorte analítico que acabaram por colocar de fora neste momento algumas dos resultados diretos encontrados com o uso de cada uma dessas estratégias. Mas que serão, sem dúvida, úteis em termos gerais para esta tese e também em termos específicos para trabalhos futuros.

---

<sup>64</sup> Porém, optou-se por não serem trazidas, neste trabalho, fotos que identificasse seus rostos.

<sup>65</sup> Durante a pesquisa e depois de realizadas algumas visitas em campo, viu-se que a criação de um perfil no Facebook seria uma estratégia interessante para: entrar em contato instituições (que ou não respondiam aos meus contatos via e-mail ou que realmente não tinham outro meio de comunicação disponível); e seguir em contato com as crianças e/ou suas famílias. O perfil foi criado em 10 de abril de 2018 e trata exclusivamente sobre: o projeto, eventos e notícias relativos à problemática da migração infantil centro-americana rumo aos Estados Unidos; e, eventualmente, avanços do projeto. O perfil se chama "Niñas Niños Migración y Desigualdad" (<https://www.facebook.com/nna.migracionydesigualdad>)

Com o intuito de somar informações sobre o lado estadunidense da fronteira, foi possível ir a Tucson, Arizona, entre os dias 27 de maio e 09 de junho. Dadas as imensas dificuldades de acesso às crianças migrantes que se encontram nos Estados Unidos, o intuito maior foi de realizar entrevistas com ativistas, acadêmicos e profissionais que possuem experiência ou participam de projetos voltados às crianças migrantes. Nesta ocasião foi possível então conhecer um pouco mais de projetos de pesquisas desenvolvidos na Universidade do Arizona e os projetos realizados pelo Museu de Arte de Tucson e pelas organizações Owl & Panther e Florance Project.

Somadas a essas importantes fontes primárias de informação, esta tese também fará uso de informações fornecidas secundariamente, isto é, publicadas por instituições governamentais e de sociedade civil por meio de relatórios, informes ou mesmo por meios de comunicação como jornais e revistas. E que serão devidamente referenciadas ao longo dos capítulos.

É importante ressaltar que o trabalho realizado junto às crianças também exige cuidados posteriores à realização da pesquisa, ou seja, na análise e na divulgação dos resultados obtidos. Assim, desde as primeiras abordagens foi garantido o anonimato dessas crianças – mesmo daquelas em que declaradamente houve autorização por parte de seus pais de divulgação de nomes e imagens. Assim, todos os nomes aqui utilizados, seja das crianças, de seus pais e parentes, são fictícios. Há alguns foi possível solicitar que escolhessem o nome a ser adotado. Outros espontaneamente apresentaram-se para mim com nomes fictícios e ao saber que iria mudá-los, finalmente confessaram seus nomes verdadeiros e solicitaram que utilizasse aqueles escolhidos por eles. Outros pediram para que eu mesma escolhesse. Porém, a outros não foi possível abordar a questão por total insuficiência de tempo (nesses casos as próprias atividades planejadas chegaram a ser interrompidas). Em todos os casos em que coube a mim fazer a escolha desses nomes fictícios, busquei utilizar nomes com certa incidência em seus países, bem como contemplando as origens étnicas dos nomes verdadeiros.

Ainda buscando resguardar a segurança dessas crianças e das demais que podem seguir fluxos semelhantes, optou-se também por não dizer os nomes das cidades e povoados de onde vêm, assim, passei a adotar o nome da cidade maior e mais próxima (mesmo sabendo que, com isso, acaba por gerar distorções nas informações sobre seus lugares de origem).

Sendo assim, as fotos e desenhos foram ou editadas ou escolhidas aquelas em que seus rostos, seus nomes ou referências de origem não sejam reveladas. Mesmo no caso da Caravana, em que muitas dessas crianças tiveram seus rostos amplamente invadidos e divulgados, ainda assim, para este trabalho, optou-se por resguardar minimamente sua intimidade.

A agenda política internacional<sup>66</sup> – com apoio da mídia e da mobilização da opinião pública – encontra-se voltada para as graves e repetidas violações de direitos humanos que estão ocorrendo em pontos diferentes do globo terrestre em torno de uma temática em comum: a migração. Sob este conceito encontram-se circunstâncias de mobilidade humana bastante diversas, que englobam desde deslocamentos internos, solicitações de residência temporária e permanente, refúgio, asilo até uma migração considerada irregular ou mesmo como resultado de tráfico e exploração.

Cada região, cada país, cada grupo político, cada grupo étnico, cada família e cada indivíduo enredado neste grande cenário trazem elementos importantes para compor este grande quebra-cabeças social, cultural, geopolítico, econômico e histórico a partir de uma perspectiva multinível. No âmbito dos deslocamentos forçados<sup>67</sup> (aqui contemplando solicitantes de refúgio e asilo, migrantes considerados irregulares ou indocumentados<sup>68</sup> e aqueles que se deslocam internamente), este cenário toma contornos bastante mais complexos, pois a vulnerabilidade que os expulsa de seus lugares de origem torna o caminho e as decisões tomados ainda mais movediços.

Deve-se ter em mente que a chamada “crise migratória” mundial, além de contemplar tais cenários de vulnerabilidade, passa a ter maior relevância quando alcança o centro do sistema<sup>69</sup>, desafiando aos políticos deste mesmo centro de sistema – de linhas conservadoras até progressistas –

---

<sup>66</sup> Enquanto se elaborava esta tese, encontrava-se em discussão e, posteriormente, em aprovação o Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular (disponível em: <http://undocs.org/en/A/CONF.231/3>) e advinda da Resolução adotada em Assembleia Geral em 2016, conhecida como Declaração de Nova Iorque para Refugiados e Migrantes (disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/71/1](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/71/1)).

<sup>67</sup> Segundo ACNUR (2016), aproximadamente 67 milhões de pessoas se viram forçadas a deslocar-se de seus lugares de origem (seja como solicitantes de asilo, refúgio ou deslocados internos) no ano de 2016.

<sup>68</sup> Não existe um conceito internacionalmente aceito para tratar daqueles que entram ou residem de maneira não documentada. Aqui se considerará o conceito utilizado pela OIM para migração irregular: “movimentação que ocorre fora das normas regulamentadoras nos países de origem, trânsito e de destino”.

<sup>69</sup> Conforme conceitua Wallerstein (2005), o sistema mundo está subdividido entre centro e periferia de acordo com a desigual distribuição de capital e da distribuição do trabalho que possuem raízes não apenas econômicas mas também sociais, políticas, geográficas e históricas.

a refletir e agir em torno de dilemas que permeiam: a segurança nacional, os direitos humanos, os direitos sociais (e suas distinções entre nacionais e estrangeiros), o emprego e renda (formal e informal), as relações bilaterais e regionais etc.

A “crise” porque passam os países considerados de origem no contexto migratório e a situação que os força a fugir de seus lares ou de reunir-se com seus familiares (que já o fizeram), ocupa as margens dos jornais e as notas explicativas de algumas das análises de centro de sistema. Debruçar-se de fato às responsabilidades históricas dos países “receptores” pela complexa situação em que se encontram os países “expulsores” não está nem na agenda política oficial nem mesmo na agenda das mobilizações sociais. Tocar o fundo e a origem do problema é fundamental para deixar de entender o cenário atual como uma “crise”, que como tal alcançará, em breve, uma solução espontânea ou tão somente pontualmente elaborada.

No caso mais específico dos centro-americanos e mexicanos na fronteira com os Estados Unidos, repetidas “crises” vêm atingindo as manchetes de jornais e a comoção se torna ainda maior quando o tema revela os impactos causados nas crianças que se encontram neste contexto migratório. Tocar nas origens do processo é fundamental para alcançarmos as explicações e a real dimensão da migração de crianças nas diversas denominações legais e midiáticas: acompanhadas, não acompanhadas, separadas, traficadas, de circuito e tantas outras denominações usadas.

Com o intuito de buscar chaves explicativas e complementares, trarei um breve retrato do cenário em que essas dinâmicas vêm ocorrendo. Entendendo que estes cenários não se encontram demarcados em apenas um espaço-tempo, e sim são multissituados, no tempo e no espaço, devendo ser entendidos em níveis macro, meso e micro.

Primeiramente, trarei como macro-cenário a última fronteira que buscam cruzar. Fronteira esta que, na verdade, não está delimitada somente por um muro físico ou apenas uma faixa territorial do norte do México e do sul dos Estados Unidos, mas sim está definida a partir de uma fronteira de

desigualdade histórica no continente americano, conformando sua própria configuração territorial, a formação das identidades nacionais e os movimentos e mobilidades na América Central, México e Estados Unidos.

Em seguida, como continuação deste macro-cenário, será apresentado, ainda, de que maneira as leis, programas, acordos e demais políticas migratórias dos Estados Unidos e México compõem uma arquitetura ainda mais robusta e opressora do que os próprios muros físicos que vêm sendo construídos ao longo da linha divisória dos dois países, o que tornam a jornada ainda mais perversa e de oportunidades completamente assimétricas, mesmo em situações de vulnerabilidades muito semelhantes.

Aproximando o enfoque, trarei uma apresentação inicial do meso-cenário em que a pesquisa foi realizada, isto é, as regiões fronteiriças de Sonora-Arizona e de Tamaulipas-Texas. Essas regiões são um corredor migratório importante, que apesar de configurações geográficas, políticas e sociais bastante distintas, compartilham a fatalidade de destinos de tantos migrantes que pela inospitalidade geográfica e do Estado, perdem suas vidas buscando cruzar a grande cicatriz de desigualdade<sup>70</sup> do continente americano.

#### **A. CICATRIZ DA DESIGUALDADE| A FORMAÇÃO DA “FRONTEIRA LATINA” EM MOVIMENTO**

Compreender de maneira multidisciplinar as relações entre os países que compõem a América Central (aqui com especial atenção: El Salvador, Honduras e Guatemala) e a relação destes com os países da América Norte (enfocando México e Estados Unidos) nos ajuda a entender como se dá a composição deste espaço físico, bélico, político e ideológico em que se constrói essa grande fronteira no continente americano, ou o que aqui vamos chamar de *fronteira latina*.

---

<sup>70</sup> E para explicar a origem do termo que utilizo ao longo do trabalho, é necessário fazer a seguinte ressalva. Substituir o solitário trabalho acadêmico de gabinete pelo trabalho coletivo feito com base é estupidamente mais enriquecedor. O termo “cicatriz da desigualdade” apareceu em uma incrível discussão do *Colectiva Infancias*, em que Soledad Álvarez cunhou o termo, que aqui, muito modestamente passarei a conceituar e utilizar.

O termo “fronteira latina” faz alusão ao conceito cunhado por Santos Ramírez (2010) e se refere a três questões envolvendo a fronteira México-Estados Unidos: a) o processo de construção de uma identidade latina dentro dos Estados Unidos; b) a tendência de tornar mais visíveis um conjunto de nacionalidades latinas, especialmente centro-americanas; c) uma posição ideológica do autor (e de certa forma encontrado junto aos migrantes em sua pesquisa de campo) sobre a necessidade de unificação e integração entre países latino-americanos para estabelecer melhores negociações entre esses países e também frente aos Estados Unidos. Assim, o termo “fronteira latina”, retoma o significado positivo de fronteira, resgatando a possibilidade de ultrapassá-la a partir de uma identidade construída de maneira minimamente unitária<sup>71</sup>.

Neste grande cenário em que se encontram essas dinâmicas migratórias, a arquitetura dessa fronteira ainda demonstra ser muito mais dura e austera. Ela é composta por muros, legislações, políticas internacionais, armamentos e ameaças que se encontram em uma relação completamente desarmônica com a escala humana. Assim, mesmo entendendo a importância do reforço positivo e identitário deste espaço, deve-se tornar evidente a grande distorção histórica, geopolítica e social que constitui essa grande fissura no continente e, com isso, o significado negativo de fronteira, a *cicatriz da desigualdade*.

---

<sup>71</sup> Ainda que uma ressalva deva ser feita: a identidade de latinos torna-se mais evidente quando estes encontram-se nos EUA. E, de certa forma, passam a ser entendidos de uma maneira homogênea que não corresponde a própria identificação entre este grupo. Um mexicano empreendedor com status de residente não se reconhece como pertencente ao mesmo grupo que um salvadoreño solicitante de asilo. Uns são “mais latinos” que outros.

Fotografia 5 – Intervenções no Muro em Nogales: “Nuestros sueños de justicia no los detiene ningún muro”<sup>72</sup>



Crédito: Elisa Sardão Colares (Nogales, Sonora, México 2018).

Para chegar – e entender – a essa grande fronteira, muita caminhada e muita história precisam ser contadas, a começar mais ao sul, no istmo do continente americano, por onde as culturas do sul e do norte, das metrópoles e das colônias (de antes e de agora) se conectam. A América Central em seu papel histórico de ponte continental forma-se a partir de uma longa história de violências e explorações que dão contorno a essa grande cicatriz da desigualdade que, de certo modo, definem essa fronteira latina.

Integrações e desmembramentos marcam a história da região da América Central como fruto das diferenças políticas, sociais e culturais entre esses países. A “istimicidade” não foi, portanto, fator suficiente para garantir a unidade e a integração dessa sociedade tão diversa (Granados Chaverri,

---

<sup>72</sup> Tradução livre: “Nossos sonhos de justiça não serão impedidos por nenhum muro”

1986). Tais diversidades se vêm refletidas nos ciclos de dominação e violência ora perpetrada pelos colonizadores europeus, ora pelas oligarquias locais, ora por representantes da hegemonia capitalista (neo)liberal. Em meio a tão grandes interesses, grupos étnicos originários da região e a sociedade constituída de tal profusão de interesses políticos foi ao longo do século procurando encontrar identidades nacionais inspiradas em valores muitas vezes estranhos a sua própria formação.

O surgimento da República Federal de Centroamérica<sup>73</sup> – que, ao mesmo tempo em que se independentizava da coroa espanhola, desvinculava-se ao território mexicano –, em 1824, marcou o início das integrações e posteriores desintegrações do território ístmico. Em menos de vinte anos, problemas econômicos e sociais resultantes de um colonialismo extrativista e sanguinário demonstraram que entre as oligarquias locais dificilmente se encontraria estabilidade para uma integração nacional duradoura, aos moldes do federalismo estadunidense (Aguilera Peralta, 2016; Vitorino, 2016).

A configuração e o contorno das fronteiras nacionais dos países dessa região – Guatemala, Belize, El Salvador, Honduras, Costa Rica, Nicarágua e Panamá – são marcadas por disputas e litígios que perduram até os dias de hoje (Acuña Ortega *et al.*, 2014). Não só devido a esses conflitos relacionados às definições territoriais, mas também pelas importantes especificidades culturais, étnicas, políticas e econômicas, há de se entender a América Central muito mais como uma região do que com uma sociedade homogênea<sup>74</sup> (Granados Chaverri, 1986).

Do início até meados do século XX, o contexto político e as sucessões presidenciais na América Central e Caribe estavam marcados por violentos episódios e pela intervenção estadunidense

---

<sup>73</sup> A República Federal Centro-americana adveio de uma integração anterior denominada *Provincias Unidas del Centro de América*. A sua composição territorial aparentemente é controversa. Não há dúvidas quanto a presença dos países que hoje constituem Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua e Costa Rica. Mas a presença de Belize e Panamá não é consensual. Segundo Granados Chaverri (1986), isso se dá por ora privilegiar-se o aspecto histórico, ora o geográfico sobre a formação desta República.

<sup>74</sup> “Muchísimo más espinoso resultaría definir Centroamérica como una región homogénea, vale decir, como un territorio donde uno o unos rasgos relevantes presentan continuidad.” (Granados Chaverri, 1986, p. 80)

em busca de acordos e tratados regionais que os favoreciam e permitiam que grupos alinhados aos Estados Unidos seguissem – ou tomassem – o poder na região. As Conferências de 1906 e 1907, a Conferência de Washington de 1923 e o Processo de Paz na década de 1980 demonstram que, apesar de não mais haver, na América Central, uma busca pelo unitarismo ou pelo federalismo nacional, as estratégias de conciliação voltavam-se aos interesses econômicos dos dois países do norte – principalmente Estados Unidos e subsidiariamente o México – junto às elites locais<sup>75</sup> (Vitorino, 2016).

Mesmo diante das dificuldades encontradas para uma integração regional, o imaginário integracionista seguiu repercutindo em projetos de desenvolvimento econômico nas décadas de 50 e 60 do século XX. Com apoio da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e com o marco de um processo de industrialização na região, novas configurações sócio-políticas levaram ao *Tratado General de Integración Económica Centroamericana*, em 1960 (Aguilera Peralta, 2016; Torres-Rivas, 2007).

Em um contexto de Guerra Fria, as disputas políticas nacionais sofriam constantemente a interferência declarada dos Estados Unidos – como a retirada do governo de Jacobo Arbenz Guzmán na Guatemala, em 1954 –, demonstrando que longe de buscar uma estabilidade política para esses países, as iniciativas de integração voltavam-se essencialmente para metas econômicas que contemplavam o plano de hegemonia deste país no continente. Foi diante deste contexto que se criou a zona de livre comércio centro-americana e que foi possível dar início a um crescimento econômico baseado no projeto de industrialização cepalino (Aguilera Peralta, 2016).

---

<sup>75</sup> Lembrando que é ao encerrar do século XIX que Estados Unidos travam guerra com a Espanha a fim de demarcar seu domínio nas ilhas do Caribe (culminando no domínio de Puerto Rico, por exemplo). E em 1904 os Estados Unidos retomam o projeto abandonado pela França, no século anterior, de construção do Canal Interoceânico do Panamá (Aguilera Peralta, 2016; Torres-Rivas, 2007).

Entre as décadas de 70 e 80, Nicarágua, El Salvador e Guatemala<sup>76</sup> se vêm imersos por uma tensão política repressora levando-os a “*un clima de guerra civil [que] fue envolviendo a todos los actores en un camino sin regreso.*” (Torres-Rivas, 2007, p. 109). Os processos revolucionários insurgidos desafiavam as elites alinhadas às políticas dos Estados Unidos, fazendo com que esses passassem a ter papel fundamental no fortalecimento bélico na região (Granados Chaverri, 1986; Torres-Rivas, 2007).

Com a nova reconfiguração geopolítica após a queda do Muro de Berlim (1989), o discurso voltado para o combate ao comunismo enfraqueceu consideravelmente o investimento e a intervenção estadunidense na região ao mesmo tempo em que se viu uma massiva deportação de centro-americanos que vivam nos EUA. Soma-se a isso um processo de desmilitarização e redemocratização que não passou por uma verdadeira reestruturação social frente a problemas históricos, como a pobreza e o crime organizado. Diante disso, vê-se a chegada e o fortalecimento das *maras* e *pandillas*<sup>77</sup> principalmente na região denominada de “Triângulo Norte Centro-americano” (Aguilera Peralta, 2016; Gandásegui, 2016).

---

<sup>76</sup> Guatemala entre 1964 e 1996 com o crescimento das *Fuerzas Armadas Rebeldes* (FAR) e do *Ejército Guerrillero de los Pobres* (EGP) e a *Organización del Pueblo en Armas* (ORPA), na Nicarágua entre 1970 e 1979 com os conflitos entre a burguesia liberal e a *Frente Sandinista de Liberación Nacional* (FSLN) e em El Salvador entre 1980 e 1992 com as *Fuerzas Populares de Liberación* (FPL) e o *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) (Torres-Rivas, 2007).

<sup>77</sup> As *maras* e *pandillas* é a maneira como são conhecidas as gangues urbanas compostas predominantemente por jovens organizados em torno de práticas normalmente criminalizadas em seus países, porém não surgem necessariamente ligadas ao narcotráfico. As primeiras nascidas em bairros na costa oeste dos Estados Unidos, nas décadas de 40, e que dão, até os dias de hoje, contornos muito específicos na violência nesses países

Mapa 2 – América Central e suas fronteiras nacionais na atualidade



Fonte: Google Maps

A região que compreende El Salvador, Guatemala e Honduras, apesar de seguir contendo especificidades históricas e constitutivas, compartilha desafios que permitem encontrar nesta sub-região certa equivalência. Fazendo referência, portanto, ao triângulo equilátero presente no brasão formador da República Centroamericana<sup>78</sup>, o denominado Triângulo Norte Centro-Americano (TNCA), mais do que compartilhar uma proximidade geográfica, esses três países dividem um histórico de massiva emigração em um contexto de violência e de dilemas socioeconômicas similares.

Somados, esses países concentram 80% da população em situação de pobreza e 85% em extrema pobreza na América Central, sendo que representam 65% da população dessa mesma região.

---

<sup>78</sup> Conforme apresenta Granados Chaverrí (1986) o brasão da Federação Centro-americana contava com um escudo de armas das províncias unidas em um triângulo equilátero, com a simbologia que se vê presente no escudo adotado pela Nicarágua até início do século XXI.

Além disso, têm 30% da população jovem (entre 14 e 25 anos) que não se encontra nem no sistema educacional nem no mercado formal de trabalho. Soma-se a este grave cenário, as taxas mais altas de homicídios, três vezes mais altas que os demais países da América Central<sup>79</sup> (Guatemala, 2015; Universidad Rafael Landívar *et al.*, 2016).

Em 2013, contabilizou-se que 3,2 milhões de centro-americanos viviam nos Estados Unidos, sendo que 84,9% eram provenientes da região conhecida como Triângulo Norte – respectivamente, 39,5%, 16,9% e 28,5% de El Salvador, Honduras e Guatemala (U.S. Customs and Border Protection, 2016). Segundo dados do Programa Nacional de Competitividade da Guatemala (PRONACOM), 9% da população desses três países decide por migrar (Universidad Rafael Landívar *et al.*, 2016).

Os três países em questão encontram-se entre os países da América Latina com maior pobreza infantil total ao lado de Bolívia, Peru e Nicarágua, isto significa que mais de dois terços de menores de 18 anos desses países encontram-se em situação de pobreza. Considerando os dados que trazem o cenário em que se encontravam esses países nos anos em que nasciam grande parte das crianças e adolescentes que fizeram parte desta pesquisa, tem-se um retrato bastante significativo da infância no TNCA.

De acordo com relatório da CEPAL e UNICEF (2010) em que se aborda voltado para o diagnóstico de pobreza infantil na América Latina, tem-se que a incidência de extrema pobreza entre crianças de 0 a 17 anos na Guatemala era, em 2006, de 42,7% enquanto que em El Salvador, em 2004, era de 39% e em Honduras, em 2007, era de 29,2%. De acordo com os padrões da Organização Mundial de Saúde (OMS), Guatemala possuía, em 2002, 17,7% de suas crianças de 0 a 5 anos em situação de desnutrição global (baixo peso para a idade), e a assustadora soma de 54,3% delas em desnutrição crônica (baixa altura para a idade). Honduras, em 2001, vinha logo em seguida com

---

<sup>79</sup> Honduras possui o pior índice mundial, com taxa de 90,4 homicídios a cada 100.000 habitantes, El Salvador aparece com taxa de 41,2 e Guatemala apresenta o valor de 39,9.

12,5% de crianças em desnutrição global e 34,5% em desnutrição crônica. El Salvador, com melhores índices ainda alcançava 5,5% em desnutrição global e 24,6% em desnutrição crônica, em 2003. Já com relação a situações relacionadas privações de moradia, El Salvador possuía, em 2004, 79,3% de crianças em situação considerada grave a moderada-grave, o pior índice da região, seguido de Guatemala, que chegava a 67,6%, em 2006. Honduras, apenas atrás de Bolívia, Nicarágua e Perú, apontava, em 2007, para 48,9% de suas crianças em tal situação.

Neste cenário, as explicações para emigração massiva de centro-americanos para os Estados Unidos, além de apontar causas econômicas, demonstra a tendência que a pobreza e a desigualdade social sejam elementos cruciais neste macro-cenário (Camaño Torres, 2018). Outra explicação, diz respeito à “convergência demográfica”, isto é, países de base demográfica estreita, passam a receber massivamente jovens provenientes de países de base demográfica bastante larga. Porém, conforme nos aponta Besserer (1999), nos últimos anos essa chave explicativa passa de dar conta do fenômeno no TNCA, que além de haver um estreitamento de sua base da pirâmide por fatores como a queda da fertilidade, combinados à própria evasão de seus jovens.

O cenário migratório nestes países traz uma combinação bastante problemática entre dois fatores sociodemográficos. De um lado os jovens em fase laboral estão massivamente fora de seu país de origem e, por meio do envio de remessas, são responsáveis quase que exclusivamente pela manutenção de suas famílias (composta predominantemente por idosos e crianças), e de outro, a grande quantidade de retornados ou deportados passam a ter cada vez uma média de idade maior, com grandes dificuldades de absorção no mercado de trabalho local. Assim, o trabalho infantil, torna-se não só necessário e inevitável, como insuficiente em absorver toda a necessidade laboral para auxiliar no sustento da família.

Diante deste cenário, em que a ausência de perspectiva só não é mais angustiante do que as diretas ameaças e violências sofridas por tantos centro-americanos, olhar ao norte e para a grande

“fronteira latina” passa a ser mais do que uma esperança, ou um “sonho americano”, mas sim, a única resposta encontrada para seguir com vida. Cabendo, contudo, perguntar: o que de fato significa olhar ao norte?; que fronteira (ou fronteiras) é essa que encontram em seu caminho?

Para entender de maneira mais profunda como tais esperanças assentam-se neste macrocenário, faz-se necessária uma abordagem em perspectiva histórica sobre as relações entre Estados Unidos e México. Para isso, faz-se necessário retornar à formação das fronteiras nacionais entre os dois países fruto da guerra iniciada em 1846 entre México e Estados Unidos, que ficou conhecido, por um lado, como a Independência do Texas, e por outro, a Cessão Mexicana (Besserer, Gil e Oliver, 2008; Piñeiro e Landa, 2018). Neste episódio, finalizado com o Tratado de Guadalupe Hidalgo, o México perdeu cerca de 40% de seu território e os Estados Unidos passou a contar com os atuais estados da Califórnia, Nevada, Utah, além de frações de terra hoje pertencentes ao Arizona, Novo México, Colorado e Wyoming. A doutrina do destino manifesto<sup>80</sup> inaugurava, assim, sua expansão e colonização no continente americano de modo a ressurgir-se e reinventar-se nas mentes estadunidenses até os dias atuais.

Após definidos, portanto, como os limites nacionais entre México e Estados Unidos foram estabelecidos tal qual conhecemos atualmente – a fronteira como extensão terrestre de mais de 3 mil quilômetros – é que se pode começar uma análise mais crítica sobre a circulação e penetração desde mercadorias e outros recursos materiais até pessoas, ideias e culturas nas fronteiras.

Muitos e interessantes estudos de distintos matizes teóricos foram capazes de apresentar histórica, econômica e politicamente as origens da migração “latina” aos Estados Unidos (Aguilar Dorado, 2014; Baeninger *et al.*, 2018; Besserer, Gil e Oliver, 2008; Meneses, 2014; Sarabia, 2012). Os estudos transfronteiriços, principalmente na região México-Estados Unidos, são solo fértil na

---

<sup>80</sup> Baseada na ideia de virtude divina dos americanos dos EUA, que deveria servir inspiração colonizadora para toda a América do Norte.

reflexão sobre os fluxos migratórios, sobre as mudanças de perfil populacional, análises de políticas públicas, transformações culturais, desafios socioambientais e impactos econômicos entre a fronteira sul dos Estados Unidos com a América Latina.

Para explicar as dinâmicas migratórias das crianças com quem essa pesquisa trabalhou, autores como Santos Ramírez (2010) e Slack e Whiteford (2010), assim como trabalhos institucionais, ajudam a entender a violência como central nos processos histórico, geográfico, social e demográfico que configuram e reconfiguram a fronteira México- Estados Unidos extrapolando o espaço físico que representa.

É importante termos como ponto de partida um dos grandes marcos históricos sobre a migração do México até os Estados Unidos. O “Programa Bracero”, como ficou conhecido, surgiu em 1942 a partir de acordo laboral realizado entre México e Estados Unidos, em que este incentivava, neste primeiro momento, a ida de milhares de homens mexicanos a trabalhar nos campos açucareiros da Califórnia. Em seguida, e em decorrência da Segunda Guerra Mundial, o programa também incentivou a ida de trabalhadores para a manutenção das ferrovias estadunidenses.

O Programa foi uma solução de interesse econômico para os Estados Unidos, carregada de suposições prévias de cunho biologizante. O relatório da Comissão de Migração dos Estados Unidos, ainda em 1911, apontava o mexicano como trabalhador temporário ideal por ser “biologicamente destinado” a voltar a sua casa, como pontua Bhabha (2014, p. 36)

Além da possibilidade de entrada documentada e da liberação para o trabalho, os mexicanos aderentes ao programa deviam ter garantidos o transporte de retorno ao México e condições sanitárias e alimentares adequadas. As dificuldades impostas ao trabalhador eram inúmeras. Por exemplo, não havia acesso a contas bancárias no país estrangeiro e nem meios para enviar remessas à família no México. Apenas após ajustes realizados em 1951, alguns novos termos foram negociados entre os

dois países, mas mesmo com isso, o Programa seguia fundado por práticas discriminatórias que levavam à exploração laboral e péssimas condições de alojamento e alimentação (Craig, 2014).

Até a década de 60, o programa seguia sendo importante forma de renda e um dos primeiros maiores fluxos de mexicanos rumo aos Estados Unidos. Alguns fixando-se em território estadunidense e outros acompanhando o próprio ciclo agrícola de semeadura e colheita e, assim, circulando entre as fronteiras dos dois países. Em seu auge, em 1959, o Programa chegou a alcançar 437 mil trabalhadores e em todo seu período de funcionamento, estima-se que mais de 4,5 milhões de trabalhadores foram contratados (Roy Rosenzweig Center for History and New Media *et al.*, [s.d.]). No processo histórico recente, este foi um marco importante para fazer da fronteira a margem de separação temporal ou permanente entre as famílias mexicanas como tentativa de melhoria nas condições socioeconômicas.

A análise documental feita pelo arquivo público “Bracero Archive” (Roy Rosenzweig Center for History and New Media *et al.*, [s.d.]) aponta um fluxo parecido de trabalhadores mexicanos indocumentados nos campos estadunidenses nesse mesmo período, a grande parte cruzando o Rio Grande<sup>81</sup>. Neste período, já crescia o muro na fronteira, não construído com cimento ou concreto, mas com a total falta de dignidade reservada ao trabalhador por meio da legislação do país ao norte, adicionada aos operativos militares de massacre àqueles considerados indocumentados.

Exemplo de importância histórica deste último foi Operação “Wetback”<sup>82</sup>, que em 1953 expulsou mais de 1 milhão de mexicanos<sup>83</sup> que trabalhavam de maneira indocumentada nos campos do Texas, principalmente. A operação criminalizava e estimulava o retorno “voluntário” dos

---

<sup>81</sup> Por onde seguem passando tantos migrantes de maneira clandestina até os dias de hoje.

<sup>82</sup> O termo “wetback” (que em tradução literal seria “costas molhadas” e em espanhol seriam os “mojados”) é um termo pejorativamente utilizado pelos estadunidenses para se referir àqueles que cruzam a fronteira entre México e Estados Unidos de maneira indocumentada. Fazendo referência àqueles que cruzam, mais especificamente pelo Rio Grande.

<sup>83</sup> Além da expulsão, a Operação foi capaz de conter significativamente o fluxo de novos migrantes. Quando em 1955 se contabilizava a entrada de 250 mil trabalhadores indocumentados, em 1960 este número não passava dos 30 mil (Craig, 2014, p. 129).

trabalhadores, mas não gerava qualquer punição aos empregadores, ao contrário, estimulava que aderissem ao Programa Bracero de forma a pagar sob as mesmas condições os trabalhadores documentados trazidos pelo Programa.

Como uma das soluções encontradas pelo governo mexicano para dar conta dos altos índices de desemprego alcançados a partir do cancelamento do Programa Bracero em 1964, iniciou-se já no ano seguinte o Programa de Industrialização da Fronteira. Este programa incentivava a abertura de fábricas na faixa de 20 quilômetros da fronteira norte do país. Primeiro, sob uma ótica de substituição de importações e, posteriormente, e com maior crescimento, voltado quase que exclusivamente para a exportação. O grande crescimento econômico e demográfico deste segundo período deveu-se fortemente à assinatura do Tratado de Livre Comércio Norte-Americano (TLCAN). Neste cenário, principalmente na década de 90, vê-se uma grande transformação no estado de Tamaulipas, que antes consistia em um grande campo agrícola, e passou a ser um grande parque industrial (Contreras e Munguía, 2007; Turner Barragán, 1982).

Em meio a esses incentivos aparentemente equilibrados entre os membros do Tratado, a fronteira México e Estados Unidos foi sendo, desde então, cada vez mais reforçada não somente pela construção de obstáculos físicos e pelo aparato bélico, mas também por leis cada vez mais rigorosas<sup>84</sup>. Restava claro que a famigerada globalização e a livre circulação só se dariam em termos mercadológicos (e até onde interessa a uma das partes deste desequilibrado acordo) (Andreas, 1999; Gutmann, 2008).

Com a entrada dos anos 2000, o cenário das relações entre os dois países se altera sensivelmente. Desde as consequências da crise dos anos 90 nos Estados Unidos até mesmo na

---

<sup>84</sup> É nas décadas de 80 e 90 que vão sendo reforçadas e executadas as primeiras medidas voltadas para a construção de muros em diversos pontos da fronteira, além da revisão da Lei Simpson-Rodino, da elaboração da Lei de Reforma e Controle da Imigração no governo Ronald Reagan, da Lei de Responsabilidade Migratória no governo Bill Clinton e de realização de diversas operações de forte aparato bélico na fronteira (Besserer, Gil e Oliver, 2008; Chacón, 2018).

diminuição do estímulo à indústria pesada mexicana, e aumento para a indústria leve e a prestação de serviços. Vê-se também grande reforço às ideias anti-imigrantes e no consequente reforço das fronteiras como resposta ao 11 de setembro. Alcançando um cenário cada vez mais recrudescido para a chegada de novos migrantes e para os que já ali esperavam por sua regularização (Besserer, 2014; Escobar Latapí, 2006; Martínez, Slack e Martínez-Schuldt, 2018).

## **B. CRUZAR MUROS E FRESTAS| A ARQUITETURA LEGAL E POLÍTICA DE PUNIR E (MAIS QUE) CONCEDER**

Mesmo não sendo o propósito maior o levantamento de todas as possibilidades legais que abrangem as tão diversas situações de migração, refúgio, asilo ou trânsito, um apanhado inicial sobre algumas das possibilidades de acolhida legal a migrantes nos Estados Unidos e no México, que se encontram vigentes no ano de 2018, ajudam a entender como as leis contornaram as histórias dos protagonistas dos capítulos seguintes.

O primeiro deles diz respeito ao conceito central para o problema de pesquisa aqui apresentado: o conceito de crianças não acompanhadas. Segundo consta na legislação estadunidense, são consideradas “*unaccompanied alien child*” (UAC)<sup>85</sup>, aquelas crianças estrangeiras com idade inferior a 18 anos que não possuem qualquer status legal de migração e que não possuam pais ou responsáveis legais nos Estados Unidos ou nenhum pai ou responsáveis legais que não se disponibilizem a fornecer os cuidados e a custódia física desta criança<sup>86</sup> (U.S. National Archives e Records Administration, 2008).

Segundo a legislação dos EUA a custódia dessas crianças fica a cargo do Departamento de Saúde e Serviços Humanos (HHS, por sua sigla em inglês) mais especificamente aos cuidados do

---

<sup>85</sup> Tradução livre: “criança estrangeira não acompanhada” (porém vale ressaltar que o termo alien também faz menção a estranho, exótico e, mais exatamente, alienígena).

<sup>86</sup> Conforme Código dos Estados Unidos, 6 U.S.C. § 279(g)(2), referente à Segurança Interna: “the term “unaccompanied alien child” means a child who: (A) has no lawful immigration status in the United States; (B) has not attained 18 years of age; and (C) with respect to whom: (i) there is no parent or legal guardian in the United States; or (ii) no parent or legal guardian in the United States is available to provide care and physical custody.”

Escritório de Reassentamento de Refugiados (ORR, por sua sigla em inglês) voltado especialmente para a recepção de crianças e famílias. As crianças não acompanhadas, ou UAC, ficam albergadas em um dos abrigos mais de 100 espalhados em 17 estados (ORR-ACF, 2018).

O encaminhamento dessas crianças a albergues somente passou a ser adotado como regra após o Acordo de Flores (FSA, por sua sigla em inglês). Antes disso, a detenção era utilizada como regra e o encaminhamento destas crianças a albergues da sociedade civil ou famílias de cidadãos estadunidenses era a rara exceção. O Acordo de Flores deu-se como resultado da ação judicial em que colocava em questão a detenção em instalações federais (à época a cargo do então Serviço de Imigração e Naturalização) de crianças não acompanhadas.

O processo colocava em evidência pontos cruciais sobre a “grande violação legal” imputadas a essas crianças. Os principais dilemas eram: a) por serem estrangeiras ("*aliens*") estão ou não suspensos seus direitos constitucionais de liberdade individual? Se não estão, b) por serem crianças (e, assim, tendo em conta o "interesse superior da criança") sua proteção pode ser justificativa para a o confinamento em condições similares à prisão (sem que haja nenhum crime cometido)? Se não poderia, c) o “interesse superior da criança” poderia ser resguardado por albergues comandados pela sociedade civil? Ou deveria caber ao governo a garantia de seus direitos?

As respostas, portanto, de como passariam a ser recebidas e encaminhadas as crianças não acompanhadas passou a ser definido pelo Acordo de Flores<sup>87</sup>. A partir de então, a detecção e a detenção das crianças permaneciam mantidas, mas elas passavam a estar sob a responsabilidade do Escritório para Reassentamento de Refugiados. Nos casos em que se avalia haver possibilidade de conceder refúgio, essas crianças são encaminhadas a abrigos que contemplem a proteção e o tratamento digno.

---

<sup>87</sup> O FSA definiu os padrões gerais para a garantia do tratamento humano de crianças sob custódia federal, mas não incorporou o “interesse superior da criança”, não reconhecendo, portanto a normativa internacional (Terrio, 2015).

Por sua vez, a legislação mexicana sobre crianças e adolescentes sofreu recentemente grande alteração culminando na “Ley General de los Derechos de Niñas, Niños y Adolescentes” (LGDNNA, por sua sigla em espanhol), que entre outros marcantes avanços traz em seu capítulo 19 uma série de previsões voltadas para crianças e adolescente migrantes (México, 2014a).

A LGDNNA define caber a todos os órgãos o atendimento de crianças e adolescentes (NNA, por sua sigla em espanhol) independentemente de sua nacionalidade, mas salienta ser de responsabilidade do Instituto Nacional de Migração e do Sistema DIF a obrigação de fomentar a proteção de NNA migrantes conforme as diretrizes dispostas na referida lei, assim como na Lei de Migração (México, 2011). É esta última mencionada lei que conceitua como NNA não acompanhados todas aquelas crianças, nacionais ou estrangeiras, menores de 18 anos, que estejam no território mexicano sem a companhia de um familiar consanguíneo ou uma pessoa que comprove ter sua representação legal<sup>88</sup>.

Ao serem detectadas pelo INM, devem passar a ser recebidas e assistidas por agentes federais da migração voltados especificamente para a proteção e garantia dos direitos humanos dessas crianças e adolescentes não acompanhadas, conhecidos como Oficiais de Proteção da Infância (OPI). Embora existam desde 2007, sob o marco do “Modelo de Protección de los Derechos de los NNA Migrantes y Repatriados No Acompañados”, os OPI não estão explicitamente previstos pela nova lei migratória mexicana. Nesta nova lei há apenas breve menção a pessoal interno ao INM especializado na proteção da infância (e capacitado em direitos de crianças e adolescentes). Estes deverão ser responsáveis por realizar entrevistas aos NNA com fins de identificar sua identidade, seu país de nacionalidade ou

---

<sup>88</sup> Conforme artigo 3, XVIII: “todo migrante nacional o extranjero niño, niña o adolescente menor de 18 años de edad, que se encuentre en territorio nacional y que no esté acompañado de un familiar consanguíneo o persona que tenga su representación legal” (México, 2011).

residência, sua situação migratória, o paradeiro de seus familiares e responsáveis, além de identificar necessidades particulares de proteção, atenção médica ou psicológica<sup>89</sup>.

Existem, portanto, diferenças sensíveis entre os conceitos da legislação mexicana e estadunidense<sup>90</sup>. O primeiro deles é que a lei de migração mexicana contempla os próprios nacionais dentro desta configuração, fazendo valer aos seus e aos estrangeiros previsões legais de proteção similares na grande parte das circunstâncias. Outro ponto diz respeito a quem está autorizado, ou não, ser considerado acompanhante legal dessas crianças.

Ao mesmo tempo em que a ampliação do conceito na legislação mexicana permite abranger maiores circunstâncias de arranjos familiares, torna-se possível à tradicional prática de coyotagem<sup>91</sup> lançar mão de arranjos legais que permitem seguir acompanhando essas crianças. Por fim, apesar de soluções distintas, vê-se a necessidade de criação de estruturas governamentais aparentemente voltadas para a proteção e garantia de direitos das crianças, mas que na prática se mostrarão muito mais voltadas para uma situação de detenção e deportação em massa.

Não há previsão na legislação mexicana para um visto ou permissão de trânsito aos migrantes que passam pelo México buscando alcançar a fronteira norte<sup>92</sup>. Para a obtenção de um visto

---

<sup>89</sup> Artigo 112, inciso IV: “Personal del Instituto, especializado en la protección de la infancia, capacitado en los derechos de niñas, niños y adolescentes, entrevistará al niño, niña o adolescente con el objeto de conocer su identidad, su país de nacionalidad o residencia, su situación migratoria, el paradero de sus familiares y sus necesidades particulares de protección, de atención médica y psicológica. Un representante de la Comisión Nacional de los Derechos Humanos podrá estar presente en estas entrevistas, sin perjuicio de las facultades que le corresponden al representante legal o persona de confianza del niño, niña o adolescente” (México, 2011).

<sup>90</sup> E conforme levantam Lilian Chavez e Cecilia Manjívar, há também grande diversidade nos termos encontrados: “Children who migrate without their parents can be categorized in a number of ways, depending on the definitions and policies in place, as well as on the political responses to their migration. Thus, these children are often identified as juvenile aliens, unaccompanied minors, separated minors, juvenile asylum seekers, and/or refugee children, unaccompanied immigrant children, unaccompanied alien children, unaccompanied juveniles aliens, refugee children, and asylum children seekers. each categorization reflects the policies and positions of receiving or transit countries regarding this phenomenon, and each triggers varied policy responses, including legal actions that can lead to immediate deportation, which are based on the technicalities of the definition used”. (Chavez e Manjívar, 2010, p. 73)

<sup>91</sup> Assim denominada a atividade dos *coyotes*, *guías*, *polleros* (cada denominação aplicável a algumas diferenças contextuais, mas que para fins deste trabalho serão utilizados como sinônimos) que consiste em auxiliar no trajeto e na travessia de migrantes indocumentados.

<sup>92</sup> Ainda assim, poderá ser visto no capítulo 04 que possibilidades podem ser construídas, ainda que com um custo de ação coletiva e de mobilização da mídia bastante alto.

temporário são normalmente exigidos (além de passaporte e foto) a apresentação dos seguintes comprovantes: de legalidade da estância no México, de residência em seu país, de solvência econômica (que significa comprovar ter conta bancária com saldo superior a mil dólares) e/ou de estudos no país por período menor que 180 dias (México, 2011).

Há casos em que não é necessária a solicitação de visto de trânsito: países que existam acordos bilaterais de dispensa de visto (na América Central os únicos países com que México não tem acordo são Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua); possuir visto dos Estados Unidos; ou ser residente permanente Canadá, Estados Unidos, países da União Europeia<sup>93</sup>, Japão e Reino Unido .

O visto por razões humanitárias<sup>94</sup> é concedido no México em casos de a pessoa ter sido testemunha ou vítima de crime no território mexicano (contemplando, portanto, casos como os de sequestro e tráfico de pessoas), àqueles que solicitam asilo político ou de refúgio e proteção. Um terceiro caso previsto aponta justamente aos NNA não acompanhados<sup>95</sup>, quando se definir que assim se contemplará o “interesse superior da criança”(México, 2011).

Já os países centro-americanos possuem leis de proteção às crianças que datam da década de 90 e de princípios dos anos 2000. Em Honduras e Guatemala, por exemplo, as leis voltadas à infância – respectivamente o “Código de la Niñez”, de 1996, e a “Ley de Protección Integral de la Niñez y

---

<sup>93</sup> Em realidade a informação oficial da Secretaria de Relaciones Exteriores do México faz referência aos países pertencentes ao Acordo de Schengen que consiste justamente nos países da União Europeia.

<sup>94</sup> Curioso notar que ao visitar o site da embaixada do México em Honduras, encontra-se: “Visa por razones humanitarias: Este tipo de visa sólo se otorga por estado grave de salud de un familiar directo que se encuentre en México, por reconocimiento o recuperación de cadáver o por interés público.” (Disponível em: <https://embamex.sre.gob.mx/honduras/index.php/cooperacion/2-uncategorised/851-qvisa-por-razones-humanitariasq>)

<sup>95</sup> “Artículo 74. Cuando así convenga al interés superior de la niña, niño o adolescente migrante extranjero no acompañado, dicho niño, niña o adolescente será documentado provisionalmente como Visitante por Razones Humanitarias en términos del artículo 52, fracción V, de esta Ley, mientras la Secretaría ofrece alternativas jurídicas o humanitarias temporales o permanentes al retorno asistido. En el Reglamento se establecerá el procedimiento que deberá seguirse para la determinación del interés superior de la niña, niño o adolescente migrante no acompañado” (México, 2011).

Adolescencia”, de 2003<sup>96</sup> – incorporaram as principais recomendações contidas nas convenções internacionais<sup>97</sup>.

Por outro lado, em El Salvador, a legislação se volta eminentemente para a concepção de proteção à família (conforme sua Constituição de 1983, o Código de Família de 1993 e a Lei Processual da Família, de 1994). Entretanto, em seu Código Civil – após a alteração sofrida pelo Decreto Legislativo nº 689 de 1993 – é onde se define a infância e adolescência<sup>98</sup>. Ainda em 1993, foi criada a “Ley del Instituto Salvadoreño para el Desarrollo Integral de la Niñez y la Adolescencia” que estabelece a “Política Nacional de Atención al menor”, mas que se restringe basicamente à proteção de crianças órfãs e seu processo de adoção.

Já o aparato estatal voltado para a prevenção ou acolhimento das crianças deportadas e retornadas tem alcançado algumas melhorias, mas segue sendo bastante preocupante. Os esforços estatais possuem em si as marcas de um histórico de defesa da segurança nacional e de suas fronteiras, de modo que, em Honduras, por exemplo, a única possível estratégia preventiva encontra-se sobre responsabilidade do Instituto Hondurenho para a Infância e a família (IHNFA) que conta com escassez de recursos e de instrumentos próprios para atender crianças em situação de violência. Em contraposição ao papel das Forças Armadas do país que, apoiadas e financiadas pelo governo dos Estados Unidos, têm se responsabilizado pela detenção de suas próprias crianças antes que cruzem

---

<sup>96</sup> Anteriormente o marco legal era dado pelo Código de Menores de 1979.

<sup>97</sup> Pela legislação hondureña: “ARTICULO 1. Las disposiciones contenidas en este Código son de orden público y los derechos que establecen en favor de los niños son irrenunciables e intransigibles. Para todos los efectos legales se entiende por niño o niña a toda persona menor de dieciocho años. La niñez legal comprende los períodos siguientes: La infancia que se inicia con el nacimiento y termina a los doce (12) años en los varones y a los catorce (14) años en las mujeres y la adolescencia que se inicia en las edades mencionadas y termina a los dieciocho (18) años. Los mayores de esta edad pero menores de veintiún (21) años toman el nombre de menores adultos. En caso de duda sobre la edad de un niño, se presumirá mientras se establece su edad efectiva que no ha cumplido los dieciocho (18) años”. Pela legislação guatemalteca: “ARTICULO 2. Definición de niñez y adolescencia. Para los efectos de esta Ley se considera niño o niña a toda persona desde su concepción hasta que cumple trece años de edad, y adolescente a toda aquella desde los trece hasta que cumple dieciocho años de edad.”

<sup>98</sup> Conforme “Art. 26.- Llámase infante todo el que no ha cumplido siete años; impúber, el varón que no ha cumplido catorce años y la mujer que no ha cumplido doce años; menor adulto, el que ha dejado de ser impúber; mayor de edad, o simplemente mayor, el que ha cumplido dieciocho años; y menor de edad o simplemente menor el que no ha llegado a cumplirlos.”

suas fronteiras. Esse problema ainda se agrava com o crescimento do número de crianças equatorianas que passaram a chegar em Honduras para se juntar às hondurenhas para realizarem suas jornadas rumo ao norte (Alvares Velasco e Guillot Cuéllar, 2012).

Em El Salvador as entidades responsáveis pela proteção às crianças, o Conselho Nacional da Infância e da Adolescência (CONNA) e o Instituto Salvadoreño para o Desenvolvimento Integral da Infância e da Adolescência (ISNA), não tem como atribuição a recepção das crianças repatriadas, mas sim o serviço de migração que não possui qualquer direcionamento específico para essas crianças. Em 2012, foi criado o Conselho Nacional para Proteção e Desenvolvimento da Pessoa Migrante e sua família (CONMIGRANTES), mas ainda carece de informações a respeito dos impactos deste Conselho na recepção das crianças retornadas.

Por fim, na Guatemala, a Secretaria de Bem-Estar Social (SBS) junto à Procuradoria-Geral (PGN) são responsáveis por receber os repatriados, porém carecem de toda sorte de recursos, o que se reflete na ausência de atenção às especificidades das crianças desacompanhadas e mais gravemente às crianças indígenas que não são entrevistadas em suas línguas maternas.

A legislação que rege a multiplicidade de situações em que chegam os estrangeiros nos Estados Unidos é de grande complexidade. Mesmo aqueles que trabalham dedicadamente em prestar assistência jurídica a migrantes essa é considerada a mais complicada das legislações estadunidenses. E, ainda assim, é o único tipo de processo em que não há previsão de representação legal obrigatória. Quando o sujeito a ser representado é uma criança ou adolescente, pode-se imaginar o quão gravosas são as consequências<sup>99</sup>.

Outra matriz a ser considerada diz respeito às principais previsões de programas e políticas voltadas para a possível recepção salvadorenhas, hondurenhas e guatemaltecos os quais vão refletir

---

<sup>99</sup> Conforme alerta Susan Terrio (2015, p. 13): “In the absence of parents U.S. immigration law treats children as functional adults in terms of substantive rules, evidentiary requirements, and burden of proof criteria without giving them the necessary safeguards for their developmental immaturity, cultural incapacity, and special vulnerability.”

diretamente no contexto do macro-cenário legal a que as crianças participantes da pesquisa e seus familiares se viram submetidos.

O primeiro deles é o Status de Proteção Temporária (TPS, por sua sigla em inglês). O TPS é designado pelo Departamento de Segurança Interna (DHS, por sua sigla em inglês) em relação a nacionais de um determinado país que cheguem imediatamente aos Estados Unidos após a ocorrência de um evento considerado extraordinário e de caráter temporário – como conflito armado reconhecido, desastre natural ou epidemia. Essas pessoas precisam ainda preencher alguns requisitos, como a permanência contínua nos Estados Unidos, a solicitação de status dentro de determinado período, além de não possuir registros de delitos no país de origem. O status de proteção não é o mesmo que o asilo, que pode ser solicitado de maneira independente (e a negativa a ele, em tese, não afeta o TPS já concedido).

Em 2018, os países em que tinham previsão de emissão de TPS eram: El Salvador, Haiti, Honduras, Nicarágua, Nepal, Somália, Sudão, Sudão do Sul, Síria e Iêmen. Aos países centro-americanos e caribenhos, os eventos que deram origem ao status de proteção pelos Estados Unidos são todos de caráter de desastre natural. Em El Salvador e Haiti a origem foram seus terremotos (em 2001 e 2010, respectivamente) e em Honduras e Nicarágua, o furacão Mitch em 1998.

A cada país é prevista data de finalização do status de proteção que gira em torno de 10 anos, podendo estender-se por designação do DHS. Porém, desde 2017, o DHS passou também a restringir prazos antes não alteráveis, afetando diretamente a vida e os planos daqueles que se resguardam por este aparato legal. Esse é o caso dos nicaraguenses que poderiam permanecer até 2019 e ao final de 2017 já tiveram seus status suspensos e também será com os salvadorenhos e haitianos que teriam até 2020 para permanecer, porém receberam o anúncio de suspensão ainda em 2018.

A análise sobre a população TPS de origem haitiana, salvadorenha e hondurenha, realizada por Warren e Kerwin (2017) torna bastante evidente a importância de certificar-se que o fim do

benefício desse status deve preceder uma séria avaliação das condições de retorno dessas pessoas, além de proporcionar caminhos viáveis para a solicitação de residência permanente nos Estados Unidos. Em um total de 325 mil TPS, esses três países somam quase 95% dos beneficiados (são 302 mil mais precisamente). Entre 81% a 88% dos beneficiados desses três países estão empregados, uma porcentagem muito acima da média nacional (63%) e da média de estrangeiros no país (66%). Mais de 67 mil chegaram aos Estados Unidos com menos de 16 anos e quase 31 mil já estão há mais de 20 anos no país. Mais de 27 mil deles estão atualmente casados com algum residente legal nos Estados Unidos. E hoje já se somam 273 mil filhos de TPS nascidos nos Estados Unidos.

Outro marco importante sobre a recepção de centro-americanos é o resultado do processo judicial, iniciado em 1985, conhecido como *American Baptist Churches v. Thornburgh*. O Acordo ABC, como ficou conhecida a resolução deste processo, permitiu suspender uma massiva deportação de guatemaltecos e salvadorenhos que solicitavam asilo antes de 1990 e que, por tratamento comprovadamente discriminatório, haviam sido ou já deportados, ou encontravam-se ilegalmente nos Estados Unidos, ou, ainda, encontravam-se aguardando resolução de seu status migratório. Apesar de ter ocorrido há tantos anos, as repercussões deste acordo refletem-se até hoje nas famílias transnacionais centro-americanas, como era o caso da família de Kevin e Natalie, que conheceremos no capítulo 4. E também revela o tratamento discriminatório que ainda hoje se pode encontrar nos processos de solicitação de asilo.

A Lei de Ajuste para Nicaraguense e de Ajuda a Centro Americanos (NACARA, por sua sigla em inglês) foi um último passo legislativo ocorrido na década de 90, a fim de dar alternativas a massivas deportações que estavam ocorrendo após a negativa de solicitações de asilo a nicaragüenses, cubanos, salvadorenhos, guatemaltecos, nacionais de países ex-União Soviética e seus dependentes. Com as ameaças àqueles que detém o status de TPS, o NACARA passou a ser um dos principais caminhos adotados pelos centro-americanos (ao menos daqueles países previstos na Lei). Segundo o

Serviço de Cidadania e Migração dos Estados Unidos (USCIS, por sua sigla em inglês), entre 21 de junho de 1999 a 31 de agosto de 2017 foram enviadas 211.041 solicitações de asilo previstos pelo NACARA, sendo já aprovadas 184.169 dessas petições (U.S. Citizenship and Immigration Services, 2017).

A conjunção de diversas leis e atos legislativos estadunidenses<sup>100</sup> preveem ainda o que se denomina o “Status Especial de Imigrante Juvenil” (SIJ, por sua sigla em inglês). A classificação se aplica a crianças e adolescentes que sofreram violência ou abuso que impossibilitam que se reunifique com um ou ambos os pais (incluindo os casos em que tais abusos ocorreram dentro de instalações do governo ou sob sua custódia). Para especialistas jurídicos atuantes no ramo, sem dúvida a maior dificuldade para conseguir ser contemplado por esse status diz respeito à paupérrima investigação feita com cada uma das crianças, além de que, em alguns casos, é possível que se identifique por profissionais voluntários a violência sofrida, mas seus laudos são ignorados pelas autoridades governamentais.

Na administração Obama não se alcançou esperados avanços na política de recepção de mexicanos e centro-americanos. Algumas medidas tomadas frente à repercussão das recorrentes “crises” relacionadas a quantidade de crianças e adolescentes chegando ao país de maneira não acompanhada inclusive tornaram a situação ainda mais grave. A aparente priorização no tratamento legal de crianças não acompanhadas e mulheres com crianças pequenas na verdade consistia em deportação massiva e pouquíssimos dias até a sessão de julgamento no tribunal, não sendo possível o devido processo e muito menos a representação legal dessas crianças nem dessas mães (American Immigration Council, 2015).

---

<sup>100</sup> Segundo o Manual de Política Migratória (U.S. Citizenship and Immigration Services, 2018), são elas: a Lei de Imigração de 1990, diversas Emendas a Lei de Imigração e Nacionalidade de 1991, a Lei de Imposições de Imigração e Nacionalidade de 1994, a Lei de Apropriações de 1998, a Lei de Violência contra as Mulheres de 2005 e a Lei de Proteção às Vítimas de Tráfico.

De acordo com o American Immigration Council (2015), o objetivo declarado por esta nova política do governo Obama era de concentrar esforços no processamento daqueles em que a travessia de fronteira havia sido entre o dia 1º de maio e 09 de julho de 2014 – data em que foi expedida a Ordem Executiva (U.S. Department of Justice, 2014). Deste modo, as Cortes de Migração dos EUA deveriam priorizar os seguintes casos: (1) crianças desacompanhadas que recentemente tivessem atravessado a fronteira sudoeste; (2) famílias que recentemente tivessem atravessado a fronteira e estavam mantidas em detenção; (3) as famílias que cruzaram a fronteira recentemente, mas estavam em "alternativas à detenção" (normalmente utilizando tornozeleiras eletrônicas) e (4) outros casos de detenção.

O agendamento para a audiência das crianças desacompanhadas deveria passar a ocorrer dentro de 21 dias desde o recebimento do caso. Estes casos passaram a ser conhecidos como “*rocket dockets*”<sup>101</sup>, quando essas crianças, sem sequer haver tempo para que lhes fosse garantida qualquer assistência jurídica, eram obrigadas a explicar porque não deveriam ser deportadas com o risco de, ao não conseguir explicar seus motivos, serem retornadas ou convidadas a “voluntariamente” deixar os Estados Unidos (American Immigration Council, 2015).

Por outro lado, o governo Obama, buscando dar atenção aos migrantes conhecidos como “*DREAMers*”<sup>102</sup>, expediu medida executiva em 2012, denominada DACA (por sua sigla em inglês) e que se volta àqueles jovens (com menos de 31 anos) que chegaram aos Estados Unidos quando crianças (antes de completar 16 anos) e que não possuíam status legal até 2012 (U.S. Citizenship and Immigration Services, 2018). O programa visa dar alternativas a deportação de 1,9 milhões de jovens elegíveis para o programa. Em 5 de setembro de 2017, quando a administração Trump anunciou o

---

<sup>101</sup> Tradução livre: audiências-foguete.

<sup>102</sup> O termo, ao mesmo tempo em que se refere a ideia, um tanto pejorativa, do “sonho americano” que foi base explicativa por muito tempo da migração de mexicanos até os Estados Unidos, também se refere àqueles que se beneficiariam do Dream Act. Este assim conhecido como uma abreviatura de “*Development, Relief, and Education for Alien Minors Act*” – que pode ser traduzido como “Lei de Desenvolvimento, Alívio e Educação para Menores Estrangeiros” – assinado em 2001 e que não foi renovado pelo Congresso estadunidense no governo Obama.

fim do programa, 689.800 jovens eram atendidos pelo DACA. As duas principais garantias do programa são a não deportação pelo prazo de 2 anos (renováveis) e a autorização para trabalhar. A maior parte de beneficiados pelo DACA é de mexicanos (74,9%), logo seguidos dos três principais países *expulsores* da América Central: El Salvador (4,0%), Honduras (2,7%) e Guatemala (2,5%). Cerca de 30% chegou aos Estados Unidos entre os anos de 1999 e 2001 e outros 31% tinham menos que 5 anos de idade (Singer e Svajlenka, 2013).

Ainda em 2014, pressionado pela repercussão da denominada crise humanitária de crianças não acompanhadas chegando aos Estados Unidos, Obama convocou reunião com os presidentes de El Salvador, Honduras e Guatemala a fim de dar início ao projeto intitulado de “*Alianza para Prosperidad del Triangulo Norte de la América Central*” ou apenas Plano Prosperidade (*Plan Prosperidad*), como ficou conhecido.

O Plano Prosperidade contaria com recursos orçamentários aprovados pelo Congresso dos EUA, dos países do Triângulo Norte<sup>103</sup> e dos bancos financiadores<sup>104</sup>. Voltado inicial e prioritariamente ao setor privado e ao mercado financeiro que o apoia, o Plano chegou a ser definido como o plano “três por três”<sup>105</sup>: três países que se unem e contam com as ações de três atores – o governo, o setor privado, e os “sócios cooperantes” do acordo<sup>106</sup>. Restou então

---

<sup>103</sup> Uma das principais críticas ao Plano é de que os recursos governamentais dos três países não se configuram como novos recursos, isto é, já faziam parte dos orçamentos nacionais e agora encontram-se nomeados como voltados para o Plano Prosperidade (GUATEMALA, 2016).

<sup>104</sup> Difícil identificar de fato o orçamento previsto e efetivamente gasto até o momento pelo o Plano, segundo o levantamento “Avances 2015 y el Plan 2016”, tem-se que: “En los proyectos de presupuesto 2016 que cada uno de los países ha preparado y que actualmente se encuentran en consideración por parte de las Asambleas Legislativas, han sido asignados recursos públicos por un total de US\$2,857 millones en acciones y proyectos alineados con el Plan. De ese monto total, El Salvador ha destinado US\$1,014 millones en su proyecto de presupuesto, así como Guatemala y Honduras asignaron recursos por US\$875 millones y US\$968 millones respectivamente.” (GUATEMALA, p.10, 2015).

<sup>105</sup> Como noticiado por diversos veículos de comunicação no momento de lançamento do plano e de acordo com falas de representantes do BID. Conforme disponível em: <https://www.icndiario.com/2015/02/27/bid-vamos-a-trabajar-mano-a-mano-con-el-triangulo-del-norte/>

<sup>106</sup> A saber: Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e a Embaixada dos Estados Unidos.

sublinhada a ausência da sociedade civil na construção inicial do plano<sup>107</sup>.

Apesar de indicar a preocupação com a infância, foram apresentados como principais objetivos do plano: estimular o setor produtivo; desenvolver alternativas de emprego aos jovens; melhorar a segurança pública e o acesso à justiça; fortalecer as instituições com vistas a aumentar a confiança dos cidadãos frente aos Estados. Mesmo reconhecendo que ações nesta perspectiva devem beneficiar crianças e adolescentes da região de modo a minimizar os contextos de vulnerabilidade a que estão sujeitos, mais uma vez vê-se a elaboração de planos de desenvolvimento sem haver qualquer centralização, de fato, sob a perspectiva das crianças.

Não se deve perder de vista que o Plano Prosperidade tem como horizonte maior a contenção dos números relativos à entrada de migrantes nas fronteiras dos Estados Unidos. Para tanto, e sob este ponto de vista, o crescimento econômico e o fortalecimento do uso da força pelo Estado são entendidos como ferramentas centrais para conter as causas em migrar. Atualmente, além de escassa informação sobre ações voltadas ao combate à desigualdade econômica e social, bem como ações voltadas à desconcentração de riqueza nesses países, o governo estadunidense passou a utilizar-se do Plano como forma de constrangimento juntos aos governos locais<sup>108</sup> para o uso da força como contenção no trânsito de migrantes.

Por fim, ainda no governo Obama também foi criado o Programa de Tramitação de Refúgio/Autorizações Humanitárias para Menores em Honduras, El Salvador e Guatemala (CAM, por parte de sua sigla em inglês). Com objetivo de dar resposta ao grande número de crianças e adolescentes migrando de maneira considerada não acompanhada aos Estados Unidos, o programa

---

<sup>107</sup> Encontrou-se menção de inclusão da sociedade civil apenas com referência ao plano de execução na Guatemala (GUATEMALA, 2016).

<sup>108</sup> Segundo a agência estadunidense voltada para o fomento e desenvolvimento internacional, USAID, em 2017, a Guatemala recebeu mais de US\$ 248 milhões em ajuda dos EUA. No mesmo ano, Honduras recebeu US\$ 175 milhões e El Salvador, US\$ 115 milhões (U.S. Agency for International Development, 2018)

passa a permitir que, ainda em seus países de origem<sup>109</sup>, menores de 21 anos ainda não casados solicitassem refúgio, que se recusado, poderia ser avaliada a possibilidade de visto humanitário temporário.

As crianças, adolescentes e jovens para os quais se voltam o programa, após receber o refúgio poderiam estendê-los a alguns familiares: pais que já viviam legalmente no Estados Unidos; esposa/o do pai/mãe que já vive legalmente nos Estados Unidos, mas que ainda se encontra no país de origem; filhos/as do/as solicitante (que necessita ser não casado, portanto não estende ao/à outro/a genitor/a).

Em julho de 2016, o programa foi revisto e passou também a estender-se a: filhos/as de pais que vivem legalmente nos Estados Unidos; os pais e mães biológicos dos solicitantes; cuidador/as das crianças no país de origem, desde que sejam parentes dos pais que vivem legalmente nos Estados Unidos. Demonstrando a grande dificuldade em abarcar a complexidade da família transnacional e, assim, fornecer o suporte necessário para a recepção dessas crianças.

Nos casos em que a vida da/o solicitante apresentava risco imediato e que, portanto, não poderia aguardar a tramitação da solicitação, as crianças e adolescentes eram encaminhadas à Unidade de Refugiados da ACNUR na Costa Rica, onde aí passavam a esperar a resposta do governo dos Estados Unidos.

A tendência de ampliações e reavaliações dos requisitos do programa com vistas a contemplar a complexa estrutura familiar existente nesses três países centro-americanos, teve fim com a mudança da presidência estadunidense. Em agosto de 2017, a recusa da solicitação de refúgio já não mais era encaminhada para a solicitação de visto humanitário temporário. Sinalizando que as portas aos centro-americanos que decidiam entrar legalmente, começavam a se fechar. Em novembro deste mesmo ano,

---

<sup>109</sup> Os programas de solicitação de refúgio antes mesmo da saída do solicitante de seu país de origem é prática comum na comunidade internacional que atende aos parâmetros do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Nos Estados Unidos, em 2017, por exemplo, havia possibilidade de ingressar em um desses programas nacionais desde Iraque, Cuba, Lituânia, Letônia e Estônia. Porém, não foi encontrado nenhum registro anterior ao CAM de um programa de solicitação e refúgio voltado especificamente para crianças e adolescentes.

todo o programa foi interrompido (U.S. Department of Human Services e U.S. Department of Homeland Security, 2018). Àqueles que já haviam dado entrada com suas solicitações, mas não haviam sido avaliados, foram encaminhadas cartas com novas instruções.

As eleições de 2016, que levaram Donald Trump à presidência, foram um marco importante de ruptura em relação a certos códigos tácitos de conduta estabelecidos pelo centro de sistema no pós-Segunda Guerra. Tais rupturas dizem respeito ao uso de declarações racistas e xenófobas na contraparte do nacionalismo e do protecionismo econômico. Como demonstra Diana Mutz (2018), a reação eleitoral e de grupos políticos que apoiam essa estratégia, no caso dos Estados Unidos, não só reagem ao processo migratório mais imediato, mas a todo processo histórico das últimas décadas que vêm gerando construções identitárias e comunidades transnacionais de latinos<sup>110</sup> em solo estadunidense. Ao contrário de algumas explicações exclusivamente economicistas, o sentimento de ameaça por parte desses eleitores dá-se de maneira muito mais subjetiva do que concreta.

A análise de Mutz (2018) foi realizada entre 10% do eleitorado que votou no democrata Barack Obama em 2012, porém mudou seu voto ao representante do Partido Republicano em 2016. Ao entrevistá-los, Mutz concluiu que a política abertamente anti-imigrante foi o fator mais importante para tal mudança de voto. Desemprego (do eleitor ou de membros de suas famílias) ou queda na renda familiar, considerados como fatores econômicos clássicos para explicar contrações mais conservadoras, não foram determinantes para a mudança de voto, segundo Mutz.

Em 25 de janeiro de 2017, cinco dias após tomar posse, Trump assina a Ordem Executiva nº 13767 (The White House, 2017). Neste documento estão previstas se não todas, grande parte das medidas vociferadas ao longo de sua campanha. Entre elas está seu grande objetivo de construir o

---

<sup>110</sup> A identidade de latinos torna-se mais evidente quando estes encontram-se nos EUA. De certa forma entendidos de uma maneira homogênea que não corresponde a própria identificação entre este grupo. Um mexicano empreendedor com status de residente não se reconhece como pertencente ao mesmo grupo que um salvadoreño solicitante de asilo. Uns são “mais latinos” que outros.

muro na fronteira sul daquele país<sup>111</sup>. Além de determinar a mobilização de recursos a fim de reforçar a segurança e a patrulha na fronteira (com a contratação de mais de 5 mil agentes), também solicitou a elaboração de nova orientação política por parte do DHS para colocar fim à denominada prática “*catch and release*”<sup>112</sup>.

A Ordem Executiva menciona que os casos de asilo, refúgio e pedido de proteção humanitária devem ser devidamente analisados para que “não sejam exploradas ilegalmente para impedir a remoção de estrangeiros removíveis de outra maneira”<sup>113</sup>. Começava-se a apontar os principais instrumentos para o que ficou denominada a “Política de Tolerância Zero”<sup>114</sup> da administração Trump. A grande estratégia desta política foi perceber que não era necessário realizar nenhuma alteração legislativa para fazer uso de procedimentos e mecanismos tão duros quanto a separação de crianças.

Entendendo que em 100% dos casos a travessia indocumentada deve ser considerada como um delito, o Departamento de Justiça dos EUA (DOJ, por sua sigla em inglês) passou a processar todos aqueles identificados na fronteira sem status migratório legal definido. Isso contempla aqueles requerentes a asilo e adultos acompanhando crianças.

---

<sup>111</sup> “(a) In accordance with existing law, including the Secure Fence Act and IIRIRA, take all appropriate steps to immediately plan, design, and construct a physical wall along the southern border, using appropriate materials and technology to most effectively achieve complete operational control of the southern border” (EO 13767, Sec 4, a)

<sup>112</sup> A prática denominada pejorativamente como “pegar e soltar” em realidade se refere a um conjunto de procedimentos próprios do sistema migratório nos Estados Unidos e que não são referentes apenas à administração do presidente Obama. A expressão está relacionada aos casos em que estrangeiros detidos e/ou solicitantes de asilo, refúgio ou proteção humanitária, por apresentarem “pouco risco” à segurança nacional, eram colocados em liberdade (alguns fazendo uso de tornozeleiras eletrônicas) para aguardar a tramitação de seus processos na corte de migração fora dos centros de detenção.

<sup>113</sup> “Sec. 11. Parole, Asylum, and Removal. It is the policy of the executive branch to end the abuse of parole and asylum provisions currently used to prevent the lawful removal of removable aliens. (a) The Secretary shall immediately take all appropriate action to ensure that the parole and asylum provisions of Federal immigration law are not illegally exploited to prevent the removal of otherwise removable aliens” (The White House, 2017).

<sup>114</sup> Em 7 de maio de 2018, o Procurador Geral anunciou em San Diego o que viria a ser a nova política a ser adotada pelo Departamento de Justiça dos EUA. A “Política de Tolerância Zero” voltada àqueles que buscam entrar nos Estados Unidos por meio da travessia ilegal das fronteiras, bem como alegando a necessária redução dos custos de processamento de solicitação de refúgio “frequentemente fraudulentos” (U.S. Department of Justice, 2018).

Anteriormente buscava-se identificar o grau de prioridade em processar aqueles que atravessavam ilegalmente as fronteiras dos EUA. Para isso, identificavam aqueles casos considerados como uma possível ameaça à segurança nacional, que atravessavam repetidas vezes ilegalmente, aqueles que possuíam condenação criminal em seus países ou nos EUA e aqueles que fossem suspeitos em traficar crianças.

Fazendo-se valer da proibição, por meio do Acordo de Flores<sup>115</sup>, de detenção de crianças nas mesmas instalações federais onde são detidos os migrantes acima de 18 anos, a separação de crianças passou a ser a grande e cruel regra utilizada já nos primeiros momentos em que são identificados cruzando a fronteira (CRS, 2018). Ao serem separadas, essas crianças passavam a ser consideradas crianças não acompanhadas alegando-se que a essas crianças a proteção do Estado passava a ser requerida já que seus pais ou responsáveis estavam sendo acusados de delito.

Tais separações ocorriam em administrações anteriores e foram presenciadas por alguns dos especialistas com quem tive contato, porém esta não era a regra. Buscava-se identificar aqueles passíveis de requererem asilo ou alguma das outras formas de permissão de entrada disponíveis, além de buscar alternativas de liberação (como as tornozeleiras eletrônicas) ou a deportação de maneira a buscar garantir a manutenção da unidade familiar.

Em 26 de abril de 2018, o Departamento de Saúde Serviços Humanos dos EUA (DHS) fez declaração oficial ao Senado afirmando não ser capaz de determinar o paradeiro de 1.475 crianças que esperavam por sua regularização no país e estavam sob responsabilidade da ORR. A Agência apontou que entre outubro e dezembro de 2017 havia 7.635 crianças com famílias "patrocinadoras", das quais 6.075 continuavam a viver naqueles domicílios, 28 haviam fugido deles, cinco haviam sido deportadas, enquanto 52 viviam com outras pessoas.

---

<sup>115</sup> Aos fins de 2018 o DHS apresentou uma série de sugestões de alterações legislativas voltadas para a “Apreensão, Processamento, Cuidados e Custódia de Menores Estrangeiros e Crianças Estrangeiras Desacompanhadas” (DHS, 2018).

Isso revela uma série de questões importantes. A primeira delas é a cerca da capacidade das instituições governamentais americanas em avaliar se o risco e a vulnerabilidade a que podem estar expostas essas crianças ao serem acolhidas por essas famílias patrocinadoras. A segunda é a grande dificuldade das famílias dessas crianças em desvendar o complexo e inacessível sistema de imigração dos Estados Unidos fazendo com que em muitas das circunstâncias sequer saibam da necessidade de comunicar as mudanças de seus contatos telefônicos. Uma última questão a salientar é, em um cenário de "tolerância zero", muitos dos responsáveis por essas crianças são seus parentes que continuam a discutir seu status de imigração e agora estão fugindo de todas as formas de um possível contato com as autoridades governamentais, mesmo deixando de levar as crianças para as escolas e hospitais.

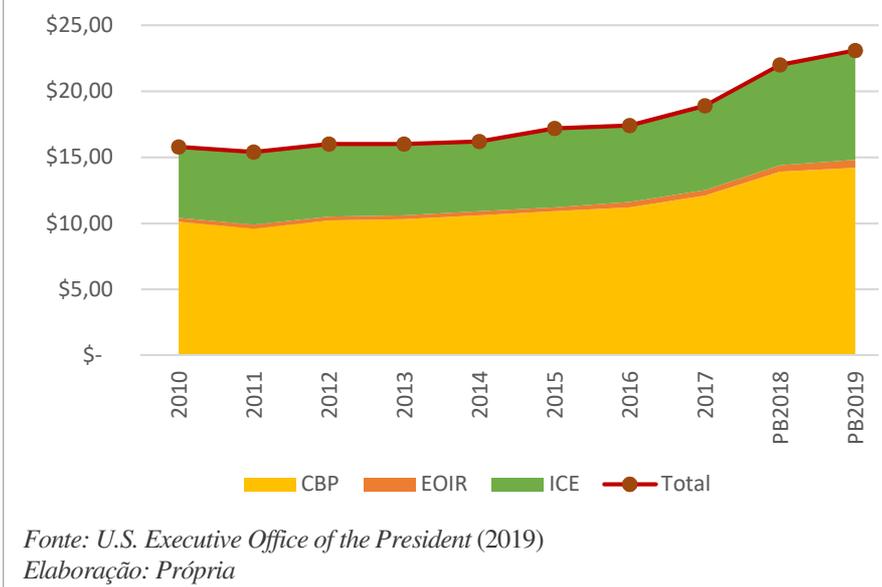
Deve-se ter em mente que todas essas ações vêm acompanhadas de um discurso de segurança nacional em torno dos crimes cometidos pelos migrantes, envolvendo-os em crimes violentos contra os nacionais ou a ligações com o tráfico de drogas. Junto a este discurso existe ainda uma grande indústria do encarceramento de migrantes nos Estados Unidos que se dá a partir de organizações do setor privado responsáveis pela construção e manutenção das instalações e dos aparatos de vigilância utilizados na fronteira<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> Ver discurso proferido pelo Presidente Trump em 8 de janeiro de 2019 e a posterior análise dos fatos realizada pelo The New York Times (2019): disponível em <https://www.nytimes.com/2019/01/08/us/politics/trump-speech.html>

As estimativas orçamentárias para os três principais órgãos responsáveis pela segurança da fronteira dos EUA tiveram, juntos seus orçamentos aumentados em 16% de 2017 para 2018, saindo de 18,9 bilhões

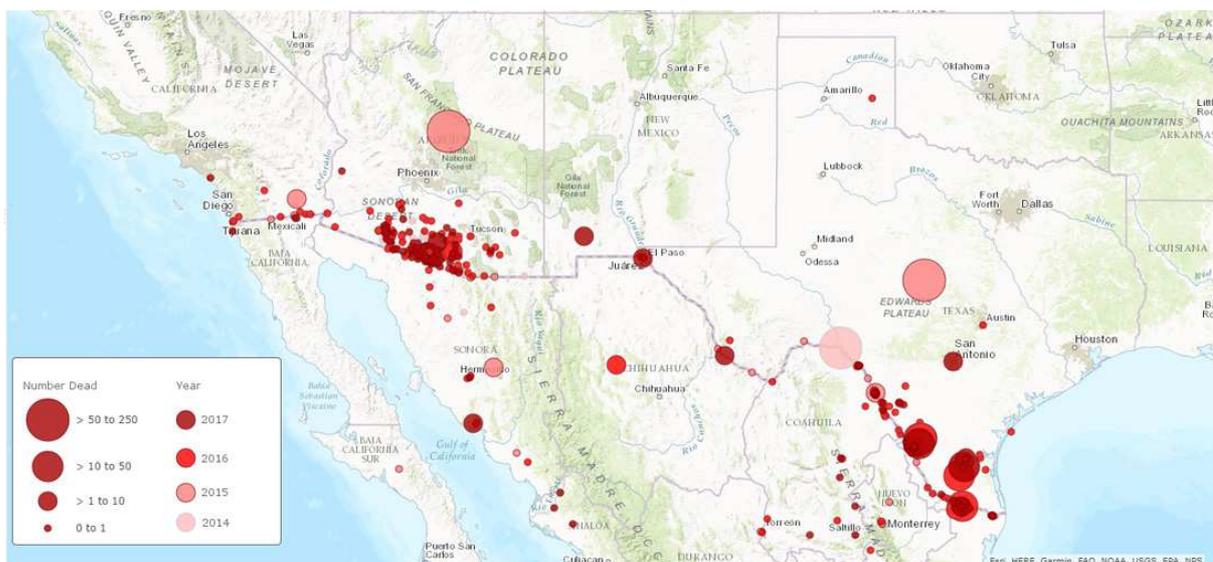
Gráfico 1 - Orçamento dos EUA para segurança na fronteira (em bilhões de dólares)



de dólares para 22 bilhões de dólares. No entanto, este valor não é nem próximo do que de fato Trump vem pressionando que se alcance na aprovação do orçamento pelo Congresso dos EUA. Sendo que tal valor poderá alcançar, portanto, um aumento de 99% já que deverá contemplar mais 15,6 bilhões de dólares para a construção de mais extensões do muro fronteiriço e aquisição de mais equipamentos de segurança (U.S. Executive Office of the President, 2019).

Toda a grande tecnologia e a quantidade de orçamento disponibilizados para construir esta imponente arquitetura legal e política têm levado a milhares de crianças, trabalhadoras e trabalhadores, mães, famílias a destinos cruéis. Se não fatais, sempre violentos. Violentos pelas mãos do Estado, do narcotráfico, da extorsão, da pobreza, das extensas caminhadas. Essa grande e vertical fronteira porque passam as protagonistas desta pesquisa culminam nos dois fluxos mais trágicos da fronteira México – Estados Unidos.

Mapa 3 – Número de mortes de migrantes cruzando a fronteira México-Estados Unidos entre 2014 e 2017



Fonte: OIM, 2018

Disponível em: [www.iom.int/news/migrants-crossing-us-mexico-border-dying-faster-rate-2017-un-migration-agency](http://www.iom.int/news/migrants-crossing-us-mexico-border-dying-faster-rate-2017-un-migration-agency)

### C. COYOTAGEM, CARTÉIS, ALBERGUES, DESERTO E AÇÃO COLETIVA NAS FRONTEIRAS: UMA APROXIMAÇÃO DOS PONTOS DE ENCONTRO EM TAMAULIPAS-TEXAS E SONORA-ARIZONA

Cheguei pela primeira vez à fronteira do México com Estados Unidos no estado de Tamaulipas – estabelecendo-me na cidade de Matamoros<sup>117</sup>. Uma cidade que sempre está, mas nunca é. Uma chuva se torna sol em poucas horas. Um dia calmo se torna uma “balacera”<sup>118</sup> em minutos. Um dia tenso é seguido por um dia rotineiro e calmo<sup>119</sup>.

<sup>117</sup> E aqui, mais uma vez, agradeço ao Colef – Matamoros, por meio do professor Óscar Misael Hernandez-Hernandez e à pesquisadora Tamara Segura que me acompanharam durante as investidas em campo.

<sup>118</sup> Tradução livre: tiroteio.

<sup>119</sup> O estado de Tamaulipas não se encontra sequer entre os 10 estados mais violentos do México. No ranking estadual é o 12º com a taxa de 32 homicídios por 100 mil habitantes. Porém, o crescimento registrado em 2017 supera o ano anterior em 45,5% em números absolutos, chegando a 1.174 homicídios (INEGI, 2018).

A cidade funciona sob uma realidade de contrastes: transpira um ar de receio e de normalidade, em meio a uma arquitetura descontraída pelo colorido mexicano e austera pelo cinza e marrom de um urbanismo estadunidense. Nas ruas vê-se camionetes e SUVs<sup>120</sup>, o

Mapa 4 – Estado de Tamaulipas, México



Fonte: Wiki Commons Image

Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Tamaulipas\\_en\\_Mexico.svg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Tamaulipas_en_Mexico.svg)

transporte público fica a cargo de alguns “taxis” brancos (que são verdadeiras lotações) e os poucos ônibus (antigos ônibus escolares americanos descartados como sucatas) são os meios de transporte mais comuns.

Na terra do ídolo Rigo Tobar<sup>121</sup>, a diversão fica por conta dos “*tianguis*”<sup>122</sup> aos domingos e de algumas poucas “*ferias*”<sup>123</sup> ao longo do ano. Os negócios e o comércio local existem e convivem com o narcotráfico. Seja por laços familiares, acordos, ou simplesmente, tolerância mútua.

---

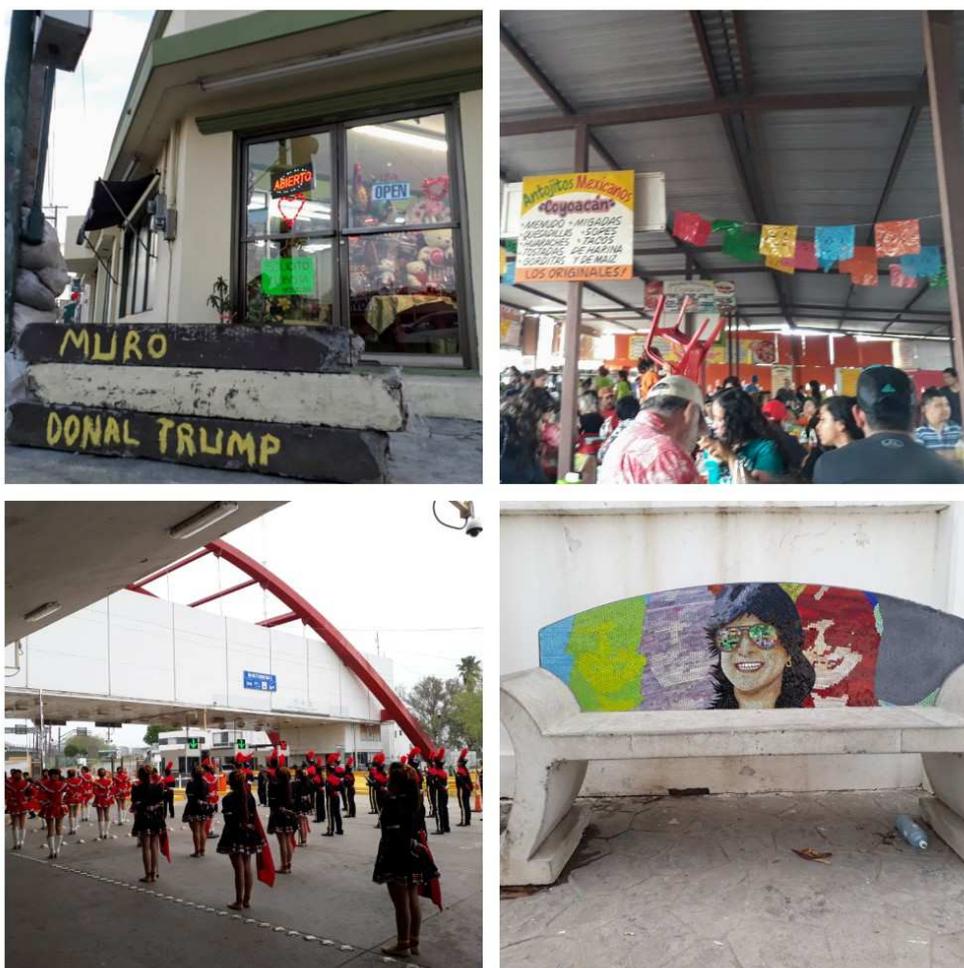
<sup>120</sup> Categoria de automóvel comumente utilizada pelas famílias nos Estados Unidos chamada de “sport utility vehicle” que em tradução livre seria “veículo utilitário esportivo”.

<sup>121</sup> Cantor mexicano que ficou muito famoso nacionalmente nos anos 70, depois de mudar-se para o lado americano da fronteira. Rigo é um grande orgulho da cidade (até mesmo devido seu grande sucesso “Matamoros querido”, em homenagem a sua cidade natal) onde se vê vários murais e monumentos em sua homenagem, além de um pequeno museu dedicado a contar sua história.

<sup>122</sup> Palavra originária do náhuatl (língua comum do México central amplamente difundida pelos astecas até o período colonial) que significa mercado. Os *tianguis* dão um contorno social muito característico em todo território mexicano.

<sup>123</sup> São feiras de rua, isto é, eventos em lugares públicos que ocorrem em datas comemorativas em que há vendas de comidas típicas, apresentações culturais e brincadeiras para crianças.

Fotografia 6 – O lazer e o colorido possível em Matamoros<sup>124</sup>



Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)

Longe de me aprofundar ou trazer conclusões sobre a complexa rede do narcotráfico (tanto nos pontos da fronteira por onde passei, como no cenário maior do continente americano) é quase impossível tratar da migração de crianças sem mencionar as relações e impactos com este ramo do crime organizado. Tanto porque essas relações estão diretamente associadas às causas por migrar, como pelo próprio ato de migrar em si estar enredado como parte do mercado de atuação do narcotráfico.

---

<sup>124</sup> Em sentido horário: intervenção urbana sobre o muro de “Donal Trump” (sic), o *Tianguis de los Niños* (como é conhecido o maior tianguis da cidade que ocorre aos domingos às margens da Avenida de Los Niños), comemoração do Dia del Charco quando ocorre uma saudação entre as autoridades das cidades de Matamoros e Brownsville exatamente no meio da ponte internacional, banco de praça em homenagem ao artista Rigo Tobar.

Em Tamaulipas, especialmente, as tensões entre “Los Zetas” e o “Cartel del Golfo” foram explícitas desde os primeiros dias de campo. A disputa entre os dois grupos está na própria origem do primeiro, já que na verdade origina-se a partir da dissidência de lideranças do segundo. O “Cártel del Golfo” (CdG) surge na década de 70 em Tamaulipas e se estende geograficamente pela costa do Golfo do México. Como os demais grupos organizados, a principal atividade econômica é o contrabando de drogas. Mas outras atividades como o contrabando de outras mercadorias (como produtos “pirata”) também têm seu espaço<sup>125</sup> (Hernández-Hernández, 2017). Foi assim, que aos poucos, a rota de contrabandos passou a cruzar-se com rota da migração, passando a fazer parte da dinâmica não exclusivamente deste grupo, mas dos demais dedicados ao narcotráfico (Rosen e Martínez, 2015).

Loz Zetas, por sua vez, surgiram em Nuevo Laredo já nos anos 2000, a partir de uma dissidência dentro do CdG, comandada por Omar Treviño Morales (conhecido como Z-42). Atualmente, os Zetas já estão mapeados desde a América Central, principalmente Guatemala, até Tamaulipas (Huerta, 2015). Segundo a imprensa e a literatura, eles são responsáveis também pelo tráfico de cocaína à Europa por meio da África Ocidental (Rosen e Martínez, 2015).

Os relatos colhidos em campo e parte da literatura permitem perceber que as dinâmicas entre os grupos são bastante distintas com relação à forma de lucrar com o “mercado da migração”. Em alguns casos, a relação entre os grupos do narcotráfico e a antiga rede de coyotagem se dá apenas pelo pagamento ao narcotráfico de parte do que é cobrado aos migrantes. Em outros casos, a tradicional coyotagem é toda cooptada ou substituída por membros do próprio grupo criminoso, fazendo com que os migrantes estejam em contato direto com membros do narcotráfico. Por fim, de maneira mais

---

<sup>125</sup> Uma literatura mais vasta e não aprofundada para os fins desta tese, podem contribuir para maior entendimento sobre os diversos grupos que disputam o mercado de drogas no México e região: recomendo a leitura de Astorga, L. *El siglo de las drogas: el narcotráfico, del Porfiriato al nuevo milenio*. México: Plaza Y Janés, 2005; Cook, C. W. *Mexico's Drug Cartels*. Washington, D.C.: Congressional Research Service, Octubre 16, 2007.

extrema, estão os casos em que membros do cartel sequestram os migrantes – independentemente da relação de coyotagem que esses possuam – a fim de extorquir os familiares com pedidos de resgate.

Entre essas três possíveis dinâmicas de relação entre a coyotagem e o narcotráfico existem muitas nuances que fazem com que, entre extorsões e negociações, exista ainda um largo espaço para a violência e a naturalização dela. Desafiando sobremaneira os conceitos legais – seja no âmbito do direito internacional ou nos nacionais – sobre tráfico de pessoas<sup>126</sup> no que diz respeito ao consentimento.

Um dos casos emblemáticos no estado de Tamaulipas ficou conhecido como o “Massacre de San Fernando”<sup>127</sup>. O massacre em realidade foi assim intitulado pela mídia em referência a dois episódios subsequentes, o primeiro em 2010 e o seguinte em 2011. Longe de se tratarem de episódios pontuais, os casos dos cruéis assassinatos em San Fernando demonstram como a disputa de território (que não é apenas físico, mas principalmente de mercado e de corpos) estão impregnados no cotidiano dessa parte da fronteira com marcas de extrema violência e desigualdade.

Os casos de San Fernando são atribuídos aos Zetas e demonstram a face mais cruel da migração forçada, em não sendo suficiente fugir de seus lugares de origem (seja por pobreza, por fugir da violência ou simplesmente buscar uma vida mais digna) e pagarem valores exorbitantes para tentar garantir a travessia, terminam com seus corpos, já sem vida, violentados e rejeitados em foças junto a tantos outros.

---

<sup>126</sup> Com base no Protocolo de Palermo elaborado em Assembleia da Organização das Nações Unidas, o conceito de tráfico de pessoas perpassa pelo “recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo-se à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração”.

<sup>127</sup> Aquele que foi conhecido como primeiro massacre, em 2010, registrou a morte de 72 migrantes. 58 homens e 14 mulheres, estando entre eles hondurenhos, salvadorenhos, guatemaltecos, equatoriano e brasileiros. Já em 2012, chegou-se a registrar 193 vítimas encontradas em mais de 7 “narco-foças” em que as marcas de extrema violência ocuparam as manchetes dos jornais sensacionalistas.

No momento em que realizava o campo, a disputa entre o CdG e os Zetas estava ganhando novos contornos diante de operativos da Secretaria da Marinha mexicana (SEMAR). A princípio, tanto pelos relatos

Fotografia 7 – “Mini del CDG” inscrito em jogo do CAMEF



Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)

como por algumas marcas deixadas nas ruas de Matamoros e pelos adolescentes no CAMEF, o grande mercado ilegal que se beneficia da migração na região estava dominado pelo Cártel del Golfo naquele momento.

Os “menores de circuito”<sup>128</sup> com quem tive contato relatavam que seus chefes do CdG eram de fácil trato e não relatavam atos de violências ou uso ostensivo de armamentos. Evitavam atravessar migrantes e drogas ao mesmo tempo, mas algumas vezes, quando o grupo era pequeno e só de homens, alguns tentavam atravessar pequenas quantidades. Assim a travessia compensava, já que costumam receber por cada migrante que passam e por cada grama de droga atravessada.

Em tempos anteriores, eram os Zetas que dominavam aquela parte de Matamoros. Os relatos são de uma situação muito mais violenta com os migrantes. Já em Reynosa, cidade também de fronteira a 90 quilômetros, a disputa entre os dois era mais forte tornando a cidade ainda mais vulnerável a *balaceras* e outros episódios de violência.

---

<sup>128</sup> Termo cunhado pelos equipamentos do governo mexicano para designar crianças e adolescentes que cruzam a fronteira México-Estados Unidos com frequência de maneira considerada não acompanhada e indocumentada normalmente com o intuito de atravessar de maneira considerada ilegal outros migrantes, mercadorias ou drogas (Mena *et al.*, 2015).

O que compreendi é que existem pontos de vista sensivelmente diferentes entre esses dois grupos sobre como lucrar com a migração na região. O CdG vê ali uma fonte de recursos importante que, para seguir funcionando, deve considerar os migrantes como clientes, sem expô-los a práticas violentas e cumprindo acordos (como, por exemplo, garantir três tentativas de travessia, garantir comida e pouso sempre que necessário). Já os Zetas costumam ter uma postura mais violenta em que os migrantes são na verdade alvos fáceis para sequestros e extorsões ou cooptação.

A dinâmica entre os dois grupos responde e se insere também na dinâmica do próprio Estado (tanto estadunidense como mexicano) e suas políticas de vigilância e segurança. Em campo, quando estava perto de completar um mês em Matamoros, foi preso um dos líderes do CdG, José Alfredo Cárdenas Martínez, conhecido como “El Contador”. Em um primeiro momento, a prisão foi noticiada como fruto de denúncias anônimas a respeito de atividades suspeitas em um domicílio. O operativo da Marinha teria então sido recebido por homens fortemente armados que dispersaram em fuga. Apenas foi mencionada a prisão do “El Contador” como resultado da perseguição de rua em que se envolveram. Naquela mesma noite em que foi apreendido, foi realizada sua transferência para uma unidade de detenção da Polícia Federal na Cidade do México.

A noite seguinte em Matamoros foi interrompida pelo som das balas rompendo o ar. Eu estava entre as duas principais avenidas da cidade: Lauro Villar e Canales. Exatamente por onde foram reportados, pelas redes sociais, os tiroteios. Não houve vítimas e o operativo da Marinha, que madrugada adentro rondava toda a cidade por terra e por ar, não encontrou qualquer um dos envolvidos na balacera. Em um primeiro momento, o rumor era de que eles haviam invadido o principal hospital público da cidade a fim de resgatar algum daqueles que haveria sido internado como resultado da captura da noite anterior. Essa informação não se confirmou e a conclusão a que se chegou é de que já seria uma sinalização do grupo rival de que as coisas poderiam passar a mudar nos próximos dias.

Poucos dias depois, El Contador teve sua prisão relaxada por um juiz atendendo à defesa que comprovou que nem as alegações da SEMAR e nem do Ministério Público estavam corretas sobre as circunstâncias da prisão. Conforme foi noticiado (Carrasco Araizaga, 2018), as câmeras de vigilância da casa de Alfredo Cárdenas, mostram o momento em que a Marinha entra em sua casa, são desligadas as câmeras e logo depois o levam preso.

Os parâmetros legais tornam-se tão fluidos por parte do Estado quanto são aquelas estabelecidas pelo narcotráfico na travessia de drogas, mercadorias e migrantes, no complexo equilíbrio de forças na fronteira. Cada novo arranjo gera desequilíbrios que atingem mais rapidamente e de maneira mais cruel àqueles vulnerados pelo anseio de cruzar a fronteira pelo Rio Bravo.

Já em Sonora, a fronteira real é o deserto. A escolha de todos os que pude conversar teve como última cidade Altar (Mancera Cota, 2016). Por ali podem escolher três caminhos: curto, médio ou longo. O curto, segundo eles, é de poucas horas e extremamente vigiado. O médio, que se pode fazer passar em dois dias, costuma ser por onde mulheres e crianças costumam passar. Alguns dos que conversei preferiram – e se prepararam – para o mais longo, que pode durar quatro dias ou mais. Neste último, há um risco menor com relação aos agentes da patrulha, que praticamente não circulam por aí, principalmente na época das mais altas temperaturas durante o ano – entre junho e setembro. Precisam lutar contra o calor desértico e a falta de qualquer referência por onde devem caminhar.

Mapa 5 – Estado de Sonora, México



Fonte: Wiki Commons Images

Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Sonora\\_en\\_M%C3%A9xico.svg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Sonora_en_M%C3%A9xico.svg)

As mortes no deserto de Sásabe são um dos destinos fatais a que estão submetidos aqueles que, sem outra maneira, tentam chegar de maneira clandestina aos Estados Unidos. Segundo o projeto Human Borders<sup>129</sup> às vésperas de encerrar o ano de 2018, haviam sido

contabilizadas 118 falecimentos de migrantes dentro do estado do Arizona. O projeto contabiliza desde 1981 um total de 3.002 falecidos, em sua grande maioria homens (84%). Em resposta a esta dramática estatística, o Projeto Colibri (que nasceu em 2006 com o nome de “Proyecto de Migrantes Desaparecidos”) se dedica a receber denúncias de familiares de desaparecidos e a realizar a busca por respostas. Atualmente o projeto trabalha com mais de 3.000 solicitações e vêm trabalhando com um programa de reconhecimento de DNA junto aos casos de pessoas não identificadas nos institutos forenses do estado do Arizona.

Essa rede de organismos e de bancos de dados com a finalidade exclusiva de lidar com as mortes de migrantes na fronteira, demonstram como o destino fatal é um componente mais do que comum na travessia indocumentada. Quando este não é o destino, ainda precisam fugir da forte

---

<sup>129</sup> O projeto conta com a iniciativa Arizona OpenGIS Initiative for Deceased Migrants que disponibiliza dados em linha sobre as mortes na travessia de migrantes no estado do Arizona (disponível em: <http://www.humaneborders.info/app/mapa.asp>).

vigilância estadunidense. No caso dos mexicanos, quando são detectados, sua deportação é realizada principalmente por Nogales e em alguns casos por São Luís Rio Colorado.

Os adolescentes que encontrei no albergue do governo mexicano em Nogales sabiam muito bem disso. A maioria deles tinha atravessado boa parte desse trajeto antes de serem detidos e deportados. Agora se viam entre decidir enfrentar tudo novamente ou simplesmente desistir de tentar.

*Fotografia 8 – Pátio para atividades ao ar livre no DIF de Nogales, “Camino a Casa”*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Nogales, Sonora, México, 2018)*

No DIF de Nogales, originado do Programa “Camino a Casa”, pude conviver por dois dias com os adolescentes mexicanos<sup>130</sup>, em sua grande maioria homens, que foram detidos pela patrulha

---

<sup>130</sup> As histórias desses jovens merecem ainda maior atenção, porém, para fins desta tese não será possível com o devido foco a dinâmica a que fazem parte, por isso, optou-se por apresentá-los, em linhas gerais, inseridos deste meso-cenário da fronteira Sonora- Arizona.

dos EUA quando atravessavam o deserto. Estes adolescentes são repatriados “*en la línea*”<sup>131</sup> em um módulo de atenção do DIF. Antigamente este era o único equipamento disponibilizado para recepção e alojamento das crianças e adolescentes repatriados. Um módulo próprio e com capacidade de receber uma centena de NNA em condições muito mais adequadas foi inaugurado em 2009. À época o ainda baixo volume de crianças estrangeiras não revelava a importância em atendê-las nestes equipamentos do DIF, assim seguiram, até o momento de realização da pesquisa, sendo atendidas e custodiadas nas instalações do INM.

*Fotografia 9 – Albergue do DIF “Tin Otoch” em construção na cidade de Hermosillo*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

Na altura em que se realizava a pesquisa, estava em construção novo equipamento do DIF, que aos moldes e com os aprendizados adquiridos em Nogales, iria receber aos NNA estrangeiros e não acompanhados na capital do estado de Sonora. O albergue, que recebeu o nome de Tin Otoch<sup>132</sup>, recebeu financiamentos estadual para seu funcionamento (calculado em um milhão de pesos

<sup>131</sup> Maneira como comumente referem-se não somente ao posto de passagem entre os dois países, mas também toda parte da cidade de Nogales que se vê conjugada ao muro fronteiriço.

<sup>132</sup> Segundo informações do próprio DIF-Sonora, em língua maia significa “Minha Casa”.

mexicanos) e federal para ser equipado (calculado em mais de 2,5 milhões de pesos mexicanos), porém só foi construído dado o financiamento privado da Fundação do bilionário estadunidense Howard G. Buffett (de um total de 21 milhões de pesos mexicanos)<sup>133</sup>.

*Fotografia 10 – Pátio central do Albergue “Tin Otoch” em construção e ao fundo passa “La Bestia”*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

Enquanto este albergue não fosse inaugurado, as crianças estrangeiras detectadas pelo INM ou pelas Forças Armadas mexicanas migrando sem a companhia comprovada de pais ou responsáveis ficavam sob a guarda e tutela do INM em instalações que não foram acessíveis<sup>134</sup>. Não só não me foi possível ter acesso a essas instalações como me foi negada a possibilidade de realizar entrevista com

---

<sup>133</sup> Esses valores, a partir do câmbio da época, são equivalentes a respectivamente: 197 mil, 526 mil e 4,3 milhões de reais. Segundo informações obtidas pela licenciada responsável, as possíveis inconsistências entre o valor total de investimento para a construção do DIF verdadeiramente recebido e aquele anunciado na placa de sinalização em frente à construção deve-se às diferenças de câmbio do dólar à época da assinatura do acordo e do repasse efetivado.

<sup>134</sup> O que pela legislação mexicana vigente, este deve ser entendido como situação excepcional e apenas durante o traslado delas até um albergue do Sistema DIF, conforme se vê no art. 112 da Lei de Migração: “Cuando por alguna circunstancia excepcional las niñas, niños y adolescentes migrantes extranjeros no acompañados lleguen a ser alojados en una estación migratoria, en tanto se les traslada a las instalaciones del Sistema Nacional para el Desarrollo Integral de la Familia, a los Sistemas Estatales DIF y del Distrito Federal, deberá asignárseles en dicha estación un espacio específico para su estadía distinto al del alojamiento de los adultos” (México, 2011).

o delegado ou algum assessor seu. Apenas foi autorizada por uma OPI uma entrevista bastante informal (fora de expediente e sem que suas declarações fossem tomadas como oficiais do INM).

Parte então deste quebra-cabeças foi sendo montado junto às impressões obtidas nesta entrevista e também a partir de entrevistas informais com voluntárias do projeto *Dreams* da organização de sociedade civil *Pozo de Vida* e de conversas e palestras proferidas pela licenciada responsável, Carmen Munguía<sup>135</sup>.

A descrição das condições encontradas por essas crianças é bastante difícil. São separadas em pequenas celas de concreto (de 4 metros por 4), fechadas por grades. As camas são de cimento com finos colchões. A climatização é feita por ar-condicionado todo o tempo, já que não existem janelas para a ventilação além de alguns pequenos basculantes. Dentro uma televisão que está sempre ligada, 24 horas, na programação escolhida (ou simplesmente esquecida) pelos próprios agentes do INM.

Em cada cela busca-se colocar apenas uma “família” (crianças pequenas que vêm acompanhadas por pais ou responsáveis), às demais que vêm não acompanhadas, normalmente são maiores de 12 anos e busca-se separar entre meninas e meninos, ainda que o número de meninas seja muito baixo (segundo as impressões daqueles que se despuseram a conversar sobre o assunto). A impressão geral<sup>136</sup> é de que a rota migratória que passa por Sonora é preferida por guatemaltecas (e assim também encontrei nos poucos dias que passei pela guarita de Nogales).

Pensando em amenizar a situação no INM, enquanto o projeto do novo albergue estava sendo pensado para as crianças estrangeiras, o DIF realizou doações de brinquedos e jogos para serem disponibilizadas nas instalações do INM em uma pequena sala fora da área das celas. A sala de recreação havia sido criada a poucos meses, mas, na verdade, deu-se a entender que ela quase nunca era usada. Apenas quando funcionários do DIF agendavam visitas ou reuniões ao INM. O que se

---

<sup>135</sup> A quem agradeço a disponibilidade e abertura para conhecer as instalações do DIF Sonora em Nogales e Hermosillo.

<sup>136</sup> O acesso oficial aos dados estatísticos desagregados só seria disponibilizado a partir de acordo de cooperação realizado entre o DIF Sonora e o Observatorio de Investigación com las Infancias de Colson.

alegava era que a falta de pessoal tornava difícil a garantia da vigilância e da escolta dessas crianças de suas celas até à sala de recreação.

A estação em Hermosillo conta com três OPIs, sem um departamento específico para isso. Nessa estação realizam não apenas o trabalho com as crianças, mas também outras atividades comuns dos agentes federais de migração e, em algumas situações operam protegendo os direitos das crianças detidas. Assim, são agentes federais que participam de operativos, realizam atividades administrativas de rotina (análise de documentações etc.) e podem ser deslocados a outras estações no interior que estejam necessitando de pessoal. A função de OPI aparece quando os demais colegas não conseguem lidar com uma questão emocional daquelas crianças ou ainda, de algum de seus responsáveis que podem eventualmente estar afetando o “interesse superior da criança”. Além dessas circunstâncias, está a cargo dos OPIs acompanhar aquelas crianças e adolescentes que necessitem ser transportados (em ônibus ou avião, este último utilizado preferencialmente) para a capital de seus países de origem.

Em paralelo a esta realidade abarcada por este braço do Estado, ocorria naqueles dias a chegada da “Caravana *Via Crucis* – Migrantes e Refugiados”, organizado por “*Pueblo Sin Fronteras*”<sup>137</sup>. Outras edições da Caravana ocorrem desde 2010 e têm entre seus propósitos fazer com que a mobilização de grande número de migrantes (centro-americanos principalmente, mas contemplando outras nacionalidades, incluindo mexicanos) tanto visibilize e sensibilize a população e as instituições, como também dê certo grau de segurança àqueles que não têm como, ou não querem, fazer o percurso da maneira mais comum e indocumentada (Guillot Cuéllar, 2012).

Os mais de 4 mil quilômetros percorridos entre as fronteiras sul e norte do México foram tão lineares quanto o trajeto de tantos outros que atravessam esta grande fronteira vertical em que se coloca o país<sup>138</sup> (Guillot Cuéllar, 2012). Entre parar e seguir, os inicialmente estimados 1.200

---

<sup>137</sup> Sem sombra de dúvidas, a chegada da Caravana também foi um fator agravante para a dificuldade de entrada junto ao INM de Sonora.

<sup>138</sup> Ver Anexo II mapas do CONAPO (2012a; b; c) sobre as possíveis rotas migratórias por país de origem.

migrantes chegaram à Hermosillo, última parada antes de Tijuana, em um número menor que 800 pessoas. Os quase dois meses que ali estiveram dava mostras do sofrido trajeto pelo deserto. Ainda não era bem verão e os termômetros deixavam de marcar acima de 40° C apenas pela noite.

Ao sair da capital de Chiapas, a primeira parada da Caravana aconteceu em Matias Romero. Ali o alcance político do movimento fincou suas primeiras bandeiras. Por um lado, já atingia os Estados Unidos, dado que pela primeira vez o presidente Trump

Figura 1 – Postagem de Donald Trump no Twitter no início da Caravana



Fonte: Donald Trump (@realDonaldTrump, 01/04/2018)

anunciava em seu perfil do *Twitter* – rede social que tanto faz uso desde sua campanha – menção direta a Caravana<sup>139</sup>.

Além de fazer uso político para o recrudescimento de suas leis migratórias, o Presidente estadunidense demonstrou seu completo desconhecimento das políticas vigentes nos Estados Unidos voltada aos imigrantes ao relacionar os membros da Caravana ao ingresso no programa DACA<sup>140</sup>.

<sup>139</sup> Tradução livre: “Agentes da Patrulha Fronteira não têm permissão para realizar seu trabalho apropriadamente na Fronteira por culpa da ridícula legislação liberal (dos democratas) de “pegar e soltar”. Cada vez se tornando mais perigosa. “Caravana” está chegando. Republicanos precisam tomar como núcleo central a tramitação de leis AGORA. FIM DO ACORDO DACA.

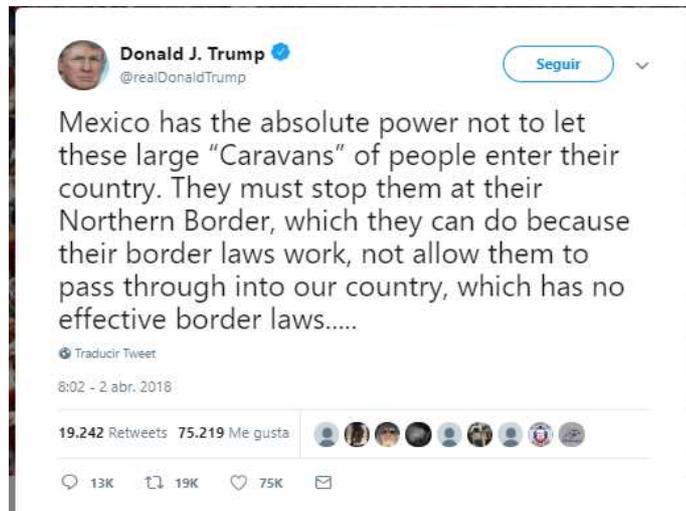
<sup>140</sup> Para entender melhor, ver sessão anterior sobre a “arquitetura legal de punir e conceder”.

Poucos dias depois, também sinalizava positivamente à política migratória mexicana como sendo capaz de dissolver a Caravana. Posição esta que iria se transformando e se endurecendo contra as autoridades mexicanas, conforme se acercava a Caravana da fronteira entre os dois países<sup>141</sup>.

A Caravana ainda se encontrava em Matías Romero, em Oaxaca, aguardando pela concessão por parte do Instituto Nacional de Migração mexicano (INM) da permissão de trânsito que venceria em 20 dias. Prazo este longe de ser o ideal e necessário para atravessar os quase quatro mil quilômetros pelo país.

Em seguida passaram por Puebla e depois Cidade do México, onde grande parte da Caravana se desmobilizou, seja porque aquele era o destino de muitos deles, seja porque o INM concedeu a possibilidade de visto humanitário com validade de um ano para alguns, seja pelo

Figura 2 – Postagem de Donald Trump no dia seguinte



Fonte: Donald Trump (@realDonaldTrump, 02/04/2018)

Figura 3 - Postagem de Donald Trump com o avançar da Caravana ao sul do México'



Fonte: Donald Trump (@realDonaldTrump, 05/04/2018)

<sup>141</sup> Tradução livre: “México tem o poder absoluto de não permitir que essas grandes “Caravanas” de pessoas entre no país deles. Eles precisam para-los em sua Fronteira norte, o que eles podem fazer porque suas leis migratórias funcionam, não permitem que eles passem até o nosso país, que não tem leis migratórias efetivas...”

endurecimento das declarações de Donald Trump que já germinavam a nova política migratória que seria adotada pelos Estados Unidos.

Em Hermosillo chegaram, em 21 de abril, entre 600 e 800 pessoas, o que corresponde a menos da metade dos que saíram de Tapachula, cidade ao sul do México. Após passarem por descarrilamento de trem, tentativas de assalto a alguns dos ônibus e às intempéries do tempo e da pouca comida, a expectativa era de novamente negociar com o INM nova regularização dos vistos de trânsito já vencidos. Começava então, a maior das esperas de toda a jornada da Caravana.

*Mapa 6 – Trajeto da Caravana pelo “Diario de la Caravana”*



*Fonte: Ultreras, 2018*

Ao chegar à capital de Sonora, os participantes da Caravana contaram com a assistência de dois serviços da sociedade civil. Ambos realizam regularmente serviços de apoio tanto aos migrantes que passam pela cidade, como à própria população local que se encontra em níveis de pobreza graves. As duas organizações são religiosas: Refeitório “Mateo 25:35”<sup>142</sup> (da Igreja Católica) e Refeitório e Albergue “Vida Plena, Corazón Contento” (da Igreja Evangélica). Durante os primeiros dias viu-se também a mobilização de parte do governo do estado – com representantes da Secretaria de Governo, Secretaria de Saúde e do DIF – e, em certa medida do governo do município – com a própria presença da presidenta municipal, Angelina Muñoz Fernández, para conceder entrevistas aos meios locais.

---

<sup>142</sup> Referindo-se ao trecho da bíblia: “Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me” (Mateus 25:35).

Além disso, a Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) que acompanhava todo o trajeto da Caravana, bem como membros da segurança pública.

*Fotografia 11 – Vias do trem em Hermosillo no dia em que chegava a Caravana*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México 2018).*

Conforme o tempo de permanência dos membros da Caravana foi se estendendo na cidade, alguns problemas foram se agravando. Como se poderá ver adiante, as instituições esperavam recebê-los por um par de dias, e foram nesses primeiros dias que autoridades políticas se concentraram em visibilizar o apoio dado à Caravana. Pouco a pouco esse apoio foi se esgotando e a permanência tornou-se possível pela mobilização da sociedade em geral, com doações de comidas, roupas e medicamentos e da única instituição que não tinha autorização para albergá-los.

Fotografia 12 – Refeitório "Mateo 25:35" na chegada da Caravana



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México 2018).

O Refeitório “Mateo 25:35”<sup>143</sup> está preparado para receber diariamente em torno de 200 pessoas entre migrantes, trabalhadores agrícolas locais e pessoas de baixa renda da região. O refeitório iniciou provendo sopa e outros alimentos na própria via do trem em um ponto de desaceleração em que muitos dos migrantes costumam descer. Atualmente, o refeitório encontra-se a menos de 150 metros desse mesmo local, mas já não mais nas vias do trem.

Dias antes da chegada da Caravana (em momento que ainda não se sabia se iam fazer uma parada em Hermosillo ou se iriam seguir a Mexicali), foi possível realizar entrevista com o Padre Gilberto Lezama, responsável pela Paróquia San Luis Gonzaga (onde depois iria alojar-se parte da Caravana). Em seu cotidiano, o refeitório costuma atender número bem abaixo da sua capacidade

---

<sup>143</sup> A localização deste serviço e dos demais serviços utilizados pela Caravana estão dispostas em mapa em Anexo I.

máxima. Padre Gilberto relatou que nos últimos dez anos tem visto que as altas do fluxo na via do trem costumam acontecer no alto verão e depois das festas de final de ano. Em geral, a quantidade de migrantes atendidos corresponde à metade das refeições disponibilizadas a outra metade é servida à população de baixa renda da região e trabalhadores rurais “*jornaleiros*”. Sob o ponto de vista de padre Gilberto e de algumas pessoas que ali trabalham, as crianças centro-americanas correspondem a número muito pequeno, menor que 5%, e as não acompanhadas são em realidade raras exceções. Para o Padre a razão não é que as crianças não façam o trajeto, mas sim, que elas, por medo, não costumam procurar qualquer tipo de serviço humanitário ao longo do caminho.

Já o refeitório e albergue “Vida Plena Corazón Contento” é organizado e liderado pela pastora Hilda Cambustón. Este refeitório e albergue iniciou seus trabalhos voltados à comunidade da Colônia San Luís, onde se encontra, e passou a receber migrantes que ali passavam buscando apoio. Diariamente são disponibilizadas refeições apenas às 5 da tarde e são realizadas oficinas para a comunidade e os que ali estão albergados. Além disso, o salão principal conta com um palco e equipamentos de som para a realização de cultos aos domingos. A chegada da Caravana, então, mudou significativamente a dinâmica do albergue, do refeitório e da própria igreja: com a necessidade de 3 refeições diárias; com improvisação de regras para o uso do banho; uso do salão para que ali se alojasse grande parte das famílias; interdição da rua de acesso para distribuição de refeições e doações, entre tantas outras adaptações.

Sob o aspecto legal, o estado de Sonora conta com legislação específica para proteção e apoio ao migrante, a Lei nº 84, de 06 de dezembro de 2007 (Sonora, 2007). Com base nesta legislação foram criados um Conselho Estatal de Atenção aos Migrantes (com a designação de cinco membros da sociedade civil e cinco do governo do estado, além do governador do estado, como presidente, o secretário de governo, como vice-presidente e o diretor geral da oficina, como secretário executivo); e a Oficina de Atenção ao Migrante subordinada à Secretaria de Governo. Porém, além da

impossibilidade de entrevistar o Diretor Geral de Atenção ao Migrante (mesmo após solicitação por ofício e troca de mensagens e chamadas telefônicas), com o passar dos dias em que a Caravana se fixou em Hermosillo, ficou evidente a falta de estrutura e políticas públicas voltadas para os denominados pela legislação estadual como “migrantes de trânsito” (Sonora, 2009).

*Fotografia 13 – Centro Hábitat: pausa para o alimento, o sono e as roupas*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México 2018).*

Ainda nos primeiros dias da Caravana o governo municipal disponibilizou uma de suas instalações conhecida como “Centro Hábitat”. Os sete “Centros Hábitat” construídos em Hermosillo são parte da Política de Desenvolvimento Comunitário do Governo Municipal e são administrados pela Diretoria de Desenvolvimento Social Municipal. Estes centros são voltados para a realização de oficinas e atividades educativas para crianças e adultos. Foi neste amplo espaço, que conta com um ginásio esportivo, um parquinho para crianças e algumas salas e banheiros, que parte dos participantes

da Caravana pode dormir, tomar banho e lavar suas roupas nos dois primeiros dias em que chegaram à Hermosillo.

*Fotografia 14 – Centro Hábitat: entre brinquedos e roupas*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México 2018).*

Durante o período que estavam ali, as refeições eram fornecidas pelos dois refeitórios das organizações religiosas, o mais próximo destes fica a um quilômetro de distância e o outro a mais de três quilômetros, os percursos tinham que ser feitos a pé, com exceções de mulheres com crianças de colo ou pessoas muito doentes que se deslocaram com apoio da guarda municipal. Nesses dias o verão não havia chegado, mas os termômetros marcavam acima dos 40° C. Alguns, então, resolveram já nestes primeiros dias por acampar com suas cobertas na rua em frente ao albergue da igreja evangélica, reduzindo as caminhadas, mas se expondo diuturnamente ao sol e ao forte calor.

Em apenas três dias, a dinâmica que já parecia dura o suficiente, tornou-se ainda mais difícil. Já não se via com tanta frequência o grande assédio da imprensa e a circulação de autoridades e

servidores do governo. No 5º dia da Caravana na cidade, fui ao Centro Hábitat e me deparei com o lugar completamente vazio e os portões fechados. Sem ter lido o noticiário ou escutado o rádio naquele dia, não sabia que no dia anterior um dos servidores municipais – o “Grandão”, como apelidou Joanael – tinha anunciado a todos que deviam juntar suas coisas e sair de lá imediatamente. Já naquela noite teriam de encontrar outro lugar para dormir.

Conversando com um dos membros da Caravana Dias depois soube que, após o incidente e enquanto todos organizavam seus poucos pertences e um pequeno acumulado de doações, membros da CNDH entraram ao Centro Hábitat discutindo com servidores municipais. Trancaram-se em uma das salas do Centro e por lá ficaram em torno de duas horas. Ao sair, mantinha-se a ordem do governo municipal de esvaziar o Centro para que retornasse às suas atividades regulares no dia seguinte.

Apenas dois dias depois, em reunião realizada em uma estância participativa municipal, chamada de Consejo Directivo de Transversalidad, a presidenta municipal, Angelina Muñoz Fernández declarava que:

*La generosidad de los hermosillenses uno de los factores multifactoriales que están haciendo prevalecer a mucha gente en situación de calle porque tienen un ingreso, pues nosotros les damos dinero, los alimentamos, les damos ropa y ya no se quiere ir de Hermosillo<sup>144</sup>.*

A essa altura os primeiros ônibus com mulheres e crianças começaram a dirigir-se a Tijuana, mas no total ainda permaneciam em torno de 400 pessoas, quase a metade delas estava no Centro Hábitat. Os demais já não cabiam no albergue “Vida Plena, Corazón Contento”. Os poucos que estavam acampados na rua em frente, junto às grades de uma escola, também foram orientados a retirarem suas cobertas das grades porque as crianças voltariam às suas atividades escolares e “por motivos de segurança” não poderiam mais ficar ali acampados.

---

<sup>144</sup> Tradução livre: “A generosidade dos hermosillenses é um dos fatores multifatoriais (sic) que estão fazendo prevalecer a que muita gente esteja em situação de rua, porque têm uma renda já que nós lhes damos dinheiro, alimentos, damos roupas e assim já não querem sair de Hermosillo”. Disponível em: <https://www.sdpnoticias.com/local/sonora/2018/04/29/alcaldesa-de-hermosillo-pide-no-ayudar-a-personas-en-situacion-de-calle-y-migrantes>

Restou ao Padre Gilberto, que não possui albergue e nem permissão do município para albergar migrantes em seu refeitório, abrir as portas da Igreja San Luís Gonzaga, onde quase 200 pessoas iam passar o próximo mês.

A partir da divisão do grupo entre as duas igrejas, uma nova dinâmica se estabeleceu e oscilava entre as inimizades e a troca de informações sobre os apoios e doações recebidos entre as instituições. Notava-se um certo ar de competição entre as lideranças religiosas sobre as doações a serem recebidas e o apoio do governo estadual. Chegando, inclusive a um determinado momento a se disseminar medo da interlocução entre os dois grupos a partir de informação – que nunca pude confirmar – de que havia uma pessoa em uma das igrejas com suspeita de tuberculose.

Nesta complexa dinâmica, as crianças passaram a ter um papel muito importante seja como interlocutoras entre os dois grupos, seja por serem fonte da preocupação de mães e pais – com a segurança, a saúde, a alimentação e o vestuário – e assim tornar necessária a troca de informações e doações entre os dois grupos.

Em meio a essa dinâmica, eu também tinha que conseguir conciliar a atenção e as necessidades das crianças que se encontravam nesses dois lugares. Minha ida era quase que diária e variava entre ir pela manhã cedo e sair no momento que serviam o almoço (que variava entre as 13 horas e 16 horas da tarde, a depender das doações e quantidade de pessoas auxiliando na cozinha) ou ir por volta desse mesmo horário e ficar até antes do sol se pôr completamente (algo entre as 18 e 19 horas da noite). Neste período eu tinha que me dividir de maneira a conseguir realizar as atividades nas duas igrejas. A estas alturas foram raras as vezes em que foi possível juntar as crianças dos dois grupos e realizar as atividades ao mesmo tempo.

Tendo em vista a grande quantidade de pessoas da Caravana, certamente outras dinâmicas foram sendo estabelecidas entre jovens e demais migrantes sem filhos. As crianças muitas vezes demonstravam dominar várias dessas relações entre pequenos grupos, principalmente àqueles em que

elas tinham de se aproximar com reservas ou não se aproximar de nenhuma maneira: os que não queriam conversa com crianças, os que faziam uso de drogas ilícitas, os que faziam uso de álcool e jogavam apostando dinheiro, os que apenas jogavam bingo com grãos de milho ou feijão, os que não “usavam o banheiro” (ou para tomar banho ou para fazer suas necessidades), etc.

## CAPÍTULO 2 | PROTAGONISTAS DE UMA CAMINHADA TIDA COMO SOLITÁRIA | O ENCONTRO COM AS CRIANÇAS NAS DEPENDÊNCIAS DO DIF

### A. SER MÃE E ADOLESCENTE NO MÉXICO: ESCOLHAS E MEDOS DE JUANA ATÉ A CHEGADA AO CAMEF DE MATAMOROS

A primeira protagonista dessa história receberá aqui o nome de Juana. Conheci Juana quando estava há quase quatro dias albergada no “Centro de Atención a Menores Fronterizos” (CAMEF) de Matamoros<sup>145</sup>. Um Centro do governo estadual, do “Sistema para el Desarrollo Integral de las Familias” (DIF), de Tamaulipas<sup>146</sup>.

*Fotografia 15 – Centro de Atenção ao Menor Fronteiriço de Matamoros*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México 2018).*

<sup>145</sup> Conforme consta no sítio oficial do DIF de Tamaulipas (<http://www.diftamaulipas.gob.mx/ejes/ninos/>), o CAMEF tem como principal objetivo: “Atender las necesidades de los niños, niñas y adolescentes migrantes y repatriados no acompañados y reintegrarlos a sus lugares de origen”. Sua meta é: “ofrecer servicios de albergue, atención médica, psicológica y jurídica y traslado a su lugar de origen a niños, niñas y adolescentes migrantes y repatriados no acompañados en 3 municipios (Nuevo Laredo, Matamoros y Reynosa).

<sup>146</sup> Em Sonora também existe um outro programa do DIF daquele estado voltado para a questão das crianças e adolescentes migrantes. Chama-se “Camino a Casa”, conforme explicado no capítulo anterior.

Ali crianças e adolescentes migrantes ou repatriados considerados não acompanhados são recebidos todos os dias. Nas cidades de Reynosa e Nuevo Laredo também existem Centros como esse. Cada um com sua dinâmica. Mudam o volume de crianças que recebem, a proposta de trabalho de cada coordenador e o próprio papel que cada uma das cidades têm no cenário geral da dinâmica migratória.

Os coordenadores do CAMEF com quem tive contato se referiam às crianças como “*menores*” na maior parte das vezes e em outras como “*niños*”, independente da idade e, de maneira geral, independente do gênero. Apenas quando queriam destacar algum ponto muito específico às “*niñas*” é que assim as chamavam. Eles também costumam identificar as crianças entre “*locales*” “*nacionales*” e “*extrangeras*” – estas últimas, devido o maior volume em que aparecem, acabam por mencioná-las mais diretamente como “*centroamericanas*”. Algumas crianças já entendem as consequências de serem identificadas de uma forma ou de outra e, assim, vão tentando negociar e transitar sobre essas categorias.

Aquelas que moram na mesma cidade em que se encontra o Centro são as que menos tempo ficam albergadas. Seus pais ou parentes que vivem ali vão até o CAMEF com seus documentos e imediatamente as levam de volta para casa. Muitas dessas crianças cruzam sozinhas porque são “*polleritos*”, “*coyotitos*”, “*muleritos*” – como denominados por eles mesmos e pela mídia – ou “*menores de circuito*” – como definido pelos equipamentos do governo (Mena *et al.*, 2015). Ou seja, já trabalham atravessando tanto migrantes como mercadorias para o lado estadunidense da fronteira.

Algumas crianças acabam por se apresentarem também como locais sabendo a maior facilidade e rapidez em sair do Centro, assim “*tios*” e “*primos*” com autorização de seus pais e com sua documentação podem ir buscá-las. Se o intuito é de voltar a tentar cruzar, elas estão mais uma vez a poucos passos do novo intento. (Mena *et al.*, 2015)s

As demais crianças mexicanas que chegam ao Centro normalmente são detectadas na zona fronteiriça dos Estados Unidos<sup>147</sup> e consideradas não acompanhadas pelas autoridades estadunidenses. Sua repatriação é bastante imediata e realizada no ponto da fronteira mais próximo onde foi apreendida. Já no lado mexicano da fronteira passam a aguardar o envio de documentos por parte de seus pais para depois realizarem seu traslado até sua casa. A espera varia entre poucos dias a algumas semanas.

Por último, estão os “estrangeiros” ou “não nacionais” que comumente são apenas chamados como “centroamericanos”. Como explicou a licenciada Lorena Villareal García, coordenadora responsável pelo CAMEF de Matamoros:

*"Los menores centroamericanos que llegan aquí a CAMEF son detectados en los puntos de revisión carretera por parte del Instituto Nacional de Migración. Ellos revisan autobuses, camiones, carros y detectan así menores centroamericanos que vienen viajando sin documentos. Lo que pasa es que los menores que viajan solos son canalizados aquí a CAMEF, por el Instituto Nacional de Migración. Una vez que llegan aquí a CAMEF reciben comida, hospedaje, ropa, atención médica, psicológica y todo los demás que necesiten. Mientras tanto, el Instituto Nacional de Migración hace tramites con el consulado del país para regresar los retornados de manera asistida hasta su país. En lo tanto que Migración hace eso tramites, nos dedicamos a los menores centroamericanos aquí en el CAMEF."*<sup>148</sup> (Entrevista de 20 de fevereiro de 2018)

Naqueles meses, Reynosa era o centro de Tamaulipas que concentrava tanto um maior número de “nacionais” como de “centroamericanos”. A princípio, o grande fluxo de “nacionais” se dava por uma estratégia da patrulha estadunidense, não diretamente acordada com os serviços correspondentes no México, de realizar uma espécie de revesamento mensal das repatriações entre as cidades de Reynosa e de Matamoros. Mas, mesmo realizando a pesquisa em dois meses distintos, não

---

<sup>147</sup> Toda a região que se encontre a 100 milhas (aproximadamente 160 quilômetros) de qualquer fronteira dos Estados Unidos (seja terrestre ou marítima) é considerada zona de fronteira. Em toda esta região os oficiais da patrulha fronteiriça dos EUA têm o direito de realizar buscas sem mandato em qualquer tipo de veículo (ACLU, 2018).

<sup>148</sup> Tradução livre: “Os menores centro-americanos que chegam aqui ao CAMEF são detectados nos postos de controle da rodovia pelo Instituto Nacional de Migração. Eles verificam ônibus, caminhões e carros e detectam menores centro-americanos que viajam sem documentos. O que acontece é que as crianças que viajam sozinhas são canalizadas aqui para o CAMEF, pelo Instituto Nacional de Migração. Quando chegam aqui no CAMEF, recebem comida, alojamento, roupas, atendimento médico e psicológico e tudo o mais que precisem. Enquanto isso, o Instituto Nacional de Migração realiza os trâmites junto ao consulado do país de origem a fim de proceder o retorno de forma assistida ao seu país. Enquanto a Migração realiza tais trâmites, nós nos dedicamos aos menores centro-americanos aqui no CAMEF.”

cheguei a perceber um aumento de “nacionais” na cidade de Matamoros que apontasse mais claramente que esse revesamento estava acontecendo.

Com relação aos “não nacionais”, a explicação de maior número de crianças e adolescentes no CAMEF de Reynosa pode se dar quase que exclusivamente pelo próprio trajeto atualmente escolhido por eles e pelos coyotes (ou guías, ou polleros) contratados para cruzar ou ajudar a cruzar o Rio Bravo. Ao mesmo tempo, e de maneira reativa, os “operativos” das Forças Armadas e do Instituto Nacional de Migrações trazem importantes contornos a essa dinâmica<sup>149</sup>. Tanto esses operativos contribuem para o aumento de crianças atendidas, como a constância deles em determinados pontos acabam por alterar o trajeto dos coyotes, diminuindo, por sua vez, a quantidade de crianças.

Juana faz parte do grupo de “nacionais” repatriados na fronteira Matamoros – Brownsville. Com seus 16 anos, faltando um mês para completar os 17, ela, seu esposo e um primo decidiram sair de um pequeno rancho perto da cidade de Xalapa, no estado de Veracruz, para tentar cruzar numa noite de quarta-feira o Rio Bravo rumo à Brownsville.

Juana saiu de sua casa em um sábado. Em pouco mais de um dia, atravessou em ônibus toda costa litorânea até a Matamoros. Por ter menos que 18 anos, Juana precisava de autorização de sua mãe para poder tomar um ônibus que viajasse dentro do México. Sua mãe autorizou pensando que seus planos eram de chegar apenas até Matamoros onde, supostamente, seu marido havia conseguido trabalho. Juana contou que em nenhum momento desse trecho da viagem foi parada por qualquer agente para apresentar seus documentos de identificação ou comprovar que tinha tal autorização.

As Forças Armadas do México possuem ao longo da fronteira Postos de Controle Militar que costumam estar a uma distância de 200 a 150 quilômetros das cidades de fronteira. Nesses postos, todos os ônibus costumam ser parados, todos os passageiros necessitam descer com suas bagagens que são revisadas por cães farejadores e detectores de metais, além da análise da documentação de

---

<sup>149</sup> Conforme poderá ser visto no próximo capítulo.

todos. Nos casos de carros a passeio, a revisão costuma ser mais simples, mas também são revisados documentos e é feita inspeção pelos cães farejadores. Porém, a revisão costuma ser feita apenas para aqueles que viajam do interior do México para sua fronteira com os Estados Unidos. No sentido inverso sequer se vê semelhantes estruturas.

*Fotografia 16 – Posto de Controle Militar fechado na estrada de Tamaulipas*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Carretera Federal 101, Tamaulipas, México 2018).*

Nas oportunidades que tive de viajar em carro pelas estradas de Tamaulipas esses postos estavam praticamente abandonados, diferentemente do que pude constatar no estado de Sonora. Isso pode, em certa medida, explicar porque não foram revisados os documentos e a autorização de Juana antes que chegasse até Matamoros. Ou, conforme ela mesma concluiu, a revisão é comum de

acontecer com as demais crianças e adolescentes com quem conversei, “*a lo mejor es porque son centroamericanos, ¿no?*”<sup>150</sup>.

Chegando em Matamoros, foram até uma “*casa de seguridad*” onde se juntaram aos demais do grupo que iriam atravessar. Lá passaram três dias, em que puderam se alimentar, usar banheiro e todos tinham camas ou colchões para dormirem. Juana não se lembrava muito bem de onde vinham os demais migrantes do grupo, mas estava certa que nenhum deles era centroamericano. Com um riso tímido, disse que o dono da casa era um senhor “*viejito, viejito*”<sup>151</sup> que tinha uma “secretária” e também vivia com mais três “*niñas muy traviesas*”<sup>152</sup> e nenhuma delas eram suas filhas ou netas.

O clima dentro da casa era tranquilo, os guias não estavam armados, “*a lo menos que yo sepa, no*”<sup>153</sup>, me disse. Juana já tinha ouvido falar de guias violentos ou que se drogavam tanto enquanto esperavam para cruzar, quanto durante a travessia. Mas com ela isso não aconteceu. O guia que os ajudou a cruzar era muito jovem, tinha 18, no máximo 19 anos. Mesmo o grupo sendo formado por pessoas com diferentes “*pasadas*”<sup>154</sup>, ele sempre manteve a calma e tinha como objetivo que todos passassem, que ninguém ficasse pra trás.

Juana dividiu uma boia feita com câmara de ar com outra senhora, também mexicana, para cruzar o rio. A senhora estava com bastante medo e, com isso, acabou por agarrar-se em Juana e deitar-se em cima dela – já que tinham que estar abaixadas na tentativa de não serem vistas. Juana nos contou rindo que quase ficou sem ar e que sentia a câmara de ar afundando aos pouquinhos enquanto entrava água. Mas ao final, chegaram ao outro lado do rio sem maiores problemas.

---

<sup>150</sup> Tradução livre: “talvez seja porque eles são centro-americanos, não?”

<sup>151</sup> Tradução livre: “velhinho, velhinho”.

<sup>152</sup> Tradução livre: “meninas muito levadas”.

<sup>153</sup> Tradução livre: “ao menos que eu saiba, não”.

<sup>154</sup> Tradução livre: “ritmos”.

Fotografia 17 – Río Bravo visto del Puente Matamoros-Brownsville



Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros-Brownsville. Tamaulipas-Texas, México-Estados Unidos 2018).

Quando chegaram às margens estadunidenses puderam caminhar até metade da margem do Rio, mas logo foram avistados. Mesmo tentando correr, acabaram sendo todos capturados, inclusive o guia. E ela se lembrou rindo de que ele tinha dito que era impossível que o pegassem, porque era muito esperto e muito rápido. Mas não dessa vez. *“Agarraran a él igual que nosotros”*<sup>155</sup>.

Enquanto começaram a algemar alguns deles, Juana e seu esposo tentaram outra vez correr. Ela acredita que se corressem um pouco mais rápido não teriam sido pegos, já que *“los de la patrulla son muy flojos”*<sup>156</sup>. Mas, ao mesmo tempo, ponderou que seguir correndo e fugindo seria muito custoso e não valia a pena.

---

<sup>155</sup> Tradução livre: “Pegaram a ele, assim como todos nós”.

<sup>156</sup> Tradução livre: “os agentes da patrulha são muito preguiçosos”.

Juana foi então detida pela Patrulha de Alfândega e Fronteira dos Estados Unidos (CBP, por sua sigla em inglês). Logo perguntaram sua idade e, com isso, sequer foi algemada. Todos os demais sim. Ao chegar às instalações da CBP, Juana foi identificada como “*unaccompanied alien children*”<sup>157</sup> (UAC), que significa dizer que ela não possuía status legal de migrante e nem pais ou responsáveis legais nos Estados Unidos com disponibilidade para prestar cuidados necessários e nem sua custódia física.

As crianças consideradas UAC apreendidas pelo Departamento de Segurança Interna (DHS, por sua sigla em inglês) são normalmente encaminhadas ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos (HHS, por sua sigla em inglês). O HHS custodia as crianças consideradas UAC e define se deverão ser deportadas a seus países de origem ou se serão recebidas pelo Escritório de Reassentamento de Refugiados<sup>158</sup> (ORR, por sua sigla em inglês). Na prática, são raros os casos de crianças de outras nacionalidades que não a mexicana em que haja deportação imediata. O mais comum é que sejam encaminhadas a instalações da ORR, onde ficam detidas até que seus casos sejam apreciados pela Corte de Migração.

No caso das crianças mexicanas apreendidas na fronteira Estados Unidos-México, existe uma política<sup>159</sup> em que se realiza a repatriação da maneira mais imediata possível e, normalmente, no ponto mais próximo da fronteira por onde cruzaram. Assim foi com Juana. Nas instalações da Imigração e Alfândega dos Estados Unidos (ICE, por sua sigla em inglês), Juana ficou apenas uma noite além da madrugada em que foi capturada. Assim, em menos de 48 horas, ela voltava à mesma cidade da fronteira por onde havia cruzado, Matamoros.

---

<sup>157</sup> Sobre este conceito, ver capítulo 01.

<sup>158</sup> Criado em 1980, o ORR passou, em 2002, em decorrência do “Homeland Security Act” (Section 462), a ter a responsabilidade de albergar as crianças estrangeiras não acompanhadas chegadas aos Estados Unidos.

<sup>159</sup> A partir de acordos bilaterais entre Estados Unidos e México, que priorizam a segurança nacional frente ao “interesse superior das crianças”, a repatriação é a regra imediata para os casos de crianças mexicanas não acompanhadas.

Segundo dados da Secretaria de Governo do México (SEGOB, por sua sigla em espanhol), entre janeiro e dezembro de 2018, foram repatriadas 9.586 crianças e adolescentes mexicanos não acompanhados que tentaram entrar aos Estados Unidos – sendo que apenas 89 tinham menos que 12 anos<sup>160</sup> (SEGOB, 2018). Entre elas, Juana.

Nossa primeira conversa se deu cinco dias depois da noite em que cruzou o Rio Bravo rumo aos EUA. Era uma tarde chuvosa de segunda-feira e, além de triste, Juana se sentia muito só. Sua companhia eram os programas de TV, alguns quebra-cabeças faltando peças e seus pensamentos. Juana havia passado todo aquele fim de semana sozinha na “*área de niñas*” do CAMEF. Uma área em que está uma grande sala onde há jogos, livros, uma televisão (com o controle à disposição das crianças e adolescentes), dois sofás e uma mesa com bancos.

Ali estavam também depositadas as tintas que seriam usadas para pintar novamente todo o espaço interno do CAMEF. Adiante havia um grande dormitório com cerca de vinte camas e dali havia acesso ao banheiro. Mais a frente a lavanderia (essa sem livre acesso das crianças). A única saída dessa área reservada se faz nos momentos das refeições, quando vão ao refeitório, mas sempre em horários alternados aos dos “*niños*”. Pela janela do quarto é possível ver o portão por onde entram os carros oficiais do INM e do DIF e uma pequena quadra de esportes (que em todos os dias que por ali estive, nunca foi usada).

Nesse dia, a conversa com Juana foi cheia de intensos silêncios, que em certos momentos se converteram em lágrimas. Juana não tinha qualquer expectativa de quando iria sair dali, mas queria voltar o mais rápido possível para sua casa. Não tão rápido que fosse necessário ir de avião, um de seus maiores medos (que me contou em meio a muita risada). Ela viajou quase mil quilômetros pelo litoral do Golfo, escondeu-se por três dias em uma “*casa de seguridad*”, atravessou o Rio Bravo em

---

<sup>160</sup> Para fins de comparação, esse número é bastante superior quando analisadas crianças e adolescentes acompanhadas: apenas 1.245 (534 com menos de 12 anos e 711 acima dessa idade).

plena madrugada, fugiu da patrulha estadunidense, foi detida por agentes armados, mas temia algo de onde se poderia cair de tão alto e que quando aterrisasse “*temblaria*”<sup>161</sup>.

Juana queria voltar ao rancho onde vivia com seu esposo de 24 anos, seu filho de dois anos e sua sogra. Não muito longe dali, mas em outro *pueblecito* vive sua mãe, suas duas irmãs e um irmão. Sua infância ali foi lembrada com carinho. Apesar de simples, era bonita. Ela brincava com sua melhor amiga de boneca e iam juntas à escola.

Juana estava certa de que não era mais “*niña*”. Porque ser “*niño*” é ser pequeno, alegre, brincalhão e ela não se sentia mais “*niña*”, mas sim... jovem. Assim era chamada pelos demais – inclusive pelos demais do grupo com quem atravessou – “*muchacha*”, “*joven*” ou “*señorita*”. Mas algumas vezes, em tom de brincadeira, para provocá-la, a chamavam de “*señora*”. Ser jovem significa, para ela, ter e assumir mais responsabilidades e estar mais comprometida com coisas sérias.

Juana viveu com sua mãe e irmãos até seus 12 anos, quando conheceu a seu esposo. Ela frequentava a escola e ele trabalhava no campo. Começaram a namorar e ao engravidar passou a viver com ele e sua sogra. Deixou de ir à escola, mas seu esposo retomou aos estudos e agora estava no quarto semestre da preparatória<sup>162</sup>.

Segundo Juana, a região onde vive – incluindo onde está sua mãe – agora era muito triste no natal, muito seco, muito feio. Na sua infância era mais verde, tinham mais plantações, as plantas não ficavam tão doentes e não precisavam de tantos agrotóxicos. No último ano, o café, maior atividade da cidade, sofreu muito. Desde uma grande geada as folhas morreram, os frutos passaram a nascer muito doentes e nunca mais a cidade foi a mesma. Sua mãe ainda tentava se sustentar com o trabalho em uma fazenda dedicada ao cultivo de tomates. Um trabalho por jornada, dependente do ciclo natural do cultivo.

---

<sup>161</sup> Em tradução livre “*treméria*”. Juana fazia tanto menção às possíveis turbulências da aterrissagem, quanto dela mesma “*tremendo-se de medo*”.

<sup>162</sup> Para fins de comparação, a preparatória corresponde ao ensino médio.

As outras possibilidades de trabalho em Xalapa, segundo Juana, seriam no comércio, em lojas pequenas. Mas não é fácil. Costumam exigir mais anos de estudo do que Juana tem. Ela disse não entender por que exigem tanto, se ela seria capaz de fazer o trabalho, mesmo tendo parado de estudar mais cedo. Estava difícil sair do rancho e buscar emprego na cidade.

Juana largou os estudos porque sentia que depois da maternidade não seria possível ter concentração. Suas preocupações passaram a ser os cuidados da casa e, depois que seu filho nasceu, ela não tinha condições de lembrar das tarefas da escola para fazer. Achou melhor ficar em casa. Só agora tinha começado a trabalhar, na verdade, ajudar seu esposo no negócio que abriram. Tinham agora um lava-rápido.

Para montar e equipar seu próprio negócio, fizeram uma dívida de 3 mil pesos mexicanos que tentaram pagar com os primeiros serviços. O clima em Xalapa, frio em parte do ano e chuvoso na outra parte, fez com que seu esposo contraísse mais recentemente outra dívida de 3 mil pesos, agora para cobrir com lona o terreno onde estavam os equipamentos.

Juana conta que foi aí que seu esposo fez um mau negócio. O “*muchacho*” que instalou a lona, estava “*metido en otros negocios*”<sup>163</sup>, e dias depois os roubou. Levou não só a lona como também alguns dos equipamentos que tinham. O prejuízo tinha sido grande e agora seu esposo queria buscar outra forma de sustento.

Foi a primeira vez que cogitaram ir aos Estados Unidos. Até então, Juana nunca havia pensado. Nenhuma amiga ou parente de Juana viviam nos Estados Unidos ou sequer havia tentado cruzar. Já a tia de seu esposo trabalhava em um restaurante em Brownsville, onde os dois tiveram promessa de trabalho certo. A tia de seu esposo então se comprometeu a ajudá-los. Ajudar significava contactar e pagar aos guias que os levariam ao outro lado. No total, para os dois, incluindo a “viagem”, as passagens e “*a pasada*”, pagou-se quatro mil dólares. Já é conhecido por todos os atores da

---

<sup>163</sup> Tradução livre: “o garoto estava envolvido com outros negócios”.

migração, que o pagamento da travessia corresponde até três tentativas. Se na duas primeiras forem pegos, podem voltar a contacto os mesmos atravessadores. De certa forma essas três tentativas estão relacionadas a maneira com que são realizadas as advertências pelo CBP. A cada nova tentativa de entrada indocumentada é aumentado o prazo de proibição de nova entrada (considerando que essa nova entrada seria de maneira documentada), porém, costumeiramente na terceira vez em que se é detido por entrada indocumentada, recebe-se o banimento permanente de nova entrada no país.

Era sua primeira, mas Juana gostaria que fosse a última. Era difícil, quase impossível, falar de um futuro. Seja ele dali a dois meses, cinco anos ou dez. A angústia de querer sair do CAMEF era imediata e grande demais para poder permitir pensar sobre o futuro. Mesmo que seu esposo quisesse seguir tentando trabalhar em Brownsville, ela gostaria de voltar ao rancho perto de Xalapa e ali ficar com seu filho.

Foi bem reticente quando aventamos a possibilidade dela seguir os negócios (o lava-rápido) sozinha. A dívida que tinham já era muito grande. O terreno com os equipamentos que sobraram foi arrendado ao cunhado de seu esposo.

Juana não queria tentar outra vez cruzar. Não queria arriscar outra vez “*estar encerrada*” e temia uma nova empreitada de seu esposo antes mesmo que pudessem se comunicar. Desde que foram detidos passaram a estar incomunicáveis. Ela soube que na sexta-feira ele foi até o CAMEF com seus documentos para tentar buscá-la, mas como estavam casados “*sin papeles*”, não foi possível. Como dito por um dos psicólogos de outro centro em outra situação muito semelhante, nessas horas acende-se a luz vermelha de possibilidade de tráfico, principalmente para fins de exploração sexual. Uma menina, menor de 18 anos, com um esposo maior de idade sem possibilidades de comprovar o matrimônio.

De todas as conversas que tive com Juana e de todo trabalho realizado pela equipe multidisciplinar do CAMEF, esse não era seu caso. Juana na verdade não faz parte das subestimadas

estatísticas de tráfico de meninas, mas sim das de gravidez entre adolescentes. Segundo Estratégia Nacional para Prevenção à Gravidez entre Adolescentes (ENAPEA, por sua sigla em espanhol), em 2009, a taxa de fecundidade de meninas entre 15 e 19 anos em Veracruz<sup>164</sup>, estado onde vivia e nasceu, era de 59,6 nascimentos para cada cem mil meninas – um pouco abaixo da média nacional que era de 69,5 (México, 2014b)<sup>165</sup>.

A falta de comunicação com seu esposo e a saudade de seu filho de dois anos e oito meses faziam tudo parecer muito incerto. Mesmo sem se comunicarem, Juana sabia que seu esposo estava na Casa del Migrante de Matamoros. Muito provavelmente essa informação foi dada pelos membros da equipe do CAMEF, já que a comunicação entre esses dois serviços é bastante fluida.

Juana acreditava que a essa altura já estava se preparando para cruzar novamente. Os demais do grupo em que estavam também tinham sido liberados na fronteira e na manhã seguinte tentaram cruzar, entre eles o primo de seu esposo. Seu esposo ficou a sua espera para poder buscá-la e dali mesmo cruzariam juntos outra vez. Juana acreditava que, ao saber que não poderia tirá-la dali, ele já deveria estar acordando com seu guia para cruzar e, assim, esperá-la “do outro lado”.

Mesmo não acreditando muito no que dizia, eu buscava consolar Juana lembrando que apesar de terem sido detidos e apreendidos pelas autoridades estadunidenses, nada de mais grave havia acontecido com nenhum dos dois. Assim, mesmo que ela não tivesse oportunidade de conversar com seu esposo e ele viesse a cruzar novamente, nada de mais sério poderia acontecer com ele. Juana sabia que não era bem assim. Sem mencionar diretamente os perigos que sabia que estavam correndo, disse que cruzar é algo muito dinâmico. Com quem, quando, onde e como cruzar é algo que muda o tempo todo. Como fizeram dessa vez, certamente não seria como fariam se tentassem outra vez.

---

<sup>164</sup> Não foram encontradas estatísticas referentes à fertilidade de meninas de 12 a 15 anos, que corresponderia à idade de Juana quando nasceu seu filho.

<sup>165</sup> Mas assim como nos demais países de América Latina e Caribe, ambas as taxas encontram-se acima da média mundial que é de 46 nascimentos para cada 1 mil meninas. (OPAS:

O que Juana viveu naqueles dias é de uma profundidade de sentimentos de esperanças e frustrações que muito brevemente podem ser trazidos na representação abaixo:

Matriz 2 – Juana: dinâmica de angústia e responsabilidade

	MACRO	MESO	MICRO
<b>CENÁRIO</b>	Pobreza rural no México Exploração de mão-de-obra latina nos EUA	Tamaulipas-Texas Maternidade na adolescência	Casa em Veracruz Lava-jato com seu esposo (roubo) Possível emprego em Brownsville "Estar encerrada"
<b>ATORES</b>	Estados nacionais (mexicano e estadunidense)	Coyotagem/casa de seguridad (sem violência) CBP CAMEF-Matamoros	Família (mãe, esposo, filho e sogra) Grupo de pessoas com quem cruzou Coyote Agentes da patrulha Funcionárias/os do DIF
<b>MOVIMENTOS</b>	Deslocamento em busca de trabalho	Entrada indocumentada de criança estrangeira não acompanhada (UAC) e Repatriação de criança mexicana	Travessia no México por ônibus (com autorização da mãe e em companhia de seu esposo) Travessia aos EUA pelo Río Bravo

Toda e qualquer lembrança ou menção sobre seu filho eram doloridas. Seu ressentimento ainda era muito grande por ter deixado em Xalapa sem se despedir nem explicar que seus pais estavam viajando para tão longe. “*Por estar chiquito*”<sup>166</sup> não parecia fazer sentido explicar algo assim. Chorando muito, nos disse que queria ao menos ouvi-lo ao telefone para dizer que estava voltando. Tentando se acalmar, Juana disse algo que já tinha aprendido com a psicóloga do CAMEF: nessas horas devemos tranquilizar-nos e relaxar-nos, porque quando nos desesperamos fazemos coisas que nos prejudicam e nos fazem “*ahogar*”<sup>167</sup>.

<sup>166</sup> Tradução livre: “por ser pequenininho”.

<sup>167</sup> Tradução livre: “afogar”.

Naquele primeiro dia que conversamos, sobrava à Juana concentrar as esperanças de que sua mãe fosse buscá-la. Juana sempre falava dela com muita ternura. Mas, ao mesmo tempo sabia, que estaria brava: “*no solo por cruzar, pero por todo que he hecho con mi niño, de dejarlo*”<sup>168</sup>. Ela tinha dúvidas se sua mãe estaria então disposta a ir buscá-la.

Naquele primeiro dia, ao final de uma longa tarde de conversa com Juana, nos despedimos dizendo: “*a lo mejor nos vemos*”. Ela prontamente nos respondeu “*a lo mejor no*”<sup>169</sup> e sorriu.

## **B. SER ADOLESCENTE E ESTAR SEMPRE LONGE NO MÉXICO: AS INVESTIDAS DE MARI ATÉ CHEGAR AO CAMEF DE MATAMOROS**

Mari acabava de chegar ao CAMEF de Matamoros junto a outros dois rapazes. Tinha entrado, conversado rapidamente com a equipe multidisciplinar para confirmar informações que permitissem localizar sua mãe. Entrou na ala reservada às meninas onde já estavam Juana e Juan Carlos<sup>170</sup>. Mari foi direto ao banho e antes de entrar ao banheiro escolheu uma calça jeans cor de rosa e uma blusa também cor de rosa. As roupas doadas ao CAMEF estão divididas por tipos de peça e mais ou menos por tamanho. Ficam em uma estante que vai do chão até o teto, de frente para o banheiro, onde estão duas duchas e dois vasos sanitários. Eram para estar todos separados por cabines para ter maior privacidade, mas algumas portas das cabines já estavam caídas ou não fechavam. A encarregada da limpeza ficava então responsável por garantir que a porta geral do banheiro estivesse encostada (não havia fechadura para ser trancada) e que nenhuma outra menina ou criança entrasse quando alguma delas estivesse usando.

Ainda de cabelos molhados, com sua roupa rosa um pouco justa para seu corpo e escova de cabelos em mãos, Mari sentou à mesa que ficava na sala de convivência onde eu e Juana estávamos

---

<sup>168</sup> Tradução livre: “não só por cruzar, mas por tudo o que fiz com meu filho, de deixa-lo”.

<sup>169</sup> Tradução livre: “Talvez nos vejamos”; “melhor que não”.

<sup>170</sup> A história de Juan Carlos será contada no próximo capítulo. E como se pode perceber, Juana permanecia no CAMEF mesmo dias depois de nossa primeira conversa.

sentadas, colorindo. Juan Carlos brincava sozinho com alguns bonequinhos e um conjunto de miniaturas de cozinha (xícara, panelinha, pratos etc.). A TV estava ligada em algum desses programas da tarde em que adolescentes vão buscando namorados/as.

Mari logo quis conversar e contar da aventura que acabava de enfrentar. Mari tem os cabelos lisos, grossos e muito cumpridos. Seu sorriso largo e tímido revelava os aparelhos fixos nos dentes. Para seus companheiros de viagem era a “*werita*”<sup>171</sup>: pele clara, cabelos castanhos claros, olhos grandes e também castanhos, cílios enormes e nariz afilado. Como ela mesma dizia, com seu corpo poderia se fazer passar facilmente por uma menina de 16 anos. Em sua maturidade também. Mesmo que antes de conhecer sua maturidade, se conheça o riso frouxo e tímido de uma adolescente de 14 anos. A timidez só foi cedendo espaço ao longo dos dias que pudemos conviver.

Ao contrário da primeira conversa que tive com Juana poucos dias antes, mergulhada em lágrimas e incertezas, a primeira conversa com Mari foi de repetidas gargalhadas, sempre acompanhadas das gargalhadas de Juana. A companhia de Mari parecia rejuvenescer muitos anos de Juana, que pela primeira vez me parecia mais uma adolescente do que uma mulher cheia de responsabilidades com seu filho, a casa, as dificuldades financeiras e o casamento.

Mari atravessou o rio de dia e, mesmo sem saber nadar, não subiu em câmara de ar como havia feito Juana. Mari usou boias nos braços e disse que a travessia foi praticamente caminhando. Até mesmo Juana ficou surpresa com a travessia feita à luz do dia, sem serem detectados pelo forte aparato de vigilância.

---

<sup>171</sup> Tradução livre: loirinha ou galeguinha.

Fotografia 18 – Río Bravo e seus pontos de travessia



Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México 2018).

Ficamos ainda mais surpresas quando Mari nos contou que estava com um grupo de 37 pessoas, muito maior do que se costuma ter notícia. Predominantemente todos homens. As exceções eram dois rapazes menores de 18 anos, (que também estavam no CAMEF aqueles dias) três mulheres (com mais de 18) e ela. Todos levados pelo “guía” e sua namorada. Totalizando 39 pessoas cruzando o rio em plena tarde de uma segunda-feira.

Chegaram a Brownsville e ficaram todos em uma “*casa de seguridad*”. A namorada do guia foi encarregada de levar um pequeno grupo 3 dias depois que chegaram. Mari não estava neste grupo. Ela estava em “*viaje especial*”. Como estava “*chica*” sua viagem deveria ser toda acompanhada por um “*pollero*” que deveria realizar a “*entrega*” a alguém da família. Além disso, Mari era a única do grupo que ia tão longe. Kentucky estava a mais de 2 mil quilômetros de onde cruzaram. Mais um motivo para seguirem de forma especial, não podiam arriscar que caminhasse tantas horas. Ela iria

escondida em um carro na maior parte do trajeto. Mari acreditava então que essa última parte do trajeto “*duraria tres días si fuera así caminando, en coche, tres horas, no sé*”<sup>172</sup>.

Nos dias em que estiveram na casa em Brownsville, todos foram muito tranquilos e muito respeitosos entre si. Havia certa solidariedade entre as outras mulheres do grupo (entre elas, a namorada do “guia”). Sempre a chamavam para que ficasse junto a elas assistindo TV e ouvindo suas conversas. Mari com muita timidez preferiu não dividir com elas muito de suas preocupações e planos. Depois que o primeiro grupo saiu junto à namorada do guia, os demais que esperavam o momento certo para tomar a estrada, foram pegos pelos agentes dos Estados Unidos<sup>173</sup>. Após uma das saídas do guia ao comércio local de Brownsville, “*lo agarraron y largó donde estábamos*”<sup>174</sup>.

Ainda era dia, mas a casa estava completamente fechada e as janelas completamente cobertas por papel cartão. Mari escutou que estavam tocando à porta e em todas as janelas. Ela estava terminando de tomar banho e ia começar a pentear seus cabelos. Seus companheiros de viagem apagaram todas as luzes. Mesmo sendo dia, tudo ficou escuro. “*Me da miedo la oscuridad porque cuando era pequeña me asustaron... ¿sí mi entiendes? ¡Entonces me da miedo de verdad!*”<sup>175</sup> E em meio a uma risada nervosa e batiques nervosos na mesa, me olhou nos olhos que estavam cheio de lágrimas. Mas quis seguir a conversa para tentar afastar a lembrança que lhe veio. “*Pero luego me... pasé la noche y ahora ya... ya estoy acá.*”<sup>176</sup> Apesar do medo que sentiu, Mari disse que não chegaram

---

<sup>172</sup> Tradução livre: “duraria três dias, não, três horas, não sei”.

<sup>173</sup> Estima-se que grande parte das crianças não acompanhadas são detidas nas primeiras horas que cruzam a fronteira ou, no máximo, nos primeiros cinco dias: “A Vera Institute of Justice analysis of those taken into federal custody between October 1, 2008, and September 30, 2010, estimated that most unaccompanied children are apprehended within hours of entering the United States, at the border or at another port of entry. Approximately 80 percent were apprehended within a week of crossing the border, and 5 percent were caught between eight days and a month.” (Terrio, 2015, p. 42)

<sup>174</sup> Tradução livre: “eles o pegaram e ele dedurou onde a gente estava”.

<sup>175</sup> Tradução livre: “Tenho medo do escuro, quando eu era pequena me assustaram... entende? Então tenho medo de verdade!”

<sup>176</sup> Tradução livre: “Mas logo me... eu passei a noite e agora já... já estou aqui”.

a ser violentos na hora em que os prenderam. “*Pero después que cierran la puerta em la perrera*<sup>177</sup>, *ahí empiezan*”<sup>178</sup>.

Os agentes da patrulha não são um grande problema, dizia Juana. Eles os detêm avisam que por serem menores a lei os protege, os levam para um lugar diferente dos adultos e só. Já suas mães... Com elas não tem lei de proteção, elas dão bronca, deixam de castigo. “*La mamá es el muro más grande y fuerte que hay*”. E Mari completou: “*todavía más cuando la chancla vuela*”. E Joana: “*Como dicen, es difícil educar un adolescente, y para nosotros es difícil también que nos quieran educar. Nosotras no podemos educar nuestra mamá*”.

Mari saiu de casa sem que sua mãe soubesse. Ela tinha intenção de ligar para sua mãe, mas só quando chegasse ao lado estadunidense da fronteira. Aí contaria onde estava e para onde estava pretendendo ir. Só não pensava que, durante a travessia do rio, perderia seu telefone. Pouco antes de entrar no rio, Mari ainda chegou a ligar para sua “*madre adoptiva*”. Na verdade, ela era uma prima, “*ella siempre me ayuda y me cuida, no es ahora que me va a fallar*”. A conversa foi rápida. Mari pediu total segredo à sua mãe, e contou o que estava prestes a fazer. Sua mãe adotiva tentou de todas maneiras dissuadi-la de cruzar e prometeu que a ajudaria a ir até seu pai, mas com papéis e “bem acompanhada”. Foi quando Mari se arrependeu de ter feito tudo dessa maneira. Mas, mesmo assim, Mari cruzou. Tudo já estava pago e acertado. Mari estava com todo o grupo a ponto de cruzar. Sem saber o que fazer, foi.

---

<sup>177</sup> Essa é a maneira como comumente chamam os centros de detenção para crianças nos EUA. A tradução literal seria canil. Fazendo alusão às jaulas em que ficam separadas.

<sup>178</sup> Tradução livre: “Mas depois que fecham a porta da perrerra, aí começam”.



Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México 2018).

Mari chegou ao módulo de Repatriação Humana<sup>179</sup> e foi encaminhada diretamente ao CAMEF de Matamoros na sexta-feira à tarde, quase fim de expediente. Isso significava que teria de passar o fim de semana no albergue, já que aos sábados e domingos torna-se mais difícil dar andamento aos trâmites necessários para a liberação das crianças e dos adolescentes<sup>180</sup>. O que já

---

<sup>179</sup> O módulo fica na ponte oficialmente chamada de “New International Bridge” ou, apenas, “Puente Nueva”. Das três pontes que ligam Matamoros e Brownsville, esta é a única em que se pode atravessar caminhando. As demais (“de los Tomates” e “de los Indios”) são apenas para veículos. O primeiro módulo de Repatriação Humana surgiu, em 2007, em Tijuana, com o propósito de dar um primeiro e imediato atendimento ao grande número de mexicanos retornados na fronteira. Conforme informações na própria página eletrônica do INM, o Programa de Repatriação Humana tem como objetivo: “fornecer aos mexicanos retornados atenção integral a fim de contribuir, no curto prazo, para o desenvolvimento nacional do México, promovendo a valorização de suas habilidades através de um trabalho conjunto entre os três níveis de governo, iniciativas da sociedade civil privada, organizada e organizações internacionais, promovendo a incorporação de mexicanos ao mercado produtivo” (tradução livre). Disponível em: <https://www.gob.mx/inm/acciones-y-programas/programa-de-repatriacion-12469> (acesso em 22 de dezembro de 2018).

<sup>180</sup> O DIF do estado de origem se coloca em contato com o DIF de Tamaulipas, mais especificamente o CAMEF e definem como poderão fazer o retorno da criança. Se há disponibilidade, os pais vão até Tamaulipas encontrar com seus filhos. As

poderiam fazer era entrar em contato com sua mãe. Era a primeira vez que sua mãe tinha notícias suas. Mari estava aliviada de ter guardado o número de sua mãe na memória. De fato, essa é uma dificuldade comum para a equipe do Centro. As crianças não acompanhadas costumam não saber ou não lembrar dos contatos de seus familiares, seja por desconhecer o número, seja pela própria situação de trauma que viveram, seja por temer seus pais, ou ainda como estratégia para protegê-los do contato com agentes do Estado.

Com Mari esse não era o problema. Ela queria entrar em contato com sua mãe. Mari acreditava que mesmo estando bastante aborrecida, ela não reagiria tão mal, já que estava acostumada com as fugas de Mari.

Aos 5 anos de idade foi a primeira vez que Mari fugiu de casa. Vivendo com sua mãe em uma comunidade pequena em Hidalgo, Mari “*estaba rodeada de puros tíos*”<sup>181</sup>. E foi para casa de uma dessas tias para onde fugiu. Eu estava curiosa para entender melhor sobre sua família. Mari me contou que sua mãe deixou toda sua família na península de Yucatan para se casar com seu pai, que vivia neste pequeno povoado em Hidalgo.

Mari ainda não era nascida quando ele resolveu ir aos Estados Unidos. A mãe e duas irmãs de seu pai viviam em um povoado um pouco maior perto dali. Sua mãe, então decidiu mudar-se mais uma vez. A ideia era de que Mari pudesse conviver com a família de seu pai. Mas com a convivência, não veio o afeto. Ao perguntar se sua avó também não estaria preocupada com seu “desaparecimento” me disse: “*no sé... ella es un poco rara... no sé si me quiere o no me quiere*”<sup>182</sup>. Seu pai mandava dinheiro a sua avó e, ao que deixou entender, parte desse dinheiro deveria ir para seus estudos, mas

---

despesas são preferencialmente pagas pela família, mas em caso de carência os DIFs de cada um dos estados envolvidos se colocam em acordo de quem poderá arcar com as despesas. A depender das distâncias e de como preferem os familiares, o transporte é feito em avião ou ônibus. No caso de não ser possível que nenhum familiar se desloque até Tamaulipas, a crianças ou adolescente retornam em companhia de um OPI.

<sup>181</sup> Tradução livre: “estava cercada somente de tios”.

<sup>182</sup> Tradução livre: “ não sei... ela é um pouco estranha.... não sei se gosta de mim ou não.”

isso nunca aconteceu. *“Pero no importa, porque los que no son mis tíos ni nada, sí me quieren y me ayudaban con la escuela... e me consideran más que los que tienen mi sangre... la sangre de mi papá”*<sup>183</sup>. A comunidade era sua verdadeira família. Quando então falava de tios, tias, primos, madrinha, eram dessas pessoas, que não tinham seu sangue, a que Mari se referia. *“Hice mi vida donde vivia yo”*. *“Por toda mi vida mi familia estaba en un lugar y yo en otro. (...) Ahora voy por mi familia que no conosco.”*<sup>184</sup>

Nos Estados Unidos seu pai já estava casado e com um casal de filhos. *“Mi padre siempre en Estados Unidos... Yo no conozco a él. Ni siquiera por foto. Apenas hablamos por teléfono”*<sup>185</sup>. A última vez que falou com ele e com sua madrasta, disse que estavam todos muito felizes porque ela estava para chegar.

A ideia de ir aos Estados Unidos não tinha surgido pela primeira vez tão recentemente. Mari já estava pronta para fugir e tentar cruzar para os Estados Unidos quando acabava de completar 12 anos. Mas uma notícia mudou todos os seus planos. Após um forte sangramento que levou sua mãe à mesa de cirurgia, sua mãe recebeu um diagnóstico que Mari preferia não mencionar o nome. Após a cirurgia, sua mãe precisaria ir ao hospital a cada dois meses para seguir o tratamento. Mari percebeu o quanto sua mãe e seu meio-irmão de sete anos iriam precisar de seu apoio. Mari adiou os planos de ver seu pai por quase dois anos. Nesse tempo, uma tia que ainda não conhece e também vive em Kentucky teve oportunidade de juntar dinheiro para ajudá-la a pagar pelos custos de sua travessia.

Lembrando dos tempos do jardim de infância, Mari contava que ao chegar em casa sua mãe já tinha saído para trabalhar. Mari então já sabia que ia cumprir sua rotina: tomar banho, lavar os cabelos, esquentar a comida que estava pronta e esperar por sua mãe. Quando estava perto de

---

<sup>183</sup> Tradução livre: “Mas não importa, porque os que não são meus tios nem nada, gostam sim de mim e me ajudam com a escola... e me consideram mais que os que têm meu sangue... o sangue do meu pai.”

<sup>184</sup> Tradução livre: “Fiz minha vida onde eu vivia.” “Por toda minha vida minha família estava em um lugar e eu em outro. Agora vou atrás da minha família que não conheço.”

<sup>185</sup> Tradução livre: “Meu pai sempre [estava] nos Estados Unidos... Eu não o conheço. Nem mesmo por foto. Apenas conversamos por telefone”.

completar sete anos, soube que seu pai já havia se casado e estava esperando um filho. Logo depois sua mãe também engravidou e com isso, uma nova fase começou para Mari. Depois que seu irmão nasceu, Mari conta que teve de aprender a cozinhar, limpar a casa e cuidar de um bebê. “*Aprendí hacer casi todo como que, para ser una mamá, por eso lo quiero como un hijito mío*”<sup>186</sup>.

Mesmo com tantas responsabilidades, Mari seguia estudando. Até a semana anterior estava frequentando as aulas do 7º ano. Foi na escola onde confessou a uma de suas amigas que contou que iria tentar chegar aos Estados Unidos nos próximos dias. E em meio a mais uma risada nervosa me disse que sua amiga lhe deu uma bronca e, com isso, pensou que poderiam ficar brigadas para sempre já que nunca mais iam voltar a se ver. Agora achava graça já que em menos de duas semanas já iria voltar à sua cidade, frequentar a escola e fazer as pazes.

Mesmo quando esteve mais perto de chegar a seu pai, Mari não chegou a imaginar exatamente como poderia ser sua vida em Kentucky. “*No sé... No pensé en eso. Necesito ir, ver y saber cómo se acomodan las cosas allá.*” Ao mesmo tempo sabia que seria difícil porque “*no conosco a nadie y no sé nada nada, de como si vive ahí... ya em mi pueblo, ya conoci a toda la gente que hay, sé por donde ir...*” e aí interrompi e disse: “*y como huir...*”. Ela, em meio a muita risada, concordou. E Juana disse: “*pero no de la migración*” e prontamente Mari respondeu: “*solo porque era mi primera vez*”<sup>187</sup>. Segundo ela, só não escapou porque não quis. Porque em todo caminho de volta desde Brownsville até Matamoros e, ali mesmo, no CAMEF durante o banho, já tinha visto várias oportunidades para fugir. E se fugisse, tinha de memória um telefone para chamar e voltar a cruzar. Mas não queria. Preferia ter um lugar para tomar banho e dormir enquanto esperava sua mãe vir buscá-la.

---

<sup>186</sup> Tradução livre: “Aprendi a fazer quase tudo que precisa para ser uma mãe, por isso o amo como um filho meu”.

<sup>187</sup> Tradução livre: “Não sei... Não pensei nisso. Preciso ir, ver e saber como ficam as coisas por lá.” (...) “não conheço ninguém e não sei nada de nada de como se vive lá... já na minha cidade, já conheço todo mundo, sei por onde ir...”. Minha interrupção: “e como fugir”. Comentário de Juana: “mas não da migração”. Conclusão de Mari: “só porque era a minha primeira vez”.

Juana então disse, com um tom de receio – tanto pelas possíveis consequências de confessar a mim, quanto pela própria dificuldade da situação – que ali, no CAMEF, não era possível fugir. As janelas estavam todas com grades e haviam muitas câmeras dentro de quase todos os espaços. Mari, então, discordou e contou de seu hábito ao entrar num lugar desconhecido, ou em situações de perigo, de logo observar as possibilidades que tem de fugir se precisar. E ali, já sabia várias maneiras de tentar. Mas se sentia segura e não precisava fazer isso. Juana outra vez disse não duvidar da capacidade em Mari de fugir, já que tinha conseguido fugir de sua mãe.

Mesmo sabendo que teria a quem telefonar se quisesse voltar imediatamente a Kentucky, Mari dizia que não voltaria: “*ahorita no, ya es demasiada aventura*”<sup>188</sup>. Mas ainda queria tentar contar com a ajuda de sua mãe adotiva. Ir com documentos não significaria ficar nos Estados Unidos por muito tempo. Achava muito difícil que “*ellos*” (o governo dos Estados Unidos) deixassem com que ela ficasse muito mais que um ano, então estaria “*como de visita*”.

A aventura de Mari buscando conhecer sua parte da família e deixando para trás a outra parte provavelmente estava longe de terminar, mas até aquele momento, o retrato gráfico que foi possível tirar, demonstra como que em algumas convergências e tantas outras peculiaridades, o encontro entre Mari e Juana nos diz sobre a necessidade de além de denominações como a nacionalidade, o gênero, a idade ou como vão acompanhadas.

*Matriz 3 – Mari: dinâmica de aventura e medo*

	<b>MACRO</b>	<b>MESO</b>	<b>MICRO</b>
<b>CENÁRIO</b>	Cidade pequena do interior do México	Tamaulipas-Texas Separação familiar (por migrações internas e externas)	Escola Comunidade (transnacional) Casas: de suas mães e de seu pai
<b>ATORES</b>	Estados nacionais (mexicano e estadunidense)	Coyotagem/ casas de seguridad (viagem especial)	Família: biológica e por adoção Grupo com quem cruzou Funcionárias/os do DIF

<sup>188</sup> Tradução livre: “agora não, já foi muita aventura”.

CBP  
CAMEF-Matamoros

<b>MOVIMENTOS</b>	Deslocamento por reunião familiar*	Entrada indocumentada de criança estrangeira não acompanhada (UAC) e Repatriação de criança mexicana	Travessia no México em carro particular (sem ciência da mãe) Travessia aos EUA pelo Río Bravo
-------------------	------------------------------------	--	--

Mari sabia que se fosse voltar aos Estados Unidos seria melhor enquanto não completasse 18 anos, porque assim “*tendré más derechos de estar com mi papá*”. E com uma condição “*no en avión porque me da miedo*”<sup>189</sup>. Esse também era um medo de Juana e as duas riram muito juntas quando indaguei surpresa como era possível, depois de tanta coragem em cruzar o rio, fugir da patrulha fronteira, fugir de suas mães, ainda terem medo de avião? Juana me responde: “*En el río no hay de donde caer... y quien escapa de la madre, escapa fácil de los de la patrulla. ¿Ahora en avión? ¿Se cae! No hay cámara que ayude, no hay madre que te perdone, no hay patrulla que deporte.*”<sup>190</sup>

### C. SER CRIANÇA E TER FAMÍLIAS REPARTIDAS EM HONDURAS: O ENCONTRO DE BRIGITH, SOFÍA E ELSA NO CAMEF DE REYNOSA

Em outro ponto da fronteira de Tamaulipas com o Texas, estavam albergadas mais de 40 crianças e adolescentes. Em contraste com as atividades vivenciadas em Matamoros, esse número estava longe de ser o maior que estavam acostumados a receber no CAMEF de Reynosa. O espaço, construído nas margens da ferrovia, também parecia ser igualmente maior.

<sup>189</sup> Tradução livre: “Terei mais direitos de estar com meu pai”. (...) “Não de avião porque me dá medo”.

<sup>190</sup> Tradução livre: “No rio não se tem como cair... quem escapa da mãe, escapa fácil da patrulha. Agora do avião? A gente cai! Não tem boia que ajude, não tem mãe que perdoe, não tem patrulha que te deporte”.

Fotografia 20 – Centro de Atenção ao Menor Fronteiriço de Reynosa



Crédito: Elisa Sardão Colares (Reynosa, Tamaulipas, México 2018).

Apesar de ambos CAMEFs serem cercados por grades (nas janelas e portas), neste a sensação de enclausuramento me pareceu bem mais evidente. A “*ala de niñas*” – que não pude conhecer por estarem pintando alguns dos cômodos – ficava próxima à parte administrativa. A “*ala de niños*” ocupava o lado oposto do edifício e dividia-se em um grande quarto com bicamas e um pequeno cômodo todo dividido por grades com alguns colchões no cimento. Diferentemente de Matamoros, em Reynosa os “menores de circuito” são separados dos demais e o pouco tempo que passam no CAMEF, ficam ali enclausurados.



Crédito: Elisa Sardão Colares (Reynosa, Tamaulipas, México 2018).

Não nos foi apresentado todo o pessoal que ali trabalha, mas pudemos contar com a colaboração de um psicopedagogo responsável por realizar atividades com os meninos e rapazes durante parte da manhã e parte da tarde. As atividades vão desde desenhos, redações e leituras até mesmo dança de salão – em realidade uma multiplicidade de atividades pode ser realizada com apoio de voluntários, no momento em que estive, uma professora de Zumba lecionava para os meninos duas vezes por semana.

Nos dois CAMEFs de Tamaulipas que visitei meninos e meninas nunca entram em contato nem mesmo durante as refeições. Mas em Reynosa encontramos uma peculiaridade. Alguns casos em que as crianças vêm acompanhadas de suas mães – e até mesmo em poucos casos de pais com

---

<sup>191</sup> Tradução livre: “Realize seus sonhos...siga suas metas, mas não se esqueça de quem você é nem de onde vem”.

crianças pequenas – são recebidos pelo CAMEF. No momento da minha primeira visita uma mãe com um filho de 15 anos estava albergada ali. Ela junto às demais meninas e ele com os rapazes. Não tinham contato um com o outro e ao longo do dia trocavam recados pela equipe do CAMEF.

Além desta mãe, estavam também: Leila de 16 anos; Brigith, de oito; Sofía, de dez; e Elsa, de nove. Foi em meio às várias histórias contadas por Brigith, pontualmente criticadas pelo bom e ácido humor de Sofía e os olhos atentos de Elsa que começamos a desenhar e contar um pouco sobre nossas vidas.

Brigith foi a primeira a se apresentar e a que mais gostava de conversar. Vinha de Honduras assim como Elsa e Sofía. “*No veníamos solas, nos cuidaban*”<sup>192</sup>. Apenas Brigith e Elsa vinham no mesmo grupo, apesar de que não se conheciam até o dia que saíram de San Pedro Sula<sup>193</sup> rumo aos Estados Unidos. A viagem parecia ter sido mais longa do que os poucos dias que realmente levou para chegarem tão perto de atravessar. De dia tentavam dormir e de noite seguiam viagem. Ora andando, ora em caminhões que se revezavam a cada trecho do caminho. Quando foram detidas estavam quase chegando à Reynosa. Duas mulheres e algumas crianças salvadorenhas conseguiram fugir, mas elas não. Brigith já estava muito cansada e seus pés doíam muito da longa caminhada que tinham feito na noite anterior.

Elsa, ainda um pouco cansada e com sono, apenas concordava com a cabeça, mas estava mais interessada em saber o que estávamos (a outra pesquisadora e eu) fazendo ali. Apesar de contarmos que não éramos professoras e que estávamos ali para fazer nossa própria tarefa de casa junto com elas, ela ainda achava que nós éramos professoras e que estaríamos avaliando seu desenho e seu comportamento.

---

<sup>192</sup> Tradução livre: “Não vínhamos sós, cuidavam da gente”.

<sup>193</sup> Apesar das recentes reduções, as taxas de homicídio de San Pedro Sula ficaram mundialmente conhecidas quando em 2014 despontou no ranking mundial com 147,15 homicídios a cada 100 mil habitantes (Comisión Interinstitucional para la Protección de Personas Desplazadas por la Violencia, 2015).

Quando Sofia chegou ao CAMEF já era de madrugada. Brigith e Elsa já estavam dormindo e, ainda que, com muito sono perceberam alguma movimentação. Sofia chegou junto com Leila, a adolescente de 16 anos que viajava com ela. Estava já muito incomodada com os vários dias sem tomar banho e passou bastante tempo lavando seus bonitos e volumosos cabelos crespos. Mas, se soubesse que seria obrigada a acordar tão cedo como as outras, teria tomado um banho mais rápido.

As três vestiam camisetas ou um pouco menores ou um pouco maiores do que seu tamanho. Sofia, um pouco incomodada, disse que aquela roupa não era dela. Na verdade, trazia uma pequena mochila com suas roupas e alguns objetos pessoais que foi levada quando foram detidas pelos “policias”. Brigith disse que ela e Elsa foram até bem tratadas, mas que também não estavam com suas roupas porque estavam com o “señor de aquí” – Sofia logo acrescentou “el licenciado” – mas que logo que elas saíssem, ele devolveria.

Brigith ainda estava muito cansada, não queria pensar muito em voltar a fazer as longas caminhadas. Queria aproveitar que estava ali para descansar um pouco. E, para isso, desenhar e dormir eram boas formas de descansar. Mas ela não era preguiçosa. Queria estudar muito para poder abrir seu próprio salão de beleza. “Nos Estados Unidos?”, perguntei eu. Ela disse que poderia ser. E então ponderou que talvez fosse melhor ter um salão de beleza perto de onde vive sua mãe, porque ali sabem falar inglês. Talvez assim seu salão pudesse até ser ainda maior e mais bonito. Em que prontamente Sofia completou: “no te engañes, allá vamos a ser pobres, la pobreza de Estados Unidos”<sup>194</sup>.

Ao apresentar seu desenho Brigith preferiu apresentar um conto. O conto tinha uma dinâmica própria em que o cenário e as personagens mudavam a cada frase. Aqui tentarei reproduzir, com base em algumas das anotações de campo que fiz, um pouco de como essa história me foi contada.

*Era uma vez uma linda cidade. [Eu não me lembro o nome da cidade onde está minha mamãe. Então vai ser na minha casa mesmo]. Ali havia uma linda menina [que sou eu], que vivia numa bela casa, com um lago cheio de peixes, uma serra em que se via o céu ensolarado. Um belo dia a mulher [essa não é mais a menina é a minha mãe]. Um belo dia*

---

<sup>194</sup> Tradução livre: “não se engane, lá vamos ser pobres, a pobreza dos Estados Unidos”.

a mulher recebe uma carta de seu esposo que diz: “Olá filha, Como você está? Estou vindo de longe. Você não vem?” ...

Desenho 1 – Brigith, uma casa e uma carta de longe



Fonte: Brigith, 8 anos, de Honduras (Reynosa, Tamaulipas, México, 2018)

E o conto foi interrompido com a chegada de Sofía que havia saído para fazer sua chamada telefônica<sup>195</sup> e chegava dizendo em voz baixa para Brigith alguma informação sobre como seriam os próximos passos com a migração. Brigith prontamente contestou e disse que sua tia iria busca-la ali mesmo para que aí a levasse para Honduras, mas dali ela não iria sem sua tia.

---

<sup>195</sup> O direito das crianças e adolescentes migrantes se comunicarem com seus familiares está assegurado pelo “Protocolo de actuación para asegurar el respeto a los principios y la protección de los derechos de niñas, niños y adolescentes en procedimientos administrativos migratorios.”. No CAMEF de Reynosa o coordenador separa algumas horas do dia para fazer as chamadas aos familiares das meninas e depois, ao longo do dia, faz a dos meninos, por serem em maior número.

Não estava tão claro para Brigith e Elsa o que iria acontecer quando saíssem. Sofía já estava mais convicta que as três viajariam outra vez até Honduras. Elsa tinha esperanças que a conversa que teve com sua mãe ao telefone se concretizasse. Sua mãe iria autorizar a “*muchacha*” de busca-la e dali mesmo elas iriam outra vez tentar cruzar. Ao que prontamente Sofía replicou: “*todavía no nos han proibido de soñar*”<sup>196</sup>. Elsa, sem entender muito, olhou para Sofía que, com um sorriso no canto da boca, olhou discretamente para Leila<sup>197</sup> (que do outro lado da mesa conversava com a outra pesquisadora).

Sofía era a única filha de seus pais que estava em Honduras. Primeiro foi seu pai com seu meu-irmão mais velho e, em seguida, sua mãe, “*pero eso hace mucho*”<sup>198</sup>. Ali nasceu seu irmão mais novo, que esperava ainda poder conhecer. Vivia com seus avós a quem chamava de “*mamá*” e “*papá*”. Estava no 5º ano e gostava de ir à escola, mas sabia que mesmo voltando para Honduras não iria voltar para a escola.

O que Sofia mais gostava era fazer os deveres com suas amigas. Sentavam-se numa mesa grande debaixo de um pé de manga e quem tinha comida em casa trazia. Mas às vezes acontecia de nenhuma delas ter o que levar. Debaixo do pé de manga passavam a tarde. Quando não conseguiam reunir todas elas, Sofía chamava sua melhor amiga e, se tinha comida em casa, ela poderia fazer de tudo: arroz, feijão, “*baleadas*”<sup>199</sup>, tortilhas – de trigo e de milho! Aprendeu a fazer tortilhas feitas à mão com sua avó, quando ela não era tão velhinha. Agora seus avós ficavam doentes mais vezes e ela já estava acostumada em ter de arrumar a casa, lavar a roupa e a louça. Me dizia que era quase igual brincar. A diferença é só que não dá para largar no meio para andar de bicicleta.

---

<sup>196</sup> Tradução livre: “Ainda não nos proibiram de sonhar”.

<sup>197</sup> A observação sobre os contatos e interações entre Sofía e Leila foi muito breve, mas o suficiente para acionar uma desconfiança de que Leila poderia ser uma das “muchachas” que levavam as crianças do grupo de Sofía.

<sup>198</sup> Tradução livre: “Mas isso faz muito tempo”.

<sup>199</sup> Prato típico de Honduras feito com tortilha de farinha de trigo recheada, normalmente, de feijão amassado e queijo.

Em seu desenho estava sua casa – “yo hice pequena pero es grande!” –, seus avôs – “están felices porque me voy a regresar”<sup>200</sup> – o pé de manga e o rio cheio de peixes. Sofía sabia que isso não se parecia em nada com que iria encontrar quando chegasse aos seus pais nos EUA. Mas já estava se preparando. No verso da folha escreveu o que ia fazer quando chegasse aos Estados Unidos: “voy a cuidar a mi hermanito”, “voy a hacer haseo [sic]”, “voy a hoverdeserle [sic] a mi mamá y a mi papá” e “voy a estudiar”<sup>201</sup>.

Desenho 2 – Sofía, seus pais e sua casa (que está pequena, mas é grande)



Fonte: Sofía, 10 anos, de Honduras (Reynosa, Tamaulipas, México, 2018)

<sup>200</sup> Tradução livre: “eu fiz pequena, mas ela é grande!” (...) “estão felizes porque vou voltar”.

<sup>201</sup> Tradução livre: “vou cuidar do meu irmãozinho”, “vou fazer faxina”, “vou obedecer minha mamãe e meu papai”, “vou estudar”.

Elsa estava querendo encontrar com sua mãe, que foi para Memphis quando ela tinha apenas dois anos. Desde então, passou a viver com sua avó. Que também precisa da ajuda de Elsa para fazer a comida – já sabe até mesmo assar carne – e cuidar da casa. Ela se lembra muito pouco de sua mãe e achava estranho ter dois irmãos que nunca conheceu. Eles nasceram nos Estados Unidos e, por isso, podiam ir e voltar quantas vezes quisessem até Honduras. Sua mãe não. Mas, conformada, dizia que tudo bem, o que eles iriam mesmo fazer em Honduras?

Elsa chegou até o 4º ano na escola, “*pero ahora no importa*”<sup>202</sup>. Eram poucas as boas recordações que tinha de sua escola em Honduras. Seu professor era bem nervoso e ela sentia muito medo quando via o diretor da escola. Elsa não queria voltar à escola enquanto não chegasse aos Estados Unidos e as coisas por lá se acomodassem. Lá ela poderia estudar, ser uma boa aluna e um dia ser professora. Não dessas que brigam com os alunos. Mas uma que gostasse de crianças.

Por várias vezes insistia que não mais voltaria para Honduras, nem mesmo agora que havia sido detida. A “*muchacha*” estava em contato com sua mãe para que ela fosse liberada do CAMEF e seguir dali mesmo para o que faltava de sua jornada.

Brigith, Sofía e Elsa me permitiram aprofundar um pouco mais a dinâmica envolvendo as crianças vindas da América Central, mais precisamente de Honduras, que convivem com a separação familiar desde muito pequenas, como mostro muito sinteticamente na matriz abaixo:

Matriz 4 – Brigith, Sofía e Elsa: dinâmica de preocupações, sonho e cansaço

	<b>MACRO</b>	<b>MESO</b>	<b>MICRO</b>
<b>CENÁRIO</b>	Pobreza e desigualdade em Honduras	Tamaulipas-Texas Separação familiar	Escola Casas: de seus pais e de seus avós/cuidadores
<b>ATORES</b>	Estados nacionais de: Honduras, México e Estados Unidos**	Coyotagem (especializada***) INM CAMEF - Reynosa	Pais nos EUA, avós em Honduras Grupos com quem cruzaram OPI - INM Funcionárias/os do DIF

<sup>202</sup> Tradução livre: “Mas agora não importa”.

<b>MOVIMENTOS</b>	Deslocamento por reunião familiar*	Criança estrangeira não acompanhada e retorno assistido	Travessia pelo México em caminhão (com a ciência, mas sem presença dos pais)
-------------------	------------------------------------	---	--

A vontade de ir juntar-se às suas famílias não seria freada por um primeiro obstáculo. Por isso, mesmo fazendo ressalva sobre a ideia de Elsa de permanecer no México, Sofia concordava de que iam chegar “*al otro lado*”. “*Quiero seguir intentando y enfrentando. Si por cinco veces me agarrón, por cinco veces más mi voy, porque voy a lograr.*”<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> Tradução livre: “Quero seguir tentando e enfrentando. Se cinco vezes me detêm, por cinco vezes mais eu vou, porque vou conseguir.”

### CAPÍTULO 3 | PROTAGONISTAS ENTRE O NARCOTRÁFICO E A DEPORTAÇÃO | SEPARAÇÃO E A BUSCA PELA “AJUDA DE DEUS”

Na guerra do governo mexicano contra o narcotráfico em um contexto de fronteira, os equilíbrios e desequilíbrios de forças vão sendo testados e impostos cotidianamente. Assim, nesse contexto, começaram a surgir notícias de grande quantidade de migrantes em Matamoros, que em um primeiro momento haviam sido deportados na fronteira e posteriormente custodiados pela Defesa Nacional Mexicana (SEDENA). Caso fosse verdadeiro, deveria se tratar apenas de mexicanos, já que a deportação de migrantes implica em transportá-los até seu país de origem.

No dia seguinte, já com a informação de que se tratavam, principalmente, de centro-americanos, soubemos que a SEDENA os havia capturado em seis “casas de seguridad” de Matamoros.

Figura 4 – Postagem de Twitter de jornalista local<sup>1</sup>



Fonte: @FrepeMtz em 10/02/2018 (Link indisponível)

Figura 5 – Postagem de Twitter de jornalista local



Fonte: @MorosReporta\_Mx em 10/02/2018 (link indisponível)

Fomos até a piscina pública “Alberca Eduardo Chávez” onde um forte cerco militar resguardava os migrantes. A rua “Guatemala” estava interditada, demos a volta no quarteirão e paramos na rua “Panamá”, e de lá fomos ao portão de entrada. Fomos recebidos no lado de fora pelo delegado regional do “Instituto Tamaulipeco del Migrante”<sup>204</sup> (ITM) que nos disse que aí estavam mais de 200 migrantes, sendo pouco menos da metade menores de 18 anos. Não nos foi permitida a entrada, nem naquele dia, nem nos que se seguiram.

<sup>204</sup> Organismo do estado de Tamaulipas responsável pela implementação de políticas de atenção ao migrante (tanto os estrangeiros que passam pelo estado quanto aqueles nascidos em Tamaulipas que se encontram no exterior). Segundo informações disponíveis em seu site: “Brinda la atención que los migrantes merecen por parte de nuestro Estado, y atiende de manera integral, el conjunto de causas y efectos que se confrontan al abordar el fenómeno migratorio. Aquí se pretende alinear y concentrar en un solo organismo las acciones y programas que las autoridades estatales lleven a cabo, a fin de enfrentar con éxito los diversos retos que trae aparejado el fenómeno migratorio. Así mismo, es menester alentar las sinergias positivas de crecimiento, inversión y arraigo entre todos los tamaulipecos, particularmente con los que se encuentran radicando en el extranjero.” (Disponível em: <https://www.tamaulipas.gob.mx/migrantes/instituto-tamaulipeco-para-los-migrantes/>)

As primeiras crianças com quem tive contato foram Andrew, Miguel e David. Os três estavam na Casa del Migrante de Matamoros<sup>205</sup> com seus pais e mais outros adolescentes e adultos (todos homens), aguardando para cruzar a fronteira. A história de como foram parar ali diz muito sobre como migração e o narcotráfico são indissociáveis nessa grande cicatriz do continente americano.

Segundo os pais das crianças, o que parece explicar pelo que passaram é que os “[los que] se dedican a passar la gente a los Estados Unidos” desde a Guatemala deixaram de pagar a cota que deviam ao outro grupo “[que] quien sabe a que se dedican”<sup>206</sup>. Por isso, foram parar nas mãos de quem não esperavam.

A viagem da Guatemala até aquele momento era diferente. Aqueles que os levavam não andavam armados, tinham direito a café da manhã, almoço e jantar. Chegavam a noite em pequenos hotéis, que eram pagos pelos próprios guias, e pela manhã passavam para seguirem viagem. Ainda nessa fase da viagem, quando estavam dentro dos vagões dos caminhões, chegaram a passar por pontos de verificação<sup>207</sup>. Quando iam se aproximando, os que vinham a frente pediam completo silêncio e quando havia crianças chorando, pediam para que tapassem sua boca. Em um desses episódios um pai chegou a se recusar a tapar a boca de seu filho: “no puedo hacer eso con él si no sabe él que está pasando”<sup>208</sup>.

Eram muitas as crianças que faziam parte deste grupo. Algumas pessoas com quem conversei informalmente arriscaram a dizer que quase metade do grupo seria de crianças e adolescentes. Os migrantes com quem conversamos, alguns deles pais de algumas das crianças, diziam o quanto estavam traumatizadas por tudo que passaram. Dormiram no chão boa parte do tempo. Ficaram

---

<sup>205</sup> A Casa foi criada e é mantida pela Igreja Católica. Seu objetivo é prestar apoio aos migrantes que por ali passam. Com um prazo máximo duas noites de estadia, os migrantes recebem comida, um lugar para tomar banho, lavar suas roupas, cama para dormir e também apoio para contar a seus parentes. Não é solicitado qualquer documento de identificação. As exigências dizem respeito ao cumprimento restrito dos horários para acordar, comer, conviver e dormir.

<sup>206</sup> Tradução livre: “aqueles que trabalham passando as pessoas para o lado dos Estados Unidos” (...) “quem sabe com que trabalham”.

<sup>207</sup> Sobre os pontos de verificação, ver capítulo 04.

<sup>208</sup> Tradução livre: “não posso fazer isso com ele se ele não sabe o que está acontecendo”.

sentadas por mais de 50 horas no mesmo lugar dentro do caminhão. Seus pais disseram nunca terem passado por nada parecido.

Vinham divididos em dois caminhões. Em certa altura perceberam que o motorista (que, segundo eles, não sabia conduzir um caminhão tão cheio de gente) havia sido rendido. A partir deste ponto os quase 200 migrantes passaram a viajar na carroceria de um mesmo caminhão<sup>209</sup>. Conforme foram passando as horas o calor foi ficando insuportável. Seus algozes abriam um pouco uma pequena porta de ventilação, mas logo fechavam. As pessoas começaram a desmaiar. Não paravam para nada. Viram adultos urinando nas calças. Começaram a juntar-se para tentar fazer pequenos buracos no caminhão para tentar garantir a respiração que já estava insuportável.

Os sinais de preocupação eram visíveis nos rostos de todos, mas o que os surpreendeu é de que as crianças não foram as que mais choravam. “*Los niños no hablan, y tu cuando no habla mucho no pierde tanta energía y no se desespera*”<sup>210</sup>. O mesmo não se via nas “*siñoras y algunos hombres*”. O desespero de uma senhora com claustrofobia, os desmaios repentinos de um senhor, a inconsciência de outro (que durante o frio da madrugada estava sem camisa porque já não sentia diferença entre frio e calor), uma salvadorenha que estava grávida e ali mesmo entrou em trabalho de parto. Tudo isso havia passado em poucos metros quadrados divididos com um par de centenas de pessoas.

---

<sup>209</sup> Essa é a parte que não se encaixa no quebra-cabeças. Os migrantes não sabiam dizer em que ponto isso ocorreu, mas segundo o jornal local (foto a seguir) a interceptação ou “sequestro” ocorreu em Tampico. A grande questão é: a troca de que os sequestradores seguiriam viagem, facilitando a aproximação dos migrantes à fronteira, se o objetivo era apenas de extorqui-los?

<sup>210</sup> Tradução livre: “As crianças não falam, e você quando não fala muito, não perde tanta energia e não se desespera”.

Figura 6 – Jornal local: “Secuestro de migrantes fue em Tabasco”<sup>211</sup>



Fonte: (Pereda Rangel, 2018)

Disseram-nos saber o quanto valiam estando vivos e, por isso, a ninguém interessava que morressem. E se revoltavam em pensar quanto dinheiro iam pedir aos familiares, sendo que cada um ali estava indo para dar duro e trabalhar, justamente porque não tinham esse dinheiro. “Cuesta mucho esse dinero”<sup>212</sup>.

Para conseguir o “primeiro dinheiro” alguns se endividaram com familiares – uma irmã que já está nos Estados Unidos, a tia que arrumaria o emprego quando chegassem –, outros venderam tudo que tinham – a casa construída por eles mesmos, o carro que era ferramenta de trabalho, o terreno dado como garantia de um empréstimo etc. “Todo que uno trabaja por su vida ahí está barajado”<sup>213</sup>.

Voltar para a casa, sob essas condições, portanto, deixa de ser uma opção. Tudo foi vendido, o emprego foi perdido, a dívida só crescendo a cada dia (aos que tomaram algum empréstimo diziam que os juros variavam entre 10 e 15% ao mês). A necessidade de cruzar e tentar algum trabalho que

<sup>211</sup> Tradução livre: “Sequestro de migrantes foi em Tabasco”. “Pediam até 7 mil dólares para liberá-los”.

<sup>212</sup> Tradução livre: “Custa muito esse dinheiro”.

<sup>213</sup> Tradução livre: “Tudo que se trabalha por toda a vida está aí embaralhado”.

permita ganhar em dólares americanos passa a ser a única solução possível para garantir o sustento da família.

Ao chegar em Matamoros ainda estavam sob o comando daqueles que os interceptaram na estrada. O grupo precisou ser dividido em “*casas de seguridad*” distintas. À medida que iam descendo do caminhão, iam sendo separados conforme a vontade dos homens armados. Nisso, famílias, com crianças pequenas acabaram por ser divididas. Em alguns casos, pais e mães foram separados (cada um ficando com algum de seus filhos), mas em outros casos, crianças pequenas que viajavam apenas com seu pai também foram separadas. Um dos pais, ao pedir que libertassem seu filho, foi ameaçado e açoitado. Enquanto seguia sem notícias de seu filho, cuidava de outra criança pequena também separada de seu pai. Uma outra criança também pequena, com sinais de infecção chegou a ser examinada por um médico na *casa de seguridad* onde estiveram, mas não chegou a ser medicada. Os pais que seguiam com seus filhos, com medo de também serem separados, passaram a dormir agarrados e a ir ao banheiro sempre com seus filhos. “*Si me pierdo, pierdo los dos, porque no me voy apartar de mi niño*”.

Na “*casa de seguridad*” ainda eram um grupo de mais de 100 pessoas. Dormiam no chão úmido e gelado. Havia goteiras na casa. Os guatemaltecos, mesmo todos homens, dormiram entre si abraçados. Os hondurenhos faziam chacota. Mas os guatemaltecos diziam que além disso não ser um insulto, preferiam ajudar um ao outro a passar frio.

#### **A. SER CRIANÇA, VIAJAR COM O PAI E SER SEQUESTRADO: O ENCONTRO DE ANDREW, JUAN MIGUEL E DAVID NA CASA DEL MIGRANTE EM MATAMOROS**

Um dia, percebendo a agitação entre os vigias e algumas comunicações por rádio, entenderam que a Marinha havia interceptado uma das “*casas de seguridad*”. Pelo que entenderam, dois dos homens responsáveis por vigiá-los fugiram e, aproveitando essa brecha, um pequeno grupo de migrantes fugiu também.

Procurando pela “*ayuda de Diós*” e depois de bater em algumas portas de igrejas, foram orientados a procurar a Casa do Migrante. Ainda sem saber como chegar e com apenas 100 pesos mexicanos<sup>214</sup> escondidos (os únicos que não lhes foram roubados), conseguiram com que um taxista os levasse até o abrigo. Já eram mais de dez da noite, fazia frio e já estavam cansados. Foi uma “*glória*”. Há mais de 6 dias não comiam “*una comida formal*”. Nas últimas 24 horas tinham dividido apenas um pão.

*Fotografia 22 – Pontos marcados para cruzar o Río Bravo*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)*

A essa altura alguns ainda pensavam em se entregar legalmente à migração dos Estados Unidos para solicitar refúgio, mas sabiam que com os filhos maiores de 18 anos isso se complicava.

---

<sup>214</sup> Correspondente a R\$ 20,00 à época.

Outros iriam tentar atravessar o rio sozinhos. Enquanto seus pais decidiam, comiam e se comunicavam com seus parentes, pude ter algumas horas junto a Andrew, Juan Miguel e David. Que me contaram suas versões sobre suas vidas. Pouco ou quase nada disseram sobre todos esses acontecimentos que visivelmente os abalaram.

*Fotografia 23 – Casa del Migrante de Matamoros*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)*

A aproximação com as crianças se deu ao final do trabalho de organizar os lanches que iam para o grupo maior que estava sob proteção do governo mexicano na “Alberca Eduardo Chávez”. O menor dos três, Andrew, era muito ativo e muito disposto a ajudar e já estava me auxiliando a colocar os sanduíches nas caixas, logo em seguida chegou o mais velho, Miguel, e se juntou a nós. Assim começamos uma aproximação, a troca dos primeiros olhares e dos primeiros sorrisos.

As apresentações foram tímidas e receosas. Quando perguntei a cada um deles seus nomes, Andrew demorou a responder. Seu pai reforçou a pergunta e aí sim Andrew respondeu seu nome completo – que foi em seguida sublinhado por seu pai: “temos o mesmo sobrenome”<sup>215</sup>. Já Miguel primeiramente se apresentou apenas como Miguel – mesmo nome de seu pai –, depois vimos seu pai chama-lo de Juan Miguel<sup>216</sup>. Já o terceiro menino, seguia muito distante e me olhava com um olhar muito bravo (sinceramente bravo). Nos primeiros minutos cheguei a pensar que ele jamais iria contribuir com qualquer atividade que pudéssemos propor.

Após encerrada por completa a organização dos lanches, eu e minha colega que me acompanhava limpamos o refeitório e já colocamos os papéis e lápis de cor em cima da mesa e os convidamos a desenhar. Outro investigador que nos acompanhava se reuniu junto aos adultos em outra parte do refeitório para realizar entrevistas em grupo.

Assim que Miguel e Andrew se sentaram para começar a desenhar com os materiais que trazíamos, o terceiro menino – que ainda não havia se apresentado – pôs-se a chorar. Sua feição muito brava se transformou completamente para uma de tristeza e ansiedade tremendas. Enquanto o consolávamos, ele nos confessava, entre soluços e lágrimas, o quanto sentia saudades de seu irmão mais novo. A tristeza se viu então refletida nos olhares de Andrew e Miguel. Os três tinham passado por dias muito difíceis e aquele era o primeiro momento em que conversavam a respeito do que estavam sentindo.

Tentando acalmá-los, com o pouco de carinho que uma primeira aproximação permite e com técnicas de respiração, pedimos para que tentássemos desenhar e assim podíamos ver se um pouco

---

<sup>215</sup> Todo o tempo o comportamento do pai de Andrew parecia suspeitar não haver ali uma relação de pai e filho. Além de já ter 40 anos (e ser 20 anos mais velho que sua esposa), aquele era o único filho do casal (fatos bastante incomuns). Somase a isso o estado de permanente vigilância sobre o que conversávamos com Andrew e certa ansiedade ao contar com muita ênfase o que tinha passado com “seu” filho. Tudo isso fez com que eu e os demais colegas que estavam comigo também suspeitassem da relação.

<sup>216</sup> Que, segundo me informaram, em q’echi’ se chamaria Xiwan Aj mekJ.

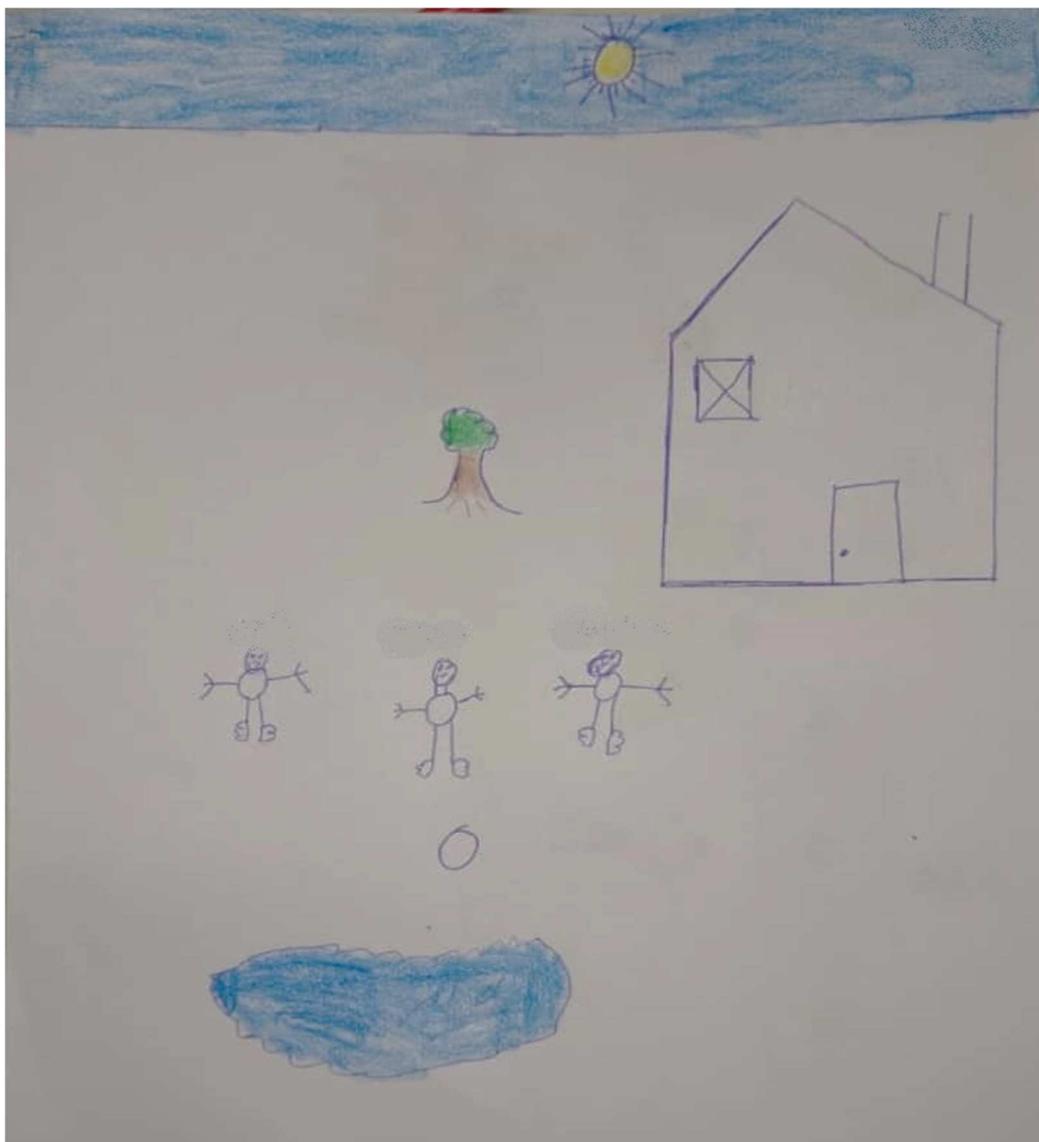
daqueles sentimentos ruins passavam. De pronto nos responderam com a cabeça que sim e começaram a tatear os materiais.

Pedimos para que se apresentassem nos desenhos, dizendo quem eram, de onde vinham, o que mais gostavam de fazer, o que mais gostavam de comer e o que mais quisessem nos contar. Os três prontamente começaram seus desenhos bastante concentrados. O menor, Andrew, foi o que mais conversava enquanto desenhava. Falava muito de sua mãe, mas em geral se referia aos materiais que estávamos usando, às cores e ao desenho. Era perceptível a apreensão de seu pai todas as vezes que Andrew começava a conversar algo sobre sua família, mesmo do outro lado do salão se podia sentir que seu pai o observava com olhares sérios e apreensivos.

Andrew é um menino muito prestativo e atento, um pouco pequeno para a idade. Tem uma bonita pele morena e seus cabelos ondulados e grossos bem crescidos no alto de sua cabeça. Seu pai dizia que já levava muitos dias sem cortá-lo e, assim, sempre que elogiávamos seu cabelo, Andrew nos respondia: precisa cortar. Olhos levemente puxados e mãos muito delicadas e de coordenação fina (que se revelaram ótimas para os origamis).

Ao desenhar, Andrew foi bastante sucinto, desenhou sua casa, ele mesmo, sua mãe e seu pai (e abaixo de cada um colocou seu nome), uma bola para jogar futebol, uma árvore, um rio e o céu com sol. Com seus pequenos e magros dedinhos, nos sinalizou com as mãos que tinha 8 anos, o que seu pai prontamente nos confirmou. Seu trajeto à escola era feito em companhia de sua mãe. Nos disse que não tinha irmãos e nos falou de alguns nomes de amigos da escola que sentia falta. Disse que gostava de tomar banho no rio e que sua casa era grande e que tinha seu próprio quarto e um segundo quarto para poder brincar.

Desenho 3 – Andrew, seus pais e sua casa em Honduras



Fonte: Andrew, 8 anos, de Honduras (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)

Ao começarmos as atividades o pai de Miguel preferiu fazer companhia a seu filho, ao invés de estar com os demais adultos do grupo. Segundo ele, sua preocupação era porque seu filho quase não falava e nem entendia *castellano* e sim *q'eqchi'*. A timidez de Miguel se fazia perceber por sua postura, seu olhar sempre fixo na mesa ou no papel enquanto desenhava. Quando falava, buscava se esconder com a gola preta de seu casaco ou tampando a boca com as mãos. Mas mesmo com tudo isso, quis e participou de todas as atividades que propusemos.

Juan Miguel era o maior em altura dos três, também o que tinha mais idade, 12 anos. Tinha feições claramente indígenas: cabelos lisos e “espetados”, nariz largo e sorriso aberto que rapidamente era coberto por suas mãos ou pela gola preta de seu casaco. Durante toda a atividade em que desenhamos e colorimos, Miguel (como primeiro se apresentou) ficou bastante concentrado e com o corpo inclinado e curvado para sua folha de desenho.

Em seu desenho ele estava jogando futebol e também nadando no rio com os peixes. No cenário estão a casa em que vive com sua família (a amarela) e aquela onde vive sua avó (em vermelho) e ao fundo a estrada que passa perto de sua casa. Desenhou juntas sua mãe e sua irmã (de 12 anos e que faria 13 anos em três meses), seu pai aparece logo abaixo montado a um cavalo, a caminho da lavoura. Ali estão também seus amigos jogando futebol. Um último desenho ao lado direito inferior não foi possível identificar do que se tratava, pois Juan respondia em sua língua materna e não tínhamos ajuda de seu pai naquele momento.

Quando perguntamos se ali perto havia escola e se ia à escola, ele nos acenou que sim, então perguntei que língua falavam seus/suas professores/as e nos disse que todas falavam em *q'eqchi'*<sup>217</sup>. Seu pai voltou para saber o que estávamos conversando e quando soube que era sobre a escola, nos disse que Miguel frequentou até o 5º ano, mas logo ficou difícil custear os materiais e mais ainda o transporte. Miguel também nos contou que vem de San Luis em Péten – onde vivem mopanes, ladinos e *q'eqchies*.

---

<sup>217</sup> Segundo informações obtidas no próprio site do Ministério da Educação da Guatemala, a educação bilingue tem origens em iniciativas do Ministério ainda nos anos 60, em que as comunidades indígenas recebiam “orientadores de castellanización” (pessoas com até a 6ª série que tinham como língua materna a língua daquela comunidade indígena). Desde 1995, o Programa Nacional de Educação Bilingue Intercultural (PRONEBI) conta com uma Direção Geral de Educação Bilingue Intercultural dentro do Ministério que é responsável por ampliar e manter a rede de escolas. Atualmente o Programa abrange os idiomas maias: ixil, k'iche', kaqchikel, q'eqchi' e mam, (Disponível em: <http://www.mineduc.gob.gt/DIGEBI/>)

Desenho 4 – Juan Miguel, família, amigos, futebol, rio e o trabalho no campo em um pequeno povoado da Guatemala



Fonte: Juan Miguel, 10 anos, de Guatemala (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)

Enquanto conversávamos sobre seu desenho, sua casa e sua família, Juan Miguel percebeu que tinha esquecido de seu irmão mais novo de 4 anos. Com isso, pegou uma nova folha e voltou a desenhar. No novo desenho, mais uma vez estava sua casa e agora sua família completa e com o nome de cada um deles. Aos fundos, mais uma vez estava a estrada e o rio com seus peixes. Miguel que não sabia ainda pescar, mas que ajudava seu pai na lavoura. Neste desenho além de seu irmão, outros elementos da natureza com que convive também apareceram. No fundo a montanha, uma estrela, o sol e a chuva, ao lado de sua casa árvores, bananeira, milpa e seus três cachorros.

Desenho 5 – Juan Miguel em “Mi Hermanito”



Fonte: Juan Miguel, 10 anos, de Guatemala (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)

Até que acabasse seu desenho, David seguia muito calado, mas já mais calmo. A primeira impressão é que mesmo concordando em desenhar, David não iria querer conversar, seguia muito triste e visivelmente nervoso. Mas depois de terminar seu desenho e escutar a descrição dos desenhos dos demais, David começou a contar sua história. Ele nos disse ter 8 anos de idade (e assim, registrou em seu desenho) e que seu irmão, motivo de toda sua saudade, tinha 3 anos (também registrado em seu desenho). Em uma casa próxima a eles vivem seus “irmãos gêmeos”, um primo que nasceu exatamente no mesmo dia que ele e outro primo nascido na mesma data de seu irmão. Por isso, dizem que são irmãos gêmeos. Mas David nos revelou que não gosta de ser irmão gêmeo e, por isso, “não quer ter 9 anos”. Em poucos meses iria cumprir 10 anos, mesmo assim vai seguir dizendo que tem 8

anos. “8 anos está bom”. Contou que o irmão gêmeo de seu irmão de 3 anos teve uma festa com mais de 300 pessoas e que ganhou presentes e dinheiro, “muito dinheiro”. Perguntei então sobre seu aniversário e me disse que foi com a família na praia.

Ao descrever sua rotina, David muito contente disse que era responsável por cuidar de seu irmão e que passavam todo o dia juntos. Enquanto sua mãe trabalhava na *pulpería*<sup>218</sup> que funciona junto a sua casa, David e seu irmão brincavam, no cerro por onde desce um rio. A paixão de seu irmão por chocolates fez com que David desenhasse a outra pulpería (em amarelo) onde vão comprar seus doces preferidos.

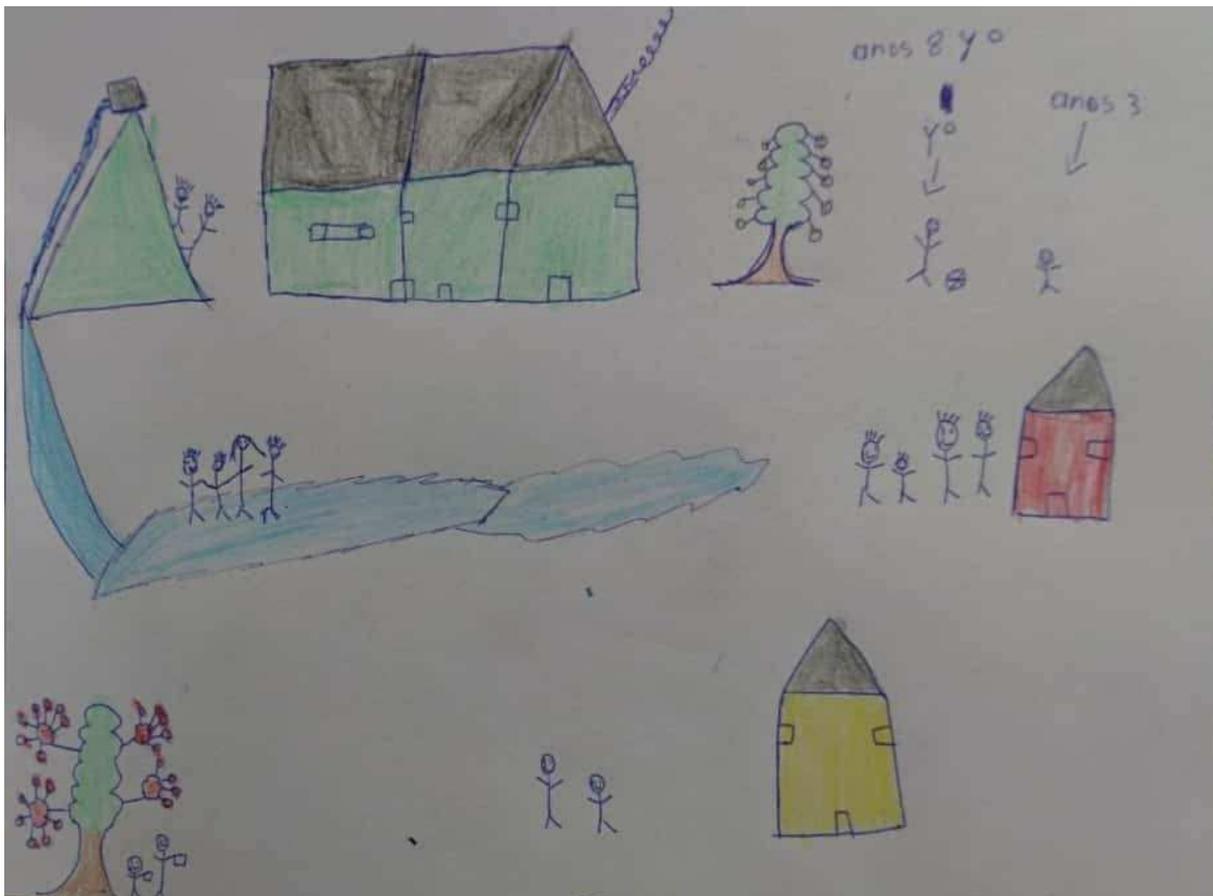
Foi incrível acompanhar a transformação das emoções de David. O que iniciou com seu olhar raivoso, ao primeiro contato se transformou em tristeza e choro, depois se tornou entretido e concentrado (só deixou de fixar os olhos ao desenho para começar a conversar conosco quando considerou terminado seu desenho). Ao explicar, David estava claramente tenso e nervoso. Abria e fechava a mão direita com muita força enquanto segurava seu desenho com a esquerda para nos mostrar. Ainda enquanto explicava passava os dedos em seus lábios ressacados e já bem vermelhos e depois os mordía com força. Ao final, depois de terminar de contar sobre seu desenho, David, já sorrindo, demonstrou ser doce e estar muito empolgado em fazer parte das brincadeiras, além de estimular e elogiar seus outros dois companheiros.

No dia seguinte soube que todos eles seguiram viagem com os demais do grupo. Se tentaram ou não cruzar pelo rio, se tentaram ou não se entregar aos oficiais para solicitar refúgio, eu nunca saberei. A única informação que tive meses depois foi por meio de uma notícia pela internet sobre a separação de crianças em instalações do Texas em que havia uma foto em que pude reconhecer a Andrew.

---

<sup>218</sup> É um tipo de negócio muito característico na América Central. Hoje seria o equivalente a uma mercearia ou pequena loja onde se vende um pouco de tudo.

Desenho 6 – David, seus irmãos, primos, a pulpería e sua idade.



Fonte: David, 9 anos, de Honduras (Matamoros, Tamaulipas, México, 2018)

Guardadas as diferenças entre as vidas de Andrew, Juana Miguel e David e os motivos que os levaram até ali, eles permitem entender como a dinâmica de uma viagem, entendida como acompanhada, em meio à clandestinidade e as instabilidades geradas pelo encontro junto àqueles que representam o Estado.

Matriz 5 – Andrew, Juan Miguel e David: dinâmica de traumas, ansiedade e silêncio

	<b>MACRO</b>	<b>MESO</b>	<b>MICRO</b>
<b>CENÁRIO</b>	Pobreza e desigualdade em Honduras e Guatemala	Tamaulipas-Texas Início da separação familiar	Casa em seus lugares de origem Sequestro e resgate
<b>ATORES</b>	Estados Nacionais de: Honduras, Guatemala, México e Estados Unidos Narcotráfico	Coyotagem (migração em massa) SEDENA/INM (mesmo que evitados) Casa del Migrante	Sequestradores Coyotes Padres e voluntários da org religiosa

<b>MOVIMENTOS</b>	Deslocamento familiar***	Criança acompanhada em migração indocumentada	Travessia pelo México em caminhão (com a presença dos pais)
-------------------	--------------------------	---	---

## B. SER CRIANÇA, VIAJAR COM O PAI, SER SEQUESTRADO E DEPOIS SEPARADO: JUAN CARLOS E O CONCEITO PERVERSO DE “NÃO ACOMPANHADO”

A história do encontro entre Juan Carlos e eu talvez seja a que possua menos detalhes sobre sua vida, seu trajeto, seus sonhos, sua família. Mas sem dúvida foi uma das experiências mais marcantes que pude viver em campo. E não só por isso vale ser contada. Ela também coloca em xeque como a definição de acompanhada ou não acompanhada está diretamente relacionada às concepções construídas pelo Estado – neste caso o mexicano – sobre família, como a migração indocumentada e o deslocamento forçado sofrem cruéis interferências quando em contato com o Estado “protetor das crianças” e “controlador das fronteiras” e, ainda, como a previsão legal de direitos pode ser facilmente ignorada mesmo em tais situações.

Era final da manhã de uma quinta-feira quando soube que a coordenadora do CAMEF de Matamoros havia enviado uma mensagem à pesquisadora que me estava apoiando. Acabava de chegar ali um “*niño*” que talvez merecesse nosso apoio durante o fim de semana<sup>219</sup>. Ainda sem saber exatamente do que se tratava (idade da criança, qual a expectativa de apoio etc.), voltava ao CAMEF depois de minha primeira e intensa conversa com Juana<sup>220</sup>.

Antes de entrar na ala das crianças para conhecê-lo, tivemos uma longa e importante conversa com a coordenadora. O *niño* que iríamos encontrar era Juan Carlos. Ele não teve a mesma chance que tiveram Andrew, Juan Miguel e David de tentar seguir viagem junto a seus pais após o sequestro por membros do narcotráfico e o resgate pelas Forças Armadas mexicanas. Chegou ao CAMEF depois de mais de 15 dias esperando pela resolução de seu caso sob custódia do Instituto Nacional de

<sup>219</sup> Aos fins de semana no CAMEF de Matamoros há uma sensível redução de pessoal: uma funcionária para apoiar na cozinha, outra na limpeza e um funcionário responsável pela vigilância.

<sup>220</sup> Contada no capítulo 2.

Migração. Ele havia sido resgatado junto aos mais de 200 migrantes que ficaram alguns dias na Alberca Chávez.

Naquela altura havia sido montado junto a Secretaria de Defesa, o próprio INM e outras entidades, como o Instituto Taumalipeco para Migrantes, um grande operativo para garantir o retorno de grande parte dos centro-americanos ainda nos primeiros dias seguidos ao grande “resgate”. Os migrantes com casos “mais difíceis” – que necessitavam de um levantamento de documentação mais demorado, por exemplo – foram aos poucos sendo levados às instalações do INM que ficam na própria ponte que liga Matamoros a Brownsville<sup>221</sup>.

Juan Carlos era um desses casos. Aos quatro anos de idade, ele viajava desde Honduras “*con mi papá e Isabel*”, sua madrasta. Até onde nos informou a coordenadora do CAMEF, durante todo o tempo em que esteve tanto na Alberca Pública quanto no próprio INM, Juan Carlos pôde ficar aos cuidados de seu pai e de sua madrasta. Mas havia um problema, seu pai não portava qualquer documento que comprovasse sua paternidade. Além de não ter sido oficialmente casado com sua mãe, o registro de nascimento de Juan apenas constava a mãe como sua genitora. Tanto o pai como o próprio pequeno Juan alegavam e demonstravam a relação de afeto. Cheguei a ouvir o quanto Juan e seu pai eram parecidos, “*bien weritos los dos*”<sup>222</sup>. As autoridades mexicanas chegaram a conseguir contatar sua mãe que confirmou que Juan Carlos estava com seu pai, não somente de criação, mas também seu pai biológico. Mas isso não seria suficiente. Era necessário um documento enviado por alguma autoridade que assim o reconhecesse.

Depois de algumas tentativas frustradas por parte de seu pai em se manter junto a seu filho, finalmente INM separou seus destinos. Deportou a ele e sua atual esposa, primeiro em avião de Reynosa até a Cidade do México e depois, em ônibus até Tegucigalpa, capital de Honduras. Assim

---

<sup>221</sup> Junto ao módulo de repatriação humana.

<sup>222</sup> Tradução livre: “Bem loirinhos os dois”.

como foi feito com os demais centro-americanos resgatados que ainda se encontravam esperando em Matamoros. Juan Carlos foi o único que ficou para trás. Iam levá-lo para a casa de sua mãe, em cidade diferente a que vive seu pai em Honduras. O trajeto iria ser majoritariamente em avião, acompanhado por um OPI (agentes do INM responsáveis por resguardar o “interesse superior das crianças”)<sup>223</sup>. Mas, para isso, algumas novas documentações necessitavam ser enviadas, o que levou Juan Carlos a ser encaminhado ao CAMEF no dia em que seu pai e Isabel partiram para Honduras.

Juan Carlos chegou ao CAMEF vestindo os mesmos sapatos de material plástico que calçava quando chegou a Matamoros. O CAMEF se encontrava com poucas doações de vestuário para crianças tão pequenas. Para conseguir suprir essas necessidades imediatas uma verdadeira triangulação voluntária rapidamente foi feita. Em contato com Don Juan – que auxilia ao pároco responsável pela Casa del Migrante, padre Gallardo – a coordenadora do CAMEF, Licenciada Lorena, soube que a Casa havia recebido inúmeras doações logo depois das reportagens no jornal local relatando a quantidade de migrantes sendo atendidos na cidade. A pesquisadora que me acompanhava, que estava realizando trabalho voluntário no Módulo de Atenção ao Migrante<sup>224</sup> na rodoviária da cidade, recebeu de Don Juan uma sacola com doações para “*niños chiquitos*”<sup>225</sup>. Assim, neste primeiro dia em que fomos conhecer Juan Carlos, as roupas e sapatos chegaram ao CAMEF e foram ser lavadas.

A chegada de Juan Carlos acendeu uma expectativa por parte da equipe disciplinar de que agora Juana se alegraria por conviver e brincar com uma criança quase da mesma idade de seu filho. Presumindo que sua tristeza poderia ser preenchida por um senso materno partilhável de maneira

---

<sup>223</sup> Sobre o papel do OPI, ver capítulo 01.

<sup>224</sup> Este equipamento também é mantido pela mesma diocese responsável pela Casa del Migrante e opera principalmente para atender migrantes que passam pela rodoviária de Matamoros, em sua maioria adultos homens em busca de trabalho do outro lado.

<sup>225</sup> Tradução livre: “crianças pequenas”.

quase incondicional à – também presumida – doçura de toda criança. Não foi assim. Seja por não se identificar com “*el niño que habla raro como tu*”<sup>226</sup> ou seja simplesmente porque era a seu filho que Juana estava realmente disposta a se dedicar<sup>227</sup>.

Nos dias em que passou ali, o humor de Juan Carlos demonstrava o quão traumática aquela situação era para ele. Oscilava entre o sono profundo ao longo do dia que logo se convertia em muita energia para brincar, às vezes só, mas muitas vezes exigindo muita atenção – principalmente da minha parte e da funcionária da limpeza e uma das psicólogas com quem também se afeiçoou. Durante à noite, Juana me contava que ele chorava copiosamente e chamava por seu pai e por Isabel. Durante o dia, quando o cansaço e a tristeza batiam, Juan Carlos corria para o sofá em frente à TV, se deitava e dormia. A cada tentativa de alguma das funcionárias em transferi-lo para o berço, Juan Carlos acordava e batia no berço ou em quem ainda o estava carregando.

Nos primeiros dias praticamente não comia. Aceitava leite com achocolatado e logo descobriu que era preciso juntar algumas moedas para fazer funcionar uma máquina de biscoitos que havia no refeitório. Foi então que em uma das oportunidades que a coordenadora do CAMEF teve para falar com alguém de sua família, descobriu o que mais gostava de comer: tortilhas de farinha trigo com queijo e pouco feijão.

As horas que passei com Juan Carlos precisaram ser dosadas entre momentos em que a ele era melhor brincar sozinho e os momentos que poderíamos brincar juntos. Brincamos de contar histórias (em que ele era sempre o pai ou o esposo e tinha sempre uma esposa ou namorada com quem tinha uma relação muito sincera e carinhosa), com miniaturas de carrinhos e panelinhas e também de

---

<sup>226</sup> Tradução livre: “o menino que fala estranho como você” (se referindo a mim e nossos sotaques).

<sup>227</sup> Juana só foi se identificar com alguma outra companhia dentro do CAMEF quando chegou Mari, no dia seguinte. Revelando que além de mãe, ela é uma mulher e uma adolescente, que quer fazer amizades e não ser apenas uma mera cuidadora.

bolhinhas de sabão. As brincadeiras sempre me traziam um profundo sentimento do alto grau de distopia que aquela situação carregava.

Em um dos primeiros dias no CAMEF, Juan estava brincando com carrinhos e pequenos trenzinhos, ele encenava uma perseguição entre “*los malos y los malos de la policia*”. Ele dizia com uma das mãos na boca como se sua voz saísse de um rádio, “*no me importa si son niños, van todos a la cárcel*”<sup>228</sup>. E voltava seus profundos olhos verdes para mim e dizia: “*mira, ved!*”. E eu perguntava o que estava acontecendo e ele apenas repetia “*son los malos y los malos de la policia*”.

Em outro dia, enquanto brincávamos com as bolhinhas de sabão, Juan Carlos correu para a janela passou seus pequenos e magros braços para o lado de fora, pressionou suas bochechas na grade e soprou para que as bolhinhas de sabão se espalhassem do lado de fora. Perguntei a ele se não queria soprar ali dentro do quarto onde ele pudesse tentar pega-las e ele me disse que não, porque ao menos aquelas bolhas mereciam voar fora dali.

Daquela mesma janela Juan Carlos corria todos os dias para ver se seu pai estava chegando. Em um dos dias em que entrava a van do INM trazendo rapazes “locales”, Juan Carlos correu e disse para mim que tinha certeza que seu pai estava dentro daquele carro pronto para leva-lo embora. Tentei acalmá-lo e rapidamente fui interrompida pela funcionária da limpeza – com quem Juan Carlos tinha grande apego – que para acalmá-lo disse que tinha acabado de falar com seu pai e ele o buscaria na próxima semana. Imediatamente Juan juntou todos os bonecos de pelúcia em uma só cama, se colocou em meio a eles e chorou silenciosamente, não deixando que eu me aproximasse.

Uma das mais duras dinâmicas que pude acompanhar traz as nada sutis distinções feitas pelas instituições do Estado frente ao desfecho que poderia ter igualmente ocorrido a Andrew, Juan Miguel e David se não levassem consigo as documentações necessárias. Mas assim foram seus diferentes destinos e o do pequeno Juan Carlos pode ser aqui resumido da seguinte maneira:

---

<sup>228</sup> Tradução livre: “os malvados e os malvados da polícia” (...) “não me importa se são crianças, vão todos para a prisão”.

	<b>MACRO</b>	<b>MESO</b>	<b>MICRO</b>
<b>CENÁRIO</b>	Pobreza e desigualdade em Honduras e Guatemala	Tamaulipas-Texas Violência no núcleo familiar (?)	Casa em Honduras (?) Sequestro e resgate
<b>ATORES</b>	Estados Nacionais de: Honduras, México e Estados Unidos Narcotráfico	Coyotagem (migração em massa) SEDENA/INM CAMEF-Matamoros	Sequestradores Coyotes Funcionárias/os do DIF OPI-INM
<b>MOVIMENTOS</b>	Deslocamento familiar***	Criança estrangeira não acompanhada (separação) e retorno assistido	Travessia pelo México em caminhão (com a presença dos pais)

Eu nunca pude saber os detalhes do processo de Juan Carlos nem de seu pai, mas pouco ou nenhum motivo me pareceu ser suficiente para tão cruel separação. Ainda que a comprovação da paternidade venha a ser importante para evitar casos recorrentes de tráfico de crianças, os sucessivos traumas a que Juan Carlos foi submetido deveriam ser suficientes para que alternativas fossem pensadas – como a manutenção da custódia entre pai e filho assistida por agentes governamentais, por exemplo. Além do que continuou sendo bastante questionável que a não lhes fosse concedido o visto humanitário, conforme prevê a Lei de Migração mexicana<sup>229</sup>.

<sup>229</sup> Segundo seu artigo 52, inciso V, alínea a (México, 2011): “a) Ser ofendido, vítima o testigo de algún delito cometido en territorio nacional. Para efectos de esta Ley, sin perjuicio de lo establecido en otras disposiciones jurídicas aplicables, se considerará ofendido o víctima a la persona que sea el sujeto pasivo de la conducta delictiva, independientemente de que se identifique, aprehenda, enjuicie o condene al perpetrador e independientemente de la relación familiar entre el perpetrador y la víctima”.

A primeira Caravana de 2018<sup>230</sup> percorreu aproximadamente 4 mil quilômetros desde Tapachula-Chiapas até Tijuana-Baja California, onde a teórica linearidade entre sair e chegar mais uma vez comprovou ter nuances muito mais complexas. Quando saiu da cidade mais ao sul do México, em março, a Caravana contava com algo em torno de 1.200 participantes<sup>231</sup>. Somando-se os diversos momentos de chegada de grupos a Tijuana (entre os dias 24 de abril e 22 de maio), não se somaram 400 pessoas<sup>232</sup>.

Realizar o trajeto por meio da Caravana implica em alguns desafios de um lado e alguns benefícios de outro. Em primeiro lugar, o percurso ocorre prioritariamente subindo ao trem, conhecido como “La Bestia”<sup>233</sup>. Ao mesmo tempo que essa é uma estratégia de diminuição dos custos para a Caravana, também torna politicamente visível os riscos do cruel e fatal destino de muitos que tentam subi-lo. No caso dos integrantes da Caravana existem três vantagens frente aos demais que se desafiam cotidianamente no trem: a) nesta edição, e em edições anteriores, os organizadores puderam negociar com a concessionária Ferromex que se comprometeu a parar e esperar que subissem todos da Caravana, além disponibilizar vagões do tipo gôndola, protegendo-os assim da possibilidade de quedas e acidentes (mas não das intempéries e agressões com pedras); b) dada a visibilidade do evento, estavam, supostamente, protegidos de assaltos, extorsões e demais violências comumente

---

<sup>230</sup> Ainda em 2018 uma segunda Caravana tomou conta dos noticiários, algumas milhares de pessoas saídas desde Honduras foi ganhando corpo e também se dividindo no trajeto até Tijuana. Esta segunda Caravana iniciou-se em 13 de outubro e acredita-se que até o momento da defesa desta tese já terá sido encerrada.

<sup>231</sup> Estimativa dos organizadores e amplamente divulgada pelos meios de comunicação mexicanos.

<sup>232</sup> Estimativa minha ao acompanhar as saídas dos migrantes de Hermosillo até Tijuana.

<sup>233</sup> Na verdade, para realizar toda travessia em território mexicano em trem, são necessários tomar de 10 a 15 trens, a depender das paradas realizadas e do destino escolhido. O consórcio privado responsável pela malha ferroviária no México, conhecido como Ferromex, têm direitos de exploração desde 1998 e a controlará até 2048. Nos últimos anos a empresa vem criando cada vez mais obstáculos para a subida dos migrantes. Têm sido relatado pelos migrantes desde construção de muretas ao redor da ferrovia até mesmo alteração da velocidade em certos trechos.

reportadas pelos migrantes; e c) e ao longo do trajeto, com o apoio de outras organizações foi possível que algumas mulheres e crianças pudessem fazer parte ou todo o trajeto em ônibus.

Mesmo com essas aparentes vantagens, o trajeto não se torna menos cruel para as crianças.

Em um dos meus primeiros contatos com elas, Michael, Joanael e Ever me contavam<sup>234</sup>:

*Elisa - ¿Y qué tal fue subir al tren?*

*Michael - Bien...*

*E. - ¿Sí? ¿Difícil?*

*M. - No.*

*E. - ¿Y bajar?*

*M. - No.*

*E. - ¿Tampoco? ¿Y dormir ahí y pasar la noche en el tren?*

*M. - ¡Ay sí tá difícil!*

*E. - ¿Por qué?*

*M. - Por que mira, hay frío... tiran piedras... no podemos dormir... y los mareros<sup>235</sup> matan gente...*

*E. - Pero ibas en la parte arriba del tren o en estas partes que puede.... ¿Meterse?*

*M. - ¡No! Es que el tren... afuera...*

*Joanael - ¡No!, íbamos en la góndola...*

*Ever - ¡Gandula!*

*M. - ¡En la góndola!*

*Elisa - ¡Ah! ¡En la góndola! Pues ya... Porque así está un poco menos peligroso, ¿verdad?*

*Joanael - Sí, pero ayer veníamos en un... solo... un rollo... una cosa de esas...*

*Michael - ¡Una plancha!*

*Joanael - Sí, en una plancha que se nos caíamos ahí debajo de las llantas había unos hoyos ahí...*

Em segundo lugar, a visibilidade, que funciona como importante ferramenta de proteção durante o percurso, também gera não só o desconforto pela abordagem muito invasiva e sensacionalista de parte dos jornalistas, mas também coloca em risco a vida de alguns que temiam a repercussão em suas comunidades de onde muitos estão fugindo em decorrência de ameaças a si e a seus familiares – seja pelo crime organizado, seja por violência doméstica e familiar.

---

<sup>234</sup> **Elisa** – E como foi subir no trem? **Michael** – Tudo bem... **E.** – É? Difícil? **M.** – Não. **E.** – E descer? **M.** – Não. **E.** – Também não? E dormir aí e passar a noite no trem? **M.** – Isso sim tá difícil! **E.** – Por quê? **M.** – Porque olha, faz frio... jogam pedras... não conseguíamos dormir... e os *mareros* matam as pessoas... **E.** – Mas você vinha na parte de cima do trem ou nessas partes que você pode... Entrar? **M.** – Não! É que o trem... do lado de fora... **Joanael** – Não, a gente vinha na góndola... **Ever** – Gandula! **M.** – Na góndola! **Elisa** – Ah! Na góndola! Agora sim... Porque assim fica um pouco menos perigoso, né? **J.** – Sim, mas ontem a gente vinha num... só... num rolo... uma coisa dessas... **M.** – Uma placa [de metal]! **J.** – Sim, em uma placa que se a gente caísse aí, debaixo das rodas, tinha uns buracos aí.

<sup>235</sup> Fazendo referência às pessoas ligadas a *maras* e *pandillas*.

Por outro lado, para as crianças essa repercussão tinha contornos mais lúdicos e permitiam seguir, de certa forma, conectados a suas famílias<sup>236</sup>:

*Elisa* – ¿Qué más te gustó en el viaje además de la película<sup>237</sup>?

*Natalie* – Me gustó porque podíamos ir en el tren... en... dormiendo... dormiendo tuvimos dos días en el tren. (silencio) Mi hicieron preguntas ¿igual que usted!

*E.* – ¿Ah sí? ¿Mucha gente te hizo entrevistas?

*N.* – Uun...

*E.* – ¡Ah, Mira! ¿Y saliste en los periódicos? ¿En los diarios?

*N.* – Sí.

*E.* – ¿Sí?

*N.* – ¡Sali en la tele también!

*E.* – ¿Y eso te gustó?

*N.* – Sí! Porque mi familia que se quedó en El Salvador me vio que estaba portándome bien. Vio que estaban haciendo la entrevista a mi mamá porque salimos en la... en la tele. Vieron noticias de nosotros.

Das famílias que ficaram para trás, das que viajavam juntas, das que foram se formando ao longo dessa viagem e dentre tantas outras, as que pude me aproximar e conviver mais de perto me permitiram entender uma dinâmica em que a ausência do Estado e o apoio e a dependência de um movimento parcialmente organizado fazem com que seguir o objetivo de uma vida minimamente digna do outro lado seja um desafio diário mas mais perto do possível.

#### A. SER CRIANÇA EM EL SALVADOR: UMA NARRATIVA A PARTIR DE KEVIN E NATALIE

Os irmãos Kevin e Natalie viajavam desde San Salvador com seus pais e sua irmã Ashley. Estavam junto a centenas de pessoas vindas de várias partes da América Central. Quando os conheci já estavam alojados há alguns dias dentro da igreja evangélica “Vida Plena, Corazón Contento”. Parte da Caravana já tinha seguido viagem para Tijuana, mas ainda era maior o número dos que permaneciam tendo que se acomodar entre as ruas bloqueadas ao redor dali e da igreja católica San Luiz Gonzaga.

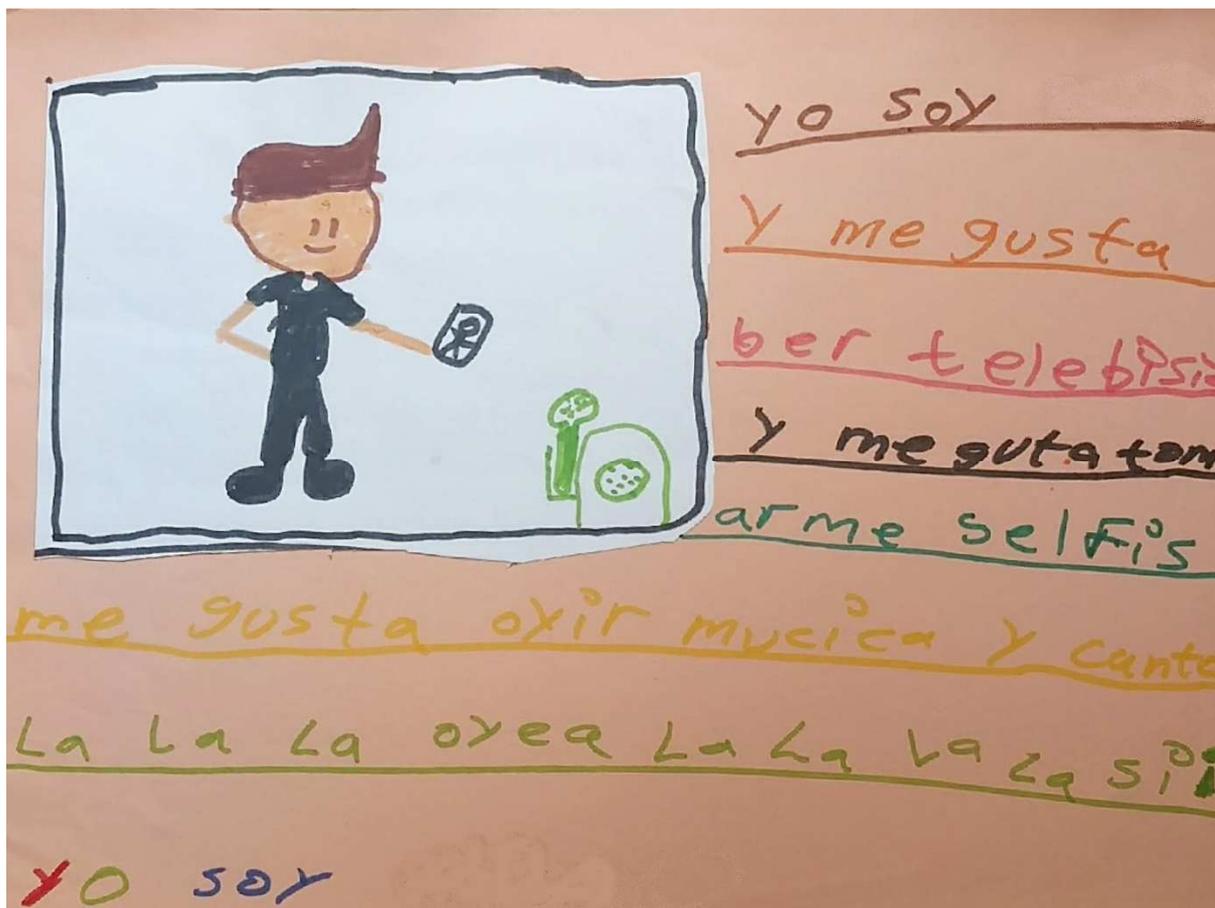
---

<sup>236</sup> *Elisa* – O que mais você gostou na viagem além do filme? *Natalie* – Eu gostei porque a gente podia ir no trem... e... passamos dois dias dormindo no trem (silêncio). Me fizeram perguntas, igual você! *E.* – Ah é? Muita gente te fez entrevistas? *N.* – Ahan... *E.* – Olha só! E você saiu nos jornais? *N.* – Sim *E.* – É? *N.* – Saí na TV também! *E.* – E você gostou? *N.* – Sim! Porque minha família que ficou em El Salvador viu que eu estava me comportando. Viu que estavam fazendo a entrevista com a minha mamãe porque saímos na... na TV. Viram notícias da gente.

<sup>237</sup> Antes Natalie estava me contando que chegou a ver filme e comer pipoca enquanto viajava no trem.

Kevin, com seus poucos dez anos já tinha uma ideia bastante profunda sobre os problemas que sua família tinha passado e os que ainda iria passar. Sua fisionomia séria se transformava com poucos minutos de conversa e papéis para desenhar e colorir. Mas sua verdadeira felicidade era criar seu próprio telejornal e os roteiros para seus filmes.

Desenho 7 – “Yo soy Kevin”<sup>238</sup>



Fonte: Kevin, 10 anos, de El Salvador (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

Natalie acabara de fazer seis anos e preferia buscar nas brincadeiras e na imaginação uma forma de distanciar-se da dura realidade que deixaram em El Salvador e que viviam naqueles meses na Caravana. Se divertia com sua nova amiga, Dulce, dançando como uma bailarina e ou girando de mãos dadas até cair no chão.

<sup>238</sup> Tradução livre: “Eu sou Kevin. Gosto de ver televisão e também gosto de fazer *selfies*. Eu gosto de ouvir música e cantar, lá lá lá, oh yeah, lá lá lá. Sim, sou Kevin”.

Em El Salvador, situações bastante rotineiras, como ir à escola é em si um desafio. Seja pela longa caminhada até o ponto de ônibus, seja pelo atropelo de corpos espremidos na lotação, seja por não poderem confiar de que seria feito realmente o percurso até a escola. O medo de encontrar com “*los malos*” assustava Natalie. Ela se lembrava do dia em que não conseguiu descer junto com sua mãe e seu irmão e só a deixaram baixar mais a frente por seu choro alto e insistente.

Mas não são só essas lembranças que deixavam Natalie triste e pensativa. Lembrar da sua família que ficou longe também era muito forte para ela. Sua avó – mãe de seu pai, José – era quem mais sentia saudades. Mas em nossas conversas dizia como também sentia falta de seus tios e tias, a maior parte, irmãos de seu pai<sup>239</sup>.

*Elisa – Y quien se quedó ahí en El Salvador?*

*Natalie – Mi abuela, mi... mi... mi tía Kelly y, y... mi tío Denis si quedó ahí también. Mi tía María Lucia la vamos a ver, porque nos vamos ahí donde ella nos va a comprar muchos juguetes bonitos.*

*E. – Donde está tu tía María Lucia?*

*N – Y... está lejos de aquí. De El Salvador está lejos. En tren se podría ir... En un avión se tendría que ir, tendrían que estar dos días en ese avión.*

*E. – Y es para allá que están indo? ¿A ver tu tía María Lucia?*

*N – No.*

*E. – No?*

*N – No... Ahí cerraron a los niños. Ahí está bien arruinado todo ahí en la calle.*

*E. – Y sabes...*

*N – Ella vive en una segunda planta y vende. Y tiene un niño que se llama... Se llama... Kevin! [llama a su hermano] ¿Cómo se llama el hijo de mi... mi tía...? ¿Como se llama mi tía?*

*E. – María Lucia?*

*N – ¿María Lucia o Rafaela?*

*Erick – No sé...*

*N – ¡André! André se llama!*

---

<sup>239</sup> **Elisa** – E quem ficou lá em El Salvador? **Natalie** – Minha avó, minha, minha tia Kelly e, e... meu tio Denis também ficou lá. Minha tia Maria Lucia a gente vai ver, porque a gente vai aí onde ela vai comprar uns brinquedinhos bonitos. **E** – Onde está sua tia Maria Lucia? **N** – Ih... Tá longe daqui. Está longe de El Salvador. A gente poderia ir em trem... Em avião teria que ir, teria que ficar dois dias nesse avião. **E** – E é pra lá que vocês estão indo? Ver sua tia Maria Lucia? **N** – Não. **E** – Não? **N** – Não... Lá prenderam as crianças. Lá está bem destruído tudo pelas ruas. **E** – E você sabe... **N** – Ela vive no segundo andar e faz vendas. Ela tem um filho que se chama... se chama... Kevin! (chamando seu irmão) Como se chama o filho da minha, minha tia? Como se chama minha tia? **E** – Maria Lucia? **N** – Maria Lucia ou Rafael? **Kevin** - Não sei... **N** – André! André é o nome dele! **E** – Quantos anos tem o André? **N** – Sim! Tem treze! **E** – E nasceu lá? **N** – Ahan ... Sim, ele nasceu lá. E minha avó que ficou em El Salvador ... Ela sempre vai visitar minha avó. Como a minha avó está muito doente... Como ela caiu um dia no banheiro, porque estava muito liso... E ela caiu com a perna e quebrou o osso. E é por isso que ela está bem grave. Bem grave... ela está. Porque a perna dela está bem ruim. Ela quase não consegue andar. Minha avó às vezes consegue fazer a comida para a gente. Às vezes, quando estávamos lá em El Salvador, íamos visitar minha avó. Minha avó sempre nos dava algo para comer bem gostoso, ela nos dava suco, e comprava uns salgadinhos para nós com um refrigerante, ela dizia. Lá, como minha tia Maria Lucia, a que tem o André, ela tem um cachorrinho e vende. Está perto dali. Porque minha tia mora na mesma casa onde minha avó mora. Minha avó tem um segundo andar em sua casa.

*E. – ¿Cuántos años tiene André?*

*N – ¡Sí! Tiene trece.*

*E. – Y nació ahí?*

*N – Ahan... Sí nació ahí. Y mi abuela que se quedó en El Salvador... Ella siempre va a visitar mi abuelita. Como mi abuelita está bien grave... Como se cayó un día en el baño, porque estaba liso... Y se golpeó la pierna y se le quebró el hueso. Y por eso ella está grave. Grave está... ella. Porque está bien mal de la pierna. Casi no puede caminar. Mi abuela a veces llega a hacer a la comida con nosotros. As veces cuando estábamos ahí en El Salvador íbamos a visitar mi abuelita. Mi abuelita siempre nos daba algo de comer bien rico, nos daba jugo, e compraba unos churros para nosotros con una soda, le decía. Ahí como mi tía María Lucia, la que tiene André, ella tiene un chuchito y ella vende. Está cerca de ahí. Porque mi tía vive en la misma casa donde vive mi abuelita. Mi abuelita tiene una segunda planta en la casa de ella.*

Sua mãe, Carla, tinha pouco contato com sua família. Sua mãe nunca aprovou o namoro que se iniciou quando Carla e José tinham catorze anos. Mesmo assim, seguiram namorando até que aos dezessete anos, Carla engravidou e passou a viver uma vida de casada junto a José e sua sogra. Sua mãe, mesmo morando na mesma cidade, aos poucos foi rompendo o contato e os laços. Por isso, Carla tinha um carinho e um respeito muito grande pela sua sogra, que a ajudou em vários momentos difíceis. Inclusive quando José, foi aos Estados Unidos pela primeira vez.

Kevin e Natalie eram bem pequenos e a situação financeira e de violência fez com que José decidisse tentar cruzar rumo à cidade onde vivia uma tia sua com quem teve pouco contato ao longo da infância. Ela tinha recebido seu TPS<sup>240</sup> na década de 90 e José tinha esperanças que ela pudesse ajuda-lo. José conseguiu cruzar todo o México e a fronteira dos Estados Unidos, mas ainda enquanto estava nos quilômetros iniciais, foi detido pela patrulha de fronteira (CBP).

José ficou preso por 7 meses e apenas em duas ocasiões pode entrar em contato com sua família. Algumas semanas depois que havia sido detido, conseguiu falar com Carla. Muitos meses haviam passado e José seguia sem ter, sequer data para ir à Corte de Migração. Ao ligar para Carla uma segunda vez para dar notícias, José não a encontrou em casa. A mãe de José não contou que estavam em meio a maior ameaça dos “*mareros*” que haviam sofrido.

---

<sup>240</sup> Permissão especial de permanência temporária. Para mais informações, ver Capítulo 1.

Naqueles dias, Carla estava sequestrada supostamente porque seu esposo teria uma grande dívida que não havia sido paga. Carla ficou por três dias sem comer e nem dormir em uma casa abandonada, mas cheia de máquinas de costura. Quando ia completar o quarto dia, uma senhora finalmente entrou na casa junto aos dois rapazes armados que a haviam sequestrado. A senhora olhou em seus olhos e disse a seus algozes: “Essa não é a que estamos procurando. Ela não nos deve nada”. Haviam confundido Carla com a esposa de outra pessoa.

Carla foi levada vendada pelos mesmos rapazes em um carro. Enquanto dirigiam conversavam sobre o que poderiam fazer com ela, já que agora ela os reconheceria. Carla tinha certeza que não sairia viva daquela noite. Quando de repente, foi lançada do carro e estava em uma rua que conseguia reconhecer. A alguns bons minutos dali estava sua casa.

Poucos meses depois desse episódio, José chegava a San Salvador. Assim, sem avisar, bateu à porta, sua mãe abriu e ao fundo viu Carla sentada brincando com Natalie. Carla não o reconheceu: “*Estaba muy gringo*”<sup>241</sup>. Estava mais gordo. A pele estava muito branca. O cabelo que sempre se orgulhou de usar cumprido, estava raspado. Os meses que passou preso serviram para que aprendesse algumas coisas em inglês – ao menos o suficiente para entender um pouco o que falavam os agentes da patrulha.

A vontade de José em tentar outra vez cruzar seguia crescendo, principalmente depois de se inteirar do que havia acontecido com Carla enquanto ele estava ausente. Estavam juntando dinheiro e tentavam abrir seu próprio negócio, uma estamperia de camisetas, quando souberam que a terceira filha do casal estava a caminho. Com pouco mais de dois meses do nascimento de Ashley, Carla foi ameaçada outra vez. José imediatamente arrendou a estamperia, fechou sua casa e foi com Carla e seus filhos rumo aos Estados Unidos.

---

<sup>241</sup> Tradução livre: “Estava parecendo um gringo”

José não tinha ideia de como poderia fazer para levar toda a família. O que tinha garantido com seu atravessador é de que ele teria ainda duas chances para tentar cruzar. Isso não incluía levar mulher e filhos – pequenos. Mesmo que tivesse dinheiro para pagar a travessia de cada um deles, sabia que aqueles que o atravessaram só levavam a homens adultos. Nem mesmo o conhecimento que José tinha sobre o trajeto poderia ajudar. Por ali não havia visto nem mulheres com bebês e nem crianças cruzando. Foi então, quando acabavam de sair de San Salvador, que ouviram falar de uma Caravana que começava a se formar na Guatemala. Aceleraram a viagem e chegaram a Tapachula junto com a Caravana<sup>242</sup>.

*Elisa – ¿Cómo te fue todo ese un mes en la Caravana?*

*Kevin – Mal porque estaba durmiendo en el frío y en el viento y poniéndome a peligro porque los malvados andan ahí en la calle. Una vez sí si tiene que dormir en la calle.*

Já Natalie preferia se lembrar das amizades que fez e dos momentos em que a dureza do trajeto abria espaço para a diversão e a solidariedade<sup>243</sup>.

*Natalie – [Lo que más me gustó fue] Ir al cine a ver una película en un tren.*

*Elisa – Como? ¿Viste una película en un tren? ¿En serio?*

*N – Sí.*

*E – ¿Y qué película viste? ¿Te acuerdas?*

*N – Era... Era de una... bailarina...*

*E – ¿Que padre! ¿Y que más hiciste?*

*N – ¡Comimos palomitas! ¡Palomitas comimos!*

## **B. SER CRIANÇA NA CARAVANA: DOSES DE BRINCADEIRA E DIVERSÃO**

Mesmo passando tantos dias parados, ainda estavam em viagem. Os dias e as horas pareciam passar em uma contagem diferente. As incertezas no caminho de cada uma daquelas famílias faziam com que as crianças brincassem e se divertissem umas com as outras, mas sem se apegar. Já que na mera hora seguinte poderiam ter tomado caminhos muito diferentes.

---

<sup>242</sup> **Elisa** – O que você achou desse um mês na Caravana? **Kevin** – Ruim porque a gente estava dormindo no frio e no vento e ficando em perigo porque os homens maus andam ali pela rua. Uma vez eu tive que dormir na rua.

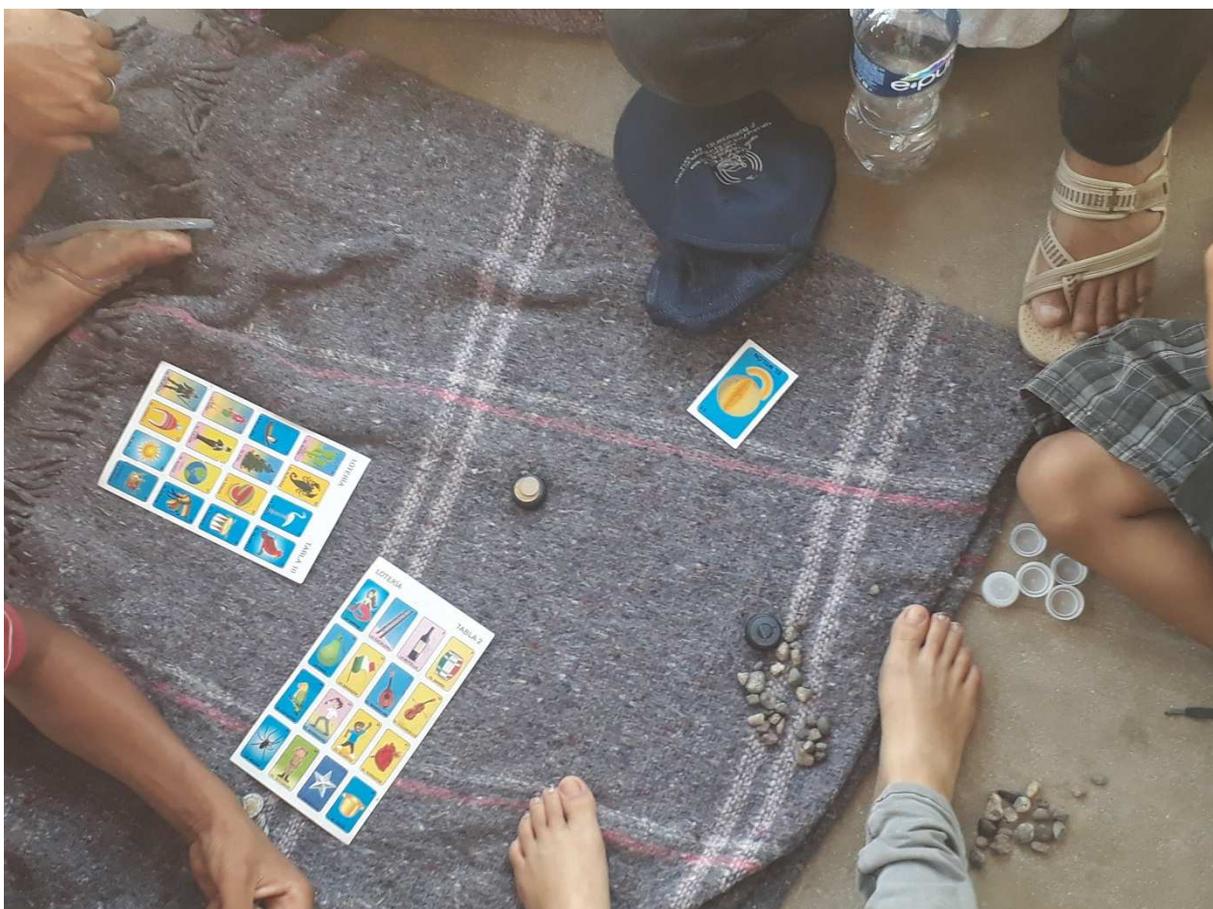
<sup>243</sup> **Natalie** – (o que mais eu gostei foi) ir ao cinema e ver um filme no trem. **Elisa** – O que? Você viu um filme no trem? De verdade? **N** – Sim **E** – E que filme você viu? Você se lembra? **N** – Era... era de uma... bailarina... **E** – Que legal! E que mais vocês fizeram? **N** – Comemos pipoca! Pipoca nós comemos!

Fotografia 24 – Brincando com os amigos no Centro Hábitat



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

Fotografia 25 – Crianças e adultos jogando “loteria”<sup>244</sup> enquanto esperam o visto humanitário



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

<sup>244</sup> Jogo tradicional no México similar a um bingo.

A vontade em buscar alternativas para se divertir desafiavam a criatividade de cada uma das crianças. Natalie às vezes brincava com o conjunto de xicrinhas e bule de porcelana que sua amiga Dulce trouxera desde Honduras, guardado com todo cuidado em guardanapinhos de pano. Mas só quando não estivessem outras crianças por perto. Já Camila e Cristal – com que só pude estar por dois dias antes que seguissem a Tijuana – estavam muito felizes com as bonecas que receberam da Cruz Vermelha. Enquanto suas bonecas ficavam sentadas tomando chá, elas montavam suas casas imaginárias nas mesas do Refeitório “Mateo 25:35”<sup>245</sup> com o auxílio de pedras, garrafas e folhas.

*Fotografia 26 – Camila e Cristal, brincando de construir sua casa*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

<sup>245</sup> Refeitório da igreja Católica que recebeu parte da Caravana assim que chegaram em Hermosillo. O Refeitório é coordenado pelo Padre Gilberto Lezama, pároco responsável pela igreja San Luis Gonzaga, onde parte da Caravana iria posteriormente se instalar.

Fotografia 27 – Bonecas tomam chá, enquanto Cristal e Camila brincam



Fonte: Cristal, 8 anos, de Honduras (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

O dia de maior descontração e de interação entre a comunidade local e a Caravana aconteceu justamente no Dia da Criança<sup>246</sup>. Organizações de sociedade civil e pessoas por iniciativa individual levaram às crianças, doces, brincadeiras, presentes e tornaram o dia um tanto diferente daqueles que passavam na calorenta monotonia hermosillense. O aspecto voluntário e um tanto descoordenado junto às igrejas e à própria organização da Caravana fez com que ficasse ainda mais evidente que nas interações entre os dois acampamentos<sup>247</sup> – o que estava na igreja evangélica e o que estava na igreja católica – eram as crianças quem melhor circulavam e se beneficiavam duplamente das contribuições recebidas.

---

<sup>246</sup> O “Día del Niño e de la Niña” se comemora no México em 30 de abril.

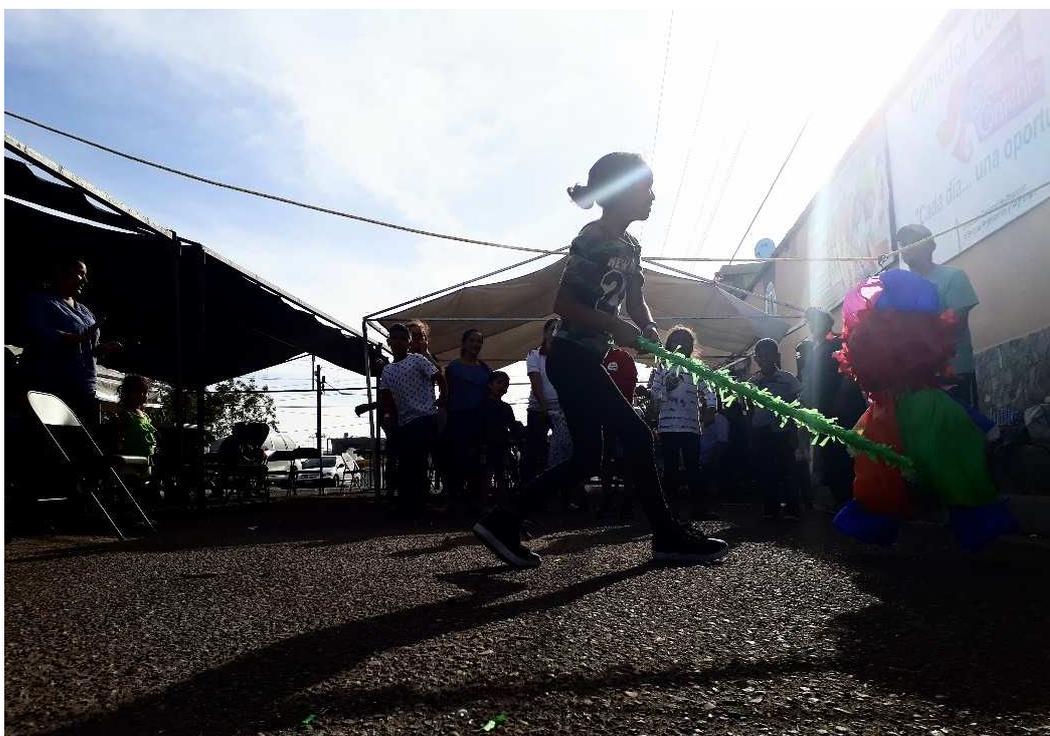
<sup>247</sup> Para entender melhor sobre como a Caravana acabou por se dividir em dois acampamentos e como o ar de certa competição e inimizade acabou por tomar conta de cada acampamento, ver capítulo 1.

*Fotografia 28 – Natalie tenta estourar a piñata que levaram à Igreja Católica*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

*Fotografia 29 – Dulce tenta estourar a piñata que levaram à Igreja Evangélica*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

As primeiras atividades se iniciaram na rua em frente à igreja “Vida Plana, Corazón Contento”. Havia bolos, doces, uma *piñata*<sup>248</sup> e algumas folhas para desenharem. Logo que começaram as atividades eu já podia ver crianças que estavam passando seus dias na outra igreja. Logo depois de estourarem a piñata, as crianças souberam que chegava na outra igreja Católica uma palhaça que iria fazer um show de mágica. Cada uma delas se serviu de bolo, juntou seus doces e saíram correndo rumo a outra igreja.

*Fotografia 30 – Crianças caminham para a Igreja San Luís Gonzaga depois de brincarem em frente a Igreja Vida Plena*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

---

<sup>248</sup> Tradicionalmente presente na festa de final de ano conhecida como “La Posada”, as piñatas são um objeto feito de papel machê e recheadas de doces e balas para que ao estourar sejam repartidas entre as crianças.

Fotografia 31 – Voluntária faz show de mágica para as crianças na Igreja Católica



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

Fotografia 32 - A pequena Ashley com seu doce



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

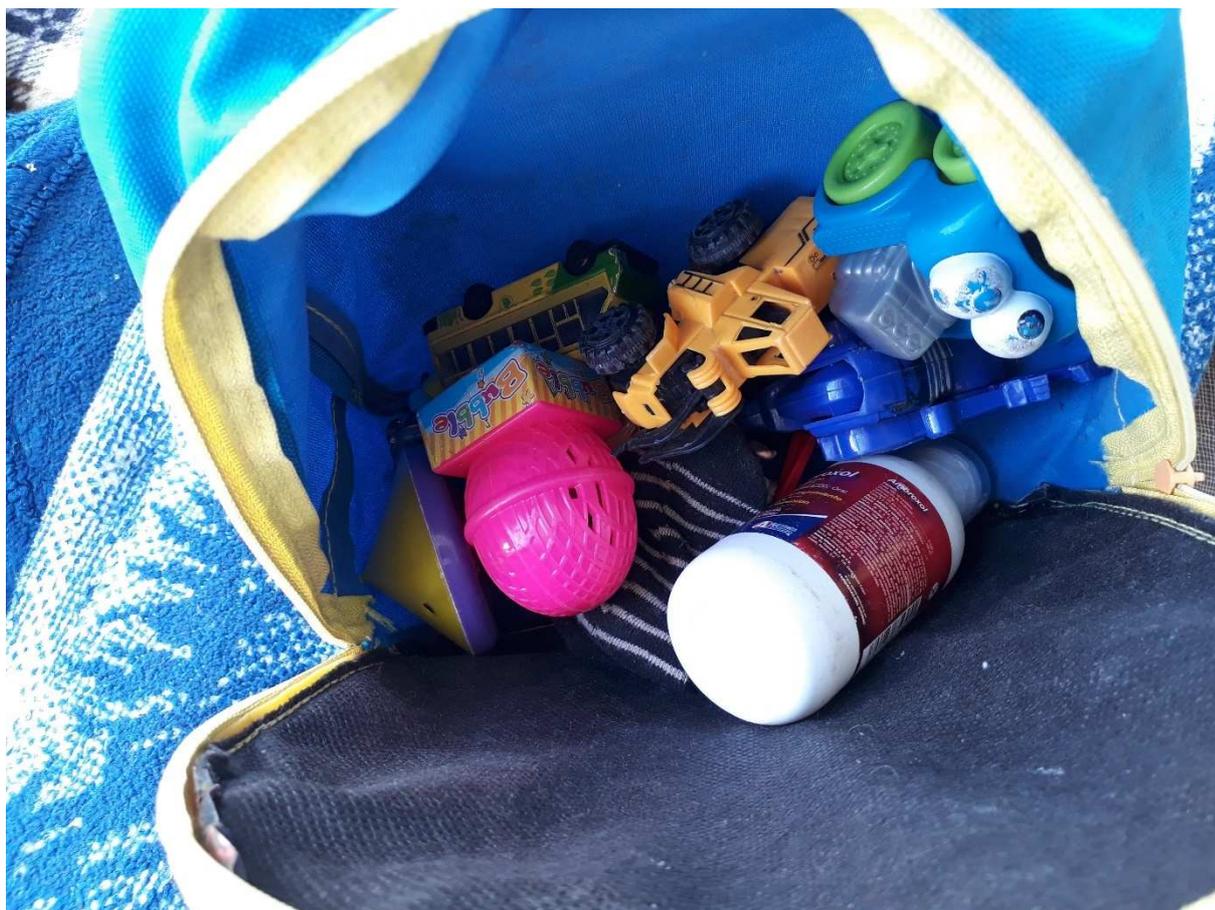
Fotografia 33 – Alicia também segura seu doce



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

Foi um grande dia. Para crianças e adultos. Entre doces e risadas sentiram, ao menos por um dia, que não haviam sido tão abandonados por aqueles que as ajudaram nos primeiros dias. As lembranças desse dia podiam levar na bagagem. Ao contrário de muitos dos brinquedos que fizeram a felicidade das crianças. Aproveitavam todos os dias para brincar o máximo que poderiam, porque sabiam que não iriam levar muitos deles nas pequenas mochilas que traziam.

*Fotografia 34 – O que levavam na mochila assim que chegaram a Hermosillo*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

Fotografia 35 – Brinquedos de Joanael um dia antes do “Dia da Criança”



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

Fotografia 36 – Brinquedos de Ashley, Natalie e Kevin depois do Dia da Criança



Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

### C. SER CRIANÇA MIGRANTE NA CARAVANA: SOBRE PROTESTOS E VISTOS

A experiência dos dias passados na Caravana foram construindo nas crianças suas próprias ideias sobre migrar e sobre construir um coletivo com esse propósito. Em Kevin e em Dulce foi bastante evidente como certos elementos foram sendo concebidos em sua própria identidade enquanto migrante. Ao mesmo tempo que suas falas revelavam o quão simples deveria ser chegar a outro país, já entendiam que a pressão e a dificuldade estavam sendo impostas em torno dos vistos e permissões para transitar com seus corpos.

*Elisa – Las personas llaman ustedes de migrantes. ¿Qué es ser migrante?*

*Kevin – Defender los de.... Se defender a las personas para pasar a otro país*

Os dias em Hermosillo se prologavam dadas as difíceis negociações com o Instituto Nacional de Migração. O não cumprimento da promessa de regularização dos vistos de trânsito e da expedição de vistos humanitários fez com que, no dia 2 de maio, marchassem quase 6 quilômetros – desde a colônia São Luís, onde estão as duas igrejas, até a Avenida do Rio Sonora, à frente do Instituto<sup>249</sup>. Ali acamparam pela primeira vez por uma noite. No dia seguinte, com a retomada dos procedimentos do INM, concedendo o início das tratativas do visto de trânsito a um primeiro pequeno grupo, a Caravana regressou aos albergues.

Agora entre os documentos solicitados pelo INM estavam seis fotos de tamanho 3 por 4 centímetros. Para muitos, isso era um grande problema, já que com o prolongar dos dias, o dinheiro se esgotava. Para ter acesso ao envio de dinheiro feito por seus familiares, dependiam que cidadãos mexicanos disponibilizassem seus dados bancários e fizessem a retirada do dinheiro, e isso possui um limite diário de três saques e um limite mensal de recebimento de transferências de outros países que variava entre bancos e tipos de contas correntes. Voluntários das duas igrejas, alguns jornalistas e fotógrafos que cobriam a Caravana, tentavam ajudar com isso.

---

<sup>249</sup> Ver mapa no Anexo I.

Além dessa dificuldade, na região onde se encontravam as igrejas só existia uma loja que tirava e revelava fotos. O valor unitário das fotos era de 20 pesos mexicanos, mas de um dia para o outro passou para 60 pesos mexicanos<sup>250</sup>. Quando multiplicados para seis fotos por pessoa, torna-se inviável que toda uma família pudesse pagar. Alguns só conseguiram obter as fotos quando já nos últimos dias, e em meio à comemoração do dia das crianças, um fotógrafo voluntário improvisou um estúdio com cartolina branca e luz do sol registrando as fotos e no outro dia indo até o acampamento em frente ao INM com as fotos já impressas.

Quando as muitas dificuldades que enfrentavam pareciam já ser suficientes, o apoio do albergue da igreja evangélica começa a ser posto em questão. Durante mais de uma semana pais, mães e crianças me relatavam que aquele podia ser o último dia no albergue. No dia seguinte ao “dia da criança”, quando estávamos gravando e fotografando as impressões do dia anterior, chegaram diversas autoridades do governo estadual para buscar mediar uma solução junto ao organizador e as lideranças religiosas para o conflito gerado entre a pastora e alguns dos migrantes albergados ali.

Ao perguntar às crianças porque a pastora já não mais os queria ali, elas me relataram que havia gente que seguia desobedecendo ordens e acordos feitos com a igreja entre eles o uso dentro das dependências da igreja de drogas e álcool e também o roubo de equipamentos eletrônicos e celulares dos outros membros da Caravana.

Mesmo antes disso tornar-se um problema grave, aos domingos todos os membros da Caravana eram convidados a retirar todas suas coisas do salão e esperar do lado de fora da igreja, onde só havia uma única tenda (que protegia do sol, mas fazia a sensação térmica subir alguns graus). Precisavam desocupar o salão para que a comunidade da igreja realizasse seus cultos durante todo o dia. As refeições eram mantidas, mas o acesso ao banheiro e à água ficavam quase completamente restritos. As crianças mais uma vez tinham um importante papel. Eram as únicas que conseguiam

---

<sup>250</sup> Equivalente a quatro reais e, posteriormente a 12 reais.

fazer com que abrissem uma das portas e assim, enchiam algumas garrafas de água, descobriam o cardápio do dia e quanto tempo ainda demoraria para servirem as refeições. Às vezes, conseguiam usar o banheiro.

No último domingo que passaram aí, nem mais isso as crianças conseguiam. A refeição só foi fornecida depois das 17 horas, quando já havia acabado o culto. Os fiéis, pela primeira vez não estavam usando a porta principal ao sair da igreja, saíam pelos fundos onde não tinham contato direto com a Caravana. Os que saíam de carro, passaram pela rua interditada – único lugar em que poderiam aguardar a entrada à igreja – a toda velocidade, os que saíam a pé, seguravam seus filhos para que não corressem a brincar com as crianças da Caravana. Diferente dos outros dias, a interação com a comunidade foi algo bem menos sutil e os olhares muito mais hostis. Naquela mesma semana seriam dali expulsos, restando apenas a igreja católica como apoio entre os dias de protesto e acampamento em frente ao INM.

*Fotografia 37 – Sol e muito calor em frente ao INM em Hermosillo*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

As tratativas com INM ficavam mais difíceis a cada dia. Em alguns momentos chegavam a receber pequenos grupos a fim de diminuir a tensão, mas sem, de fato, conceder vistos humanitários ou permissões de trânsito. Assim acabaram voltando a acampar em frente ao Instituto. Os demais estrangeiros que precisavam ser atendidos passaram a entrar por uma entrada lateral e eram orientados e encaminhados pelos próprios membros da Caravana. Por trás das portas de vidro na entrada principal e no portão da garagem se via o aparato de segurança, mas que não garantia a segurança dos membros da Caravana.

Depois de um dia de protestos, os primeiros vistos foram concedidos a um grupo de menos de 20 pessoas, logo depois o INM mais uma vez deixou de dar respostas e receber aos membros da Caravana.

*Elisa – Que es la migración?*

*Dulce – Es una organización.... (se ríe) donde se pueden arreglar papeles... As veces son muy malos porque te deportan pá Honduras... O para tu país, de dónde vengas. No es siempre que deportan. A veces te traen algunos papeles, a veces sí, a veces no. A muchos les ha dado su visa humanitaria. A mí se me la dieron (sonríe). A mi mamá también. Pero a muchos se les han negado. Y entonces por eso hicimos huelga de hambre y nos quedamos a dormir ahí en Migración.*

*(...)*

*E – ¿Y qué significa la Caravana de los migrantes?*

*D – Es un grupo de personas que... que vamos de estado en estado para que nos dejen cruzar. Puede ser cualquier frontera, pero tal vez no nos dejen cruzar. (silencio)*

Junto aos protestos que já estavam fazendo, os organizadores decidiram que, parte dos adultos que estivessem em condições de saúde, iriam realizar uma greve de fome. A primeira orientação tinha sido que todos fariam a greve, mas membros da CNDH conversaram com a organização de “Pueblo Sin Fronteras” que dadas as condições de doenças e desidratações entre o grupo, era fundamental que muitos ali não entrassem em jejum, principalmente mães e crianças. A greve iniciou no dia 7 de maio, com um grupo de 10 pessoas, entre elas o organizador Irineo Mujica e ganhou o reforço de mais cinco membros no dia seguinte

*Elisa – Y que estaban haciendo los hombres que estaban en huelga de hambre? ¿Qué es huelga de hambre y porqué estaban haciéndola?*

**Dulce** – Bien, la huelga de hambre es cuando uno deja de comer. Este... Por la mañana... Es por un tiempo. Pero Irineo [el líder del Pueblo Sin Fronteras] eligió por varios días. Y la hacíamos para que los de Migración diera los papeles.

**E** – ¿Y te parece que funcionó? ¿O no? Hacer esta protesta...

**D** – La protesta estuvo bien, pero porque a algunas (personas) se les han dado (los papeles), pero la huelga de hambre no porque ellos dijeron que ahí nadie estaba haciendo huelga de hambre. Que era mentira. Que todos estaban comiendo.

**E** – ¿Y eso es verdad?

**D** – Es mentira. Porque los de la huelga de hambre no comían. Hasta Irineo<sup>251</sup> nos regañaba cuando llevábamos la comida ahí cerca de donde ellos estaban. Porque decía que iba... que tiraban unos líquidos por el estómago y que eso los iba a hacer daño, porque no tenían nada en el estómago.

Fotografía 38 – Membros da Caravana aguardam atendimento no INM enquanto crianças brincam com balões e peças de montar



Crédito: Kevin, 10 años, de El Salvador (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

Acampados outra vez nas calçadas da Avenida do Rio Sonora, sob fortíssimo sol, mais uma vez se viam em situação de precariedade. Pouca comida: alguns voluntários passavam distribuindo alguns sanduíches durante o dia. Pouca água potável: a Cruz Vermelha tentou fornecer o que podia

<sup>251</sup> Se refere a Irineo Mujica, um dos organizadores da Caravana Pueblo Sin Fronteras.

de água e soro oral, mas acabavam então por tomar a água de uma torneira que ficava muito próximo do portão da garagem do Instituto. Sem tomar banho: um voluntário passou oferecendo sua camionete para levar mães e bebês para tomarem banho em uma chácara ali perto, o que gerou muito receio às mães que foram uma primeira e única vez. E nenhuma segurança: o grupo sofreu duas tentativas de assalto em plena luz do dia, a primeira com arma branca e a segunda com arma de fogo, ambos assaltantes foram detidos pelo próprio pessoal da segurança da Caravana e membros da segurança do INM que vigiavam pela parte de dentro não foram de nenhuma ajuda.

Nesses dias os termômetros chegaram a marcar 43°C, o que seguramente era uma temperatura menor do que a sentida quando acampados no concreto ao lado do asfalto e sem nenhuma sombra. Apesar da Avenida levar o nome do Rio Sonora, onde passaria o Rio, hoje é apenas um canal sem nenhuma gota de água.

O fim da greve de fome, que durou apenas quatro dias, não era o fim das idas e vindas ao INM. O processo de negociação se arrastou por quase todo o mês de maio, sendo considerado completamente resolvido pelos organizadores da Caravana no dia 22 daquele mês. Quando todos, estavam devidamente com seus vistos de trânsito ou humanitários, conforme a decisão de cada um.

#### **D. SER MÃE NA CARAVANA: SOBRE MEDOS E RISCOS EM TORNO DE SEUS BEBÊS**

Nos dias em que estiveram acampados em frente ao INM era um grande desafio estar com as crianças sem coloca-las em risco, já que ali está uma larga avenida onde os carros passam em alta velocidade. Cansadas das situações de risco a que se viam ali, algumas mães se juntaram e voltaram para a igreja San Luis Gonzaga, a contragosto dos organizadores, que interpretavam como um enfraquecimento ao movimento.

As treze mães com seus filhos passaram uma única noite sozinhas na igreja. Foi suficiente para no meio da noite serem acordadas com uma camionete com quatro homens parada em frente aos portões da igreja. Dois deles chegaram a entrar e diziam que estavam procurando por homens que

quisessem trabalhar na lavoura. Ao mesmo tempo, reviravam cobertas e perguntavam para as mães se estavam sós, ou se havia homens por perto. Da mesma forma súbita em que chegaram, se foram.

Carla ficou em pânico. Tinha certeza que aqueles homens estavam prontos para levar as crianças. Por que procuravam por força de trabalho no meio da madrugada? Por que foram lá justamente no único dia em que estavam sós? Essas perguntas nunca tiveram respostas. Até porque, naquele mesmo dia, voltavam para a igreja os dois primeiros grupos que acabavam de conseguir seus vistos humanitários. A igreja voltou a estar cheia e contando com os seguranças da própria Caravana.

Entre tantas idas e vindas, também se percebia que o apoio da Cruz Vermelha passava a ser cada vez mais raro. As crianças, principalmente a pequena Ashley e a pequena Alicia (que completou um ano no primeiro dia da Caravana em Tapachula, sul do México), seguiam com repetidas infecções, chegando a estados febris muito preocupantes.

O estado de saúde das crianças e a tentativa de prestar apoio foi ponto importante de aproximação com as famílias. Além de ser uma grande preocupação de minha parte, eram constantes os quadros de inflamações e infecções respiratórias e gastrointestinais, dadas condições de fragilidade em que as crianças chegaram e seguiam albergadas.

Como me foi dito por uma das crianças, ao longo do trajeto existia grande preocupação que as crianças não dormissem mesmo que fosse noite. Além disso, as variações climáticas pelas quais passaram ao cruzar todo o México fizeram com que enfrentassem desde muito frio e chuva até o calor que agora os alcançava no deserto de Sonora. Tornando muito evidentes a fragilidade de seus corpos.

O papel da Cruz Vermelha Mexicana para brindar assistência médica às crianças e mulheres foi fundamental, mas também insuficiente dada a grande demanda que esse grande grupo trazia. Acompanhei três situações mais difíceis, as duas primeiras envolvendo as irmãs Cláudia (19 anos) e Ester (23 anos) que vinham respectivamente com seus bebês de 6 meses e 3 anos. Cláudia chegou a Hermosillo e foi encaminhada diretamente ao hospital dada uma fortíssima infecção de garganta. Sua

bebê ficou aos cuidados de sua irmã, que também precisava assistir ao seu filho que já apresentava um princípio de infecção respiratória. Depois de dois dias, Cláudia recebeu alta e ficou com sua bebê, que apresentava um quadro de forte desidratação. Mas sua irmã, Ester, necessitou ir imediatamente levar seu filho, Adrian, ao hospital onde ficou internado por mais de uma semana. Cláudia sequer tinha forças para se alimentar e cuidava como podia de sua bebê. Ester só saiu do hospital quando

*Fotografia 39 – Ester chega depois de 04 dias no hospital com seu filho Adrian*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

sua irmã já havia partido nos primeiros ônibus a Tijuana.

O último caso mais sério de saúde que acompanhei foi de Alicia, filha de Tatiana. Alicia teve sua festa de aniversário de 1 ano no segundo dia que a Caravana havia partido de Tapachula. Ao longo do trajeto, resistiu bravamente, realizando o percurso quase todo em trem junto a sua mãe. Porém, com quase um mês em Hermosillo, com todo calor e poeira, passou a ter quadros de febre alta a cada três dias. Tatiana resistia em contar algumas dificuldades que passava, sempre

teve medo do julgamento dos demais sobre como estava cuidando de sua filha. Depois de me relatar que Alicia havia convulsionado no dia anterior (depois soube que não pela primeira vez), busquei o

apoio da Cruz Vermelha, que cada vez aparecia menos e respondia menos ao nosso chamado. Ao chegarem, Tatiana estava tomando banho e Alicia estava brincando sozinha enquanto eu a assistia. Quando Alicia tinha febre, ficava muito arredia e só aceitava brincar e se aproximar de sua mãe e um grupo muito pequeno de amigos (todos adultos) que foi fazendo ao longo dos meses. Porém, nesse dia, ao ver a chegada dos três paramédicos e na ausência de sua mãe, correu para os meus braços e chorou inconsolavelmente. Senti que ela ardia em febre, seguramente já passava dos 39°C.

Com ela ainda em meus braços e explicando aos paramédicos o quadro clínico, vi os olhares dos membros da organização com semblante de muita tensão. Quando vi que Tatiana estava pronta, entreguei a ela sua filha e fui conversar com uma das organizadoras. Ela estava muito insatisfeita com meu chamado da Cruz Vermelha, temia que ao levar Alicia ao hospital e, possivelmente interná-la, iriam acusar os organizadores da Caravana de maus tratos e poderiam separar a criança de sua mãe e levá-la a uma casa abrigo do sistema DIF.

Por já ter acompanhado os outros dois casos de necessidade de internação, achei que poderia ser um temor excessivo, mas me comprometi a estar todo o tempo com Tatiana e Alicia, principalmente quando fossem feitos os contatos com a assistência social. Além disso, lançaria mão, naquele momento dos contatos institucionais já avançados junto ao DIF para não permitir que algo assim acontecesse. Era um risco grande, mas havia um risco de vida muito maior em jogo.

O primeiro contato com a assistência social do Hospital Infantil do Estado de Sonora foi bastante humanizado. Apesar de alguma dificuldade em entender burocraticamente como atender a criança, não tardou em preencher os formulários que eram necessários e encaminhar mãe e filha ao atendimento médico (tão demorado quanto para os demais que ali esperavam). Após o primeiro atendimento, fomos mais uma vez à assistência social, que já havia mudado de plantonista, para solicitar a medicação e o encaminhamento para a semi internação. Desta vez sim pode-se perceber a resistência e a falta de atenção por parte da assistente social. Enquanto ela conversava com sua amiga

grávida sobre o enxoval que seria feito nos Estados Unidos e os luxos que teriam em seu chá de bebê, não foi capaz de sequer olhar diretamente à Tatiana, dirigindo-se unicamente a mim, que sequer estava dentro de seu escritório no primeiro momento. A mãe, com muita timidez tentava descrever o que tinha sido solicitado pelo médico e a necessidade de atendimento gratuito. Enquanto explicava, a assistente social fez questão de explicar a sua amiga que Tatiana não ia ser atendida pelo seguro social, mas sim por outro programa porque (e neste momento foi muito enfática) “não era uma cidadã da república mexicana”.

Depois de quase 12 horas no hospital, a noite Alicia recebeu alta após apenas receber soro oral, uma dose de analgésicos e um vidro de antibióticos para tomar nos próximos dias. Os 1.500 pesos mexicanos<sup>252</sup> que poderiam ser cobrados a ela foram subsidiados por meio de programa estadual de atenção ao migrante. Alicia seguiu ainda por duas semanas com quadro de infecção mal curada, mas aos poucos foi sendo revertido com apoio das outras mães que ainda tinha algumas medicações que ajudavam a diminuir a febre e o mal-estar.

#### **E. SER UMA FAMÍLIA QUE PEDE ASILO AOS EUA: DECIDIR SEPARAR-SE PARA CHEGAREM JUNTOS**

Os dias em Hermosillo iam se encerrando. O trajeto que durou dias, frio, subidas e descidas ao trem, infecções, esperança, fome, quilômetros, doações, dias sem banho, medos, sonhos, entrevistas aos jornais, desidratação, vistos temporários, dias com banho, mochilas perdidas, calor, brincadeiras, protestos, amigos, chamadas ao telefone, chuvas, ao final, encontraria com o grande muro final.

---

<sup>252</sup> Que no câmbio daqueles dias seria algo em torno de 300 reais.

Para alguns isso significava atravessar indocumentados e sem apoio de *coyotes*, vencendo os obstáculos físicos e de vigilância. Para tantos outros significava mais uma grande espera e incerteza para passar na pequena fresta... “*entregarse en la garita*”<sup>253</sup>. Conseguindo ou não seus vistos humanitários ou suas permissões de trânsito no México, muitos foram seguindo rumo a Tijuana. Alguns poucos, principalmente os mais jovens que não vinham com suas famílias, foram até Mexicali<sup>254</sup>.

O primeiro grande grupo, de mulheres e crianças, chegou a Tijuana em 23 de abril. Após aguardarem a chegada de mais pessoas em ônibus, o grupo recebeu forte resistência das autoridades estadunidenses na guarita de Tijuana. Apenas em 1º de maio as seis primeiras pessoas entraram e nos dias seguintes cerca de 150 conseguiram ser chamadas para solicitar o asilo.

A partir de então começava a ficar clara uma das tantas mudanças da nova política de “tolerância zero” anunciada em vários meios durante o mês de abril. Não só em Tijuana, onde grande parte do grupo de centro-americanos da Caravana se dirigiu, mas também em Nogales, onde pude estar presente e, em Matamoros, onde outra investigadora seguia intercambiando informações comigo, via-se a mesma estratégia para os que se apresentavam pedindo asilo: tentar vencê-los pelo cansaço. Mas quilômetros de percurso, fome, doenças, desidratações, noites mal dormidas, riscos de assalto, dentre tantos outros obstáculos vencidos parecem servir apenas para demonstrar que são incansáveis, quando se trata em alcançar uma vida minimamente mais digna.

Mesmo com todas as notícias das dificuldades em apresentar-se para pedir asilo e das separações de crianças, todos seguiam com o objetivo muito claro de tentar seguir aos Estados Unidos. Mesmo os que obtiveram o visto humanitário mexicano, sabiam que aquele seria um pequeno

---

<sup>253</sup> Expressão muito utilizada por eles para dizer que vão se apresentar a um dos postos da patrulha fronteira estadunidense e solicitar asilo ou refúgio.

<sup>254</sup> Cidade de fronteira que, assim como Tijuana, encontra-se no estado de Baja Califórnia.

“respiro” para juntar dinheiro, esperar que as notícias melhorassem “do lado de lá” e tentar entrar em algum outro momento.

*Elisa – Y que vas a hacer con la visa humanitaria que tienes?*

*Dulce – Irme a Tijuana.*

*E. – Que vas a hacer allá?*

*D. – Voy a esperar un tiempo con mi mamá y después nos vamos a cruzar.*

*E. – Y... ¿Porque te parece entonces que era importante tener esa visa humanitaria (en México)?*

*D. – Para que no nos detuviera Migración (mexicana) en el trayecto de Tapachula hasta Tijuana, pero cambiaron los planes. De Tapachula nos fuimos a Puebla y desde ahí comenzamos con la Caravana. De Puebla hasta acá, hasta Tijuana.*

Para a família de Kevin e Natalie a decisão de como iriam terminar essa jornada não foi fácil. Primeiro, por meio do apoio de voluntários da igreja católica, conseguiram alugar um pequeno conjugado ali mesmo em Hermosillo. José conseguiu trabalho na equipe de limpeza em uma grande loja de departamento. E as crianças estavam muito felizes com os dois filhotes de cachorro que viviam na casa principal.

Tudo isso com o visto humanitário apenas de José. Preferiram não pedir o de Carla e das crianças com receio de que isso pudesse atrapalhar os planos futuros de entregarem-se aos Estados Unidos. As ameaças de Trump em separar as famílias deixavam o discurso e encontravam reflexo nas grandes notas de jornal. Com áudios angustiantes e fotos comovedoras de crianças pequenas sendo separadas de suas mães. José e Carla ainda que soubessem da situação quando acampados na igreja, passavam a ser bombardeados diariamente com essas notícias agora que tinham uma televisão ligada quase que diariamente no pequeno cômodo que alugavam.

O que para muitos poderia parecer serem motivos suficientes para desistir, na verdade, atingiam a José e também a Carla de forma diferente. A ausência de perspectivas e tudo o que haviam enfrentado para chegarem ali fez com que o significado de resignação fosse transformado. A eles, desistir não é uma opção. Paciência, adaptação e insistência são chaves para tomarem decisões e seguirem adiante.

O que estava sendo levado em consideração agora era: qual o melhor ponto da fronteira para se entregarem? Tijuana, Mexicali ou Nogales? Quanto custaria para irem? Quanto de espera cada uma dessas fronteiras iria apresentar? Quão difíceis seriam as condições da chegada a cada um desses pontos?

Se o receio era de que as autoridades dos Estados Unidos os separassem à força<sup>255</sup>, então se adiantariam e entrariam separados. Primeiro José pensou em atravessar sozinho – por já ter sido detido por sete meses ao tentar cruzar –, mas agora iria com Kevin e Natalie. Assim, se os separassem, Kevin, com seus 10 anos, seria responsável apenas por sua irmã Natalie, de 6. Já Carla atravessaria com Ashley que sequer havia completado 7 meses e, por isso, acreditavam que não as separariam.

*Fotografia 40 – Fila na guarita de Nogales (solicitantes de asilo de um lado, turistas do outro)*



*Crédito: Elisa Sardão Colares (Nogales, Sonora, México, 2018)*

---

<sup>255</sup> Sobre a separação forçada de crianças, ver mais informações sobre a política de “tolerância zero” no capítulo 01.

Descartaram Nogales pela grande fila de guatemaltecos que havia ali. Também desistiram de Mexicali depois de uma experiência um tanto preocupante de se arriscarem subir ao trem com auxílio de alguns voluntários da Caravana. Seguiram então com os últimos membros da Caravana que conseguiram um último ônibus até Tijuana. Ali esperaram por semanas.

Kevin se sentia cada vez mais próximo de alcançar seu desejo de viver uma vida completamente diferente da que havia vivido até então. Ao mesmo tempo, a responsabilidade parecia pesar cada vez mais sobre seus ombros. Qualquer coisa que passasse a seu pai, ele passaria a ter de cuidar de sua mãe e suas irmãs. Ao menos assim dizia seu pai em diversas ocasiões. Kevin queria que sua vida do outro lado permitisse ter um carro para que pudesse ir com sua mãe ao supermercado. Assim ela não teria de enfrentar ônibus lotados preocupada com as sacolas e o perigo.

*Desenho 8 – A vida que Kevin gostaria de ter nos Estados Unidos*



*Fonte: Kevin, 10 anos, de El Salvador (Hermosillo, Sonora, México, 2018)*

Na longa lista organizada pelas próprias famílias que esperavam em Tijuana para pedir asilo, José, Kevin e Natalie ocupavam o número 232. Carla e Ashley, com o número 265, entraram mais de duas semanas depois. Joanael, Ever e seus pais que foram os primeiros a chegar a Tijuana (e que antes tentaram construir uma vida ali mesmo, mas não estava nada fácil conseguir emprego e pagar o aluguel da casa) eram o número 318 e passaram três semanas depois.

Foram quase 5 meses entre cruzar a fronteira sul e a fronteira norte do México.

Kevin não queria muito conversar sobre os três dias que passou com seu pai e Natalie na “*perrera de migración*”. Lá os agentes tomaram tudo o que levavam. Inclusive os passaportes das

Desenho 10 – “*El malo de la patrulla*”



Fonte: Kevin, 10 anos, de El Salvador (via Whatsapp em Virginia, EUA, 2018)

Desenho 9 – “*Perrera de migración*” (detalhe de desenho)



Fonte: Joanael, 8 anos, de Honduras (Hermisillo, Sonora, México, 2018)

crianças. Enquanto conversava comigo, Kevin desenhava “*lo malo de la patrulla*”. Ao ver o desenho, Natalie deu uma bela risada. O desenho era idêntico ao agente do CBP que só falava em inglês e fazia sinal de que ficassem calados.

Carla, que ficou com Ashley por cinco dias, contava como foram difíceis e frios os dias que passaram ali. Ashley voltou a ficar mal da garganta, mas até mesmo os remédios e antibióticos que Carla levava foram confiscados. Onde

estavam só havia mulheres com crianças pequenas. E quanto mais choravam as crianças, mais sentiam que as temperaturas baixavam. Comiam sempre o mesmo sanduíche em todas as refeições. Em um breve momento em que estivemos conversando sozinhas, Carla me disse que sentiu uma depressão horrível e tinha certeza que Kevin e Natalie também. Até mesmo porque desde que se encontraram, quase não falavam de como foram os dias ali.

Mas agora, isso importava menos. Estavam juntos outra vez. Conseguiram alugar o sótão de uma casa no oeste de Virginia. Ali iriam esperar até que fossem chamados pela Corte de Migração. José e Carla andavam com tomozeleiras eletrônicas. José passava o dia trabalhando em um lava-jato. As crianças seguiam sem documentos e não podiam frequentar a escola. A pequena Ashley já tinha aprendido a caminhar e os cabelos de Natalie nunca estiveram tão longos. Kevin conseguiu um caderno e canetinhas e seguia desenhando seu desejo por um dia ensolarado na praia com sua família naquela que seria sua nova morada, os Estados Unidos.

*Desenho 11 – À espera por dias ensolarados em alguma praia dos Estados Unidos*



*Fonte: Kevin, 10 anos, de El Salvador (via WhatsApp em Virginia, EUA, 2018)*

Semanas depois passei a não ter qualquer contato ou notícia deles. Seus destinos seguiram caminhos que prefiro imaginar não terem sido os menos comuns: a deportação ou a vida clandestina após a negativa da Corte de Migração dos EUA.

Das diversas dinâmicas que pude acompanhar na Caravana, aqui trago como resumo gráfico aquela representada pelos irmãos Kevin e Natalie. Não porque a experiência deles resume às demais dinâmicas internas da Caravana, mas sim por ser uma das possíveis representações e aquela em que pude mergulhar mais profundamente em suas histórias.

Matriz 7 – Kevin e Natalie: dinâmica de engajamento, esperanças e cansaço

	<b>MACRO</b>	<b>MESO</b>	<b>MICRO</b>
<b>CENÁRIO</b>	Pobreza, desigualdade e violência sistêmica na América Central (El Salvador)	Sonora-Arizona Tentativa anterior e detenção de seu pai nos EUA Sequestro e ameaças de <i>pandillas</i>	Caravana
<b>ATORES</b>	América Central (especialmente Honduras e El Salvador) México Estados Unidos	Organizadores: <i>Pueblo sin Fronteras</i> Mídia Governos estadual e municipal Sociedade civil nas comunidades de recepção (igrejas, Cruz Vermelha, etc.) INM Trump	Família que ficou Membros da Caravana Voluntários Jornalistas Líderes religiosos
<b>MOVIMENTOS</b>	Deslocamento com engajamento político	Criança acompanhada com visto temporário de trânsito e solicitante de asilo nos EUA	Travessia por " <i>La Bestia</i> " e por ônibus (com presença dos pais)

Para alguns membros do hermético mundo acadêmico, grande parte do que foi trazido até aqui como narrativa das personagens – Juana, Mari, Brighth, Sofía, Elsa, Andrew, Juan Miguel, David, Juan Carlos, Kevin, Natalie, Ashley, Alicia e Dulce – pode guardar pouca relação com o que se considera hegemonicamente como científico. Este trabalho, contudo, tem como ponto de partida uma perspectiva centrada nos sujeitos, sendo eles crianças, sob um contexto de complexa vulnerabilidade. Por isso, seria superficial e até mesmo irresponsável não permitir às leitoras e aos leitores uma compreensão das experiências e sentimentos vividos por essas crianças em todos os cinco sentidos da forma mais próxima que a escrita permite alcançar.

A cada uma das dinâmicas foi possível perceber a centralidade das emoções: o medo, a preocupação, a esperança, a angústia, a expectativa, a responsabilidade, o cansaço, a ansiedade e o anseio de lutar. O peso que cada uma dessas emoções trazia variava de acordo com o capital humano, social, econômico e emocional que aquelas crianças carregam e constroem nas relações e interações com o mundo.

O intuito deste capítulo é conjugar nos três níveis de análises – macro, meso e micro – os três principais elementos das dinâmicas do deslocamento forçado das crianças: o cenário, os atores e seus movimentos. Entendendo que o conceito de ser criança e o reconhecimento ou não de quem as acompanha são elementos transversais que compõem especialmente cada dinâmica e as transformam em um regime de sentimentos e de sofrimentos. Para isso, antes, serão sublinhadas algumas das multifacetadas dos principais atores que interagem com as crianças, para depois apresentar os principais conceitos e contornos encontrados em campo sobre o que é ser criança, e como estes delineamentos implicam diretamente nas contradições em torno do conceito de “acompanhado” e “não

acompanhado”. Assim, ao fim, serão apresentadas cada uma das dinâmicas a partir de matrizes que tentam resumir as convergências e particularidades de cada uma delas.

#### A. AS MÚLTIPLAS FACETAS DO ESTADO, DA CLANDESTINIDADE E DA AJUDA HUMANITÁRIA

Sem dúvida os Estados nacionais são atores com peso significativo nas dinâmicas do deslocamento forçado das crianças no continente americano, porém, se se considera que este é um ator unitário, de comportamento homogêneo, deixamos de entender as manifestas diferenças de atuação de cada um dos Estados nacionais, a partir de suas diferentes instituições e interesses.

Para Juana o Estado protetor mexicano – representado pelo INM e pelo DIF – tornou sua situação mais angustiante e depressiva. Não reconheceu sua autonomia como mãe e como esposa. Não permitiu que se comunicasse com seu esposo para poupá-lo de seguir tentando cruzar e, assim, correr mais uma vez o risco de lidar com o Estado vigilante estadunidense – representado pelo CBP. Para o pequeno Juan Carlos de quatro anos, o Estado combativo contra o narcotráfico mexicano – representado pela SEDENA e pelo INM –, ao resgatá-lo de seus supostos sequestradores, não reconheceu a relação com seu pai e achou como solução separá-lo das únicas pessoas com quem declaradamente tinha relações de confiança. Para Kevin e Natalie o Estado mexicano criminalizador de migrantes – representado pelo INM – relutou por meses em estender o curto visto de trânsito mesmo que isso representasse estender o sofrimento de viver em condições completamente precárias em acampamentos improvisados que se faziam e desfaziam a cada vez que eram expulsos de uma instituição a outra.

Na outra ponta destas dinâmicas estão os atores que representam as atividades para-legais e ilegais: *pandillas*, narcotráfico e coyotagem. Esses atores, tão centrais no cenário do deslocamento forçado, tornam ainda mais vulnerável as condições de mobilidade humana, clandestina, indocumentada ou criminoso. Aqui, mais uma vez, considerá-los como atores homogêneos de comportamento é bastante equivocado. Para Juana e Mari, as duas protagonistas mexicanas, o papel

de seus coyotes permitiu uma relativa sensação de segurança e proteção, que proporcionou a almejada travessia para o outro lado. Já com Brigith, Sofía e Elsa, o percurso desde Honduras só foi possível a partir de uma coyotagem aparentemente especializada. Já para Andrew, Juan Miguel, David e Juan Carlos, a coyotagem (que lhes daria a segurança mínima para chegar ao outro lado) viu manifestada sua precariedade ao ser interceptada pelo narcotráfico. Por fim, Kevin e Natalie estavam ante uma estratégia de ação coletiva que buscava diminuir o caráter de clandestinidade em seu deslocamento, assim, estes atores ao invés de serem procurados eram manifestamente evitados e temidos. Em comum, esses casos vêm na coyotagem ou na ação coletiva oportunidades para sua sobrevivência que foram negadas pelo Estado. Ambas com suas fragilidades em meio ao narcotráfico e as disputas de espaço deste com as forças do Estado.

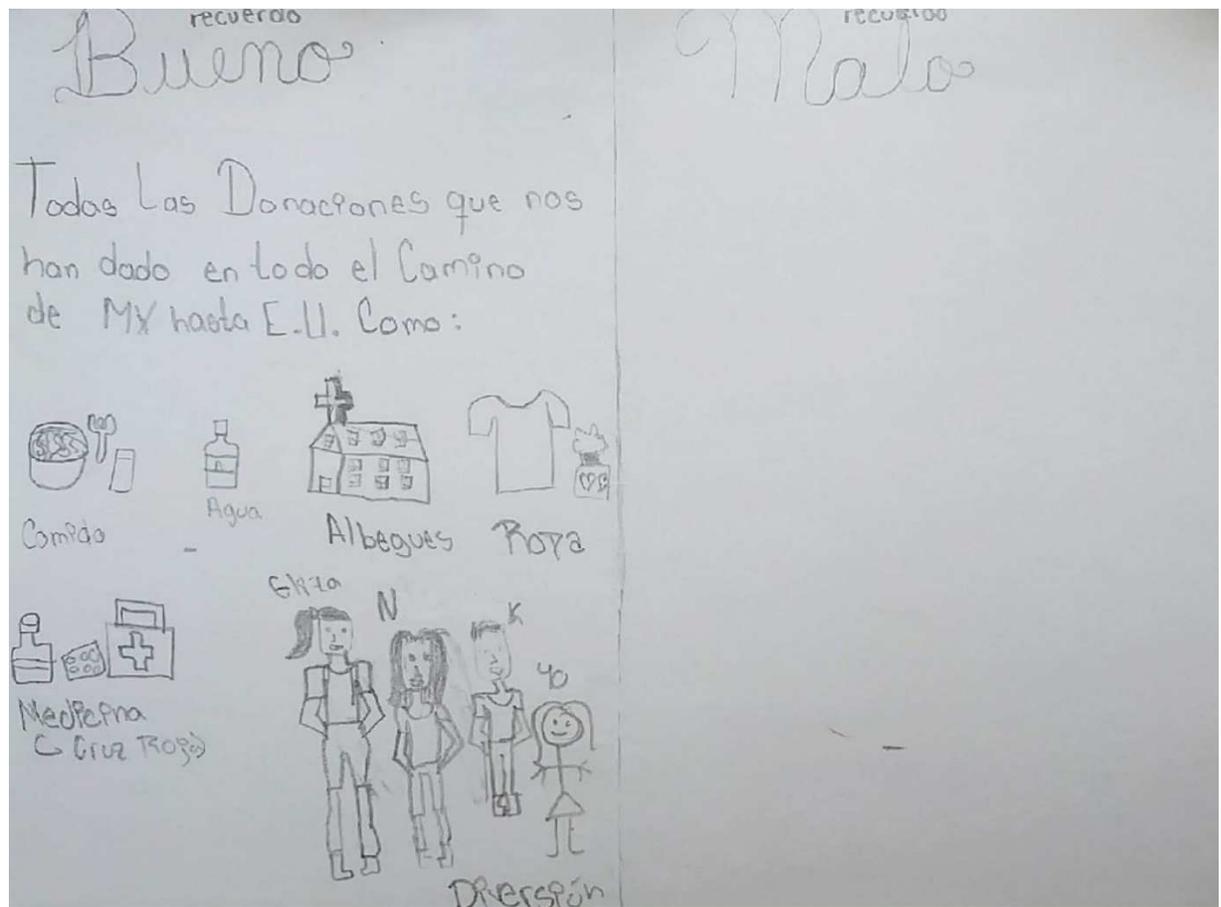
Neste tensionamento, da atuação dos Estados e dos atores para-legais e ilegais, uma grande janela se abre para a atuação de grupos e organizações com fins humanitários e sociais. Com objetivos e olhares bastante distintos sobre suas atuações, estas organizações são, muitas das vezes, a única via para buscar ajuda por comida, abrigo, contato com a família e informações. Nos casos em que a coyotagem permite aparentemente suprir tais necessidades, como nos casos de Juana, Mari, Brigith, Sofía e Elsa, esses atores não chegaram a aparecer em seus relatos e, muito possivelmente, nem mesmo em seu trajeto. Sem dúvida aqui há um fator fundamental para que estes atores da clandestinidade e da ajuda humanitária não interajam (ou evitem ao máximo tal interação): os efeitos do conceito legal de crianças e adolescentes “acompanhados” e “não acompanhados”.

Primeiro, a linha já muito tênue entre facilitar a travessia e traficar pessoas torna-se completamente borrada por se tratar de menores de 18 anos – já que o fator consentimento é descartado. Em segundo, sabendo que este será um complicador, os serviços de coyotagem tendem a se especializar de modo a buscar a maior discrição possível, encarecendo os custos (como no caso de “viagem especial” de Mari) ou vulnerando ainda mais a travessia (como nos casos em que as crianças

são medicadas, para dormir ou não ir ao banheiro ou, ainda, quando são convencidas a atravessar com drogas para diminuir o valor pago). Por tudo isso, a possibilidade de identificação, mesmo que por parte de organizações que não representam o Estado, pode significar um risco para a continuidade do percurso dessas crianças, para suas vidas.

Por outro lado, àquelas crianças que poderiam ou foram de fato consideradas acompanhadas, o papel destas organizações foi fundamental no momento em que o Estado mexicano atuou tentando impedir que prosseguissem: sejam aqueles que fugiram de sequestro e do seu suposto resgate, sejam aqueles que lutavam por seus direitos no coletivo da Caravana.

Desenho 12 – As lembranças boas e más por Dulce durante a Caravana



Fonte: Dulce, 12 anos, de Honduras (Hermosillo, Sonora, México, 2018)

O que deve ser deixado bastante claro aqui é que entre todos estes atores existe ainda um outro elemento de desigualdade estrutural nas relações estabelecidas: a assimetria informacional. Não

somente aquela provocada pelo sigilo estatal, pela discricção da clandestinidade ou por um obscurantismo de algumas ações assistencialistas, mas, mais ainda, aquele provocado sob as crianças. Fazendo-se valer das diferenças legais entre os países, fazendo-se valer de eventuais imprevistos no caminho e, sem dúvida, fazendo-se valer das desigualdades estruturantes (principalmente a da relação adulto-criança), pouco ou nada lhes é devidamente esclarecido. Seus direitos, suas possibilidades e seus trajetos são pouco definidos e explicitados. Mesmo com isso, suas perspectivas e expectativas demonstram um grande domínio sob o jogo em que se meteram ou estão metidas. Como exemplo disso, estão as crianças centro-americanas detidas na fronteira do Arizona que tentam se passar por mexicanas com o intuito de serem repatriadas no México e dali mesmo tentar seguir novamente o intento de cruzar. Ou ainda, como Sofía, Brigith e Elsa debatiam em torno das novas possibilidades de regressar às suas casas ou seguir tentando cruzar aos EUA.

A “zona gris” encontrada por Sandra Guillot (2012) no caso das crianças salvadorenhas em trânsito no sul do México segue sendo a grande variável comum em todos esses cenários e este é o maior muro porque atravessam. A violência estrutural, especialmente nos últimos anos na América Central e no México os expulsa de seus países, de modo a adotarem um movimento clandestino proporcionado por um "mercado" da migração, onde coyotagem e narcotráfico estão em constante tensão, fugindo e submetendo-se à violência dos Estados nacionais e tendo como perspectiva a violência de uma vida não documentada nos EUA. As violências sofridas ou evitadas constituem parte do cenário comum a todas crianças e foram tomadas por elas como variável para as escolhas tomadas.

A definição por um movimento de deslocamento pela clandestinidade ou pelas vias legais de solicitação de asilo ou refúgio passa não somente por ter ou não ter como comprovar legalmente os motivos que os expulsam de suas origens. Até mesmo porque tais comprovações não são em si garantias de efetivação de seus direitos. Porém, entre esses dois modos aparentemente tão distintos de

migrar, a vulnerabilidade segue sendo uma constante, que têm como variações de tipo e grandeza de acordo com as distinções pela nacionalidade, etnia, gênero e classe.

As vulnerabilidades trazidas por esta violência não terminam quando se cruza a fronteira dos Estados Unidos. Quando não foram separadas de seus pais pelo Estado, ali seguem dependentes de uma rede clandestina de subemprego, que não raro também tem ligações com as mesmas organizações criminosas ou para-legais com quem vieram negociando ou evitando. Em geral, muitos migrantes que são deportados até as cidades de fronteira do México, mesmo quando já desistiram de tentar cruzar, são roubados e sequestrados. Fazendo com que o caminho de volta para casa seja não somente humilhante como arriscado.

#### **B. SER CRIANÇA E DEIXAR DE SÊ-LO A PARTIR DE QUEM SOFRE E QUEM CAUSA O SOFRIMENTO**

Ser criança neste contexto implica em desafios e distorções que me impulsionaram a buscar entender como elas mesmas se reconheciam ou não como crianças. Em um primeiro momento, definir e conceituar o que é ser criança é um exercício de abstração um tanto complexo para elas mesmas. Isso não se deve a uma suposta incapacidade de realizar exercícios de abstração e de definição do conceito, mas sim porque é um exercício não habitual. Mas, ao longo das atividades e das conversas, pode-se perceber que este conceito está em seu cotidiano e em suas identidades.

As características apresentadas por elas sobre o que é ser criança, no primeiro momento não têm qualquer conexão com o contexto migratório, ou seja, em teoria, o conceito e o fato de ser criança ou adulto extrapolaria o contexto específico em que vivem esses sujeitos. Mas, ao aprofundar um pouco as circunstâncias de suas partidas e de seus “encontros e desencontros” torna-se evidente que ser criança é elemento distintivo.

Foi com Brigith, Elsa e Sofia que pela primeira comecei a perguntar o que era ser “niña” ou “niño”. Para elas não foi nada fácil responder. O silêncio predominou por muito tempo até que cada uma, a seu modo, foi se “arriscando” a responder. Primeiro Brigith disse que era passar o tempo

brincando com outras “niñas” ou fazendo o que estávamos fazendo, desenhando. Já com Sofia, ao entender que deveria desenhar o que é ser “niña” disse que ia desenhar ela e suas amigas (mesmo que não o tenha feito de fato). Já Elsa, depois de um bom tempo em silêncio, quis me confessar que “*cuando era ninã*” se trancava no quarto porque não queria que penteassem seus cabelos. Mesmo assim, abriam a porta do quarto e começavam a pentear seus longos cabelos crespos. “*A mí no me gustaba*”. Depois de uma pequena pausa acrescentou: “*Algunas muchachas tienen 13 con cara de 16. Y ya están embarazadas. Eso no es de niña*”<sup>256</sup>.

A conceituação de criança em contraposição ao adulto<sup>257</sup> tornava mais fácil entender de que ao mundo das crianças cabiam as brincadeiras, ir à escola, jogar bola. Mas como também lembrou Sofia, é também não ter domínio sobre o que fazer, ou seja, ter um adulto decidindo o que fazer. Já ao mundo dos adultos estavam o trabalho, o cansaço e a responsabilidade em ter uma família ou de engravidar. Essa distinção tropeçava em alguns minutos de conversas quando víamos que mesmo se considerando crianças, já trabalhavam ou ajudavam a família de alguma forma. Neste ponto a distinção de gênero era clara. Às meninas, desde cedo – entre 5 e 8 anos – lhes cabia saber das tarefas domésticas: limpar a casa, fazer a comida, cuidar dos irmãos menores. Aos meninos, um pouco mais tarde – a partir dos 10 – passavam a ajudar seus pais no roçado, em construções, em oficinas ou lava-rápidos para carros. Havia orgulho latente entre meninas e meninos as atividades de adultos que aprendiam a fazer.

A “violência por aceleração”, conceituada por Besserer (2014) e aplicada à realidade das crianças salvadorenhas migrantes por Sandra Guillot (2012), permite entender as elasticidades e compressões do espaço-tempo em relação ao deixar de ser criança. A aceleração dos tempos de vida

---

<sup>256</sup> Tradução livre: “Eu não gostava”, “Algunas garotas têm 13 anos com cara de 16. E já estão grávidas. Isso não é coisa de criança.”

<sup>257</sup> Que Alberto Hernández Hernández e Amalia Campos-Delgado (2015) vão chamar de “atributos sobre a diferença para estabelecer o conceito de infância”.

exige que a responsabilidade, entendidas por eles como marcador importante para a distinção entre os mundos dos adultos e das crianças, esteja presente o quanto antes. Mari, aos 7 anos já cuidava de seu irmão e o amava como se fosse seu filho. Juana, aos 14 anos era mãe e vivia com seu esposo. David, que preferia seguir com seus 8 anos, mesmo já tendo 9, também cuidava de seu irmão mais novo e estava angustiado por o ter deixado. Kevin sabia que a possibilidade de separação com seus pais ou a detenção de seu pai daria a ele a responsabilidade de cuidar de toda a família.

Com alguns pais com os quais tive contato, foi interessante perceber que suas concepções do que é ser criança passavam pela relação de tutela e proteção além da ausência de discernimento. No caso da mãe que estava no CAMEF de Reynosa sem contato com seu filho, que estava na mesma instituição, mesmo entretida em outra conversa, ao ver as respostas de Brigith e Sofia me disse que *“niño es aquél que está con su mamá y no lo van a quitar”*<sup>258</sup>. Já com um dos pais das crianças da Casa del Migrante, o silêncio de seu filho sobre tudo o que havia acontecido era porque *“los niños no tienen consciencia”*<sup>259</sup>. Em paralelo, e sem saber o que havia dito seu pai, David finalmente deixava seu silêncio para contar sobre sua família e quando perguntei se sentia saudades de seu irmão, disse que sentia muita, mas que seu irmão não, já que era muito pequeno e crianças pequenas não têm sentimentos.

Em uma das conversas com Juana, ela me dizia que as distinções entre crianças e adultos seriam pela idade. Mas logo ela mesma se contestou dizendo que nem sempre era assim. Com cada um deles que estavam ali – ela, Mari e Juan Carlos – tinha sido diferente. Então Juana disse que seria pela conjunção de idade e responsabilidade<sup>260</sup>, ou melhor, *“por la madurez... por lo menos saber donde nos traían. A él [Juan Carlos] lo provocaron el sufrimiento, a nosotras nos provocaron*

---

<sup>258</sup> Tradução livre: “criança é aquela que está com sua mãe e não vão separá-los”.

<sup>259</sup> Tradução livre: “as crianças não têm consciência”.

<sup>260</sup> Mesmo avocando para si a responsabilidade sobre sua vida e suas escolhas, Juana apontava pelo respeito e a importância de sua mãe sob suas decisões. Sobre isso, ver capítulo 2.

*nosotras mismas*”<sup>261</sup>. Sendo, portanto, pela negativa da consciência, dos sentimentos e da possibilidade de provocar ou não seu sofrimento que as crianças são denominadas, principalmente, por aqueles que já não se denominam crianças.

Ao migrar em família, e optando pela ação coletiva por meio da Caravana, poderíamos entender que a lógica de provocar ou ter sido provocado o sofrimento seria minimizada. Contudo, ainda assim fica evidente o quanto a impotência e a dependência de uma concessão do Estado definem o que é ser uma criança que migra<sup>262</sup>:

*Elisa – Y... ¿Qué es ser niño, una niña, en tu caso, que migra?*

*Dulce – (silencio) Pues ellos... Nosotros no podemos hacer nada en este caso.*

*E. – ¿Por qué?*

*D. – Porque eso es... Depende de ellos [de INM]. Digamos, si ellos te quieren te dar la visa, te la dan, y si no, no te la dan, te la niegan.*

*E. – Y cuando dicen que tú eres una niña migrante, que significa ser una niña migrante?*

*D. – (silencio) Pues simplemente una niña migrante significa venir migrando desde su país hasta acá.*

*E. – O sea, salir de su país...*

*D. – Sí, sólo eso.*

*E. – Y te gustó migrar?*

*D. – Sí, fue muy divertido.*

O processo de migrar rumo aos EUA não é em si um marcador ou definidor de “aceleração” de seu “amadurecimento”, mas o fato de ser ou não visto e reconhecido como criança neste trajeto, altera diretamente suas possibilidades ao longo do percurso. Diante disso, o cerceamento de seus direitos – de comunicação, de manutenção dos vínculos, de acesso efetivo às informações sobre seus direitos etc. – travestidos de “interesse superior da criança”, ou algo que o valha, são estratégias do Estado de verdadeiras punições elaboradas por políticas voltadas apenas para a segurança nacional e

---

<sup>261</sup> Tradução livre: “Pela maturidade... Ao menos saber onde nos levavam. A ele, provocaram seu sofrimento. A nos, fomos nós mesmas que provocamos.”

<sup>262</sup> Tradução livre: “Elisa – E... O que é ser criança, no seu caso, que migra? Dulce – (silêncio) Bem, eles... Nós não podemos fazer nada nesse caso. E. – Por quê? D. – Porque isso é... depende deles [de INM]. Digamos, se eles querem te dar o visto, eles te dão, e se não, não te dão, te negam. E. – E quando dizem que você uma criança migrante, que significa ser uma criança migrante? D. – (silêncio) Bem, simplesmente uma criança migrante significa vir migrante do seu país até aqui. E. – Ou seja, sair do seu país... D. – Sim, só isso. E. – E você gostou de migrar? D. – Sim, foi bem divertido.”

aplicadas por instituições que ou vêm no retorno e na deportação imediata a solução para seus problemas burocráticos ou vêm no encarceramento em massa um grande negócio<sup>263</sup>.

### C. QUEM É MINHA FAMÍLIA? QUEM NOS ACOMPANHA? QUEM NOS CUIDA?

Ir, ficar, voltar, não chegar, ao mesmo tempo em que fazem parte de um contexto histórico, geopolítico e cultural de onde vem essas crianças, devem ser entendidos como estratégias resultantes de decisões tomadas por diversos sujeitos, mas a partir de oportunidades e alternativas muito limitadas. Nesse contexto, entender este deslocamento como uma migração clandestina, indocumentada ou ilegal é um ponto de vista de um desses atores, os Estados-nacionais. São esses os atores que demarcam suas fronteiras e definem políticas pelas quais certos sujeitos merecedores ou não de proteção e acolhimento ou repressão e punição.

O significado de estar ou não acompanhado é também definido por este mesmo ator. E corresponde a um determinado conceito de família e de adultos responsáveis pelas crianças e não se inspira e nem se adequa a uma reconstrução do conceito de família a partir da realidade dessas famílias transnacionais, mais uma vez culminando na definição dos merecedores ou não da atenção e proteção do Estado (a partir de seu comportamento individual, sem uma análise social e contextual).

O conceito de família e de adulto responsável pelas crianças foi completamente reconfigurado a partir do histórico migratório e de violência nesses países da América Central e no México, fazendo com que a orfandade, a adoção (informal e por afinidade) e a parentalidade transnacional fizessem parte da configuração genealógica dessas crianças. Quantas crianças nessa pesquisa nunca estiveram com seus pais e mães, ou quando os viram ainda eram bebês? Quantas separações entre pais e mães não se deram em consequência da violência (seja ela doméstica ou do crime organizado, por exemplo) ou pela própria migração de um deles? A documentação e o reconhecimento legal desses arranjos

---

<sup>263</sup> Como visto no capítulo 01.

está longe de ser uma preocupação por parte dos atores envolvidos e longe de ser adequada pelo Estado à realidade que vivem essas pessoas. Sob este prisma a separação torna-se regra e não exceção.

A denominação “acompanhado” e “não acompanhado” mascara a atuação punitivista do Estado supostamente protetor, ao mesmo tempo em que a coyotagem se apropria desta denominação e redefine seu próprio negócio, especializando-se com “viagens especiais” em que as crianças “não vão sós, vão sendo cuidadas”.

As explicações teóricas em torno da migração se diferenciam e acabam por divergir em determinados pontos em decorrência: das premissas teóricas (se funcionalista, estruturalista, institucionalista etc.) e do foco explicativo a ser dado (se em busca de raízes e causas, se em busca da relação com as condições e contextos, se em busca de uma explicação de (não) perpetuação daquela circunstância migratória etc.). Algumas terminologias foram sendo segmentadas e outras substituídas para explicar as “cadeias” e “redes” migratórias, os “fluxos” e as “trajetórias” migratórias. Algumas vezes dando atenção aos fatores econômicos, outras a aspectos estruturais e estruturantes e outras nos aspectos relacionais.

O que muitas teorias não costumam explicar sobre a perpetuação ou acumulação da migração são os contrastes internos. Analisar apenas o aumento quantitativo de pessoas migrando – sem identificar o que buscam, como fazem, por onde passam e quais distinções existem entre eles – não permite entender ao certo de que migração se trata. Ou seja, sem entender se são homens pais de família, jovens, mulheres, mulheres grávidas, crianças. Se possuem família já “do outro lado”, se fazem parte de uma comunidade em específico, se são de uma mesma etnia etc.

São essas dinâmicas diversas que não permitem a utilização de apenas uma das abordagens teóricas dos estudos da migração. Muitas delas podem parcialmente explicar determinadas parcelas dessas dinâmicas, mas não dão conta, sozinhas, de explicar tantos diferentes pontos de partida, cenários, interações que se conjugam nessa grande cicatriz geopolítica que é a fronteira dos Estados Unidos com a América Latina.

As questões migratórias em um contexto de deslocamento forçado são ainda mais complexas. As questões sobre a infância são de igual ou maior complexidade. Em primeiro lugar, não se trata de uma equação binomial, mas sim multivariada e multissituada. Reflexões constantes sobre: promoção da autonomia, necessidade de proteção, incentivo à mobilização coletiva, construção de parâmetros

não universalizantes e tantos outros, precisam estar sempre à mesa na elaboração de políticas voltadas à possíveis soluções, sejam elas de âmbito local, nacional ou regional. Ao mesmo tempo em que devem ser considerados os contextos de vulnerabilidade a que estão submetidas seja pela violência, pela pobreza, pelo tráfico de drogas, pela separação familiar ou ainda pelos efeitos de desastres nacionais, podemos entender, como bem aponta Rizzini (2006, p. 89), que:

*A sobreposição de fenômenos locais, nacionais e internacionais sugere que o slogan do movimento ambientalista “pense globalmente, aja localmente” é incompleto para analisar os problemas referentes à situação da criança no mundo, particularmente em países pobres.*

Estudar o âmbito local, neste caso, só guarda sentido se entendido este como multi-local e como capaz de alcançar não generalizações, mas sim conexões entre os discursos, as análises e as propostas possíveis entre o particular e o global. Seja por meio das histórias particulares encontradas nesta pesquisa sob o cenário global, seja por meio deste trabalho em si, frente às diversas outras análises que têm sido feitas sobre o tema (ou tangentes ao tema). O exercício da etnografia torna-se desafiado, portanto, por buscar encontrar no movimento, e não no espaço estático, seu campo de pesquisa. Sabendo que as escolhas tomadas limitam os movimentos observados, as experiências compartilhadas em Sonora-Arizona e Tamaulipas-Texas ao mesmo tempo que podem ter suas particulares, representam parte deste complexo cenário. O problema de pesquisa não se limita ou se encerra em experiências individuais ou locais, mas sim se conectam ao cenário geopolítico (macro e transnacional). E não se encerra na estrutura de desigualdade do continente americano, mas encontra conexões com cenários vividos na Europa, Ásia e África.

Porém buscar explicações sobre a América Latina, desde a América Latina, traz diversos desafios epistemológicos e metodológicos que, não buscam rechaçar o conhecimento com base exclusivamente na sua origem geográfica, mas sim a partir de sua contribuição em *impensar* as ciências sociais. No caso em que as crianças são colocadas ao centro, este ato epistemológico ganha ainda mais complexidade e necessidade de lançar mão de múltiplas estratégias de abordagem, de

análise e de construção teórica. E, somente após conjugar esses dois grandes deslocamentos teórico-metodológicos é que se permite trazer contribuições para uma teoria social que fortalece de maneira crítica os Estudos Latino Americanos realizados desde a América Latina e, a partir deles, torna-se possível entender porque a determinados sujeitos e não a outros que o deslocamento forçado ocorre em meio a tal estrutura da desigualdade.

Junto a esta perspectiva, centrar a análise nas crianças permite reconstruir, de maneira ativa e engajada, o próprio conceito de infâncias e suas diversidades presentes na América Latina, com foco específico àquelas que se vem forçadas a rumar ao norte. Ao mesmo tempo em que, permite um múltiplo deslocamento epistemológico frente às “ciências sociais tradicionais”: adultocentradas, unilocais e nacionalistas.

Para alcançar este propósito, promoveu-se o diálogo e a participação com crianças e adolescentes que migravam de maneira aqui entendida como forçada desde Honduras, El Salvador, Guatemala e México até os Estados Unidos. Parte delas tiveram aqui suas experiências recontadas em detalhes, a outra parte permitiu que se compusesse ainda mais elementos de modo a chegar, ao final, às seguintes dinâmicas que exemplificam suas experiências.

Essas dinâmicas estão estabelecidas em três níveis: macro, meso e micro em que os três principais elementos analisados aqui: *cenários* – compostos e recriados por –, *atores* – que a partir de seus – e *movimentos* dão à migração forçada *dinâmicas* que engendram sofrimentos e emoções muito particulares de acordo com as interações (evitadas ou provocadas), os objetivos, além das partidas e permanências das crianças. Quando as crianças centro-americanas e mexicanas são colocadas ao centro da análise diversos elementos já constitutivos das dinâmicas migratórias compartilhadas com os adultos e outras específicas da infância recebem novos delineamentos.

De forma a realizar uma síntese e fazendo uso apenas do que me foi relatado e vivenciado, para cada uma das dinâmicas encontradas foi apresentada uma representação gráfica buscando ressaltar

convergências e particularidades de cada uma das histórias apresentadas. A decantação dessas histórias particulares em matrizes ajudou a entender que a partir do protagonismo das crianças as diversas dinâmicas de deslocamento forçado de crianças centro-americanas e mexicanas rumo aos Estados Unidos possuem complexidade muito além da binômio inicial a que essa pesquisa se pretendeu debruçar, isto é, a conceituação legal de “acompanhadas” e “não acompanhadas”.

Ao analisar os achados em campo, esse trabalho considera que as dinâmicas envolvendo o deslocamento forçado de crianças nas fronteiras de Tamaulipas-Texas e Sonora-Arizona estão marcadas pelo sofrimento. Entendendo aqui dinâmica como o resultado de diversos estímulos sobre corpos e vidas que alteram ou perpetuam determinados movimentos.

Tais dinâmicas ocorrem em determinadas interações entre o espaço e o tempo as quais denomino aqui de cenário. O cenário como um elemento mais do que físico e geográfico, mas também emocional, multissituado, móvel, que une presente, passado e futuro e que envolve não apenas bairros, cidades ou países, mas também instituições, leis e muros. E, mesmo ao tratar de apenas uma única e individual dinâmica – se é que seria possível encontrar uma dinâmica tão particular que não fosse tangente e/ou formadora de outras dinâmicas –, o cenário deve ser entendido em multinível nas dimensões espaciais e temporais.

Os cenários dessas dinâmicas, ao mesmo tempo que são compostos pelo complexo emaranhado político em que se dão as relações entre os Estados nacionais<sup>264</sup> – Estados Unidos, México, Honduras, El Salvador e Guatemala –, também estão matizados pelas relações estabelecidas entre organizações estatais, religiosas, da sociedade civil, do crime organizado, etc<sup>265</sup>.

Em meio a este cenário multinível, encontram-se os diversos atores: migrantes, agentes de patrulha, voluntários, coyotes, membros do narcotráfico, jornalistas, assistentes sociais,

---

<sup>264</sup> Que ganham maior centralidade nas análises com base teórica nas relações internacionais.

<sup>265</sup> Que podem ganhar maior centralidade tanto em estudos com base institucionalista, como também aqueles ancorados nas teorias de redes migratórias.

pesquisadores, líderes religiosos etc. Por uma opção metodológica, centrou-se nas crianças como informantes prioritárias – porém não exclusivas – e também como sujeitos atuantes nessas dinâmicas.

A presença e o papel dos Estados mexicano e estadunidense está longe de voltar-se para a integridade, a reparação de direitos e a busca por soluções estruturais. Na verdade, seu papel tem se voltado no mínimo para a administração de fluxo de migrantes, mas mais comumente para repressão e criminalização das vidas e suas trajetórias em busca de dignidade. As tensões estabelecidas pelo Estado frente às demais organizações criminosas ou para-legais são utilizadas como justificativa para tornar ainda mais marginada e vulnerada a vida daqueles que são historicamente submetidos e subjugados nesta desequilibrada balança de poder e oportunidades.

Se há algo que a dinâmica de migração da América Central para os Estados Unidos nos ensina é de que as políticas restritivas, culminando na criminalização e no armamentismo das fronteiras, não são elementos para estancar ou frear a migração. Elas sim abrem caminhos para uma nova dinâmica, ilegal, arriscada, custosa, mas que dado todo o complexo cenário em que se encontram, não impede ou desanima o povo centro-americano de seguir optando por ir rumo ao norte. A ideia de construção de mais uma barreira física ou da extensão dela, portanto, demonstra ser mera retórica política em que a contenção não é em si o resultado que de fato se espera alcançar. Mas sim, o símbolo equivocado de uma solução simples para um problema complexo.

Em meio a este desvantajoso e desigual jogo, encontram-se as crianças, e também suas famílias, que estão a todo tempo interagindo ou preservando-se de interagir com os sujeitos que representam o Estado, o crime organizado, a sociedade civil (laica ou religiosa) e a mídia. Negociando frente, a cada um deles, os espaços que possam garantir sua sobrevivência e sua busca por dignidade.

A presença das crianças e o desafio advindo daí passam a tomar a atenção quando a denominação acompanhada ou não acompanhada passa a ser o grande filtro definidor de seus destinos. Ao criar tal definição, o Estado agrava ainda mais suas experiências por meio de separações

ou de ainda maior vulnerabilidade na clandestinidade. As separações ocorrem justamente pelo não reconhecimento pelo Estado sobre como são estabelecidos os núcleos familiares e as relações de confiança ou, ainda, por deslegitimar a responsabilidade de pais e mães sobre seus filhos a partir de uma visão de criminalização da migração forçada. Diante disso, as distinções entre “acompanhados” e “não acompanhados” passam a ser apropriadas pelas organizações criminosas e para-legais tornando a migração dessas crianças ainda mais marginais e entregue a uma sorte de sofrimentos.

Por isso, essa tese não poderia seguir incorrendo nesta divisão que em tantas vezes se viu equivocada. As seis dinâmicas distintas a que me detive, ajudam a perceber que cada uma delas compartilha ou se distingue pela: região geopolítica em que ocorre (aqui exemplificada pelos dois pontos da fronteira estudados), pela denominação legal (acompanhado, não acompanhado e, conseqüentemente, separado), pelo equipamento social que as recebe (de governo, de organizações criminosas ou paraestatais e de sociedade civil) e pelas complexas relações que.

No caso de Juana, por exemplo, sua história marcada por uma trajetória escolar interrompida pela formação de sua nova família e a falta de perspectiva em uma zona rural já deteriorada e das dificuldades de criar seu próprio negócio, levaram a ela e seu esposo a buscar uma alternativa nas margens “do outro lado”. A única maneira que encontrou para fazê-lo foi por meio da coyotagem que a ajudou a atravessar o grande Río Bravo em uma noite interrompida pela patrulha estadunidense. Aos olhos dos Estados nacionais porque cruzou, Juana era uma criança não acompanhada e como tal, havia de ser separada de seu esposo. Juana não gostaria de tentar atravessar outra vez. Reencontrou-se com sua mãe para voltar à sua pequena cidade em Veracruz e lá reencontrar com seu filho.

Mari e Juana puderam se encontrar em um dos poucos aparelhos do Estado mexicano preparado exclusivamente para receber crianças e adolescentes não acompanhados, o CAMEF de Matamoros. Ali puderam trocar um pouco dos medos e aventuras que haviam vivido naqueles dias atravessando para o outro lado. A história de Mari é semelhante a de tantas outras mexicanas e

mexicanos que tiveram suas famílias modificadas pelas migrações internas e internacionais. Buscando encontrar seu pai, que não teve a oportunidade de conhecer, Mari fugiu da casa de sua mãe no interior do estado de Hidalgo rumo ao Kentucky. Seu destino também foi interrompido pela patrulha estadunidense, mas isso não a impediu de seguir pensando em tentar cruzar outra vez, mas agora, “com papéis”.

A poucos quilômetros dali, neste mesmo aparelho especializado a receber crianças não acompanhadas em Reynosa, Brigith, Sofía e Elsa trouxeram alguns dos aspectos da coyotagem transnacional e, de certa forma, especializada na travessia de crianças não acompanhadas vindas dos países da América Central. Saindo de uma realidade, ainda que dura, guardada com afetividade, as três deixavam em Honduras parte de suas famílias. A parte que lhes foi base e referência até aqueles dias. Rumavam, assim como Mari, para encontrar com seus pais e também suas mães que sequer chegaram a conhecer. Ir para os Estados Unidos significava para Brigith um sonho, para Sofía seguiria sendo uma realidade de pobreza e muito trabalho e para Elsa uma continuidade de possíveis dificuldades com a escola e o novo idioma.

Ainda às bordas da fronteira entre Tamaulipas e Texas, Andrew e David vinham de Honduras com seus pais, assim como Juan Miguel, que vinha da Guatemala. Com realidades muito similares de uma vida rural estimada e dividida junto a uma comunidade que se faz família. Eles, junto a seus pais, eram os primeiros a tentar uma vida aos Estados Unidos. Seguiam desde o sul do México junto a quase uma centena de outros migrantes todos espremidos na carroceria de caminhões trazidos por seus coyotes até que foram interceptados por seus novos algozes: agentes diretos do narcotráfico que passariam agora a extorquir suas famílias. Após dias sem comida e com diversas ameaças, perceberam que a emboscada das Forças Armadas mexicanas estava prestes a capturá-los e, com ela, a possibilidade de seguir tentando chegar aos Estados Unidos. Fugindo de seus sequestradores e seus supostos libertadores, foram buscar a “ajuda de Deus”. Na Casa del Migrante receberam comida,

banho e pouso, enquanto os demais de seu grupo seguiam albergados em uma grande força-tarefa na piscina pública “Eduardo Chavez”. Poucos dias depois, partiram para o outro lado.

Juan Carlos estava neste mesmo grupo, mas ao contrário de Andrew, David e Juan Miguel, foi resgatado pelo Estado mexicano e entre o improvisado albergue na piscina pública e as instalações do INM passou algumas semanas. A grande dificuldade era reconhecer que seu pai e sua madrasta eram seus responsáveis legais. Mesmo considerando ser uma criança de 4 anos, a alternativa legal encontrada, que supostamente atenderia ao “interesse superior da criança”, foi a separação. Juan Carlos precisaria esperar no CAMEF de Matamoros pelo seu retorno assistido junto a um OPI que o acompanharia em avião, enquanto seu pai e sua madrasta voltavam para Honduras por terra.

São muitas as dúvidas e lacunas sobre o que de fato ocorreu nesta interrompida e violenta travessia, mas uma questão precisa ser levantada, se as autoridades governamentais e a própria mídia noticiaram que todos eles tinham sido vítimas de sequestro, caberia, portanto, a possibilidade de solicitar visto humanitário. A todos, mesmo aqueles que objetivavam voltar para a casa, mas especialmente aqueles que ainda tentariam cruzar mais uma vez aos Estados Unidos, este seria um benefício inestimável, já que a legislação mexicana permite aos portadores de visto humanitário inúmeras entradas e saídas em seu território<sup>266</sup>. Tornando-se, portanto, inconcebível a “solução” encontrada para o caso do pequeno Juan Carlos de ser cruelmente separado daquele que ele identificava como pai e o retornando à sua mãe com que visivelmente tinha uma relação difícil. Mais uma vez demonstrando que a complexidade das relações sociais no contexto da migração forçada não pode ser entendida de maneira simplificada.

---

<sup>266</sup> Artigo 52, inciso V: “(...) Razones Humanitarias, se le autorizará para permanecer en el país hasta que concluya el proceso, al término del cual deberán salir del país o solicitar una nueva condición de estancia, con derecho a entrar y salir del país cuantas veces lo desee y con permiso para trabajar a cambio de una remuneración en el país. Posteriormente, podrá solicitar la condición de estancia de residente permanente” (México, 2011)

Nesta grande “zona gris” da migração, a Caravana organizada pelo “*Pueblo Sin Fronteras*” busca trazer uma alternativa à migração clandestina e indocumentada, fazendo da visibilidade sua principal estratégia. São inúmeras as histórias de sofrimento que pude compartilhar com as crianças dessa Caravana, mas aqui, como forma de sintetizar parte dessas histórias, trago o exemplo dos irmãos Kevin e Natalie. Após uma tentativa de seu pai de buscar trabalho nos Estados Unidos e, logo em seguida, o sequestro de sua mãe e as subsequentes ameaças das *pandillas*, perceberam que a vida em El Salvador deixava de ser viável a todos eles. Juntar-se à Caravana foi a grande oportunidade para buscar asilo nos Estados Unidos e tornarem-se mais próximos de uma vida em segurança. Vida essa que não sentiram encontrar nos poucos meses que passaram no México.

Resgatando aqui a ideia de John Urry a respeito da desigualdade de distribuição do capital de rede – que, segundo ele, faz com que a mobilidade de poucos se faça às custas da imobilidade de muitos –, os casos de deslocamento forçado aqui estudados expõem a maneira com que tal mobilidade torna-se possível àquelas pessoas que sequer estão na disputa pela distribuição do capital de rede.

Segundo Urry aponta a distribuição do capital de rede é dada pelo acesso dos seguintes elementos:

*“1) um arranjo de documentos, vistos, dinheiro e qualificações que permitem que o indivíduo locomova-se seguramente entre cidades e países; 2) outras pessoas - colegas de trabalho, amigos ou familiares – que ofereçam convites, acolhimento e encontros; 3) capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, Skype etc.; 4) acesso amplo a informações e contatos; 5) equipamentos de comunicação; 6) lugares apropriados e seguros para encontros e reuniões; 7) acesso a meios de transporte e tecnologias de comunicação; 8) tempo e outros recursos para monitorar os sete elementos anteriores, além da capacidade de remediar eventuais falhas”.* (URRY, ELLIOT, 2010 apud FREITAS, 2014, 343-344)

O deslocamento forçado dessas crianças de maneira indocumentada e supostamente não acompanhada de seus pais ou outros adultos de sua confiança demonstra que: a) elas sequer fazem parte do sistema de distribuição de capital de rede; b) seu trânsito coloca em evidência que as motivações individuais dessas crianças podem até, de certa maneira, encontrar semelhanças aos demais portadores de capital de rede; porém, c) a mobilidade e a flexibilidade das fronteiras é possível

apenas para esses portadores de capital de rede e não para essas crianças; d) a acumulação de capital de rede e a consequente mobilidade advinda dele reflete diretamente a desigual acumulação de consumo, portanto, aqueles que em seu deslocamento não consumirão, ou sequer produzirão (ao menos formalmente), terão sua mobilidade cerceada aos espaços que não são visados como destino por aqueles que têm concentração de capital de rede.

Isto para dizer que se a migração indocumentada de centro-americanos e mexicanos aos Estados Unidos já ocorre por estarem estes à periferia do sistema mundo, mais marginalizadas ainda estão as crianças sob este sistema. E com esta marginalização, as vulnerabilidades, com as quais lidavam enquanto permaneciam em seus países de origem, passam a tomar proporções ainda mais graves quando passam a estar diretamente interagindo com estes grandes atores transnacionais.

Ao fim o que se espera ter tornado claro é que a grande defesa feita aqui é da necessidade em garantir os direitos dessas crianças em migrar em circunstâncias que contemplem suas complexidades – que vão desde os arranjos familiares transnacionais até as desigualdades estruturais e históricas – e que, ao mesmo tempo, que lhes permita outras perspectivas possíveis, que não a migração como a única maneira de sobrevivência possível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACLU, A. C. L. U. **Customs and Border Protection's (CBP's) 100-Mile Rule**. Washington: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.aclu.org/technology->>. Acesso em: 23 jan. 2019.

ACUÑA ORTEGA, V. H. *et al.* **Formación de los Estados Centroamericanos**. San José, Costa Rica: [s.n.].

ADORNO, S. Children in Brasil: Legislation and citizenhip. *In: The children in Brazil today – a challenge for the third millennium*. Rio de Janeiro: EDUSU-CESPI/USU, 1994. .

AGUILAR DORADO, M. Á. V. **Análisis dialéctico del cruzador fronterizo y sus imaginarios sobre Estados Unidos**. [s.l.] El Colegio de la Frontera Norte - Tijuana, 2014.

AGUILERA PERALTA, G. el regionalismo centroamericano: entre la unión y la integración. *oasis*, v. 24, p. 89–105, 2016.

ALVÁRES VELASCO, S.; GUILLOT CUÉLLAR, S. **Entre la violencia y la invisibilidad: un análisis de la situación de los niños, niñas y adolescentes ecuatorianos no acompañados en el proceso de migración hacia Estados Unidos**. 1ª ed. Quito, Ecuador: SENAMI - Hojas y Signos, 2012.

ÁLVAREZ VELASCO, S.; GLOCKNER FAGETTI, V. Niños , niñas y adolescentes migrantes y productores del espacio . Una aproximación a las dinámicas del corredor migratorio México y U . S . **EntreDiversidades**, v. 11, p. 37–70, 2018.

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **A Guide to Children Arriving at the Border: Laws, Policies and Responses**. Washignton: [s.n.]. Disponível em: <[www.immigrationimpact.com](http://www.immigrationimpact.com)>. Acesso em: 7 jul. 2018.

ANDRADE, Â. N. DE. A criança na sociedade contemporânea: do ainda não ao cidadão em exercício. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 1, p. 161–174, 1998.

ANDREAS, P. Borderless Economy, Barricaded Border. **NACLA Report on the Americas**, v. 33, n. 3, p. 14–21, nov. 1999.

ANJOS, J. J. T. A educação da criança pela família no século XIX : da historiografia a um problema de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 15, n. 1 (37), p. 51–81, 2015.

ARAÚJO, F. C. **Etnografando crianças em contextos de violência: dilemas e estratégias no campo da ética**37º Encontro Anual da ANPOCS: SPG16: Dilemas éticos e dificuldades operacionais: como etnografar práticas e pensamentos moralmente condenáveis?Caxambu, Brasil, 2013.

ARIÈS, P. **História social da criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Brasil: Ed. Guanabara, 1986.

ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **CONVENÇÃO Internacional sobre os Direitos**

da Criança. . 20 nov. 1989.

BAENINGER, R. *et al.* **Migraciones Fronterizas**. Campinas, Brasil: Unicamp, 2018.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Gandhi ed. [s.l.] Paidós, 2015.

BECK, U. The cosmopolitan perspective: sociology of the second age of modernity\*. **The British Journal of Sociology**, v. 51, n. 1, p. 79–105, jan. 2000.

\_\_\_\_\_. Toward a New Critical Theory with a Cosmopolitan Intent. **Constellations**, v. 10, n. 4, p. 453–468, 2003.

BECKER, H. S. **Truques da escrita (Antropologia Social)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BESSERER-ALATORRE, F. Regímenes de sentimientos y la subversión del orden sentimental: Hacia una economía política de los afectos. **Nueva Antropología**, v. 27, n. 81, p. 55–76, 2012.

BESSERER, F. Estudios transnacionales y ciudadanía transnacional. *In*: MUMMERT, G. (Ed.). . **Fronteras fragmentadas**. Zamora, México: Colégio de Michoacán, 1999. p. 215–238.

\_\_\_\_\_. Comentarios críticos y cinco propuestas para pensar la migración en el momento actual. **Desacatos**, n. 46, p. 88–105, 2014.

BESSERER, F.; GIL, R.; OLIVER, D. El mundo como frontera y la (re) fronterización mundial. *In*: **El Norte de México: entre frontera**. Chihuahua, México: CONACyT; INAH; ENAH, 2008. p. 19–60.

BHABHA, J. **Child Migration and Human Rights in a Global Age (Human Rights and Crimes against Humanity)**. Princenton, United States: Princeton University Press, 2014.

CAMAÑO TORRES, E. **Embarazo de adolescentes migrantes del Triángulo norte de Centro América en su tránsito por México: de lo invisible al problema**. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, ago. 2018.

CAMARGO, A. M. *et al.* **Arrancados de raíz**. Ciudad de México: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2014/9828.pdf>>.

CAMFIELD, L.; TAFERE, Y. ‘No, living well does not mean being rich’: Diverse understandings of well-being among 11–13-year-old children in three Ethiopian communities. **Journal of Children and Poverty**, v. 15, n. 2, p. 119–138, 2009.

CARDOSO, L. F. C.; SOUZA, J. L. C. DE. Viver, aprender e trabalhar: habitus e socialização de crianças em uma comunidade de pescadores da Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 165–177, 2011.

CARRASCO ARAIZAGA, J. Por mentiras de la Marina juez libera a “ El Contador”, sobrino de Osiel Cárdenas. **proceso.com.mx**, 2018.

CASTRO, V. F. DA S. Espaço de Atuação da OIT: o trabalho de crianças e jovens na cadeia produtiva do coco babaçu. **33º Encontro Anual da ANPOCS GT 05: Conflitualidade Social e**

**Administração de Conflitos pelas Instituições de Justiça e Segurança**, 2009.

CDH UNLA; CÓRDOVA, C. F. M. DE. **Los derechos humanos de los niños, niñas y adolescentes migrantes en la frontera México-Guatemala**. Tapachula; Lanús, México; Guatemala: Ford Foundation, 2012.

CEPAL-UNICEF. **Pobreza infantil en América Latina y el Caribe**. [s.l.] Naciones Unidas, 2010.

CEPAL - COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **La matriz de la desigualdad social en América Latina**. Santiago, Chile: Naciones Unidas, 2016.

CERIANI, P. Niñez detenida: Los derechos de los niños, niñas y adolescentes migrantes en la frontera México-Guatemala. p. 307, 2012.

CERNADAS, P. C.; GARCÍA, L.; SALAS, A. G. Niñez y adolescencia en el contexto de la migración: principios, avances y desafíos en la protección de sus derechos en América Latina y el Caribe. **REMHU : Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 22, n. 42, p. 9–28, 2014.

CHACÓN, S. **Hacia una nueva relación con los Estados Unidos de América: Comercio, seguridad y migración**. Ciudad de México: [s.n.]. Disponible em: <[www.centrotepoztlan.orgwww.foroconsultivo.org.mx](http://www.centrotepoztlan.orgwww.foroconsultivo.org.mx)>. Acesso em: 26 nov. 2018.

CHAVEZ, L.; MENJÍVAR, C. Children without borders: A mapping of the literature on unaccompanied migrant children to the United States. **Migraciones Internacionales**, v. 5, n. 3, p. 71–111, 2010.

COHN, C. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. **Revista de Antropologia, São Paulo, USP**, v. 43, n. 2, p. 195–222, 2000.

COMISIÓN INTERINSTITUCIONAL PARA LA PROTECCIÓN DE PERSONAS DEZPLAZADAS POR LA VIOLENCIA. **Caracterización del desplazamiento interno en Honduras**. Tegucigalpa, Honduras: [s.n.].

CONAPO. **Ruta de tránsito de los migrantes salvadoreños repatriados por Estado**. [s.l: s.n.]. Disponible em: <<http://www.conapo.gob.mx/work/models/OMI/GeografiaMigratoria/FlujosMigrFrontSurMex/4.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Ruta de tránsito por México de los migrantes guatemaltecos repatriados por Estado**. [s.l: s.n.]. Disponible em: <<http://www.conapo.gob.mx/work/models/OMI/GeografiaMigratoria/FlujosMigrFrontSurMex/5.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019b.

\_\_\_\_\_. **Ruta de tránsito por México de los migrantes hondureños repatriados por Estado**. [s.l: s.n.]. Disponible em: <<http://www.conapo.gob.mx/work/models/OMI/GeografiaMigratoria/FlujosMigrFrontSurMex/6.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019c.

CONTRERAS, Ó. F.; MUNGUÍA, L. F. Evolución de las maquiladoras en México. Política industrial y aprendizaje tecnológico. **Región y sociedad**, v. XIX, n. especial, p. 71–87, 2007.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 443–464, 2005.

CRAIG, R. B. **The Bracero Program: Interest Groups and Foreign Policy**. Austin, United States: University of Texas Press, 2014.

CRS, C. R. S. **Niñez migrante: detención y repatriación desde México de niños, niñas y adolescentes centroamericanos no acompañados** UNICEF México. Baltimore, Estados Unidos: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.unicef.org/mexico/spanish/17043.htm>>.

CRS, C. R. S. **The Trump Administration’s “Zero Tolerance” Immigration Enforcement Policy**. Washington: [s.n.]. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, v. 26, n. 91, p. 351–360, 2005.

DUSSEL, E. **1492: El encubrimiento del Otro - Hacia el origen del “mito de la Modernidad”**. Colección ed. La Paz, Bolívia: UMSA. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Plural Editores, 1994.

\_\_\_\_\_. **Introducción a una filosofía de la liberación latinoamericana**. Primera ed ed. México DF, México: Extemporaneos, 1997.

\_\_\_\_\_. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (Ed.). . **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección ed. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. p. 24–32.

DUTRA, D. DA S. M. **Mulheres migrantes peruanas em Brasília: o trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade**. [s.l.] Universidade de Brasilia, 2012.

ESCOBAR, A. **La Invención del Tercer Mundo**. [s.l: s.n.]. v. 53

ESCOBAR LATAPÍ, A. Migración, Diáspora y Desarrollo: el caso de México. In: **Migración México-Estados Unidos: Implicaciones y retos para ambos países**. 1er. ed. México DF: Consejo Nacional de Población; Universidad de Guadalajara; El Colegio de Mexico; Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social; Casa Juan Pablos, 2006. p. 269–308.

FERNANDES, F. As ‘Trocinhas’ do Bom Retiro. In: **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 153–256.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCO RODRÍGUEZ, K. P. Consideraciones teóricas para construir la noción de niñez. In: **Actores, redes y desafíos - Juventudes e infancias en América Latina**. Buenos Aires, Tijuana: CLACSO; El Colegio de la Frontera Norte, 2015. v. 1.

FRASER, N. ¿De la disciplina hacia la flexibilización? Releyendo a Foucault bajo la sombra de la globalización. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. XLVI, n. 187, p. 15–33, 2003.

FREITAS, M. C. Para uma sociologia histórica da infância no Brasil.pdf. In: **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 9–16.

FRØNES, I. The Transformation of Childhood: Children and Families in Postwar Norway. **Acta Sociologica**, v. 40, n. 1, p. 17–30, 1997.

GAITÁN, L. (DIR. . *et al.* **Los niños como actores en los procesos migratorios - Implicaciones para los Proyectos de Cooperación**. Quito: [s.n.].

GALLO CAMPOS, K. I. **Niñez migrante en la frontera norte : Legislación y procesos**. México: [s.n.].

GALLO, S. The Effects of Gendered Immigration Enforcement on Middle Childhood and Schooling. **American Educational Research Journal**, v. 51, n. 3, p. 473–504, 2014.

GANDÁSEGUI, M. A. La crisis del sistema mundo y su impacto sobre Centroamérica. **Revista Problemas del Desarrollo**, p. 149–175, 2016.

GIDDENS, A. **Novas Regras do Método Sociológico - Uma Crítica Positiva das Sociologias Compreensivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLOCKNER-FAGETTI, V. **De la montaña a la frontera: identidad, representaciones sociales y migración de los niños mixtecos de Guerrero**. 1ª ed. Zamora: El Colegio de Michoacán, 2008.

\_\_\_\_. **Trabajo infantil y regímenes de gubernamentalidad: slums flexibles, ONGs y producción de subjetividades en la India Contemporánea**. [s.l.] Universidad Autónoma Metropolitana, 2014.

GONZÁLEZ, M. La crisis silenciosa de los niños migrantes no acompañados de Centroamérica. **EuropaPress**, 10 jan. 2016.

GRANADOS CHAVERRI, C. Geopolítica En Centroamérica. **Cuadernos Políticos**, v. 46, p. 74–89, 1986.

GUATEMALA. **Avances 2015 y el Plan en 2016: Plan de la Alianza para la Prosperidad del Triángulo Norte - Plan Regional de El Salvador, Guatemala y Honduras**. [s.l.: s.n.]. Disponible em: <[https://www.pronacom.gt/website/biblioteca/Documento Triangulo Norte Septiembre 2015.pdf](https://www.pronacom.gt/website/biblioteca/Documento_Triangulo_Norte_Septiembre_2015.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GUILLOT CUÉLLAR, S. **Poder y violencia en la “zona gris”: un análisis de la situación de los niños salvadoreños migrantes en los espacios sociales transnacionales desde la antropología de las emociones**. México DF, México: Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, 2012.

GUTMANN, M. Quando se cruzam fronteiras diaspóricas e identidades distópicas. **Revista de Antropologia**, v. 51, n. 1, p. 155–176, 2008.

HAAS, H. DE. The Internal Dynamics of Migration Processes: A Theoretical Inquiry. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 36, n. 10, p. 1587–1617, 2010.

HARDMAN, C. Can there be an anthropology of Children? **Childhood**, v. 8, n. 4, p. 501–517, 2001.

HART, R. A. **Children's Participation: From tokenism to citizenship**. Itália: UNICEF, 1992. v. 4

HEINZE, R. **From : Melting Pots & Mosaics : Children of Immigrants in US-American Literature**. Bielefeld: transcript, 2018.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDES, O. M. Crimen organizado y migración clandestina en Tamaulipas. *In: Supplementary Studies in Rio Grande Valley History*. United States of America: The University of Texas Rio Grande Valley, 2017. v. Fifteen. p. 341–264.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, A.; CAMPOS-DELGADO, A. E. **Actores, redes y desafíos Juventudes e infancias en América Latina**. Buenos Aires, Tijuana: CLACSO, 2015. v. 1

HRW, H. R. W. **Puertas Cerradas: el fracaso de México en la protección de niños refugiados y migrantes de América Central**. United States of America: Humans Rights Watch, 2016.

HUERTA, A. V. “Buscando una vida vivible”: la migración forzada de niños de Centroamérica como práctica de fuga de la “muerte en vida”. **El Cotidiano**, n. 194, p. 19–29, 2015.

INEGI, I. N. DE E. Y G. **Nota Técnica - Homicidios a nivel nacional (serie anual de 2008 a 2017)**. Ciudad de México: [s.n.]. Disponível em: <[http://www.beta.inegi.org.mx/contenidos/saladeprensa/boletines/2018/EstSegPub/homicidios2017\\_07.pdf](http://www.beta.inegi.org.mx/contenidos/saladeprensa/boletines/2018/EstSegPub/homicidios2017_07.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2019.

JAVEAU, C. Criança, infância(s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 379–403, ago. 2005.

KANDEL, W. A. *et al.* **Unaccompanied Alien Children : Potential Factors Contributing to Recent Immigration** Congressional Research Service. Washington DC., USA: [s.n.]. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/homsec/R43628.pdf>>.

KENNEDY, E. **No Childhood here: why central american children are fleeing their homes**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[www.immigrationpolicy.org](http://www.immigrationpolicy.org)>. Acesso em: 3 jan. 2019.

KUREKOVA, L. Theories of migration: Conceptual review and empirical testing in the context of the EU East-West flows. **Interdisciplinary conference on Migration. Economic Change, Social Challenge.**, 2011.

LANDER, E. **A colonialidade do saber : eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Colección ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LEVINE, R. A. *et al.* The comparative study of child care. *In: Child Care and Culture: Lessons from Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 7–21.

LEVINE, R. A. *et al.* Early child development in an African context: Comparative lessons. *In: Child Care and Culture: Lessons from Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 247–274.

LEVINE, R. A. Ethnographic Studies of Childhood: a Historical Overview. **New York**, v. 109, n. 2,

p. 247–260, 2007.

LLOBET, V. la producción de la categoría “niño-sujeto-de-derechos” y el discurso psi en las políticas sociales en argentina. Una reflexión sobre el proceso de transición institucional. *In: Pensar la infancia desde América Latina: un estado de cuestión*. Buenos Aires: Clacso, 2013. v. 1p. 209–235.

LONDOÑO, F. T. A origem do conceito “menor”. *In: PRIORE, M. DEL (Ed.). . História da Criança no Brasil*. Coleção: C ed. São Paulo: Contexto, 1991. .

MANCERA COTA, A. **La vulnerabilidad de los menores migrantes no acompañados en tránsito hacia Altar**. Hermosillo: El Colegio de Sonora, 2016.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 95–117, 1995.

\_\_\_\_\_. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *ALTERIDADES*, v. 11, n. 22, p. 111–127, 2001.

MARRE, D. *et al.* **Pensar la infancia desde América Latina: un estado de cuestión**. Buenos Aires: [s.n.], v. 1

MARTÍNEZ, D. E.; SLACK, J.; MARTÍNEZ-SCHULDT, R. The Rise of Mass Deportation in the United States. *In: MARTÍNEZ, R.; HOLLIS, M. E.; STOWELL, J. I. (Eds.). . The Handbook of Race, Ethnicity, Crime, and Justice*. First ed. [s.l.] John Wiley & Sons, Inc., 2018. .

MARTINS, J. DE S. (ORG. . **O Massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MEAD, M. Children, Culture, and Edith Cobb. *American Museum of Natural History*, p. 18–24, 1969.

MENA, J. A. M. *et al.* Arrinconados por la realidad: Menores de circuito. *Estudios Fronterizos, nueva época*, v. 16, p. 207–238, 2015.

MENESES, G. A. La frontera-gulag y las deportaciones de migrantes mexicanos. *Desacatos*, v. 46, p. 14–31, 2014.

MÉXICO. Ley de Migración. . 21 abr. 2011, p. 1–49.

\_\_\_\_\_. Ley General de los Derechos de Niñas, Niños y Adolescentes. . 2014 a.

\_\_\_\_\_. **Estrategia Nacional para la Prevención del Embarazo en Adolescentes**. [s.l.: s.n.]. Disponible em: <[https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/98138/ENAPEA\\_Marzo.pdf](https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/98138/ENAPEA_Marzo.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2018b.

MIGNOLO, W. **Capitalismo y geopolítica del conocimientoEl eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el ...**, 2001. Disponible em: <[http://scholar.google.co.uk/scholar?start=20&q=walter+mignolo&hl=en&as\\_sdt=0,5#3](http://scholar.google.co.uk/scholar?start=20&q=walter+mignolo&hl=en&as_sdt=0,5#3)>

MIGNOLO, W. D. Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism? Cultural Critique or Academic Colonialism?\*. **Source: Latin American Research Review**, v. 28, n. 3, p. 120–134, 1993.

MIGNOLO, W. D.; NORTE (TRAD.), Â. L. Desobediência Epistêmica: a Opção Descolonial e o Significado de Identidade em Política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, v. no 34, p. 287–324, 2008.

MIGUEL, A. Infâncias e pós-colonialismo. **Educ. Soc.**, v. 35, n. 128, p. 857–879, 2014.

MONTADON, C. Sociologia da Infância: Balanço dos Trabalhos em Língua Inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 112, p. 33–60, mar. 2001.

MONTGOMERY, H. Working With Child Prostitutes in Thailand. **Childhood**, v. 14, n. 4, p. 415–430, 2007.

MOSCOSO, M. F. Nuevos sujetos, nuevas voces: ¿Hay lugar para la infancia en el pensamiento transnacional? *In*: SANTAMARIA, E. (Ed.). . **Retos epistemológicos en las migraciones transnacionales**. 1ª ed. Barcelona: Ed. Anthropos, 2008. p. 261–281.

MÜLLER, F.; HASSEN, M. DE N. A. A infância pesquisada. **Psicologia USP**, v. 20, n. 3, p. 465–480, 2009.

MUTZ, D. C. Status threat , not economic hardship , explains the 2016 presidential vote. **PNAS. Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 115, n. 19, p. 1–10, 2018.

NUNES, E. S. N. **A infância como portadora do futuro: América Latina, 1916-1948**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, G. **Motherhood Across Borders: Mexican Immigrants and their Children in Mexico and in New York City**. New York: NYU Press, 2018.

OLIVEIRA, M. C. Entre a penalização e o desenvolvimento: as políticas de prevenção da delinquência juvenil na América Latina. **verve**, v. 26, p. 123–154, 2014.

ORR-ACF. **FACT SHEET-December 2018: Unaccompanied Alien Children Program**. Washington: [s.n.]. Disponível em: <<https://www.hhs.gov/sites/default/files/Unaccompanied-Alien-Children-Program-Fact-Sheet.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

PAVEZ-SOTO, I. La niñez en las migraciones globales: perspectivas teóricas para analizar su participación. **Nueva Época**, v. 10, n. 41, p. 97–113, 2017.

PAVEZ, I.; SOTO, I. P. Sociología de la Infancia : las niñas y los niños como actores sociales. **Revista de Sociología**, v. 27, n. 27, p. 81–102, 2012.

PAVEZ SOTO, I. ¿Quién decide la migración infantil? Niñez y poder en familias peruanas transnacionales. **Rayuela - Revista Iberoamericana sobre Niñez y Juventud en Lucha por sus Derechos**, v. 5, p. 103–113, 2012.

PELKA, S. Observing Multiple Mothering: A Case Study of Childrearing in a U.S. Lesbian-Led Family. *Ethos*, v. 38, n. 4, p. 422–440, 2010.

PEREDA RANGEL, R. Secuestro de migrantes fue en Tabasco. *Expreso*, p. 5–6, 2018.

PIÑEIRO, R. C.; LANDA, N. El muro fronterizo de Trump y la Política Migratória Estadounidense. *In: Migraciones Fronterizas*. Campinas: Unicamp, 2018. .

PLAISANCE, E. Denominações e classificações: da criança anormal à criança deficiente. *Educ. Soc.*, v. 26, n. 91, p. 405–417, 2005.

PORTER, K. A. The Agency of Children, Work, and Social Change in the South Pare Mountains, Tanzania. *Anthropology of Work Review*, v. XVII, n. 1 e 2, p. 8–19, 1996.

PROUT, A.; JAMÈS, A. A new paradigm for the Sociology of Childhood? Provenance, Promise and Problems. *In: PROUT, A.; JAMÈS, A. (Eds.). . Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood*. London: Routledge, 1997. p. 7–33.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In: SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA; MENESES, M. P. (Ed.). . Epistemologias deo {Sul}*. Coimbra: Edições Almedina, 2013. .

\_\_\_\_\_. **Cuestiones y horizontes: De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. [s.l: s.n.].

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, v. 20, p. 137–162, 2002.

QUIROGA, V.; ALONSO, A.; SÒRIA, M. **Sueños de bolsillo: menores migrantes no acompañados en España**. 1er. ed. España: UNICEF; Banesto, 2010.

QVORTRUP, J.; NASCIMENTO (TRAD.), M. L. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. *Pro-Posições*, v. 22, n. 1 (64), p. 199–211, 2011.

RAYOU, P. Crianças e jovens, atores sociais nas escolas. Como os compreender? **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 465–484, ago. 2005.

RESSTEL, C. C. F. P. Transnacionalismo. *In: Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 53–78.

RIZZINI, I. In praise of science, or the concept of “minors” in legal practice. *In: RIZZINI, I. (Ed.). . Children in Brazil today: a challenge for the third millennium*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1994. .

\_\_\_\_\_. **Niños, adolescentes, pobreza, marginalidad y violencia en América Latina y el Caribe: ¿relaciones indisociables?** Rio de Janeiro, Brasil: Centro Internacional de Estudios e Investigaciones sobre Infancia - CIESPI, 2006.

\_\_\_\_\_. Infância e globalização: análise das transformações econômicas, políticas e sociais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 58, n. 2, p. 81–93, 2006.

ROMERO, E. V. **Caracterización de la Niñez Migrante en la Frontera Norte de México : Los casos de Tijuana y Nogales.** México: [s.n.].

ROMERO, S. J. R. *et al.* **Más allá de la frontera, la niñez migrante: son las niñas y niños de todos. Estudio exploratorio sobre la protección de la niñez migrante repatriada en la frontera norte.** Ciudad de México, México: [s.n.]. Disponível em: <[www.caminosposibles.org.mx](http://www.caminosposibles.org.mx)>.

ROSEN, J. D.; MARTÍNEZ, R. Z. La guerra contra el narcotráfico en México : The War on Drugs in Mexico : A Lost War Introducción No se puede entender la situación actual en México sin un breve análisis de la historia del narco- La Guerra contra las Drogas en los Estados Unidos El presi. **Rev. Reflexiones**, v. 94, n. 1, p. 153–168, ago. 2015.

ROTH, B. J.; HARTNETT, C. S. Creating reasons to stay? Unaccompanied youth migration, community-based programs, and the power of “push” factors in El Salvador. **Children and Youth Services Review**, v. 92, n. September 2017, p. 48–55, 2018.

ROY ROSENZWEIG CENTER FOR HISTORY AND NEW MEDIA *et al.* **Bracero History Archive.** Disponível em: <<http://braceroarchive.org/about>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SÁNCHEZ PARGA, J. **Orfandades infantiles y adolescentes: Introducción a una Sociología de la Infancia.** Quito: Ediciones ABYA\_YALA, 2004.

SANTOS RAMÍREZ, L. **Los transmigrantes de frontera latina.** 1ª ed. Hermosillo, México: El Colegio de Sonora, 2010.

SARABIA, H. Perpetual Illegality: Results of Border Enforcement and Policies for Mexican Undocumented Migrants in the United States. **Analyses of Social Issues and Public Policy**, 2012.

SARMENTO, M. J. Gerações e aureidade INTERROGAÇÕES A PARTIR DA SOCIOLOGIA constituição e legitimação do campo científico da sociologia da infância está em curso em todo o mundo , desde há pouco mais de uma década . O desenvolvimento recente desse campo de estudos acomp. v. 26, p. 361–378, 2005.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. DE O. Teorias das Migrações Internacionais. **XII Encontro Nacional da ABEP 2000 Caxambu, outubro de 2000 GT de Migração Sessão 3-A migração internacional no final do século**, 2000.

SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. Towards a Definition of Transnationalism: Introductory remarks and research questions. *In: Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered.* New York: New York Academy of Sciences, 1992. v. 645p. ix–xiv.

SCHULTZ, E. S.; BARROS, S. DE M. a Conceção De Infância Ao Longo Da História No Brasil Contemporâneo. **Lumiar**, v. 3, n. 2, p. 137–147, 2011.

SEGOB, S. DE G. **Repatriación de mexicanos, 2018.** Disponível em: <[http://www.politicamigratoria.gob.mx/es\\_mx/SEGOB/V\\_Repatriacion\\_de\\_mexicanos\\_de\\_EUA](http://www.politicamigratoria.gob.mx/es_mx/SEGOB/V_Repatriacion_de_mexicanos_de_EUA)>. Acesso em: 23 jan. 2019.

- SHELLER, M. From spatial turn to mobilities turn. **Current Sociology**, p. 1–17, 2017.
- SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**, v. 38, p. 207–226, 2006.
- SILVEIRA, E.; NUNES, N. La infancia latinoamericana y el Instituto Internacional Americano de Protección a la Infancia (1916-1940). *In*: SOSENSKI, S.; ALBARRÁN, E. J. (Eds.). . **Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina: entre prácticas y representaciones**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2012. p. 273–302.
- SINGER, A.; SVAJLENKA, N. P. Immigration Facts: Deferred Action for Childhood Arrivals (DACA). 2013.
- SIROTA, R. Emergência De Uma Sociologia Da Infância: Evolução Do Objeto E Do Olhar the Emergence of a Sociology of Childhood: the Evolution of the Object. **Cadernos de Pesquisa**, v. 112, n. 112, p. 7–31, 2001.
- SLACK, J.; WHITEFORD, S. Viajes violentos: la transformación de la migración clandestina hacia Sonora y Arizona. **Norteamérica**, v. 5, n. 2, p. 79–107, 2010.
- SOLALINDE, A.; MINERA, A. L. **Los migrantes del sur**. México: Los Libros del Lince, 2017.
- SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Barcelona: Garfo, 2008.
- SONORA. Ley de Protección y Apoyo a Migrantes. . 2007.
- \_\_\_\_. Reglamento de la Ley de Protección y Apoyo a Migrantes del Estado de Sonora. . 2009.
- SOSENSKI, S. **Niños en acción: el trabajo infantil en la ciudad de México (1620-1934)**. 1ª ed. México DF: El Colegio de México, Centro de estudios Históricos, 2010.
- \_\_\_\_. Dar casa a las voces infantiles, reflexiones desde la historia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, p. 43–52, 2016.
- SOSENSKI, S.; ALBARRÁN, E. J. Introducción. *In*: SOSENSKI, S.; ALBARRÁN, E. J. (Eds.). . **Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina: entre prácticas y representaciones**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2012. p. 7–21.
- SOSENSKI, S.; ANJOS, J. J. T. DOS; SOUZA, G. DE. Entrevista com Susana Sosenski. **Revista Angelus Novus**, v. V, n. 8, p. 13–30, 2014.
- SUÁREZ-NAVAZ, L. Niños entre fronteras: migración de menores no acompañados en el mediterráneo occidental. **Migración y Desarrollo**, v. 2, p. 35–48, abr. 2004.
- SUÁREZ-NAVAZ, L.; JIMÉNEZ-ÁLVAREZ, M. Menores en el campo migratorio transnacional. Los niños del centro (Drari d'sentro). **Papers**, v. 96, n. 1, p. 11–33, 2011.

TERRIO, S. J. **Whose Child Am I?: Unaccompanied, Undocumented Children in U.S. Immigration Custody.** [s.l.] University of California Press, 2015.

THE NEW YORK TIMES. Trump's Speech to the Nation: Fact Checks and Background. **Politics**, 2019.

THE WHITE HOUSE. **Executive Order 13767: Border Security and Immigration Enforcement Improvements** *Federal Register*, 2017. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/executive-order-border-security-immigration-enforcement-improvements>>

TORRES-RIVAS, E. **La piel de Centroamérica - una visión epidérmica de setenta y cinco años de sus historia.** 1a. ed. San José: Flacso Costa Rica, 2007.

TURNER BARRAGÁN, E. Análisis económico : Azcapotzalco economía. **Análisis Económico**, v. XXI, n. 46, 1982.

U.S. AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT. **U.S. Foreign Aid Explorer by Country.** Disponível em: <<https://explorer.usaid.gov/cd>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

U.S. BORDER PATROL. **Southwest Border Sectors - Total Illegal Alien Apprehensions by Fiscal Year.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://www.cbp.gov/sites/default/files/assets/documents/2017-Dec/BP\\_Southwest\\_Border\\_Sector\\_Apps\\_FY1960\\_-\\_FY2017.pdf](https://www.cbp.gov/sites/default/files/assets/documents/2017-Dec/BP_Southwest_Border_Sector_Apps_FY1960_-_FY2017.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Total Unaccompanied Alien Children (0-17 years old) Apprehensions by month - FY 2010 - FY 2017.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://www.cbp.gov/sites/default/files/assets/documents/2018-Jul/BP\\_Total\\_Monthly\\_UACs\\_by\\_Sector%2CFY10-FY17.pdf](https://www.cbp.gov/sites/default/files/assets/documents/2018-Jul/BP_Total_Monthly_UACs_by_Sector%2CFY10-FY17.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2019b.

U.S. CITIZENSHIP AND IMMIGRATION SERVICES. **NACARA Cumulative Report.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://www.uscis.gov/sites/default/files/USCIS/Outreach/Upcoming\\_National\\_Engagements/PED\\_NACARA\\_August2017.pdf](https://www.uscis.gov/sites/default/files/USCIS/Outreach/Upcoming_National_Engagements/PED_NACARA_August2017.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Policy Manual - Immigrants.** Washington DC.: [s.n.], v. 6

U.S. CUSTOMS AND BORDER PROTECTION. **Southwest Family Unit Subject and Unaccompanied Alien Children Apprehensions Fiscal Year 2016.** Washington: [s.n.]. Disponível em: <<https://www.cbp.gov/newsroom/stats/southwest-border-unaccompanied-children/fy-2016>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

U.S. DEPARTMENT OF HUMAN SERVICES; U.S. DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. **Proposed Refugee Admissions for Fiscal Year 2018 - Report to the Congress.** Washington DC., United States: [s.n.]. Disponível em: <<https://www.state.gov/documents/organization/274857.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE. EOIR Factsheet on new Priorities to address Migrants crossing into the US. . 2014.

\_\_\_\_\_. **Attorney General Sessions Delivers Remarks Discussing the Immigration Enforcement**

**Actions of the Trump Administration | OPA | Department of Justice** San Diego DOJ, , 2018. Disponível em: <<https://www.justice.gov/opa/speech/attorney-general-sessions-delivers-remarks-discussing-immigration-enforcement-actions>>. Acesso em: 22 jan. 2019

U.S. EXECUTIVE OFFICE OF THE PRESIDENT. **Strengthening Border Security: An American Budget Stronger Border Security**. Washignton: [s.n.]. Disponível em: <[https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2018/02/FY19-Budget-Fact-Sheet\\_Border-Security.pdf](https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2018/02/FY19-Budget-Fact-Sheet_Border-Security.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2019.

U.S. NATIONAL ARCHIVES E RECORDS ADMINISTRATION. Code of Federal Regulations. . 2008.

ULTRERAS, P. **Diario de la caravana de centroamericanos que llegó a EEUU**. Disponível em: <<https://www.univision.com/noticias/inmigracion/diario-de-la-caravana-de-centroamericanos-que-llego-a-eeuu>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

UNDA LARA, R. Sociología de la infancia y política social: ¿Compatibilidades posibles? *In: Infancia y Adolescencia en America Latina: aportes desde la sociología*. Lima: IFEJANT - Instituto de Formación para Educadores de Jóvenes, Adolescentes y Niños Trabajadores de América Latina y el Caribe, 2003. p. 47–68.

UNHCR, U. N. H. C. FOR R. **Children on the Run: Unaccompanied Children Leaving Central America and Mexico and the Need for International Protection**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[http://www.unhcrwashington.org/sites/default/files/1\\_UAC\\_Children\\_on\\_the\\_Run\\_Full\\_Report.pdf](http://www.unhcrwashington.org/sites/default/files/1_UAC_Children_on_the_Run_Full_Report.pdf)>.

UNHCR, U. N. H. C. FOR R. **Statistical Yearbook**. [s.l: s.n.].

UNIVERSIDAD RAFAEL LANDÍVAR *et al.* **El Plan Alianza para la Prosperidad de los países del Triángulo Norte : Impactos para la gobernabilidad , el desarrollo y las migraciones Foro-Debate**. [s.l: s.n.].

VALDEZ-GARDEA, G. C. **Movilización, migración y retorno de la niñez migrante. Una mirada antropológica**. Hermosillo: [s.n.]. v. XXVII

VALENTINE, G. Being seen and heard? The Ethical complexities of working with children and young people at home and at school. **Philosophy & Geography**, v. 2, n. 2, p. 141–155, 1999.

VITORINO, J. M. G. **Sobre diásporas e ausências: limites do Estado e a construção de uma sociedade civil migrante Centro-americana**. Recife, Brasil: Universidade Federal de Pernambuco, 15 ago. 2016.

WALLERSTEIN, I. **Análises de sistemas-mundo: una introducción**. México: Siglo XXI, 2005.

\_\_\_\_. **Abrir las ciencias sociales**. 9ª ed. D.F., México: Siglo XXI editores, 2006.

WARREN, R.; KERWIN, D. A Statistical and Demographic Profile of the US Temporary Protected Status Populations from El Salvador, Honduras, and Haiti. **Journal on Migration and Human Security**, v. 5, n. 3, p. 577–592, 2017.

WHITING, B. B. The Effect of Social Change on Concepts of the Good Mothering: a Study of Families in Kenya. **Ethos**, v. 24, n. 1, p. 3–35, 1996.

WIMMER, A.; SCHILLER, N. G. Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences. **Global Networks**, v. 2, n. 4, p. 301–334, 2002.

WRC, W. R. C. **Forced From Home: The Lost Boys and Girls of Central America Women Refugee Commission**. New York: [s.n.]. Disponível em: <<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Forced+From+Home+:+The+Lost+Boys+and+Girls+of+Central+America#0%5Cnhttp://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Forced+From+Home+:+The+Lost+Boys+and+Girls+of+Central+America#0>>.

ZANFORLIN, S. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. **esferas**, v. 2, n. 3, p. 161–168, 2013.

# ANEXOS

## A. ANEXO I | MAPAS DOS PONTOS DE ENCONTRO

### Hermosillo - Tese

2 visualizações  
COMPARTILHAR EDITAR

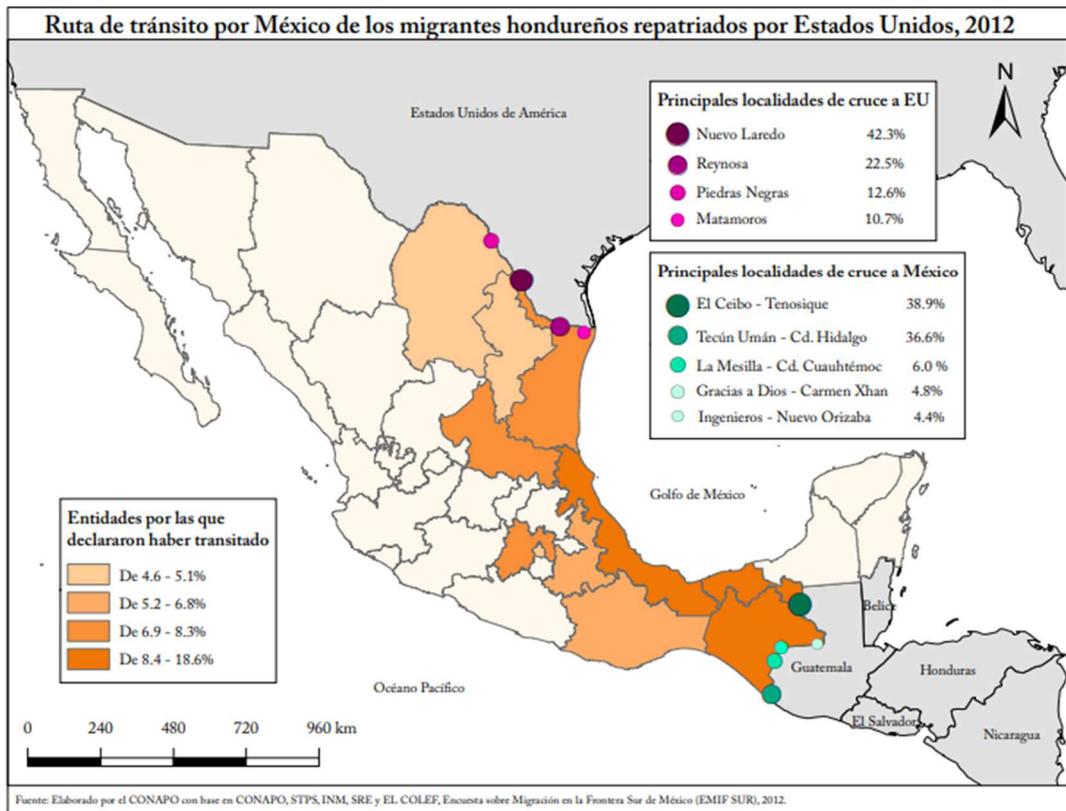
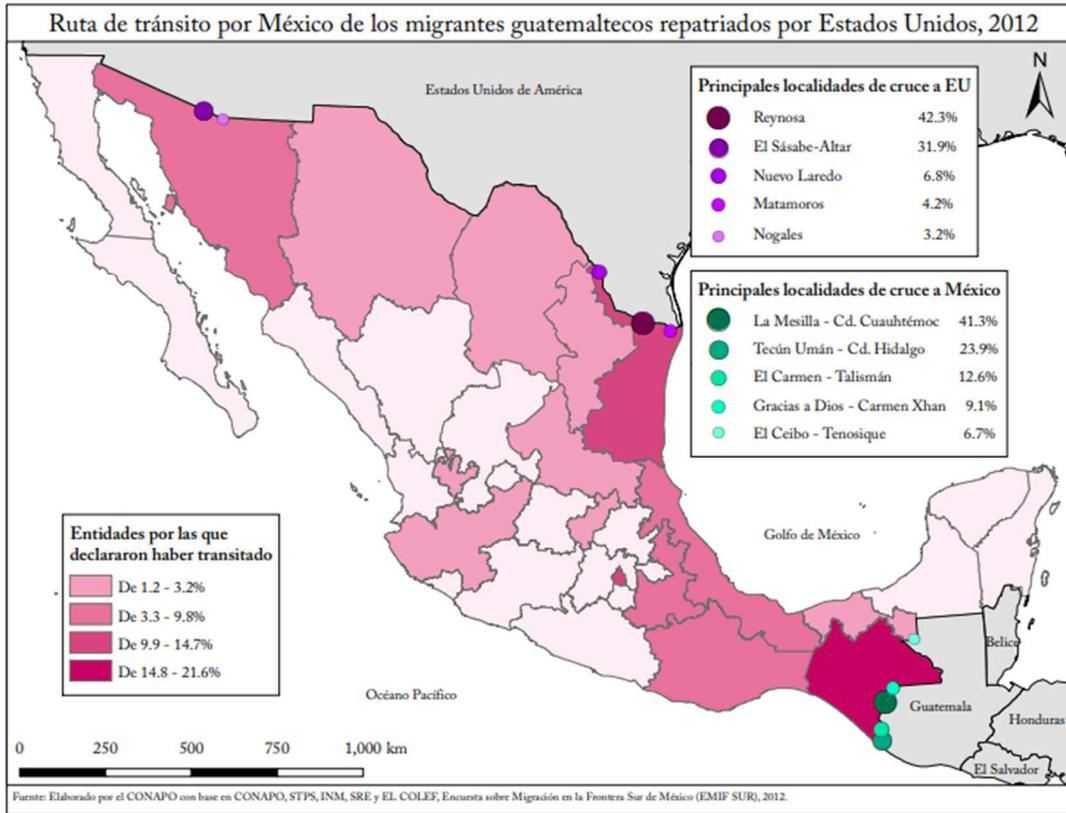
- Albergues "fixos" e temporários da Ca...**
  - Iglesia San Luis Gonzaga
  - TIERRA FERTIL Iglesia de Dios en Méxic...
  - Centro Hábitat Café Combate
  - Refeitório "Mateo 25:35"
  - INM INSTITUTO NACIONAL DE MIGRACI...
- Rotas de Protesto**
  - A INM INSTITUTO NACIONAL DE MIGRACI...
  - B TIERRA FERTIL Iglesia de Dios en Méxic...
- Rotas dos primeiros dias**
  - A TIERRA FERTIL Iglesia de Dios en Méxic...
  - B Centro Hábitat Café Combate
  - C Refeitório "Mateo 25:35"

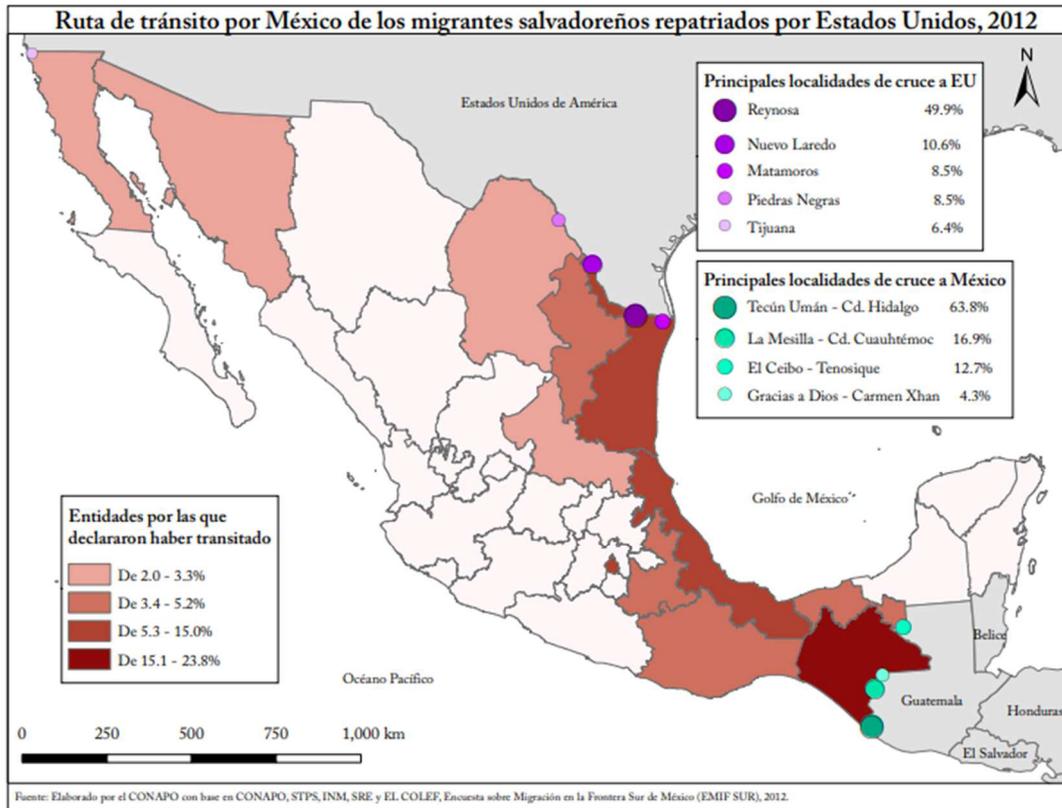
### Matamoros - Tese

4 visualizações  
COMPARTILHAR EDITAR

- Matamoros**
  - CAMEF - Matamoros
  - Casa Del Migrante Matamoros
  - Alberca Eduardo Chavez
  - Aduana de Matamoros - Puente Internacio...

## B. ANEXO II | ROTAS DE TRÁNSITO DE CENTRO-AMERICANOS PELO MÉXICO





## A. ANEXO III | CARTAS DE APRESENTAÇÃO



El Colegio  
de la Frontera  
Norte

Febrero 19, 2018  
Matamoros, Tamaulipas

**Lic. Lorena Villarreal García**  
**Coordinadora del Centro de Atención a Menores**  
**Fronterizos en Matamoros**

Presente.-

Estimada licenciada:

Sirva el presente para hacer de su digno conocimiento que en El Colegio de la Frontera Norte, actualmente tenemos de visita a la **C. Elisa Sardao Colares**, quien es estudiante del Doctorado en Ciencias Sociales, en la Universidad de Brasilia, y está realizando un estudio para su tesis, sobre las experiencias migratorias de la niñez centroamericana en tránsito por la frontera de Tamaulipas.

Por lo anterior, mucho agradeceré que, en la medida de lo posible, se le apoye dándole acceso al Centro de Atención a Menores Fronterizos (CAMEF) en nuestra ciudad, y se le autorice hacer algunas entrevistas, garantizándole el respeto del anonimato y la confidencialidad de la niñez migrante y ajustándose a los horarios establecidos en el CAMEF. Sin más, de antemano agradezco su apoyo y me reitero a sus órdenes para cualquier duda o sugerencia.

Reciba un saludo cordial y respetuoso.



Atentamente:

  
**Dr. Oscar Misael Hernández-Hernández**  
ohernandez@colef.mx

Av. Fuentes de Verónica s/n,  
entre Av. Revolución y Av. Independencia,  
Col. Ciudad Industrial, C.P. 87499  
Matamoros, Tamaulipas  
Tel.: +52 (868) 813 4559 y +52 (868) 816 1630

Dirección postal en EU  
P.O. Box 2319,  
Brownsville, Texas 78522, USA

www.colef.mx



El Colegio  
de la Frontera  
Norte

Febrero 19, 2018  
Matamoros, Tamaulipas

**Lic. Gilberto García Garza**  
**Procurador de la Defensa de las Niñas, Niños y**  
**Adolescentes del Sistema DIF Matamoros**

Presente.-

Señor Procurador:

Sirva el presente para hacer de su digno conocimiento que en El Colegio de la Frontera Norte, actualmente tenemos de visita a la **C. Elisa Sardao Colares**, quien es estudiante del Doctorado en Ciencias Sociales, en la Universidad de Brasilia, y está realizando un estudio para su tesis, sobre las experiencias migratorias de la niñez centroamericana en tránsito por la frontera de Tamaulipas.

Por lo anterior, mucho agradeceré que, en la medida de lo posible, se le apoye dándole acceso al Centro de Atención a Menores Fronterizos (CAMEF) en nuestra ciudad, y se le autorice hacer algunas entrevistas, garantizándole el respeto del anonimato y la confidencialidad de la niñez migrante y ajustándose a los horarios establecidos en el CAMEF. Sin más, de antemano agradezco su apoyo y me reitero a sus órdenes para cualquier duda o sugerencia.

Reciba un saludo cordial y respetuoso.



Atentamente:

**Dr. Oscar Misael Hernández-Hernández**  
ohernandez@colef.mx

Av. Fuentes de Verónica s/n,  
entre Av. Revolución y Av. Independencia,  
Col. Ciudad Industrial, C.P. 87499  
Matamoros, Tamaulipas  
Tel.: +52 (868) 813 4559 y +52 (868) 816 1630

Dirección postal en EU  
P.O. Box 2319,  
Brownsville, Texas 78522, USA

www.colef.mx

Matamoros

**A QUIEN CORRESPONDA:**

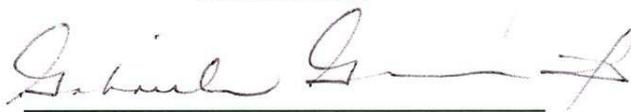
Por medio de la presente reciba un cordial saludo. El propósito de esta carta es presentarle a usted el *Observatorio de Investigación con las Infancias (Odiin)* de El Colegio de Sonora. El Odiin surgió en 2016 como un organismo de investigación y vinculación académica. Por lo tanto, uno de sus principales intereses es establecer contacto y colaborar con las instituciones del gobierno y de la sociedad civil que trabajan por el bienestar de la infancia y que participan en la construcción de políticas públicas relativas a niñas, niños y adolescentes. A finales de 2017 el Observatorio abrió una línea de investigación sobre la migración infantil, interna e internacional. Asimismo, hemos recibido a otros investigadores/as nacionales e internacionales para desarrollar proyectos conjuntos.

Nos ponemos en contacto con usted para manifestar el interés del Observatorio por establecer una relación de colaboración e intercambio con su institución.

En esta ocasión, nos complace presentarle a la Dra. Valentina Glockner Fagetti, coordinadora de la línea de investigación sobre niñez migrante y que actualmente, en conjunto con Elisa Sardão Colares, estudiante doctoral de la Universidad de Brasilia, realizan una investigación sobre las dinámicas migratorias de tránsito e internacionales de niños, niñas y adolescentes en el estado de Sonora y su región fronteriza. Quisiéramos de la manera más atenta solicitarle una reunión para algún momento en las próximas semanas de abril y mayo, y así poder presentarle los objetivos de la línea de investigación, así como discutir puntos de encuentro y colaboración entre su honorable institución y el Observatorio.

Agradeciendo de antemano la atención a la presente, quedo en espera de su amable respuesta.

ATENTAMENTE



**DRA. GABRIELA GARCÍA FIGUEROA**  
COORDINADORA DEL OBSERVATORIO DE INVESTIGACIÓN CON LAS INFANCIAS  
EL COLEGIO DE SONORA

Hermosillo, Sonora, a 21 de mayo de 2018.

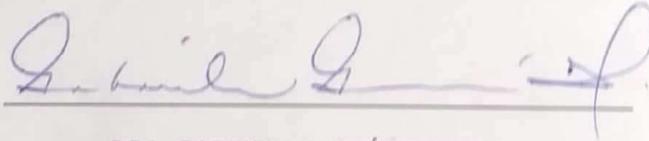
**TO WHOM IT MAY CONCERN:**

Cordial greeting. The purpose of this letter is to introduce to you the *Observatorio de Investigación con las Infancias (Odiin)*, from El Colegio de Sonora. Odiin was created in 2016 as a research and academic organism aiming at creating close collaborations and work together with public, private and academic organizations interested in child welfare and wellbeing. With this in mind, at the end of 2017 we have welcomed national and international researchers to develop joint projects.

On this occasion, we are pleased to introduce you to Elisa Sardão Colares, a highly appreciated doctoral student of the Universidade de Brasília, who is currently conducting her research on the migratory dynamics of children and adolescents in The Sonora-Arizona and Tamaulipas-Texas border regions. Mrs. Sardao has been a close collaborator of Odiin throughout 2017 and we would certainly appreciate like in the most attentive way to request a meeting for the coming weeks of May and June to present the objectives of the research line, as well as to discuss meeting points and collaboration between your honorable institution and the Observatory.

Thank you in advance for the attention to the present and am waiting for your kind answer.

KIND REGARDS,



DRA. GABRIELA GARCÍA FIGUEROA

COORDINATOR OF THE OBSERVATORIO DE INVESTIGACIÓN CON LAS INFANCIAS

EL COLEGIO DE SONORA



**ELA**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS-ICS  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

---

Brasília-DF, May 25th 2018

To whom it may concern:

Dear Mr./Mrs.,

I am pleased to introduce you to Elisa Sardão Colares, PhD student from the Departamento de Estudos Latino Americanos at the Universidade de Brasília, which is developing her research project on unaccompanied migrant children from Central America (specially, Guatemala, El Salvador and Honduras) to North America (Mexico and the United States, more precisely). The main attempt of this project is to investigate how these children – among 8 and 12 years – define what is to be a child in this context of severe vulnerability and violence.

At the next weeks the student will be in Tucson, Arizona, with the aim of conducting her project that she is already developing over the last months at Tamaulipas-Texas and Sonora-Arizona border regions. This research is part of the elaboration of his doctoral thesis, which is being developed under my advice.

The objectives and activities will be delivered along with that letter and will be discussed by Elisa with you. Mrs. Sardão commits, and for this she will make a signed document, to respect and to inform all the procedures of the research as registration by audio o photographs (when it will be necessary) o any activity what be performed under the authorization of you. As her advisor, I ensure that Mrs. Sardão develop her research with total honesty and transparency in their relationship with the institutions and especially with the children.

Therefore, it is requested that this institution be authorized to carry out field research activities in accordance with the guidelines and regulations informed and signed in advance by the investigator.

We thank you for your attention and cooperation in this research.

---

Professora Rebecca Igreja  
Director of Master and PHD program  
Latin-American Studies Department